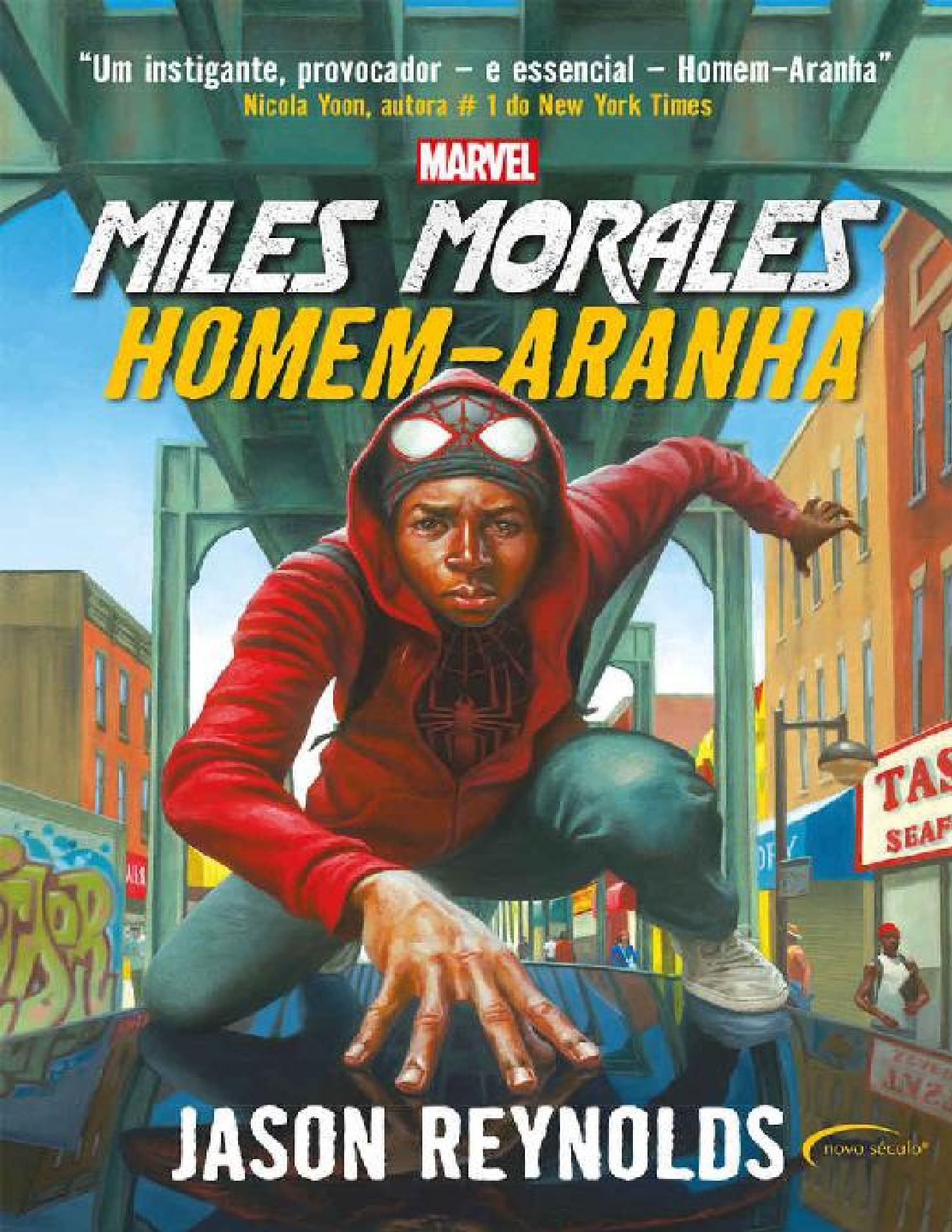
"Um instigante, provocador – e essencial – Homem-Aranha"

Nicola Yoon, autora # 1 do New York Times

MARVEL

MILES MORALES HOMEM-ARANHA



JASON REYNOLDS

novo século

"Um instigante, provocador – e essencial – Homem-Aranha"
Nicola Yoon, autora # 1 do New York Times

MARVEL

MILES MORALES
HOMEM-ARANHA

JASON REYNOLDS

novo século

MILES MORALES

JASON REYNOLDS

HOMEM-ARANHA

© 2018 MARVEL

São Paulo, 2018

Miles Morales: Spider-Man
© 2018 Marvel

All rights reserved. Published by Marvel Press, an imprint of Disney Book Group. No part of this book may be reproduced or transmitted in any form or by any means, electronic or mechanical, including photocopying, recording, or by any information storage and retrieval system, without written permission from the publisher. For information address Marvel Press, 1101 Flower Street, Glendale, California 91201.

© 2018 MARVEL

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Vitor Donofrio
TRADUÇÃO:: Ivar Panazollo Junior
PREPARAÇÃO DE TEXTO:: Fernanda Guerriero Antunes
REVISÃO: Tássia Carvalho
P. GRÁFICO, CAPA E DIAGRAMAÇÃO: Vitor Donofrio
ILUSTRAÇÃO DE CAPA Kadir Nelson

EDITORIAL
Jacob Paes • João Paulo Putini • Nair Ferraz • Rebeca Lacerda • Renata de Mello do Vale • Vitor Donofrio

---

AQUISIÇÕES
Renata de Mello do Vale

COORDENAÇÃO DE EBOOK
Jacob Paes
DESENVOLVIMENTO DE EBOOK
Loope – design e publicações digitais | www.loope.com.br

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Reynolds, Jason
Miles Morales: Homem-Aranha
Jason Reynolds; [tradução de Ivar Panazzolo Junior].

Barueri, SP: Novo Século Editora, 2018.

Título original: Miles Morales: Spider-Man
ISBN: 978-85-428-1427-9

1. Literatura norte-americana 2. Super-heróis – Ficção 3. Homem-Aranha (personagens fictícios) I. Título II. Ivar, Panazzolo Junior

18-0683 CDD-813

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura norte-americana 813

Nenhuma similaridade entre nomes, personagens, pessoas e/ou instituições presentes nesta publicação são intencionais. Qualquer similaridade que possa existir é mera coincidência.

NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.
Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111
CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil
Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323
www.gruponovoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br

Para Allen.

Envergamos a máscara que sorri e mente,
Que esconde as bochechas e encobre os olhos
Este débito, pagamos à duplicidade humana
Com corações rasgados e ensanguentados nós sorrimos
E falamos com uma miríade de sutilezas.

– Paul Laurence Dunbar, em “We Wear the Mask”.

MILES
MORALES
HOMEM-ARANHA

1

Miles colocou os pratos bons na mesa. Detalhes azuis estampavam a superfície da porcelana branca – flores bonitas e imagens detalhadas de antigos vilarejos chineses que ninguém em sua família jamais havia visitado. “Porcelana chinesa da boa”, como disse o seu pai, herdada da avó para ser usada somente aos domingos e em ocasiões especiais. E, embora fosse domingo, hoje também era uma ocasião especial para Miles, pois era o último dia do seu castigo.

– Minha sugestão, querido, é que você coloque tudo para fora antes da aula dele – disse a mãe de Miles, abrindo a janela e usando um pano de prato para abanar a fumaça do forno. – Porque eu juro, se você for suspenso outra vez por algo assim, vou lhe jogar por essa janela.

Miles foi suspenso por ter que fazer xixi. Bem, por *dizer* que tinha que fazer xixi. Depois que o seu professor de História, o Sr. Chamberlain, disse não, Miles implorou. Quando o Sr. Chamberlain disse não outra vez, Miles saiu da sala. Portanto, na realidade, ele foi suspenso por sair da sala de aula. O fato, porém, é o seguinte: Miles não tinha realmente que fazer xixi. E não, ele também não tinha que fazer aquela *outra coisa*. Miles tinha que resgatar alguém.

Pelo menos foi o que ele achou que precisava fazer. Na verdade, seu sentido aranha vinha funcionando mal recentemente, mas Miles não podia arriscar; não podia ignorar o que considerava ser sua responsabilidade.

– Nem sempre tenho tempo de fazer xixi antes da aula, mãe – respondeu Miles.

Ele estava esfregando os garfos e as facas na pia, enquanto sua mãe pendurava o pano de prato na alça da porta do forno. Ela usou um pegador para levantar os pedaços de peito de frango da gordura borbulhante.

– Sim, você costumava dizer isso toda noite, e sabe o que acontecia? Você fez muito mais xixi na cama do que qualquer garoto que eu conheci.

– O garoto poderia ter quebrado um recorde – disse o pai de Miles, sentado no sofá folheando a edição de sexta-feira do *Clarim Diário*.

Ele só comprava a edição de sexta-feira, pois sua teoria era de que, se lesse o jornal todos os dias, jamais conseguiria sair de casa. Criaturas por toda parte estavam ameaçando a civilização, e esses eram somente os artigos que falavam sobre os *reality shows* na TV.

– Miles, eu juro que você era o garoto mais mijão de todo o Brooklyn. Para falar a verdade, naquela época eu costumava comprar esse jornaleco todos os dias para que pudéssemos forrar a parte de cima do seu colchão à noite. – O Sr. Davis fechou o jornal, dobrou-o ao meio e fez um gesto negativo com a cabeça. – E, *então*, você chegava todo mijado no nosso quarto, cheirando como uma limonada que passou duzentos anos fermentando, dizendo: “Aconteceu um acidente”. Um *acidente*? Vou lhe falar uma coisa, filho: agradeça à sua mãe, porque, se dependesse de mim, você iria dormir no lugar molhado até ele ficar seco.

– Fique quieto, Jeff – disse a mãe de Miles, colocando os pedaços de frango em uma travessa.

– Estou mentindo, Rio? Você sempre protege o garoto.

– Porque ele é o meu bebê – disse ela, colocando uma toalha de papel sobre a primeira camada de carne para absorver a gordura da pele que reluzia. – Mas você não é mais um bebê. Por isso, dê um jeito de descobrir o que precisa fazer para não perder o lugar.

Miles já havia decidido que aquilo não seria um problema. Iria ficar em sua cadeira na aula do Sr. Chamberlain e ignorar a colmeia em sua cabeça sempre que as abelhas ali dentro começassem a zunir. Seu sentido aranha sempre foi o seu alarme, a coisa que o informava quando havia algum perigo por perto, ou quando alguém precisava de ajuda. Desde o início daquele ano

escolar, contudo, o seu primeiro ano na Brooklyn Visions Academy, o seu sentido aranha parecia estar… quebrado. Era quase como se os seus poderes estivessem se esgotando. Ele vinha saindo da aula de Chamberlain várias e várias vezes sob o pretexto de ir ao banheiro, partindo em disparada pelo corredor e saindo pela porta principal, sentindo o vento no rosto. E o que encontrava? Nada. Nenhum monstro. Nenhum mutante. Nenhum louco. Apenas o Brooklyn sendo o Brooklyn de sempre. Voltava, então, com uma nova desculpa esfarrapada sobre por que havia demorado no banheiro.

Talvez, para um garoto como ele, ser um super-herói era algo que tinha um prazo de validade. E não valia a pena ser castigado pelas pessoas que o cercavam – não valia a pena ser reprovado nem expulso da escola por causa disso – se não pudesse garantir que ainda conseguiria ser o Homem-Aranha depois da formatura.

A campainha tocou logo que Miles terminou de arrumar a mesa para quatro pessoas. Ele passou pela mãe, que estava tirando conchadas de arroz amarelado de uma panela e colocando-as em uma vasilha, e enfiou a cabeça pela janela aberta.

– Não sei por que você olha pela janela se já sabe quem está na porta – disse o pai de Miles, lavando as mãos na pia. Ele beijou ruidosamente a bochecha da esposa. – O cheiro está ótimo, querida. Na verdade, está tão bom que aquele amigo biruta do nosso filho poderia senti-lo do outro lado do Brooklyn.

– Seja gentil. Você sabe que ele está passando por uma fase complicada.

– Nós também estamos passando por uma fase complicada, com nossas notas, moedas e os centavos. – O pai de Miles esfregou o polegar e o indicador. – Só para constar, eu adoro o garoto, mas não temos condições de alimentar mais uma boca nesta mesa.

A mãe de Miles encarou o marido, colocou as mãos no peito e suspirou.

– Amar é doar, *papi*. Não são somente frases bonitas. – E deu-lhe um beijo nos lábios.

– E aí? – Miles, enojado pelo comportamento dos pais, gritou por sobre o parapeito. – Estou indo.

Do outro lado da cozinha, Miles apertou o botão que abria automaticamente a porta da frente. Em seguida, a outra porta que dava acesso ao interior do prédio rangeu e ele ouviu os passos pesados subindo os degraus.

– E aí? – cumprimentou Ganke, quase caindo para dentro do apartamento. Ganke, um garoto coreano gorducho, era o melhor amigo de Miles, seu confidente e colega de quarto na Brooklyn Visions Academy. Imediatamente ele inspecionou o rosto de Miles, a face direita, a face esquerda, e, antes de passar por Miles para cumprimentar os pais do amigo, sussurrou: – Você está bem? Fiquei surpreso por seus pais não o terem matado. – Ganke, então, disse: – Oi, senhora M., senhor Jeff. O que temos para o jan-jan?

– Não sei, Ganke, mas sabe quem pode lhe responder isso? Os *seus* pais – disse o pai de Miles.

A Sra. Morales deu um tapa no braço do marido.

– Ah, eu sei o que eles fizeram para o jantar, Sr. Jeff. Já comi com eles – falou Ganke, dando de ombros.

– Ah, Ganke, lave as mãos e sente-se. Você sabe que é sempre bem-vindo aqui, mesmo que seja para o jantar número 2. Hoje eu preparei um *chicharrón de pollo*.

Ganke, confuso, olhou para o pai de Miles, que agora estava em pé atrás de uma cadeira que ficava na cabeceira da mesa.

– Frango frito – explicou ele, com o semblante indo e voltando entre expressões de irritação e simpatia.

– Ah, legal.

– Não que isso tenha importância – alfinetou o pai de Miles, puxando a cadeira e sentando-se à mesa.

– Isso é verdade, Sr. Jeff.

Miles colocou o frango, o arroz e a salada na mesa, e sentou-se em seguida. Sua mãe colocou colheres grandes nas vasilhas de arroz e da salada, e pegadores na travessa do frango, sentando-se em seguida.

– Abençoe a comida, Jeff – pediu a Sra. Morales.

Miles, seu pai e Ganke recolheram rapidamente as mãos ansiosas das vasilhas e as estenderam para segurar as mãos da pessoa que estava sentada ao seu lado.

– Ah, sim, claro. Baixem as cabeças, garotos – disse o pai de Miles. – Senhor, por favor, ajude nosso filho, Miles, a se comportar na escola. Porque, se não o fizer, esta pode ser a última refeição caseira que ele terá na vida. Amém.

– Amém – disse a mãe de Miles com seriedade.

– Amém! – disse Ganke.

Miles aspirou o ar por entre os dentes e olhou feio para Ganke. O amigo, por sua vez, procurou o pegador de frango.

O jantar de domingo na casa de Miles era uma tradição. Miles passava a semana fora de casa, morando no campus da Brooklyn Visions Academy, e no sábado, bem… Até mesmo os pais de Miles sabiam que não havia uma única pessoa de dezesseis anos em todo o Brooklyn que quisesse passar a noite de sábado com os pais. O domingo, porém, era perfeito para uma refeição familiar. Um dia preguiçoso para todo mundo. Na realidade, exceto pelo fato de sua mãe obrigá-lo a acordar cedo para a missa no início da manhã, Miles tinha o resto do dia livre para vadiar pela casa, assistir a antigos filmes de ficção científica com o pai à tarde e orar para que sua mãe fizesse seu prato favorito: *pasteles* de carne de porco enrolados em folha de bananeira.

No entanto, esse domingo não foi tão tranquilo. Assim como o restante da semana. Depois de ser suspenso na tarde de quinta-feira, o padre Jamie, da igreja local, passou algumas “Ave-Marias” como penitência para Miles e o mandou para casa. Seu pai Jeff, por outro lado, lhe deu uma bela bronca e o mandou ficar de castigo no seu quarto.

Tudo começou na sexta-feira, quando Miles foi acordado às seis da manhã pelo pai e arrastado até a escada diante da entrada do prédio.

– O que você está fazendo aqui fora, pai? – perguntou Miles.

O garoto vestia uma camiseta amarrotada da BVA, uma calça de moletom esburacada e chinelos. Latas e sacos de lixo pontilhavam a calçada, alguns deles rasgados por gatos vadios que procuravam por restos de comida, outros revirados por catadores de sucata que passavam pelas ruas à noite procurando por latas e garrafas que pudessem vender por algumas moedas.

Seu pai não respondeu; pelo menos, não o fez imediatamente. Ficou simplesmente sentado no degrau mais alto, segurando um guardanapo e tomando alguns goles da xícara de café.

– E então… sobre essa suspensão… – Sorveu, engoliu. – O que aconteceu, exatamente? – A voz do seu pai cortava como o aço.

– Bem, ah… foi… a mi-minha cabeça co-começou a… eu tive uma… um pressentimento – gaguejou Miles.

Seu pai também conhecia o seu segredo e o mantinha escondido da mãe havia algum tempo, mas seu pai ainda era… um pai. Não do Homem-Aranha, mas de Miles Morales. E fazia questão de deixar isso bem claro para Miles, sempre que possível.

– Quer dizer que isso aconteceu porque você tinha que salvar alguém, hein? Pois, então, deixe-me perguntar uma coisa para você, super-herói… – Ele tomou mais um gole da sua caneca. – Quem é que vai salvar você?

Miles ficou sentado ali, em silêncio, procurando uma resposta que pudesse satisfazer o seu pai, enquanto rezava silenciosamente por algo que pudesse

mudar o assunto da conversa.

O sol havia começado a se erguer, uma linha dourada riscando os tijolos vermelhos aparentes nas fachadas dos prédios, quando o milagre aconteceu na forma de caminhões de lixo que passavam pelas ruas. *Salvo*, pensou Miles, enquanto ele e o pai mudaram o foco das atenções, observando os lixeiros passando lentamente pela rua – um dirigindo, dois outros andando ao lado do caminhão, arremessando os sacos, despejando o conteúdo das latas e jogando-as de volta na calçada. Garfos de plástico, ossos de frango, forros de assento sanitário e outros detritos que haviam escapado pelos buracos nos sacos de lixo continuavam espalhados de um lado para outro na calçada. Já fazia dez minutos e Miles ainda não tinha a mínima ideia do que ele e o pai estavam fazendo ali fora. Até o caminhão de lixo terminar de passar pelo seu quarteirão.

– Sabe de uma coisa? Vamos falar sobre isso mais tarde. Por enquanto, filho, por que não dá um jeito nas coisas por aqui?

– Como assim?

O pai de Miles se levantou, esticou as pernas e tomou outro gole do café. E apontou para os dois lados da rua.

– Está vendo todas essas latas de lixo? Seja um bom *herói* e coloque-as de volta em seu devido lugar. Ajudar seus vizinhos é a coisa mais heroica que você pode fazer, não é?

Miles suspirou.

– Oh – prosseguiu o pai. – E recolha todo esse lixo que os nossos maravilhosos lixeiros deixaram para trás.

– Com o quê? – perguntou Miles, tomado por uma onda repentina de nojo.

O garoto desejou estar com um dos seus lançadores de teia para não ter que encostar nos sacos plásticos cheios de cocô de cachorro e tripas de peixe, ou mesmo chegar perto deles. E também não seria capaz de soltar teias estando somente de pijama.

– Dê um jeito, filho.

E esse foi somente o começo do seu castigo. Mais tarde, Miles teve que limpar o apartamento, levar e trazer várias sacolas de roupa até a lavanderia mais próxima e preparar o próprio jantar, que acabou se resumindo a macarrão instantâneo com molho picante e torradas. No sábado, seu pai o levou de um lado para outro no quarteirão, batendo nas portas e perguntando aos vizinhos se havia algo que precisassem que fosse feito. Miles passou o dia ocupado, arrastando um velho colchão para fora do porão da Sra. Shine – onde seu filho viciado em drogas, Cyrus, costumava morar –, pendurando quadros na casa do Sr. Frankie e levando para passear vários cachorros da vizinhança que precisavam sair. O que significava que sempre havia cocô a ser recolhido. E muito.

E assim por diante, com outros atos “heroicos” em prol da vizinhança. Tarefa entediante após tarefa entediante. Serviço após serviço. Um pacote de macarrão instantâneo após o outro.

Agora, durante o jantar de domingo, Miles estremeceu ao se lembrar daquilo e estendeu a mão para servir-se novamente de arroz e outro pedaço de frango. Pela primeira vez, num domingo, ele estava comendo mais do que Ganke e seu pai juntos. E não era somente por causa do sabor delicioso da comida que a mãe preparara. O sabor doce do fim do seu castigo – sua tortura – finalmente havia chegado.

Até que o pai de Miles decidiu encharcar o jantar com as notícias do momento.

– Eu li no jornal que garotos estão apanhando na rua e tendo os tênis roubados – disse o pai de Miles, aleatoriamente. Ele enfiou a salada na boca, mastigou e engoliu. – Estou falando com você, Ganke.

– Comigo?

– Sim.

– Bem, eu não tive problemas. Simplesmente vim da estação de trem até aqui como sempre faço e ninguém pareceu se importar.

O pai de Miles se inclinou para o lado para dar uma olhada nos tênis de Ganke.

– Não, eu estou achando que talvez seja você quem está roubando sapatos.

– Hahaha! – riu a mãe de Miles, levantando-se da mesa. Ela colocou o prato na pia e moveu os ombros. – Você sabe que Ganke não seria capaz de fazer mal a uma mosca. E Miles também não.

Ganke e Jeff deram uma rápida olhada para Miles. O pai do garoto fez uma careta para ele ao mesmo tempo que a mãe se virou para o outro lado.

– Jeff! – esbravejou ela, pegando-o no ato. – Parece que eu tenho *dois* garotos para criar nesta casa. Na verdade, por causa disso, é *você* quem vai lavar os pratos hoje.

– Não vou, não – respondeu como uma criança desobediente. Ele riu e deixou o garfo sobre o prato. – O seu bebê, Miles, é quem vai cuidar disso. Pode chamar isso de sobremesa do castigo. Com uma cereja em cima.

Ganke mostrou a língua para Miles e bufou, fazendo os lábios tremularem. Miles o encarou com uma expressão dura como pedra.

– Ou então, filho, nós podemos trocar de lugar. Eu lavo a louça e você paga todas aquelas contas que estão ali – disse ele, apontando para uma pilha de envelopes presos com um elástico amarelo sobre a mesa de centro.

– Eu sei – resmungou Miles. E sabia também o que estava por vir.

– E como eu sempre digo, *é preciso dinheiro, e não um simples desejo, para parar de lavar pratos.* – E seu pai completou: – E, também, é você quem vai levar o lixo lá para fora.

• • •

Depois do jantar, Miles pegou o saco de lixo, desceu correndo as escadas e o jogou na lata. Quando se virou para trás, seu pai estava sentado no degrau

mais alto, o mesmo degrau onde havia se sentado na sexta-feira. Era como um jogo do tipo “o mestre mandou”, exceto pelo fato de que era Jeff quem dava as ordens. “Seu mestre Jeff mandou sentar, Miles. Seu mestre Jeff mandou ficar com a boca fechada até que eu lhe faça uma pergunta, Miles.”

Nenhum dos dois disse uma palavra sequer durante um minuto inteiro. O silêncio borbulhava no estômago de Miles, como se o frango que havia acabado de comer estivesse voltando a fritar.

– Você sabe que eu e a sua mãe o amamos – disse o pai, finalmente.

– Sei. – Miles já podia sentir o que estava por vir.

– E você está se preparando para voltar à escola, então escute bem. Preciso que entenda… Eu preciso que você… bem… – Agora era o pai de Miles que estava gaguejando, procurando pelas palavras certas. Finalmente, simplesmente disse de maneira direta: – Você sabe que o seu tio também foi suspenso. Muitas vezes. – O pai de Miles pressionou as mãos uma contra a outra. – Ele achava que jamais teria que seguir regras. E acabou sendo morto por isso. E a última coisa que a sua mãe e eu queremos é que você seja… igual a ele.

Você é exatamente igual a mim.

Miles sentiu as palavras lhe perfurarem, alojando-se no seu pescoço. *Suspenso. Regras. Morto.* Engoliu em seco, afogou a culpa com a confusão. Estava acostumado a ouvir seu tio ser citado em situações como essa, mas era sempre uma experiência dolorosa. Na verdade, o *único* momento em que mencionavam algo a respeito do seu tio era quando o pai tentava lhe explicar todas as coisas que ele *não deveria* se tornar. Seu pai e seu tio eram garotos de rua – delinquentes do Brooklyn – que estavam sempre assaltando e cometendo outros crimes, entrando e saindo do tribunal e do juizado de menores até terem idade suficiente para entrar e sair da cadeia. Jeff conheceu a mãe de Miles e acabou escolhendo um caminho diferente, mas Aaron, o tio do garoto, continuou correndo atrás de dinheiro rápido em becos escuros.

Agora o tio Aaron era sinônimo de idiotice, o exemplo para tudo de errado que havia em sua família, pelo menos de acordo com o pai de Miles.

– Está me entendendo? – perguntou o pai.

Miles ficou ali sentado, mascando o interior da própria bochecha e pensando no tio Aaron. No que sabia a seu respeito, não apenas no que seu pai havia lhe falado várias e várias e várias vezes. Naquilo que ele conhecia em primeira mão, pois estava presente quando seu tio fora morto. Três anos antes, o tio Aaron havia acidentalmente se matado enquanto tentava matar Miles.

– Eu entendo, sim.

MILES
MORALES
HOMEM-ARANHA

2

Miles puxou a máscara para baixo sobre a testa, cobrindo os olhos. Por uma fração de segundo, escuridão. Em seguida, alinhou os buracos para os olhos para restaurar a visibilidade e continuou esticando a máscara para cobrir o nariz, a boca e o queixo. Olhou-se no espelho. Homem-Aranha. Em seguida, voltou a puxar a máscara para cima, naquele rápido momento de escuridão. Seu pai havia lhe contado muitas vezes que ele e o tio Aaron, quando jovens, costumavam pegar as meias-calças escuras da mãe e enfiá-las na cabeça, cortar o resto da parte que cobria a perna e dar um nó no alto da cabeça antes de praticar seus assaltos. Ele dizia que era desconfortável e que levava um segundo para se acostumar com aquilo. A sensação era de estar preso em uma espécie de casulo. “Mas Aaron não virou uma borboleta”, diria ele. “Ele se transformou em outra coisa.”

Você é exatamente igual a mim.

O tio Aaron morava em Baruch Houses, a alguns quarteirões de distância de uma filial da Ray’s Pizza. O Baruch Houses era um gigantesco conjunto habitacional que se estendia ao longo da avenida Franklin D. Roosevelt. Bem de frente para o East River. Se não fosse pelo fato de haver mais de cinco mil pessoas morando em quinze prédios de tijolos que formavam o condomínio, a área poderia ser considerada um imóvel de alto valor. Terrenos com vista para o rio. Miles sempre encontrava o tio na esquina da rua East Hudson com a Baruch Place em uma bodega, onde Aaron comprava refrigerante de uva. Em seguida, eles saíam para pegar uma pizza grande, antes de caminhar novamente por entre a floresta de arranha-céus para voltar ao apartamento do tio Aaron. Porque ninguém caminha sozinho pelos blocos de um conjunto habitacional como aquele, a menos que você more ali.

Se os pais de Miles soubessem que ele costumava passar o tempo em companhia do tio Aaron, o deixariam de castigo pelo resto da vida. Miles chegaria aos quarenta anos, teria os próprios filhos e ainda estaria proibido de sair de casa. Miles, portanto, dizia-lhes que ia encontrar alguns amigos na Ray's Pizza. O que, tecnicamente, era verdade… embora houvesse umas cem lojas da Ray's Pizza em Nova York. E esse "amigo", na realidade, era o seu tio. Miles sempre se certificava de que não estava no apartamento do tio quando tinha de ligar para os pais e dar notícias. Assim, não precisaria mentir. Não era capaz disso. Simplesmente não era do seu feitio.

O apartamento do tio Aaron – de número 4D – não tinha nada além de um colchão, algumas cadeiras dobráveis, um *rack* frágil para a TV com uma televisão em cima e uma pequena mesa de centro com algumas embalagens de meia-calça sobre o tampo. Também havia algumas caixas de sapatos aleatórias, todas de tamanho 39, que Miles sabia serem pequenos demais para os pés do tio, e detestava o fato de que também eram pequenos demais para ele. Provavelmente eram somente mercadorias para serem vendidas no condomínio. *Caíram do caminhão.*

O resto, como todas as roupas e pertences de Aaron, estava em sacos de lixo encostados na parede. Ele já morava ali havia algum tempo – na verdade, esse era o único lugar onde Miles sempre soube que seu tio morava –, mas parecia sempre estar pronto para se mudar.

Enquanto Miles e o tio Aaron comiam, sentados nas cadeiras dobráveis com a caixa da pizza no canto da mesa de centro que ainda estava vazio, eles conversavam sobre a família, a escola e garotas. Bem, na realidade, o tio Aaron falava sobre garotas, mas de forma que fazia Miles pensar que *os dois* estavam falando sobre garotas, embora não tivesse nada a dizer sobre elas além de: "Não tenho nada a dizer sobre elas". A única coisa a respeito da qual o tio Aaron nunca – NUNCA – conversava com Miles era sobre "negócios". Jamais lhe falava sobre os bancos ou lojas que havia assaltado, nem como

andava pela região de Wall Street, o único lugar que se transformava em uma cidade-fantasma tarde da noite, esperando para abordar corretores de ações e do mercado financeiro desavisados e engravatados que faziam hora extra em seus escritórios. E definitivamente não contava a Miles acerca do maior assalto de todos, aquele que realizou pouco antes de o sobrinho vir visitá-lo numa tarde. A ocasião que iria mudar a vida de Miles e arruinar a relação entre os dois. As indústrias OSBORN, lar das inovações mais modernas no desenvolvimento de tecnologias de defesa, biomédicas e químicas. E aranhas. Aranhas quimicamente aperfeiçoadas, que passaram por mutações genéticas.

Faltavam quarenta e cinco minutos para que Miles tivesse de sair e ligar para casa. A TV exibia programas de entrevistas que ocupavam os canais durante o dia. “Estão prontos para ver o novo guarda-roupa e a maquiagem dela? Gina, pode entrar no palco!” Uma bolsa de viagem estava ao lado da cadeira de Miles, cheia de dinheiro e aparelhos tecnológicos que Aaron achava que iria conseguir vender no mercado negro. Do interior da bolsa surgiu uma aranha, que subiu pela perna da cadeira e picou Miles bem no dorso da mão, fazendo as pontas dos seus dedos começarem a ferver.

– Ai! – Miles gemeu, jogando a aranha no chão com um movimento rápido do pulso.

O tio Aaron se levantou com um salto e a matou com um pisão.

– Desculpe, garoto – disse, sem qualquer toque de constrangimento na voz.

Ele esfregou a aranha no piso de maneira como se fosse um chiclete na calçada. E Miles observou o tio se agachar para dar uma olhada nas entranhas do bicho. A gosma que a aranha deixou estava brilhando. “Mas você sabe como é. O Baruch não é um prédio como aquele onde você mora.”

• • •

Alguém bateu na porta do banheiro.

Miles se camuflou instantaneamente, mesclando-se com o rosa dos azulejos da parede.

– Miles? Você se afogou na privada, filho? – gritou a sua mãe.

Depois de levar o lixo para fora, voltar para o apartamento e ouvir aquela conversa que dizia “você sabe que o seu tio era isso e aquilo”, ele deixou seus pais e Ganke na sala de estar. Jeff abria as cartas – especialmente as contas – que chegaram no dia anterior. Sua mãe estava com o controle remoto da TV na mão, procurando pelo canal Lifetime. E Ganke, com a barriga cheia de frango e arroz, estava sentado no sofá, esperando por Miles para que pudessem voltar à Brooklyn Visions Academy. Miles balançou a cabeça e desativou a camuflagem; estava num estado muito impressionável.

– Oh… não! – gritou Miles. – Já estou saindo. Estou só… escovando o cabelo.

Ele sabia que ela não ia acreditar naquilo. Foi a única vez que sentiu alívio por saber que a mãe provavelmente imaginou que ele estivesse se… divertindo sozinho. Miles tirou a máscara e usou as mãos para tentar alisar o cabelo.

– Rio! – chamou o seu pai. – Venha ver isso!

– Ande logo, Miles. Não quero que vocês saiam muito tarde. Você ouviu o que o seu pai disse sobre os vagabundos que roubam os garotos.

Sua mãe se afastou da porta, perguntando “o que foi?” ao marido.

Miles ficou escutando os passos dela recuando antes de correr pelo corredor até o quarto. Ele enfiou a máscara na mochila e pegou a escova que estava sobre a mesa para poder justificar toda aquela história de “escovar o cabelo”.

– Certo, estou pronto – disse Miles, entrando na sala de estar e agindo como se não houvesse passado uma eternidade no banheiro. *Escovar, escovar, escovar*. A parte de cima vai para a frente, depois para a esquerda, depois para a direita, e por último atrás. Nessa ordem. Sua mãe estava em pé

atrás do sofá lendo uma carta que apertou contra o peito quando Miles entrou na sala. O garoto imaginou que fosse mais uma conta – sempre havia mais uma conta para pagar. Se perguntasse a respeito, iria ouvir outro sermão sobre como era importante ir bem na escola. E depois dos últimos três dias, não conseguiria aguentar mais um sermão.

– Mesmo com toda essa escovação, vai ser impossível dar um jeito nesse cabelo, filho – disse o seu pai, tocando a mãe de Miles na coxa para que ela acordasse do transe em que estava. – Rio.

Assustada, ela dobrou a carta, voltou a enfiá-la no envelope e a devolveu ao pai de Miles.

– Ah… desculpe – disse ela, aproximando-se de Miles e deslizando a palma da mão pelos cabelos do rapaz. – Você precisa cortar esse cabelo, *papi*.

– No próximo fim de semana, quando você estiver em casa, nós vamos à barbearia. Não posso deixar você solto por aí com esse cabelo – brincou o pai.

Miles continuou escovando o cabelo e ignorou os comentários dos pais.

– Está pronto? – ele perguntou a Ganke, que havia se levantado do sofá e jogado a mochila por cima do ombro, com um sorriso bobo no rosto. Ganke sempre adorava esses momentos com Miles e sua família. Davam-lhe mais munição para fazer piadas.

– Sim. Cuide-se, senhora Morales – disse Ganke, aproximando-se para um abraço.

– Tchau, Ganke. Faça-o andar na linha, por favor.

– Eu sempre tento fazer isso, mas ele é doido.

– Não comece, cara – disse Miles, abraçando a mãe e beijando-a na bochecha.

– Sr. Jeff. – Ganke estendeu a mão.

O pai de Miles a segurou e apertou com força. O rosto de Ganke se retorceu pela dor.

– No próximo domingo nós vamos fazer um jantar só com legumes. Quer vir?

– Pode apostar! – sorriu Ganke.

O pai de Miles olhou para a esposa e fez um gesto negativo com a cabeça.

– Eu tentei, querida. Mas não funcionou. – E riu.

– Certo, certo. Cuidem-se, vocês dois. Ganke, por favor, diga à sua mãe que mandei lembranças. Miles, ligue para nós quando chegar lá.

– Claro. – Ele guardou a escova na bolsa.

– Não esqueça, filho.

– Não vou esquecer.

• • •

Quando estavam na rua, Miles quis perguntar a Ganke como o amigo havia passado o fim de semana, especialmente porque sabia que ir para casa era uma situação esquisita para Ganke desde que seus pais se separaram. Ganke, porém, tinha o talento para pressentir esse tipo de pergunta complicada. Assim, antes que Miles conseguisse colocá-la para fora, o amigo rebateu com seu próprio questionamento.

– Tem uma coisa que eu quero perguntar para você, e já faz um tempo. – Ganke havia acabado de amarrar os cadarços dos tênis na parte mais baixa da escada que dava acesso ao prédio de Miles.

Miles mandou a preocupação que estava na ponta da língua para baixo dela – como um chiclete, reservando-a para mais tarde. Miles sabia que Ganke provavelmente estava preparando alguma piada ou pegadinha que havia passado os últimos trinta minutos criando. Ganke era um daqueles amigos que você não pode deixar a sós com seus pais porque sempre acabam fazendo todo tipo de pergunta ridícula, tentando desenterrar coisas

constrangedoras que o seu pai e sua mãe achavam fofo. Coisas como: “Miles costumava chorar todos os anos no Dia de Martin Luther King Jr. Não por causa do que aconteceu com o Dr. King, mas porque a televisão e o rádio transmitiam trechos dos seus discursos e Miles sempre pensava que ele tinha a voz de um fantasma”. Ou então: “Miles sofria da síndrome do intestino irritável e cagou nas calças até os dez anos”.

– O que é? – Miles soltou um gemido quando eles passaram diante da casa da Sra. Shine. Lembrou-se do cheiro que aquele colchão tinha quando o tirou da casa para ela, de ver aquelas manchas misteriosas e tufos de pelo branco de gato encostando em sua bochecha. *Urgh*.

– Certo. Não fique bravo – disse Ganke, já preparando Miles. – Mas…

– Diga logo.

– Certo. Bem… o seu sobrenome. Não faz muito sentido para mim.

– Como assim? Morales?

– Isso.

– Metade da minha família vem de Porto Rico.

Ganke parou de caminhar e fez uma careta para Miles, como se dissesse *dãã!*

– Então…?

– O nome da sua *mãe* é Rio Morales, certo?

– Correto.

– E o nome do seu pai é Jefferson Davis.

– Exatamente.

– Então, por que o seu nome não é Miles Dav… – Os olhos de Ganke se arregalaram. – Ah… diabos. *Miles Davis!* – Ele parou de caminhar novamente, desta vez diante da casa do Sr. Franke. Ganke se curvou para a frente, explodindo em uma gargalhada. – Espere… espere! – Ele tentou recuperar o fôlego enquanto Miles o encarava seriamente, com um olhar faiscante. – Miles. Desculpe. Espere… Miles Davis? Eu só… eu nunca havia

pensado nisso até agora. Oh… cara… espere aí… – A gargalhada arrefeceu aos poucos. – Certo… nossa. Certo, certo.

– Já acabou?

– Acabei. Rapaz, acabei sim. Desculpe, cara, você me pegou desprevenido.

Os dois continuaram andando pelo quarteirão.

– De qualquer maneira, esse não é nem mesmo o motivo – disse Miles. – Mas é bom saber que você acha isso engraçado.

– Então por quê?

– Ganke, por que você está falando como se não conhecesse a minha mãe? Melhor ainda, por que você está falando como se não conhecesse a minha *abuela*? – Agora era Miles que estava rindo. – Falando sério, não sei. Eu acho que é por causa de alguma outra coisa.

– Como assim?

Miles deu de ombros.

– Antigamente, meu pai e meu tio fizeram muita coisa suja na vida e isso fez o sobrenome Davis virar uma palavra ruim em certos círculos. Eu me pareço com os dois e vivo no mesmo bairro, então… não sei. Fico pensando se…

– Saquei – disse Ganke, sentindo todo o humor finalmente desaparecer.

Havia uma garrafa plástica na calçada, daquelas com o formato de um pequeno barril, mas Miles sempre fingia que eram granadas quando era mais novo. Ele a chutou e a garrafa rolou à sua frente. E, então, limpou a garganta.

– É por isso, também, que eu acho que os meus superpoderes estão com defeito.

– Ah… você acha que eles estão com defeito por causa do seu sobrenome?

– Não. Mas por causa do que o meu sobrenome *significa*. Ou melhor, o que essa parte de mim é. Por exemplo… e se eu não tiver nascido para ser…

sei lá… bom?

Tudo aquilo fazia muito sentido para Miles. Da mesma forma que pessoas muito altas geralmente têm pais muito altos. Ou como você pode ter a predisposição a ser alcoólatra se um de seus pais sofrer desse mal. Miles tinha o que sempre considerou ser uma genética complicada: sangue *ruim*. E, para piorar ainda mais as coisas, seu pai e seu tio tinham dezesseis anos quando começaram a carreira no crime – e essa era a idade que Miles tinha agora. Assim, talvez essa parte da sua linhagem estivesse lutando contra quaisquer mudanças que a picada da aranha houvesse causado, como alguma espécie de célula sanguínea imunda lutando para afastar algo incrível que havia dentro dele.

– Cara, cale a boca.

– Estou falando sério, cara.

– Você também é idiota. Cara, isso é bobagem. É como dizer que, se você joga basquete, seus filhos vão jogar também.

– Há uma boa chance – disse Miles. Ele usou o polegar e o indicador como uma garra em forma de pinça para pegar a garrafa vazia que havia chutado, uma responsabilidade residual da limpeza que fez na sexta-feira.

– Quando foi a última vez que você viu Michael Jordan Jr.?

– Não sei se Michael Jordan teve um filho, Ganke. – Miles jogou a granada na lixeira aberta do vizinho.

– Exatamente. E você sabe *por que* não sabe se Jordan tem um pequeno Jordan? – perguntou Ganke. – Porque o Pequeno Jordan não cresceu para ser o… Pequeno Jordan.

Miles não respondeu.

– Olha, você nem sabe por que esse seu alarme na cabeça que a faz zunir está biruta. Pode ser porque… o efeito está passando. Como se talvez as supercoisas do veneno da aranha, ou seja lá o que for, fossem como um vírus que demorou alguns anos para finalmente ser filtrado do seu corpo. Ou talvez

ele esteja engasgando porque você está crescendo. Diabos, pelo que sabemos, você poderia dar uma de louco e perder *todos* os seus superpoderes quando finalmente arranjar uma namorada! – O queixo de Ganke caiu.

– Parece algo que o meu tio diria. – Miles ergueu o pé para não pisar em uma pilha de cocô de cachorro.

– Para a sua sorte, essa coisa com a namorada ainda vai demorar muito tempo para acontecer – disparou Ganke, dando um tapinha no braço de Miles.

– Sim, e para você também! – rebateu Miles.

– Olhe, o que estou tentando dizer é que você não sabe o que está causando isso, de verdade, mas ficar se preocupando provavelmente não vai resolver a situação. Você tem que se desestressar. Relaxar um pouco. E se divertir. – Ganke agitou os braços num movimento de onda, como se estivesse dançando break. – Porra, se eu tivesse o que você tem…

– Como assim, cara? O que você faria? – perguntou Miles, com o tom de voz ríspido e insistente.

Ganke parou de andar pela terceira vez. A estação de trem estava à direita. Ganke olhou para a rua e depois para a direita a fim de se certificar de que não havia nenhum carro vindo na direção oposta.

– Vamos em frente, vou mostrar a você.

• • •

Dois quarteirões até a quadra de basquete. Quando chegaram lá, havia uma partida de duplas acontecendo.

– O que estamos fazendo aqui? – perguntou Miles enquanto ele e Ganke se dirigiam até o portão.

– É só uma parada rápida. Você perguntou o que eu faria.

– Ah. Talvez uma outra vez, cara – disse Miles, olhando pelo portão. Já tem um jogo acontecendo.

Ganke, porém, não deu o braço a torcer.

– Vamos lá. – Ganke entrou na quadra.

– Nada disso, cara. – Miles segurou no braço do amigo.

– Vamos lá, vai ser divertido.

– Ganke, eu…

– Ei, galera! Galera! – Ele entrou na quadra, trotando bem no meio do jogo.

Miles o seguiu, mas parou na linha lateral.

– Tempo, tempo! – gritou Ganke, enfiando as pontas dos dedos de uma das mãos na palma da outra, formando uma letra T.

– Ei, o que você está fazendo? – um cara baixinho com o peito estufado perguntou, batendo a bola no chão mais rápido. – Você não está jogando. Não pode pedir tempo. Na verdade, você não pode pedir nada. – Ele bufou pelas narinas.

Miles fez um gesto negativo com a cabeça. Não estava a fim de brigar e não podia se arriscar a ficar com um olho roxo nem nada do tipo.

– Saia da quadra, Bruce Bruce Lee – disse o cara baixinho.

– Quem é Bruce Bruce Lee? Está falando de *Bruce* Lee? – perguntou Ganke.

Os jogadores se entreolharam, embasbacados.

– Você não sabe quem é Bruce Bruce? O comediante? – O Baixinho do Peito Estufado abriu os braços e começou a imitar uma pessoa gorda. – Um gordo engraçado. E Lee, porque…

– Porque esse é o meu sobrenome – disse Ganke, sem se deixar abalar.

Miles estrangulou uma risada.

– Espere aí… seu sobrenome é Lee? No duro? – perguntou Baixinho do Peito Estufado.

– É sim. E o nome *dele*… – Ganke apontou para Miles – … é Miles Davis. – Miles suspirou, revirando os olhos.

– Igual ao do cara do jazz?

– Não, igual ao do cara que vai pegar o seu dinheiro. – Ganke riu.

– Oh, é mesmo? – disse outro dos jogadores. – Ele tinha a pele pálida, da cor de catarro de gripe. E tão pegajosa quanto, também, por causa do suor. – E como ele vai fazer isso?

– Um campeonato de enterradas.

– Espere… *o quê*? – ganiu Miles, que agora entrava timidamente na quadra.

O Homem-Catarro sorriu e deu um toque no cara que estava ao seu lado.

Um homem que tinha o tipo físico digno de um… bem… de um super-herói falou:

– Agora estão falando a minha língua. Não sei se vocês sabem quem eu sou, mas não há muitos gatos por aqui que conseguem saltar mais alto do que eu – vangloriou-se.

– Pois é, Benji é um coelho. Já saltou por cima do telhado da academia para sair de lá! – Homem-Catarro assumiu o papel de tiete.

– Só verdades. E o pequeno cara do jazz daquele lado parece que ainda nem tem pentelhos no saco. E também parece que não tem grana – o último cara que estava na quadra finalmente se pronunciou. Havia se afastado um pouco para beber água. Ele era… um urso. Não um urso de verdade, mas também não era muito diferente de um desses animais.

– Não tem – falou Ganke.

Os rapazes da quadra riram e enxotaram os dois garotos como se fossem moscas irritantes.

– Mas… – emendou Ganke. – Eu vou apostar isso aqui. – Ganke tirou os tênis que estava usando. – Um par de Air Max 90s. Com infravermelho. Das antigas. Aparentemente todo mundo quer um par desses, e esta é a primeira vez que eu os calço. Provavelmente valem uns trezentos dólares.

Ganke não era aficionado por tênis, mas seu pai era. Sim, seu pai. Seus dois passatempos favoritos eram pressionar Ganke para tirar boas notas na escola (ele e os pais de Miles tinham isso em comum) e colecionar tênis raros. A maior parte da coleção ele deu de presente ao filho quando saiu de casa, sob a condição de que Ganke cuidasse bem deles. É claro, Ganke nunca teve de fazer isso. Porque Miles cuidava da coleção para ele.

– *O quê?* – exclamou Miles.

– De que tamanho? – o cara chamado Benji, aquele que tinha o corpo digno de um super-herói, quis saber.

– Tamanho 42. – Ganke, ignorando Miles, olhou para os pés de Benji. – Do tamanho que você calça.

Benji sorriu, revelando um espaço entre cada dente serrilhado. Ele enfiou a mão na meia e puxou um maço de notas. Seus amigos levaram a mão aos bolsos, meias, mochilas e pegaram seu dinheiro também. Depois de contar os trezentos dólares, eles colocaram tudo no chão da quadra, empilhando um dos tênis sobre as notas para impedir que a brisa da noite transformasse os dólares em penas.

Em seguida, todos se afastaram da frente da cesta para dar espaço a Benji e Miles. Benji fez a bola quicar intensamente, como se estivesse socando uma cabeça contra a calçada. Miles percebeu. Deu uma olhada em Ganke, que estava com a mochila de Miles pendurada sobre os ombros, mas virada para a frente. Ganke sorriu, seguido por seu dar de ombros habitual.

– O homenzinho provavelmente não chega nem perto da rede da cesta – comentou Benji. Em seguida, segurou a bola com as duas mãos, deu dois passos e enterrou-a sem qualquer esforço pelo aro. Nada de avisos. Nada de aquecimento. – Vai ser moleza.

– Ou dureza – disse Ganke, na linha lateral.

Miles olhou para trás e o fuzilou com um olhar gelado. Ganke formou as palavras “desculpe, desculpe” com os lábios enquanto Miles pedia a bola. No

entanto, assim que Benji arremessou a bola para ele, mandando-a como se estivesse disparando uma bola de fogo pelas mãos, Miles percebeu que sabia muito pouco sobre basquete.

Ele bateu a bola desajeitadamente, estapeando-a com a mão rígida. Certo, nada de ficar driblando. Driblar não era nem mesmo o que ele gostava de fazer. Ele segurou a bola, e as pontas dos seus dedos ficaram instantaneamente pegajosas. A sensação era a de que havia pequenos canhões disparando dentro de si. Um formigamento em seus cotovelos e nas pontas dos dedos. Uma descarga de eletricidade que corria pelas suas pernas, latejando na região macia atrás dos joelhos. E, em seguida, como se aquilo não exigisse o menor esforço, deu dois passos, saltou até os seus olhos chegarem na mesma altura do aro alaranjado e deixou a bola cair ali dentro com facilidade.

– Cara… – disse o Homem-Catarro, fazendo um sinal negativo com a cabeça. E foi tudo que disse. Mais nada.

Os outros não disseram nada, mas seus rostos estavam todos dizendo a mesma coisa: “Cara…”.

– Certo, homenzinho. Saquei qual é a sua – disse Benji, pegando a bola. – Vamos acabar logo com isso, e desta vez é de verdade.

Ele foi até a linha de três pontos, começou a correr, saltou e ficou de costas para o aro em pleno ar. Segurando a bola com as duas mãos, ele a trouxe para o espaço entre as pernas, e em seguida ergueu-a com um movimento brusco, passando-a por cima da cabeça e para trás, enfiando-a na cesta com um grunhido.

– *Ungh!* – O Baixinho do Peito Estufado repetiu o grunhido, novamente como uma boa tiete. Ele levou as mãos ao peito e gritou dramaticamente. – Essa foi tão forte que você quase me derrubou!

– *Woo!* – gritou Homem-Catarro.

– Impossível fazer melhor do que isso, homenzinho – gabou-se Benji, chutando a bola para Miles.

– Ah, é possível sim – disse Ganke.

– Diga o que quiser, Bruce Bruce. Veremos.

Miles voltou até a linha de três pontos, mas logo antes de começar a correr, Ganke, é claro, fez um sinal para que ele parasse.

– Espere, espere, espere aí. – Ele foi até o garrafão, descalço e com as duas mochilas. – Escutem, amigos. Isso está bem divertido, mas não podemos ficar aqui a noite toda. Então, que tal acabarmos logo com isso?

– É o que vai acontecer assim que o seu amigo fizer papel de palhaço, tentando imitar o que eu acabei de fazer.

– Mas… – Ganke ergueu um dedo, e em seguida apontou para Benji. – Não. Que tal assim: se ele conseguir fazer a mesma enterrada que você fez, sem correr para pegar impulso, nós vencemos.

– Espere – disse o Baixinho do Peito Estufado. – Está dizendo que, se ele conseguir enterrar a bola de costas como Benji fez, com um salto vertical, vocês ganham a aposta?

– Exatamente. E se ele não conseguir…

– Nós ganhamos, e vocês arrancam esses traseiros cafonas desta quadra.

– Isso mesmo – concordou Miles.

Tudo aquilo era uma ideia ruim, mas essa era a única parte da ideia ruim que parecia ser uma boa ideia. Eles ainda tinham que voltar para a escola. Miles ainda tinha de ligar para os seus pais. E, embora pudesse dizer que houvera algum problema com o trem – porque *sempre* havia algum problema com o trem –, ele não queria mentir.

Benji pareceu ficar surpreso, mas todos recuaram pela quadra enquanto Miles se aproximou do aro. Ele olhou para cima: a aparência familiar da rede da cesta, o círculo alaranjado e enferrujado, a tabela de vidro sujo. Olhou para

Ganke e para os brutamontes da quadra – o Baixinho do Peito Estufado, Homem-Catarro, Benji e o Urso.

Em todos os filmes a que Miles havia assistido, sempre havia algum tipo de conversa entre o treinador e o time, ou um ritmo intenso de tambores de batalha tocando na mente do herói em situações como esta, mas, em sua cabeça, ele ouvia músicas bobas. Como canções assobiadas e a música-tema do *Super Mario Bros.* Nada que fosse muito especial. A olhada fixa para a cesta e a "concentração" eram somente encenação, de qualquer maneira. Depois que a tensão no seu corpo estava suficientemente acumulada, Miles saltou para o alto. Girou o corpo no ar antes de abrir as pernas, passou a bola por entre elas, e em seguida ergueu os braços por sobre a cabeça e mandou-a pela cesta com tanta força que veios de vidro estilhaçado começaram a se formar na tabela.

Nada de mais. Para Miles. Ou para Ganke.

Pela expressão nos rostos dos grandalhões da quadra, porém, eles pareciam ter acabado de testemunhar a reencarnação de Michael Jordan. Ou talvez a reencarnação de Earl "Bode" Manigault; todos os habitantes de Nova York já haviam ouvido a lenda de como, com somente 1,85 metro de altura, Earl conseguiu pegar uma nota de um dólar do alto de uma tabela de basquete e ainda deixar algumas moedas de troco. Benji e seus amigos estavam completamente atordoados.

Até que Ganke fez menção de pegar seus tênis. E o dinheiro. E foi então que o silêncio se transformou em gritos. E a estupefação se transformou em raiva.

– O que você acha que está fazendo? – Benji se aproximou de Ganke enquanto ele calçava novamente os tênis e pegava o dinheiro.

– Vocês perderam. Tipo… ninguém vai conseguir bater essa cesta – vangloriou-se Ganke.

– Talvez eu não possa bater essa cesta, mas posso bater em *você*. Por isso, sugiro que deixe a grana aí.

– Vocês nos engambelaram! – reclamou Homem-Catarro.

Jogadores de basquete de rua sempre reclamam sobre serem engambelados, embora passem o tempo inteiro engambelando pessoas. Ninguém gosta de perder.

– Ah, quer dizer que vocês não viam problema em se aproveitar de dois garotos, não é? – disse Miles. – Não conseguiram resistir ao que achavam que era uma oportunidade fácil de afanar um par de tênis novos. Ei, vocês nem viram que nós temos *mochilas*, cara. – Ele não se importava necessariamente com o dinheiro; aquilo não passara de uma estratégia armada por Ganke de lhe tirar da cabeça a responsabilidade de ser o Homem-Aranha e todo o mumbo-jumbo envolvido em ser um super-herói. Agora, porém, era uma questão de princípios. E de fazer aqueles palhaços cumprirem com sua palavra.

– Não interessa. Deixem a grana e saiam daqui com suas vidas.

Ganke olhou para Miles e fez que sim com a cabeça. Miles fez que não. Ganke fez que sim outra vez. E, novamente, Miles fez um sinal negativo.

– Não.

– O que você disse? – Ganke estava agora entre um aceno positivo e um negativo com a cabeça.

– Isso mesmo. O que você disse? – repetiu Benji.

O resto dos fanfarrões se aproximou.

– Eu disse não – confirmou Miles.

É incrível o silêncio que se forma na quadra de basquete quando as coisas estão prestes a descambar para a violência. Há uma espécie de imobilidade. Um ar morto. As luzes dos postes já estavam acesas agora, e o que restava do sol estava prestes a desaparecer – apenas uma leve nuance de azul em um céu negro.

– Caras, vocês não precisam…

– Cale a boca – Benji esbravejou com Ganke, apontando-lhe o dedo. – Peguem o gordo!

O Baixinho de Peito Estufado e o Homem-Catarro imediatamente cercaram Ganke, agarrando-o pelos braços.

– Miles! – gritou Ganke ao seu melhor amigo.

Antes que Benji pudesse socar a barriga de Ganke, ou afanar os tênis, ou fazer qualquer coisa que estivesse disposto a fazer, Miles já havia se colocado diante dele. Havia uma sensação de formigamento logo atrás das suas patelas. Nas orelhas. Nas palmas e nas pontas dos dedos, também.

Benji abriu aquele sorriso entrecortado, reptiliano, e o empurrou pelo ombro para tirá-lo da frente. Miles podia ouvir a boca dele se curvar, ouvir a saliva espessa no fundo da língua de Benji. No entanto, assim que sua mão encostou em Miles, ele agarrou o grandalhão e o jogou para o outro lado, para longe de Ganke. Benji balançou a cabeça para desanuviá-la e partiu para cima, mas Miles saltou por cima dele – um salto rápido, passando por cima da cabeça do adversário. Miles correu na direção de Ganke e saltou com as pernas erguidas para acertar uma voadora, abrindo as pernas no último segundo para desviar do rosto de Ganke e acertar Catarro e Baixinho bem nas mandíbulas. Não usou força suficiente para machucá-los demais – não era o que estava tentando fazer –, mas foi o bastante para fazê-los largar seu amigo, que voltou correndo para a lateral da quadra. Benji agarrou Miles por trás, e, num instante, o garoto acertou três cotoveladas na boca do estômago do grandalhão. *Zup, zup, zup!* Benji se curvou sobre si mesmo. Miles não continuou a socá-lo. Queria lhe dar uma chance de recuar, de recolher seus cães.

Baixinho se aproximou com os punhos erguidos, com a pose de um boxeador de rua.

– Não quero problemas – disse Miles, enquanto seu corpo ainda disparava foguetes minúsculos pelas veias.

Baixinho não respondeu, simplesmente continuou na pose de boxeador, até que finalmente atacou. Golpeou com um *jab*. Miles balançou para o lado. Baixinho tentou outra vez. Miles se inclinou para trás, movendo-se de um lado para o outro, com os braços para baixo, indicando que não queria brigar.

– Acerte o rabo dele! – gemeu Benji, ainda tentando recuperar o fôlego.

Baixinho avançou para dar um terceiro *jab*, mas este Miles segurou, agarrando-o pelo punho com uma mão e usando a outra para segurar a articulação do cotovelo dele, de modo que não restasse alternativa ao oponente a não ser socar a própria cara. Um punho fechado direto no rosto. O próprio punho. Miles ouviu o septo nasal se romper.

– ARGH! – gritou Baixinho, levando bruscamente a outra mão ao rosto. Sangue, uma quantidade enorme, começou a escorrer pelas suas narinas.

Por um momento, Miles ficou paralisado. Ver o sangue o deixou assustado – ele não quis que o golpe fosse tão forte.

Catarro se afastou e, em vez de avançar sobre Miles, partiu para cima de Ganke, que tentou fugir desajeitadamente pela quadra, gritando a plenos pulmões, enquanto o Urso se aproximava de Miles.

– Você não tem nada com isso, cara – disse Miles, tentando convencê-lo a não brigar.

– Vocês armaram para cima de nós – rosnou ele. Em seguida, partiu como um foguete contra Miles.

Miles, mais uma vez, saltou por cima dele e acertou um chute na parte de trás da cabeça, usando-a como apoio para pegar impulso e correr até onde Ganke estava. Ele o pegou por baixo do braço como se fosse uma criança e saltou para pular o alambrado, arrastando Ganke consigo pela grade de metal – mas não antes que Homem-Catarro agarrasse a mochila. Aquela que estava sobre o peito de Ganke: a mochila de Miles.

– Miles!

– Não, Ganke! Não a solte! – gritou Miles, com uma mão segurando com força o portão de ferro e a outra presa ao redor da axila do amigo. Ele precisava daquela mochila. Seu segredo estava lá dentro, preto e vermelho.

– Dê para mim – rosnou Homem-Catarro. – Vocês vão deixar *tudo* aqui!

– Não consigo… não consigo segurá-la! – gritou Ganke enquanto Homem-Catarro puxava uma das alças com bastante força, a outra enlaçada no braço livre de Ganke, como se fosse rasgá-lo em dois.

– Ganke, *não solte* essa mochila!

Ganke ergueu o rosto para olhar para Miles, com os olhos cheios de preocupação.

– Miles…

Homem-Catarro puxou mais uma vez a alça da mochila, e o braço de Ganke cedeu, e a bolsa se soltou junto com ele.

Agora que estava livre, Miles subiu ainda mais alto na grade, puxando Ganke para vir com ele.

– Desculpe – pediu Ganke, ofegante.

– Aguente firme e fique aqui em cima – ordenou Miles.

Ganke agarrava-se ao portão, olhando para o chão. Lá embaixo, Homem-Catarro estava abrindo o zíper da mochila enquanto o resto dos brutamontes esperava, como crocodilos vestidos com calções de basquete. Eles não iam conseguir escapar dessa do jeito fácil. Miles respirou fundo e mergulhou no poço dos crocodilos.

MILES
MORALES
HOMEM-ARANHA

3

– Desculpe.

Silêncio.

– Miles, é sério. Desculpe.

Mais silêncio.

– Pelo menos você conseguiu pegar a mochila de volta. E nós conseguimos o dinheiro, também. Isso é bom, não é?

Ganke e Miles estavam sentados no trem da linha B, finalmente a caminho da escola. Miles desligou o celular. Ele sabia que seus pais iriam ligar e sabia que teria de mentir – “Eu não estava conseguindo sinal…” – Assim, tinha que ter certeza de que as chamadas iriam direto para o correio de voz.

– A coisa mais louca é que eu nem acho que esses tênis valham tanto dinheiro – comentou Ganke, que contou o dinheiro, dividiu a quantia ao meio e entregou a Miles a parte que lhe cabia.

Miles estava sentado ao lado dele, com a mochila no colo. Seu joelho estava dolorido. Suas mãos, manchadas por hematomas. A cicatriz da picada da aranha coçava como de costume. Ele manteve a concentração em frente, no quadro que anunciava o slogan do metrô: “SE VOCÊ VIR ALGUMA COISA, DIGA ALGUMA COISA”. Não conseguia olhar para Ganke, nem mesmo conversar com ele. Estava muito irritado. Irritado consigo mesmo, de maneira geral.

As portas se abriram e quatro garotos entraram. Três deles, definitivamente, estavam no Ensino Médio. O outro, no Fundamental. Não devia ter mais do que nove anos.

– Boa noite, senhoras e senhores – disse o pequeno. – Sabem que horas são? É hora do show!

– HORA DO SHOW! – gritaram os garotos mais velhos.

Em seguida, começaram a dançar. Girando, ondulando, estalando, fazendo piruetas e saltando. Subiram nas barras de apoio, deram cambalhotas para trás, depois para a frente, e tudo isso enquanto evitavam acertar qualquer passageiro com um pontapé no rosto. Miles nem lhes deu atenção. A maioria das pessoas não dava. Sempre é possível identificar os turistas, porque eles olham embasbacados para garotos que fazem esse tipo de show, como se estivessem no circo. Quando se vive nessa cidade, contudo, você sabe que esses truques, essas piadas e o charme de um garoto jovem e talentoso são o caminho mais rápido para o bolso dos idiotas. Quando se está atrasado e os nós dos dedos estão cobertos por hematomas, não há tempo para curtir o espetáculo.

Ganke cutucou Miles enquanto os garotos batiam palmas e a música tocava num aparelho de som portátil. Miles continuava olhando direto em frente. “SE VOCÊ VIR ALGUMA COISA, DIGA ALGUMA COISA.”

– Obrigado, senhoras e senhores – disse o menor membro do grupo, correndo de um lado para outro do vagão com um chapéu na mão para receber gorjetas.

Ao chegar até o fundo do vagão, onde Ganke e Miles estavam sentados em um banco apertado para duas pessoas, Ganke pegou um dos dólares que ele e Miles haviam acabado de ganhar na quadra de basquete e o colocou no chapéu. Miles estendeu a mão e pegou todo o resto do dinheiro que estava na mão de Ganke.

– Ei, garoto… – ele chamou.

O menino se virou para trás e Miles ergueu o punhado de notas no ar. O rosto do garoto se iluminou e ele voltou correndo.

– O que você…? – Ganke começou a dizer, mas não conseguiu terminar. – Miles… não… – Miles colocou a sua metade e o restante da metade de Ganke no chapéu do garoto.

– Miles!

Em seguida, como se nada tivesse acontecido, Miles retornou à posição em que estava antes. Olhando direto para a frente. “SE VOCÊ VIR ALGUMA COISA, DIGA ALGUMA COISA.”

– Ah… oi, Sra. Morales… Aqui é Ganke… Sim… sim, eu sei, mas escute… Miles está… ele está no banheiro. Sim… ele está… eu acho que foi o frango. Acho que não desceu bem para ele.

– O trem. Fale do trem – sussurrou Miles do outro lado do quarto no alojamento da escola.

– É por isso que eu estou ligando, e não Miles, para dizer que o nosso trem ficou parado um tempão. Acho que alguém pulou nos trilhos ou algo do tipo… Sim… E Miles estava o tempo todo com vontade de fazer cocô, então quando finalmente saímos… tipo… senhora Morales, eu juro que nunca vi ninguém correr tão rápido. – Ganke cobriu a boca para sufocar o riso, e em seguida continuou: – Mas nós conseguimos chegar à escola a salvo. Ah, sim… *ele* está a salvo. Aham. Certo, eu digo para ele ligar quando sair do banheiro. Tchau.

Ganke tocou na tela do seu celular para encerrar a chamada.

– *Bum.* É assim que se faz. – E fingiu que deixava o celular cair, como se estivesse largando um microfone[1].

– Obrigado. – Miles esticou os dedos, lentamente apertando o ar, sentindo as articulações estalarem.

– É o mínimo que eu posso fazer.

– Está tudo bem, cara.

– Ei, eu sei que as coisas ficaram meio malucas na quadra, mas será que você pode pelo menos admitir que foi divertido? – Ganke levantou-se, puxou a camisa por cima da cabeça, e depois puxou para baixo a camiseta regata que ainda lhe cobria o tronco.

Miles não esboçou reação. Nem mesmo um meio-sorriso.

– Está falando sério? – exclamou Ganke. – Vai me dizer que você não se divertiu, nem mesmo quando fez aquela última enterrada que arrebentou o vidro? Miles Morales, o garoto estressado que todo mundo conhece nesta escola, mas que ninguém conhece *de verdade*, o nerd com o corte de cabelo alinhado na navalha e tênis limpos… ah, na maior parte do tempo… Você não gostou de ser *o cara*? Sério?

Miles estava sentado na cama, coçando o dorso da mão. Havia tirado os sapatos e encostado os dedões do pé um contra o outro. Ganke o encarava ansiosamente. Esperando… esperando… esperando, até que finalmente um sorriso se formou no rosto de Miles.

– Eu sabia! – vibrou Ganke depois de ver aquela expressão.

– Relaxe. Você fala como se enterrar uma bola de basquete fosse um dia no parque de diversões. Talvez seja para você, mas fui eu que tive que fazer todo o trabalho. Para não dizer que quase roubaram a minha mochila e eu precisei brigar. Isso não é divertido.

– Certo, talvez tirando a parte de a mochila quase ser roubada e a parte da briga. Mas o resto… foi da hora.

– Ganke, não foi…

– Foi da hora.

– Cara, é sério. Não foi…

– Foi da hora!

– Está bem, está bem! – Miles suspirou. – Foi da hora. Muito da hora.

Ganke explodiu numa gargalhada.

– Agora que resolvemos essa questão, vamos para o próximo tópico da nossa pauta: preciso descobrir quem é Bruce Bruce – disse ele, tirando o notebook da mochila.

– Bem, o meu próximo tópico é tomar um banho. Lavar o que Benji e o Urso deixaram em mim.

Miles passou por Ganke e foi até o seu armário, onde guardava os apetrechos para o banho. O quarto que ele dividia com Ganke era pequeno, quase um caixote, não muito maior do que o quarto de Miles na casa dos seus pais. Havia duas camas estreitas, uma de cada lado, com escrivaninhas diante delas, um armário que cobria a parede do fundo (com um gancho a mais para os apetrechos de banho de Miles) e um pôster da Rihanna na parede da frente, grudado na parede acima de uma mesinha que servia de suporte para uma televisão. Embaixo dessa mesa, um emaranhado de fios e consoles de videogame. Dos antigos: Nintendo, Sega e um Atari, que eles não conseguiam botar para funcionar. Todos os controles com, no máximo, quatro botões. Pertenceram aos pais de Miles e Ganke, e foram passados aos garotos de gostos alternativos que nutriam uma paixão por jogos de oito e dezesseis bits. Eram pura diversão, sem nenhum estresse. Nada de jogos de tiro, nada de monstros – nada, na opinião de Miles, que fosse real. E precisavam de um armário só para eles.

Os chuveiros não eram muito melhores do que os quartos. Todos os alunos que moravam naquele pavimento compartilhavam um banheiro grande, com privadas em um dos lados, pias no meio e compartimentos com chuveiros do outro lado. Celas minúsculas com paredes pegajosas. Por sorte, o banheiro estava vazio quando Miles chegou lá. Como tinham chegado tarde, a maioria dos garotos – pelo menos aqueles que realmente tomavam banho – já havia ido embora. Miles colocou seus produtos para o banho em uma das pias, olhou-se no espelho e não viu nenhuma marca no rosto. Isso era a coisa que mais lhe importava. Sabia que tinha de tomar cuidado para não exibir evidências de brigas. Seu joelho estava um pouco inchado, mas aquilo não chegava a ser um problema.

Enquanto colocava a pasta de dentes na escova e a enfiava na boca, Miles não conseguia parar de pensar no que haviam dito a seu respeito, a razão pela qual os grandalhões queriam dar uma surra tão feia nele em Ganke. Ele os

havia engambelado. *Escova, escova, escova*. E… realmente havia. Sabia que era capaz de fazer coisas que os outros não conseguiriam. Que não seria possível vencerem aquela aposta. Miles se aproveitara deles. *Escova, escova, escova.* E ainda dera uma surra naqueles quatro. E isso também não era certo. Eles tinham o direito de ficar bravos. Todo mundo fica bravo com trapaceiros, especialmente se forem vítimas da trapaça. E Miles sabia que trapacear era algo que estava em seu sangue. *Você é exatamente igual a mim.*

Ugh, pensou ele, jogando água no rosto. *Deixe pra lá*. Miles ligou o chuveiro, sentindo os chinelos deslizarem no piso após passarem uma semana cobertos por restos de sabonete. O cabelo de alguém estava no ralo, grudento por se misturar com um pedaço de sabão do tamanho de um pedregulho. *Mesmo assim, foi divertido*, lembrou. *Até mesmo aquela parte. É por isso que… Ah, deixe para lá.*

Quando Miles voltou ao quarto, Ganke estava sentado em frente à sua escrivaninha, folheando um caderno, e a tela do seu computador portátil estava pausada em uma cena de um vídeo de comédia dos anos 1990. Miles vestiu um short e sentou-se em sua cama para massagear o joelho.

– E então, o que foi que eu perdi? – perguntou, apontando para o caderno de Ganke.

– Desde que entrou no chuveiro? – brincou Ganke. – Eu estava dançando *break. Hora do show!* – Girou a parte superior do corpo.

– Pare com isso, cara. Não posso entrar na aula amanhã sem saber a matéria.

– Certo, certo. – Ganke virou a cadeira para o outro lado. – Aqui está um resumo. Eu me sinto como se fosse o seu ajudante de confiança, já que tocamos no assunto. Ou o seu maior incentivador. – Ganke acenou negativamente com a cabeça. – Bom, nos dois dias em que você esteve fora… – Ganke pensou por um segundo. – Uma das coisas que tenho certeza: o Sr. Chamberlain é pirado.

– Ah… é verdade.

Eles haviam acabado de começar a unidade sobre a Guerra Civil Americana na aula de História do quinto período. Todos imaginavam que esse era o tópico preferido do Sr. Chamberlain, pois ele passou o mês inteiro falando a respeito desde que as aulas começaram na escola.

– Tipo, eu sei que você sabe. Mas ele é… *doido*. Fica falando da Guerra Civil como se fosse uma coisa bonita, romântica. Fala como se ela fosse um videogame que ele adora jogar. Mas a parte mais esquisita foi na sexta-feira, quando começou a falar de coisas como… você sabe, a parte mais suja. A escravidão e como os estados confederados não queriam acabar com ela. E também que, dependendo de como se observa a questão, a escravidão até que era boa para o país.

– Espere aí, ele disse isso? – perguntou Miles, pegando um dos seus lançadores de teia que estavam debaixo da cama.

– Bem, basicamente, foi o que ele disse. Você sabe, Chamberlain é assim. Ele faz toda aquela pose de *estátua falante*, agindo como se isso o fizesse parecer mais inteligente ou coisa do tipo, mas foi isso que eu percebi no que ele falou.

Miles apontou o lançador de teias para a TV e disparou, ligando o aparelho com uma bola de teia. Ganke balançou a cabeça negativamente.

– Mas é um preguiçoso, mesmo.

– O que foi? Estou exausto porque tive que salvar o seu rabo – brincou Miles, esguichando um feixe de teia na direção de Ganke como se fosse um brinquedo de Carnaval. – Bem, parece que Chamberlain está viajando na maionese como de costume. Blá-blá-blá. Algo mais?

– Tem, sim. Isso aqui. – Ganke fazia força para arrancar a teia que lhe cobria o braço. Acabou desistindo e simplesmente empunhou o caderno.

– E o que é isso aí?

Ganke limpou a garganta, e depois *fingiu* que a limpou:

– Aham-aham – disse ele, dramaticamente, antes de se inclinar para o lado e desligar a TV.

Sou um cofre, trancado pela lealdade de poucos;
Sussurre-me seus segredos por trás dos inimigos;
Assim nasci, cofre; seus segredos morrerão comigo.

Ganke olhou para Miles, fazendo um gesto positivo com a cabeça. Miles devolveu a encarada, com um olho ligeiramente fechado, como se estivesse se concentrando naquilo que Ganke acabara de dizer.

– De que diabos você está falando, Ganke?

– Você gostou?

– Ah… de que diabos você está falando, Ganke? – Miles repetiu.

– Isso é o que estamos aprendendo na aula da Sra. Blaufuss desde que você foi suspenso. Você gostou, não é? – Ganke assentia com bastante confiança enquanto Miles o encarava com uma expressão vazia. – É um *sijo*, um tipo de poesia coreana. – Ganke bateu com o caderno nas coxas, animado. – Essa é a poesia do meu povo! Isso é a minha herança cultural! É por esse motivo que sou tão bom nisso!

Miles esperou que Ganke abrisse o sorriso habitual que vinha depois de uma piada, mas ele não o fez. Miles disparou mais teias contra a TV para ligá-la outra vez. Ganke se inclinou e desligou-a de novo.

– E eu chamei este aqui de “MILES MORALES É O HOMEM-ARANHA”. – E foi aí que o sorriso surgiu.

– Não mais – disse Miles, voltando a deitar na cama. Assim que disse isso, sentiu imediatamente uma pressão afrouxar ao redor do seu corpo. Um peso sendo erguido.

– O quê?

– Já chega – disse Miles. – Bom, os poderes já estão malucos de qualquer maneira, e, honestamente, não tenho grana para ser o Homem-Aranha.

– Você quer ser *pago* para ser o Homem-Aranha? Afinal, você sabe que nós… bem, que você… que isso acabou de acontecer.

– Não é disso que estou falando. Não estou falando de ser herói em troca de dinheiro nem nada do tipo. Escute, você sabe que, nos últimos anos, eu fui melhorando na questão de ser… cara, eu nem sei como dizer isso.

– Deixe que eu digo. Melhorou na questão de não ser um vagabundo? Melhor por não ser aquele panaca do Mario em miniatura. Agora você é o Mario grande. O Mario com o cogumelo e a estrela da invulnerabilidade.

Miles ergueu o corpo novamente para ficar sentado.

– Olhe, eu não tenho medo de ninguém como tenho dos meus pais. E não estou dizendo que… bom, que tenho medo que façam alguma coisa comigo. Afinal, eu sou… nós somos… – Miles não conseguiu encontrar as palavras para terminar. – Veja o caso do meu pai. Ele não tem diploma. Não chegou nem mesmo a terminar o Ensino Médio. Minha mãe concluiu, mas não tinha condições de pagar uma faculdade. Pense no quarteirão onde eu morava. Cyrus Shine, onde quer que esteja hoje em dia. Tony Gordo, que passa o tempo inteiro sentado na escada de casa, vendendo pedras de crack e xingando qualquer pessoa que caminhe por ali. Frenchie, no fim do quarteirão, que trabalha naquela loja de 1,99. Ela é legal, mas seu filho, Martell, *precisa* entrar para a liga. E tem também Neek, do outro lado da rua. Entrou para o Exército. Foi para a guerra. Lutou pelo país. Saiu do Exército. E agora ele simplesmente… fica lá. Às vezes você o vê abrir as cortinas e olhar pela janela, mas somente isso. – Miles levantou-se da cama e pegou a mochila. – Sabe do que eles me chamam toda vez que vou à barbearia? “Pequeno Einstein. CDF.” Coisas do tipo. E sorriem e me dão um desconto nos cortes. Perguntam sobre garotas, é claro, mas também perguntam sobre as minhas notas. Meu tio costumava fazer a mesma coisa. – Ele colocou a mão dentro da mochila e pegou o uniforme, preto e brilhante, com as teias vermelhas estampadas. – Pode parecer bobagem para você. Não sei.

Ganke se inclinou para a frente na cadeira.

– Certo, Miles… Bem, você não acha que está sendo só um *pouco* dramático? Você está indo mal em uma matéria. *Uma* matéria.

– Deixe eu lhe fazer uma pergunta, Ganke. – Miles enrolou o uniforme em uma bola. – Você entrou na escola por sorteio?

– Acho que não.

– Você tem bolsa de estudos?

– Não – disse Ganke, apoiando-se no encosto da cadeira, cruzando os braços diante do peito.

– Se por algum motivo isso aqui não der certo, você tem outro plano? Existem outras opções para você?

– Miles…

– Estou só perguntando.

Ganke hesitou, mas acabou assentindo.

– Exatamente. Você e eu – Miles continuou – somos iguais de várias maneiras. Mas esta não é uma delas. – Ele abriu o armário atrás da cama e jogou o uniforme no canto antes de fechá-lo outra vez. – Para ter tempo de ser super-herói, você tem que estar com o resto da sua vida planejado e estável. Não pode simplesmente sair por aí salvando o mundo quando o próprio bairro onde mora está um lixo. Eu tenho que cair na real em relação a isso.

Miles voltou a largar o corpo sobre a cama. Estava decidido. Acabou. Ia fazer o que sabia que precisava ser feito, começando amanhã. Ajustar o foco. Pelo resto da noite, porém, iria assistir a tantos episódios de *American Ninja Warrior* quanto fosse possível.

O garoto lançou outra bolota de teia na direção da TV, ligando-a pela terceira vez, enquanto Ganke voltava a se debruçar sobre sua mesa e começava a escrever em seu caderno. Quando terminou, colocou-o na vertical sobre a mesa, com as palavras escritas em uma caligrafia tão pequena que

uma pessoa normal não conseguiria enxergar do outro lado do quarto. No entanto, Miles conseguiu.

MILES MORALES É UM PANACA

Por que desistir daquilo que você faz de melhor?

A menos que isso seja liberdade; e se não for?

E se for só famílias alegres, celas na prisão?

Embora Miles pudesse perceber com clareza as palavras na página, também percebia que Ganke não conseguia entender como ele se sentia. Assim, simplesmente balançou a cabeça e voltou a concentrar sua atenção na TV, observando mais um homem atravessar aos saltos uma pista de obstáculos para provar – sem nenhum motivo para isso – que ele também era um pouco mais do que normal.

---

1 *Drop the mic*, ou largar o microfone, é uma expressão utilizada para representar uma situação em que alguém se dá bem, leva a melhor. (N.E.)

MILES
MORALES
HOMEM-ARANHA

4

Miles já havia estado nesse lugar antes. Conhecia-o da mesma forma que conhecia a própria casa. Esse lugar, contudo, ficava muito longe de casa. Pilares do tamanho de árvores em florestas de mundos de fantasia. Pedra branca. Mármore. Uma porta enorme com um anel de latão no meio. A entrada de um castelo. Um chafariz diante dos degraus. Cortinas de linho cor de creme nas janelas, abertas e amarradas. No interior, sofás de couro que eram como tronos gigantescos, mesas de madeira de carvalho, pisos azulejados muito mais bonitos do que os assoalhos encardidos dos banheiros do Brooklyn. Retratos na parede de homens brancos idosos. Pinturas escuras que faziam a casa inteira parecer estar coberta por um tom de sépia. Um candelabro de cristal. Um relógio carrilhão. Um ferro de marcar gado e uma chibata com nove tiras de couro como decoração. O cheiro familiar. A luta, ainda mais.

Esquerda, esquerda, agacha. Gancho de esquerda, agacha. Um cruzado de direita acertou bem no queixo de Miles. Ele mordeu a língua. O sangue com sabor metálico lhe encheu a boca; antes que conseguisse se recuperar, viu um pé em seu peito jogá-lo para trás e o corpo batendo contra a enorme porta da frente. E aí veio a sequência. Uma saraivada de socos. Miles se esforçou para bloquear tantos quanto podia antes de agarrar uma luminária que estava na mesa lateral ao seu lado – a cúpula da luminária feita de vidro colorido vermelho, verde e roxo – e quebrá-la na cabeça de… *quem?* Era como se a pessoa que ele combatia estivesse desfocada. Como se houvesse uma espécie de plástico pesado e invisível entre os dois, distorcendo a figura. O vidro da luminária se estilhaçou, uma explosão de cacos com as cores brilhantes dos granulados usados para cobrir sundaes. A pessoa contra a qual Miles lutava caiu no chão e ele disparou teias para prendê-la ali, mas o borrão desfocado

se esquivou, rolando até ficar em pé outra vez, disparando cordões esbranquiçados de seda pelos punhos também. *O quê? Como?*

Miles moveu o corpo de um lado para outro, e em seguida avançou contra o borrão – *que lançava teias?* –, prensando-o contra um velho armário cheio de bugigangas de cristal. O sangue escorria pelo rosto distorcido e manchava o mosaico de azulejos no piso. Miles o socou. O borrão revidou o soco e os dois trocaram golpes até que finalmente Miles lançou mais teias, antecipando o próximo movimento do oponente. Como já esperava, o combatente com a imagem embaçada se esquivou e a teia se prendeu ao velho armário de madeira – tudo conforme o planejado. Miles enrolou a teia ao redor do antebraço e a agarrou, puxando o armário para baixo, uma cacofonia de tilintares conforme os enfeites de cristal caíam. O combatente embaçado se virou rapidamente para evitar que o armário caísse sobre ele, e foi aí que Miles usou o lançador de teias na outra mão para enredar as pernas disformes do seu oponente. *Distraia e derrote*.

– Acabou – disse Miles, observando enquanto o homem tentava se libertar.

O garoto descarregou o que parecia ser um jato infinito de fluido de teia, até que o seu adversário estivesse preso no que parecia ser um saco de dormir esbranquiçado. O borrão não respondeu; simplesmente girou a cabeça de um lado para outro enquanto Miles se debruçou sobre ele, empurrando as mãos contra aquele rosto enevoado. E instantaneamente, como se as mãos de Miles estivessem afastando as nuvens da frente do sol, o rosto do homem surgiu nítido.

– Tio Aaron?

– Miles… – gemeu Aaron.

Antes que Miles pudesse dizer alguma coisa, suas bochechas murcharam e seu nariz se adelgou até virar uma lâmina de pele e cartilagem. O tufo de pelos em seu queixo cresceu, ficando longo e branco. Tinha marcas de

queimadura no rosto, que começou a se enrugar e rachar como se fosse argila seca.

Miles saltou para trás, sem saber o que o tio estava fazendo ali, em quem ele estava se transformando. *No que* ele estava se transformando.

– Miles… – sussurrou Aaron. Em seguida, um pouco mais alto: – Miles.

Miles fez um sinal negativo com a cabeça, desviou o olhar, fechou os olhos com força. Depois, abriu-os novamente e olhou para o tio Aaron, cuja boca entreaberta abrigava dentes podres.

– Miles – chamou ele, outra vez, com a voz ficando mais grossa. O nome de Miles era algo pegajoso em sua garganta.

Miles se aproximou. O tio Aaron abriu um sorriso malandro, puxou as mãos, que agora eram ossudas do interior da teia, e fechou os dedos ao redor da garganta do sobrinho, apertando o mais forte que podia.

– *MILES!*

A perda de fôlego.

Como aquela que acontece numa queda.

Miles bateu com força em sua cama.

– MILES! – gritou Ganke. Ele estava em pé, diante da cama de Miles, vestindo uma calça de moletom e uma camiseta com as palavras *EU ME REMEXO MUITO!* estampadas na frente em verde fosforescente.

– Hein? O quê? O que a… – Miles cobriu o rosto com as mãos. – Que horas são?

– Quase sete.

– Ugh. – Ele abriu os dedos e espiou por entre eles como se fossem as barras de uma cerca. – Eu fiz aquilo de novo?

– Pois é, cara – disse Ganke. – Eu levantei para ir ao banheiro e você estava literalmente rastejando pelo teto. E eu tenho que lhe dizer, como amigo, que não é legal acordar e ver uma aranha do tamanho de uma pessoa sobre a minha cabeça.

– Desculpe, cara. Foi só um… sonho maluco.

– O seu tio de novo? – perguntou Ganke, voltando a se sentar em sua cama.

– Sim! – Miles bufou.

Ganke não teve dificuldade para adivinhar. Miles vinha sonhando com o tio havia muito tempo. Desde que o vira morrer.

Naquele dia, em Baruch Houses, o tio Aaron sabia que a aranha que picara Miles não era apenas uma aranha comum. E Miles também sabia, depois de ver seu tio pisar nela e perceber a mancha de sangue espalhada pelo assoalho. Miles tinha certeza de que, embora seu tio não houvesse colocado a aranha ali, ela era obviamente *especial*, o que significava que a picada fora *especial*, e que havia uma boa chance de que Miles agora também fosse *especial*. Não era mais apenas um garoto comum.

– Esta vai ser uma conversa simples. E curta – disse o tio Aaron na próxima vez em que se encontraram, enquanto estavam sentados no sofá. Não iriam comer pizza naquele dia. Aaron olhou nos olhos de Miles e disse:

– Vou contar para todo mundo.

– Contar o que para todo mundo? – perguntou Miles, perplexo.

– Sobre você. Sobre… o que você é capaz de fazer. O que você é. – Aaron apontou para a pequena cicatriz circular no dorso da mão de Miles, não muito maior do que uma espinha, para em seguida recostar-se no sofá e sorrir. Explicou a Miles que não era idiota, e que estava disposto a revelar o segredo do sobrinho. – A menos que…

– A menos que… o quê?

A menos que Miles concordasse em ajudá-lo a derrubar um chefe de quadrilha e ex-amigo de Aaron que todo mundo chamava de Escorpião. O garoto não tinha escolha. Fez o que tinha que fazer, e usou o fato de que o Escorpião era um criminoso terrível para justificar seus atos. No entanto, a ameaça de ser delatado não desapareceu. Em vez disso, Aaron exigiu que o

sobrinho continuasse a trabalhar com ele. *Para* ele. Miles, porém, sabia que isso não era uma opção. Quando confrontou o tio, houve uma batalha brutal entre os dois. Aaron levou a melhor sobre Miles, que ainda estava aprendendo a usar seus poderes, deixando somente o golpe final para ser desferido por uma das luvas eletrificadas do tio, chamadas de manoplas. A manopla, contudo, enguiçou e explodiu no rosto de Aaron, arrebentando-o com uma explosão que ele havia planejado usar, em um arroubo desesperado, para matar o garoto.

– Você é exatamente… igual a mim – falou, queimado e ensanguentado, antes de perder a consciência. Foi a última coisa que ele disse a Miles.

Quando você luta com o próprio tio até a morte, é difícil esquecer o que houve. Difícil não ver o seu rosto, os olhos ficando embaçados, a respiração tornando-se mais lenta, gorgolejante, até parar. É difícil manter isso em segredo. Um segredo que parece contaminar tudo – a sua família mais próxima, sua escola, o seu sono. Ganke sabia, porque ele sabia de tudo, mas isso não fez a cena parar de se repetir o tempo todo na cabeça de Miles.

Miles nunca conseguia voltar para a cama depois dos pesadelos. Havia tentado várias e várias vezes, mas era impossível. E, de qualquer maneira, seu despertador iria tocar dentro de alguns minutos. Assim, com um suspiro frustrado, o garoto se levantou.

Ganke já estava no chuveiro, e conforme Miles avançava pelo piso sujo do corredor, deslizando preguiçosamente para dentro do banheiro com os chinelos nos pés, ouviu o amigo falando em voz baixa consigo mesmo em uma das baias dos chuveiros. Ao contrário do odor fétido de dedões tóxicos do corredor, o banheiro cheirava a uma mistura de cachorro molhado e salgadinhos de milho. O vapor enchia o ar.

– Com quem você está falando, Ganke? – resmungou Miles, abrindo a torneira da pia. Em seguida, percebendo a situação, ele emendou: – Sabe de uma coisa? Não me diga. Não quero saber.

– Como quiser, cara. Estou trabalhando nos meus poemas. Todas as três linhas têm que ter entre quatorze e dezesseis sílabas – explicou Ganke por trás da cortina de vinil. – Por isso, tenho que contá-las.

Miles juntou as mãos em concha debaixo da torneira e jogou água no rosto.

– Por quê?

– Como assim, “por quê”? – Ganke afastou um dos lados da cortina, somente o bastante para passar o rosto por ela. – Porque o meu povo quis assim. – Em seguida, ele fechou a cortina novamente com um puxão e gritou: *SIJO!*

Miles e Ganke calçaram os chinelos e voltaram para o quarto, vestiram-se, escovaram os cabelos, calçaram os tênis, dividiram um pacote de biscoitos Pop-Tarts sem assá-los no micro-ondas e foram para a sala de aula. Antes de saírem do alojamento, porém, Miles voltou ao dormitório. Apenas por um momento. Foi até o armário e abriu a porta enquanto Ganke ainda o esperava no corredor. Ali no canto escuro estava a pele vermelha e negra que ele geralmente carregava consigo todos os dias, e que agora mantinha enrolada embaixo de uma pilha de moletons da BVA, meias misturadas e tênis imaculados. Ele encarou o uniforme por alguns segundos antes de enfiar a mão no monte de bugigangas e puxar a máscara. Empunhou-a, frouxa como um rosto derretido, e em seguida, balançando a cabeça, enfiou-a de volta por entre a pilha de couro e cadarços. *Hoje não.*

• • •

Na Brooklyn Visions Academy os alunos só tinham quatro matérias por semestre, mas cada aula durava noventa minutos. Assim, se você tivesse matérias ruins, elas eram extraordinariamente ruins. No entanto, pelo menos Miles podia começar o dia com matemática.

Cálculo, uma das matérias favoritas de Miles, era ensinada pelo Sr. Borem, um homem esquelético com a pele cor de oliva e o nariz afilado como um picador de gelo.

– Cálculo – disse o Sr. Borem no primeiro dia de aula, erguendo as calças até a altura do umbigo enquanto andava pela sala – é o estudo matemático da mudança.

Depois daquele discurso veio a verdadeira glória da matemática, pelo menos para Miles – números, símbolos e letras. A doce visão de *um mais um é igual ao alfabeto*. Um desafio com o qual Miles sempre se empolgava.

Depois de Cálculo vinha a aula de Química com a Sra. Khalil.

Mais tarde, enquanto metade dos alunos almoçava, Miles e Ganke iam para a aula da Sra. Blaufuss.

Uma coisa esquisita em relação à Sra. Blaufuss era o fato de ela não parecer realmente lecionar na BVA. Onde estavam o blazer, a camisa engomada e abotoada até o pescoço, as calças cáqui, os sapatos "sensatos"? Sim, ela usava óculos, mas não eram os óculos típicos da Brooklyn Visions Academy – círculos de metal ou retângulos de plástico. Não, a Sra. Blaufuss usava óculos com armação em forma de olhos de gato, um amarelo berrante, como se fossem feitos de casca de limão-siciliano. Seu cabelo, cortado curto e repicado, estava sempre desalinhado. Às vezes ela trajava vestidos, mas geralmente vestia jeans com as barras dobradas para cima, blusas folgadas, suéteres longos com as mangas arregaçadas até os cotovelos, sapatos de salto alto de segunda a quinta-feira e tênis às sextas. Tinha uma tatuagem em forma de ponto-e-vírgula no pulso e outra em formato de uma fatia de pizza de pepperoni no antebraço.

– Senhor Morales, seja bem-vindo de volta – disse ela quando Miles e Ganke entraram na sala de aula.

A sala estava coberta com pôsteres de escritores, e Miles nunca havia ouvido falar da maioria deles. Ele se sentou em sua cadeira. Ganke sentou-se

logo atrás. Winnie Stockton, uma *bolseira* – a maneira como os garotos que ganhavam bolsas de estudos chamavam a si mesmos – da região de Washington Heights sentou-se à frente dele.

– Oi, Sra. Blaufuss – cumprimentou Miles, com um leve toque de constrangimento na voz.

Ele estava ciente de que todo mundo sabia que havia sido suspenso, e, mais importante do que isso, que todo mundo *achava* que sabia o motivo. *O garoto que sentia tanta vontade de fazer xixi que estava disposto a levar uma suspensão por isso.* Quando, na realidade, ele era *o Homem-Aranha.* Bem, desde a noite anterior, *o garoto que já fora conhecido como o Homem-Aranha.*

– E aí, Sra. Blaufuss? – disse Ganke, animadamente. – Estive trabalhando duro nos meus *sijos*.

– Esteve mesmo. – Miles balançou a cabeça negativamente, mas parou de fazer isso quando Alicia Carson sentou-se na carteira ao seu lado.

Alicia. Um belo nó em sua garganta. Toda inteligente, com a pele marrom e tranças. Um sorriso ligeiramente torto e um toque de língua presa para dar charme. Ela cheirava a baunilha, mas Miles sabia que também havia um toque de sândalo, talvez um borrifo de algum tipo de perfume logo atrás das orelhas. Sua mãe adorava o cheiro de sândalo. Queimava incenso de sândalo para acabar com o cheiro de peixe frito na casa o tempo todo.

– Oi, Miles – disse Alicia.

– Oi, Alicia.

Pelo canto do olho, Miles percebeu Ganke levantando e baixando as sobrancelhas várias vezes, como um intrometido. Miles conversava com Ganke sobre Alicia o tempo todo, e, sendo o grande amigo que era, Ganke estava sempre tentando convencê-lo de que ela sentia o mesmo por ele e que Miles devia tentar levar aquilo adiante. Miles, porém, não agia. Não

conseguia. Queria, mas toda a frieza que ele tinha, naquele momento, estava enrolada em um traje amarrotado de nylon em seu armário.

– Certo, todos vocês, aquietem-se. – A Sra. Blaufuss estava diante da sala com os dedos enfiados nos bolsos do jeans. – Espero que tenham tido um bom fim de semana. Espero que tenham reservado algum tempo para inalar a poesia que existe ao redor de todos vocês.

“A poesia que existe ao redor de todos vocês.” Normalmente, frases como essa faziam Miles se retorcer por dentro, mas a Sra. Blaufuss era capaz de dizer aquilo e sair incólume.

– Vamos passar a semana trabalhando com *sijos*, usando os primeiros dez minutos da aula para escrever. Não precisam ser perfeitos nem estar finalizados, mas quero que vocês exercitem seus músculos silábicos. – A Sra. Blaufuss flexionou o braço, como se estivesse exibindo os músculos. – Bem, alguém quer sugerir um tema para usarmos?

Chrissy Bentley, que estava sentada do outro lado da sala, levantou a mão com um movimento rápido.

– Chrissy?

– Cachorros.

– *Cachorros?* – zombou Ryan Ratcliffe.

– Isso mesmo. O que há de errado com cachorros?

Ganke inclinou o corpo para a frente e sussurrou no ouvido de Miles:

– Cara, não posso escrever um *sijo* sobre um *cockapoo*. Não vou fazer isso.

Miles sufocou uma risada.

– Certo. Então, Ryan, tem algum tema que você considera melhor? – perguntou a Sra. Blaufuss.

– Ah… eu acho… – Ryan esfregou as mãos, uma contra a outra, como se as estivesse lavando. – Amor.

A turma inteira resmungou. *Está falando sério?* Ryan “Cocô de Rato” Ratcliffe era o tipo de cara que nunca saía do alojamento sem encharcar o pescoço com água de colônia de gente velha que cheirava a pimenta do reino. Além disso, ele agia o tempo todo como se estivesse na televisão. Olhos azuis. O rosto que parecia ter sido esculpido em pedra. Dentes que pareciam feitos por encomenda com presas de elefante. O cara era *totalmente* TV. *Totalmente* asqueroso.

– Amor, hein? – disse a Sra. Blaufuss. – Ok. Bem, que tal escrevermos sobre o amor, mas de forma mais aberta? Assim, Chrissy, você pode falar sobre o quanto ama seu cão. Ryan, você pode falar sobre o quanto ama…

– A si mesmo – interrompeu Chrissy.

Risadas contidas ecoaram pela sala. Ryan era autoconfiante demais para se deixar abalar.

– Ou qualquer ideia que vocês tenham. – A Sra. Blaufuss sufocou uma risada. – Todos podem usar o tema *amor* da maneira que acharem melhor, certo? Dez minutos, começando… agora.

A classe se aquietou instantaneamente. A Sra. Blaufuss foi direto até onde Miles estava e se agachou ao lado dele.

– Ganke lhe explicou alguma coisa a respeito disso? – sussurrou ela.

– Ele… mais ou menos.

– Eu tentei – disse Ganke, alto demais.

– *Shhhhh* – pediu alguém na sala.

– Ele tentou – confirmou Miles.

– Certo. É bem simples. Três linhas. Cada uma tem que ter entre quatorze e dezesseis sílabas. E cada linha tem uma função. A primeira apresenta a situação, a segunda a desenvolve e a terceira é a reviravolta. – A Sra. Blaufuss girou a tampa de uma garrafa invisível como se a estivesse removendo. – Entendeu?

Parecia ser bem fácil, mas quando Miles começou a pensar sobre o que gostaria de escrever, particularmente algo relacionado ao amor, acabou ficando paralisado. Claro, havia a sua mãe, mas ele não sabia o que dizer a respeito dela. “Amo você” tem somente quatro sílabas. “Amo você, mãe” – cinco. “Amo muito você, mãe” – sete. Ou então ele poderia escrever sobre seu pai. Miles vinha pensando muito nele desde que voltara para a BVA na noite anterior. Pensando na conversa que tiveram na escada sobre como o tio Aaron havia sido suspenso inúmeras vezes. Sobre como a coisa mais heroica que uma pessoa podia fazer era cuidar da própria comunidade. Sobre como, às vezes, para amar alguém, você tem que ser duro com eles. Miles começou a escrever.

O amor do meu pai parece…

Miles contou as sílabas nos dedos.

Para o meu pai, amar às vezes significa…

– E o tempo *acabou* – anunciou a Sra. Blaufuss.

Ugh. Ele estava começando a pegar o jeito.

– Alguém quer compartilhar o que escreveu?

Várias mãos se levantaram, e Miles não precisou virar para trás para saber que Ganke estava acenando a sua como se fosse um maluco.

– Vejamos… que tal… você, Alicia? – A Sra. Blaufuss a indicou com um gesto, sorrindo.

Miles ouviu Ganke murchar atrás de si, sua baforada de frustração alcançando-lhe a nuca.

– Venha até a frente da sala – a professora pediu.

Alicia postou-se diante da classe toda, com o papel na mão e a tinta roxa da caneta manchando-o, aparecendo no verso.

– Qual é o nome do seu *sijo*?

– Não tem título – respondeu Alicia. Ela, então, franziu os lábios por um segundo e começou:

A vista romântica do alto é amor pra muitos
Mas estar perto das nuvens acaba com a ilusão
Talvez a beleza esteja na subida, no *gostar*.

A sala de aula aplaudiu Alicia, que sorria enquanto voltava para a sua cadeira.

– Foi incrível – disse Miles, inclinando o corpo para se aproximar dela.

Alicia era conhecia na BVA por ser poeta e comandava até mesmo o clube de poesia da escola – os Defensores do Sonho –, que, sem qualquer surpresa, tinha a Sra. Blaufuss como professora-conselheira. Miles imaginava que ela era boa no que fazia – nunca pensava nada de negativo a seu respeito –, mas jamais havia participado de algum evento do clube de poesia, particularmente porque imaginava que não compreenderia. Somente uma pessoa podia dizer coisas como "a poesia que existe ao redor de todos vocês", e essa pessoa não era uma adolescente. A menos, é claro, que Alicia dissesse aquilo. Ela poderia dizer qualquer coisa. Poderia escrever sobre o seu amor pelos malditos… *cockapoos*, e Miles encontraria alguma qualidade positiva para se apegar.

– Obrigada – disse ela, corando ligeiramente.

– Fantástico, Alicia – parabenizou-a a Sra. Blaufuss. – Vou aproveitar para dizer que Alicia e os Defensores do Sonho vão fazer um evento com o microfone aberto às seis horas da tarde no pátio interno. Vou adorar ver todos vocês ali compartilhando algumas destas obras, certo? E, como incentivo a mais, se aparecerem para o evento, vão ganhar alguns créditos extras. A poesia está relacionada com a comunidade; não somente com o expressar, mas também em ser testemunha do expressar.

A Sra. Blaufuss olhou para Miles. Créditos extras lhe seriam muito úteis nessa matéria.

– Mais uma vez, bom trabalho, Alicia.

– Ei, você acha que talvez Alicia tenha um pouco de ascendência coreana? – sussurrou Ganke na orelha de Miles.

Miles não respondeu. Simplesmente afastou as palavras de Ganke como se fossem uma nuvem de pernilongos irritantes.

No meio da cacofonia de vozes esganiçadas da cantina, Miles engoliu o que podia do seu almoço e tomou dois goles de suco de maçã, até que o sinal tocou. Os alunos, então, saltaram das mesas do almoço e encheram o corredor. Ganke, que já havia assistido à aula de Chamberlain naquela manhã, espalmou a mão de Miles antes que os dois seguissem caminhos diferentes.

– Boa sorte – disse Ganke.

– Valeu.

E que comece a música tenebrosa do órgão de tubos.

Quando Miles entrou na sala de aula, o Sr. Chamberlain estava escrevendo empolgadamente uma citação no quadro, com sua caligrafia irregular e entrecortada. Ao terminar, virou-se para encarar os alunos que ainda estavam tomando seus lugares. Sua pele era amarelada e fina, e seus lábios – por baixo da taturana peluda que ele chamava de bigode – estavam rachados por serem constantemente lambidos. Ele assumiu sua postura meditativa habitual: mãos unidas, dedos entrelaçados, o semblante fechado como um punho.

– Guerra significa lutar, e lutar significa matar – disse ele com a voz suave.

Miles se recusava a olhá-lo nos olhos. Na realidade, ele ainda se recusava a olhar nos olhos de qualquer outra pessoa, ainda constrangido pela maneira como a sua suspensão havia acontecido. Alicia, que também assistia a essa aula com Miles, estava sentada à sua frente. *Bem* à sua frente.

– Guerra significa lutar, e lutar significa matar – repetiu o Sr. Chamberlain, referindo-se à citação que havia escrito na lousa atrás dele.

Os alunos ficaram em silêncio. Ele, então, continuou, agora fechando os olhos.

– Guerra…

Um murmúrio ecoou pela sala. Para alguns, era porque estavam achando aquilo engraçado. Para outros, como Miles, era devido ao respeito… ou talvez ao medo. Para a maioria, aquilo ocorria por causa do tédio. Muitos alunos usavam a aula do Sr. Chamberlain como um momento para tirar uma soneca, dormindo enquanto ele falava diante da sala com os olhos fechados, quase como se estivesse imerso em algum transe ou sonho intenso.

– Guerra significa lutar, e lutar significa matar – repetiu ele, pela última vez. Todos os dias, recitava três vezes uma nova citação, como uma cantilena, uma invocação que trazia ao mundo o espírito de “isso é um saco”.

E… aquilo era um saco.

O Sr. Chamberlain continuou a partir do ponto onde, de acordo com Ganke, havia parado na aula anterior, explicando à sala como seria a América se a escravidão não houvesse existido.

– Pode-se argumentar que o país, como nós o conhecemos, nem mesmo existiria hoje. Os artefatos de luxo que vocês tanto amam, como seus preciosos telefones celulares, poderiam ainda ser uma ideia excêntrica e adequada a algum planeta alienígena muito longe daqui. A escravidão foi a pedra fundamental do nosso grande país. Não deveríamos simplesmente ignorar o argumento dos estados confederados que queriam mantê-la. Pode-se muito bem supor que eles não estavam lutando apenas pelo presente, mas também pelo futuro.

Enquanto o Sr. Chamberlain tagarelava, Miles se retorcia em sua cadeira. Não porque tinha de ir ao banheiro – não, ele sabia que aquilo que o Sr. Chamberlain estava declarando de maneira tão veemente era completamente

errado. Moralmente. Havia muitas outras coisas a considerar. A mais óbvia era… a *escravidão*. Seres humanos escravizados, maltratados, mortos.

Por outro lado, talvez Chamberlain estivesse querendo pagar para ver o blefe de todas aquelas pessoas – todos os alunos que ele sabia não estarem prestando nenhuma atenção. Talvez estivesse tentando deixá-los enraivecidos para que começassem a se envolver. Como Brad Canby, um brutamonte com a cara cheia de espinhas que frequentava a escola graças à fortuna da família, e que sempre estava mais preocupado em fazer os outros rirem do que em tirar notas altas. Nunca prestava atenção em nenhuma aula, e ainda menos do que isso nas aulas do Sr. Chamberlain. A julgar pelo balançar negativo da cabeça de Alicia à sua frente, contudo, Miles sabia que ela estava tão incomodada quanto ele pelo que o professor dizia. E isso foi o bastante para fazê-lo levantar a mão.

No entanto, antes que ele pudesse chamar a atenção do Sr. Chamberlain – que nunca conseguia ver as mãos erguidas, porque seus olhos estavam sempre fechados –, Miles baixou a mão. Em seguida, levou-a à têmpora.

Sua cabeça estava zunindo.

Oh, não. De novo, não.

Miles ficou sentado em sua cadeira, imóvel, tentando bloquear a voz do Sr. Chamberlain e deixar aquilo passar. *O zunido vai sumir. Não é importante. Isso não quer dizer nada.* O Sr. Chamberlain, porém, estava cutucando a ferida, agora.

– E, embora tenha recebido muito reconhecimento após a guerra por libertar os escravos, não se pode ignorar que, no início da sua presidência, as políticas de Abraham Lincoln ficaram diametralmente opostas às propostas antiescravagistas que usou em campanha.

Bzzzz. Bzzzz.

A voz do Sr. Chamberlain soava distorcida nas orelhas de Miles. *Não se levante. Vai passar. Não é nada. Provavelmente não é nada.* Ele olhou

fixamente para a nuca de Alicia, os cabelos crespos que não haviam sido trançados se encaracolando na sua direção. *E se…? Não. Mas, falando sério, e se alguém estiver machucado? E se a cidade estiver sendo destruída?* Ele continuou tentando ignorar a sensação, mas com cada pulsação vibrante vinha a possibilidade incômoda de que alguém estivesse em perigo.

Miles Morales estava tendo uma forte crise nervosa.

O garoto pensou nas pessoas que via em seu bairro se contorcendo pelo quarteirão, tentando se afastar de qualquer coisa na qual estivessem viciados. Os homens idosos trombando na porta da bodega com tremores pelo corpo, enquanto simplesmente tentavam alcançar os refrigeradores. As senhoras, coçando suas cabeças e antebraços, tentando se lembrar do caminho de volta para casa. Tentando se lembrar de quando saíram de casa. Pessoas como Cyrus Shine.

– Eles estão lutando – dizia o pai de Miles para explicar os sintomas de abstinência, a doença. – Aguente firme – dizia para as pessoas ao passar por elas com Miles.

Miles precisava aguentar firme, resistir ao impulso de salvar outra pessoa além de si mesmo, mas estava ficando zonzo. Seu coração estava batendo mais rápido do que nunca, e ele tinha a sensação de que suas veias haviam se estreitados, fazendo-o *sentir* o sangue correr pelo seu corpo.

Para tentar acalmar a mente, ele recorreu a uma rotina, um comportamento repetitivo para conseguir chegar até o fim da aula.

Bzzz. Bzzz. Bzzz. Bzzz.

Respire. Pisque os olhos para a visão não embaçar. Respire.

Sândalo. Calma.

Bzzz. Bzzz. Bzzz. Bzzz.

Ignore o som monótono da voz do Sr. Chamberlain e as baboseiras que ele diz.

– Sim, a Décima Terceira Emenda declara que não haverá mais escravidão nos Estados Unidos, exceto como punição para crimes. Talvez fosse possível argumentar que a escravização dos nossos criminosos ainda esteja mantendo o nosso grande país vivo.

Aquela afirmação foi como uma agulha enfiada na coluna vertebral de Miles, enrijecendo-lhe o corpo, forçando-o a olhar para cima. Seu olhar cruzou com os olhos de Chamberlain, que, de maneira surpreendente, abriram-se por um único momento, fitando-o diretamente. Em seguida, Chamberlain fechou-os, empederniu o rosto e concluiu a frase:

– Ou seja, nas mentes dos nossos antepassados Confederados.

Bzzz.

Respire. Pisque os olhos para a visão não embaçar. Respire.

Ele estava… sorrindo?

Sândalo. Calma.

Alicia, sentindo o olhar penetrante de Miles em sua nuca, como se ele fosse algum pervertido, virou-se para o lado e o notou pelo canto do olho. E abriu aquele sorriso torto, com uma covinha se formando em sua face, profunda o bastante para que o garoto quisesse mergulhar nela.

Sândalo. Calma. Respire. Respire.

Até que, finalmente… *finalmente*… a campainha soou. As pernas das cadeiras rasparam o linóleo do piso conforme as pessoas se levantavam. Miles se ergueu lentamente, com um anel de suor ao redor da gola da camisa, aliviado. Havia conseguido.

– Você acha que ele está falando sério, ou que está dizendo isso só para mordermos a isca? – indagou Alicia em voz baixa para Miles enquanto guardava os livros na mochila.

– Ah… não sei – disse Miles, enxugando a testa e fechando o zíper da mochila.

O Sr. Chamberlain estava apagando a citação que havia escrito no início da aula. Miles encarou as costas do professor com uma careta.

– Por que você está com essa cara? – perguntou Alicia, estudando o rosto do colega.

Miles deu-se conta do que estava fazendo e transformou a careta em um sorriso. Alicia, porém, parecia estar duplamente confusa agora.

– E agora, por que você está com *essa* cara? Você *gostou* daquilo?

– Como assim? Da aula? – Miles baixou os olhos por um momento para se recompor. – É claro que não. Não. *Não.*

Sua cabeça ainda zunia, seu estômago ainda estava embrulhado e o suor ainda brotava da sua pele. Provavelmente aparentava estar com pneumonia. *Não desmaie*, pensou ele. *Não desmaie.* E enquanto se concentrava para não desmaiar, ele também sabia que não podia deixar passar a oportunidade de dizer algo agradável sobre Alicia, fazer um elogio, mas não sobre a sua aparência, seu cheiro agradável ou o discreto som de F que ela usava no lugar de todos os S. Miles precisava dizer algo capaz de contrabalançar a expressão esquisita que tinha no rosto. Foi então que se deu conta de algo: podia lhe dizer o quanto havia gostado do seu poema. Sobre estar perto das nuvens. Sobre o amor. E gostar.

– Ei, eu… ah… olhe, isso é meio aleatório, mas eu gostei do seu po… – ele começou a dizer, mas as palavras ficaram presas debaixo do nó que se formou em sua garganta, engolindo-o de volta.

Miles tentou mais uma vez, já sem o sorriso. Um arroto lhe escapuliu. Alicia inclinou a cabeça para o lado.

– Desculpe. – Miles cobriu a boca para bloquear o hálito com odor de arroto. – Eu estava dizendo que… – As palavras ficaram entaladas em sua garganta outra vez. – Eu estava dizendo que gostei do seu… do seu…

Subitamente, eram mais do que somente soluços ou arrotos. Estava sentindo ânsia de vômito. Alicia recuou um passo, encarou-o com um olhar

intenso e uma expressão de preocupação no rosto.

– Miles?

– Desculpe, desculpe, eu… – Ele cobriu a boca com a mão e sentiu o corpo se projetar para a frente. – Oh… meu Deus, eu…

E em seguida se afastou de Alicia, passando pelo Sr. Chamberlain, quase atropelando os alunos que ainda estavam na porta da sala de aula, correndo para o banheiro.

Bzzz.

Bzzz.

Bzzz.

MILES
MORALES
HOMEM-ARANHA

5

– *E aíííííííí?* – Ganke entrou aos trambolhões no quarto do alojamento, empunhando alguns envelopes em uma das mãos e agitando uma folha de papel laranja na outra.

Miles estava deitado na cama, de lado, escrevendo sua melhor versão de um *sijo*. Ele ergueu o rosto para olhar para Ganke, e este diminuiu o passo.

– O que deu em você? – o amigo perguntou.

Miles deixou a caneta em cima do caderno.

– Eu conversei com Alicia. Tipo, *conversei* mesmo com ela, de verdade.

– Certo, e…

– E… eu quase vomitei em cima dela.

– Espere. É sério isso aí? Quase vomitou em cima dela? Tipo… vomitou penne ao molho pesto e…?

– Sim, cara – disse Miles, interrompendo o amigo.

Ganke retesou os músculos do pescoço para sufocar um sorriso, mas não foi capaz de segurá-lo por muito tempo. Ele jogou os envelopes sobre a mesa e levou a mão à boca para abafar o riso.

– Isso *não é* engraçado – resmungou Miles.

– Oh, eu sei que não é. Ou melhor, é sim. Mas também não é. Porque é uma coisa… *nojenta*. Como se não houvesse água quente em todo o planeta que pudesse fazer você se sentir limpo outra vez. Acho que eu teria que descobrir se existe algum tipo de cirurgia para trocar de pele se alguém me acertasse com um meteoro de vômito – disse Ganke, fingindo que estava engasgado. – É sério, cara. Imagine se…

– Pô, você quer ouvir o que aconteceu ou não?

– Quero, quero. Desculpe.

Miles fez um resumo da história – a aula de Chamberlain, o sentido aranha esquisito, a conversa com Alicia e, é claro, a quase golfada, que levou a uma

corrida desesperada pelo corredor até o banheiro dos garotos.

– Mas quando eu cheguei diante de uma das privadas, a sensação havia desaparecido. Meu sentido aranha finalmente se desligara, ou… sei lá.

– O quê?

– Nada, eu simplesmente… não sei. – Miles coçou o queixo. – Chamberlain me olhou de um jeito estranho.

– Estranho como?

– Ah, foi… estranho. Não sei explicar. – Miles parou por um segundo para pensar naquele momento durante a aula. O que estava sentindo. O olhar abrasador de Chamberlain. – Sabe como toda vez que o meu sentido aranha começa a pirar, e eu saio correndo para ver o que está acontecendo e nunca encontro nada?

Ganke assentiu, e Miles continuou:

– Bem, e se for algo que está *dentro* da sala de aula?

– Você acha que…

– Por exemplo… e se for ele quem está disparando o meu sexto sentido?

Ganke olhou para Miles de lado, e em seguida fechou os olhos e balançou a cabeça sem conseguir acreditar.

– Olhe, Chamberlain é *definitivamente* pirado. Do tipo que podia estar num hospício. Os absurdos que ele diz na sala de aula são prova disso, com certeza. Além disso, você *sabe* que ele come coisas como queijo cottage, e qualquer pessoa que coma essa porcaria é cruel, não somente com quem está à sua volta, mas também com a sua própria língua e a bunda, porque ouvi dizer que queijo cottage faz as pessoas…

– Ganke. – Miles ergueu a mão, silenciando o resto da frase.

Ninguém queria pensar no Sr. Chamberlain daquela maneira.

– Estou só dizendo, irmão. Eu adoro você, mas, cara… acho que você está exagerando. E eu entendo. Você precisa encontrar uma desculpa para superar o fato de que ferrou qualquer oportunidade que tinha com Alicia.

Miles bufou pelas narinas, estapeou o rosto e massageou a testa.

– Acho que sim. Talvez você esteja certo.

– *Exceto* pelo fato de que… talvez não. – Ganke deixou a folha de papel laranja flutuar até cair sobre a cama de Miles. – Pelo menos, não em relação à Alicia.

Ganke fez um sinal malandro com a cabeça enquanto Miles pegava o papel e o trazia para diante do rosto.

A TURMA DO ÚLTIMO ANO DA BVA, EM CONJUNTO COM O DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, APRESENTA:
O FESTIVAL DE ZUMBIS DA ESCOLA

Miles bateu com o papel no colchão.

– Ganke, nós nunca vamos a esses eventos.

– Eu *sei*. Só achei que valia a pena tentar, já que você insiste em dizer que os seus dias de super-herói terminaram. Desde que decidiu que as pessoas não precisam mais ser salvas. E eu entendo! Por que você deveria ser responsável por cuidar das vidas de tanta gente estranha *apenas* por ter força sobre-humana? – Ganke virou o rosto de maneira dramática.

– Eu já saquei o que você está tentando fazer.

– Vamos lá – implorou Ganke, voltando a ficar de frente para Miles. – A cidade *precisa* de você, especialmente no Halloween. E, mesmo que isso seja uma oportunidade para tentar consertar as coisas com Alicia – ele apontou para o papel –, é *isso* que você é. O que você faz. – Ganke estendeu os braços, com as palmas para cima, e fingiu que disparava teias. – Você é o Homem-Aranha, goste ou não.

– Ganke… pare com isso. – O tom de voz de Miles mudou.

O garoto esticou o braço e pegou o convite, lendo rapidamente os detalhes. Judge, um bolseiro que cresceu na região de Flatbush, seria o DJ da festa. Se ele estivesse controlando a música, isso seria uma garantia de que o

evento seria animado. Miles estudou o convite outra vez, como se fosse alguma espécie de código para ser legal. Ou para conhecer garotas. Ou para conhecer garotas legais. Como Alicia. Ou… apenas para se divertir como Miles Morales. *Não* como o Homem-Aranha.

Depois de alguns momentos, ele voltou a se deitar na cama, e o convite para a festa escorregou de cima do colchão e caiu suavemente no chão. Sempre ouvira coisas ótimas sobre a festa de Halloween. E Ganke tinha razão, eles não haviam ido à festa no primeiro nem no segundo anos; em seguida, foram forçados a engolir uma semana inteira de exibição de selfies e fotos de grupos nas mídias sociais. Isso para não mencionar a pegadinha anual do Halloween. *Ugh.* Miles sempre agia como se aquilo não o incomodasse. Como se não se abalasse pelas expressões de alegria nos rostos de todo mundo. Na verdade, porém, aquilo o afetava. Um pouco.

Ganke, contudo, não insistiu nos assuntos, nem em relação à festa nem em relação à "aposentadoria" de Miles. Apenas deixou a questão no ar até que, do nada, o despertador de Miles tocou. Ganke ficou surpreso.

– Cara, você já está acordado. – Àquela altura, Ganke havia puxado um livro grosso de dentro da mochila e o apoiado sobre o colo. Também tirara os tênis e estava cheirando o interior deles. *Fala sério, por que fazer isso?*

– Eu sei, mas coloquei o despertador para tocar caso eu acabasse dormindo. Assim, não chegaria tarde para o trabalho. E, por falar nisso, eu queria não ter que trabalhar hoje, porque gostaria de ir ao evento de poesia.

Miles não conseguiu acreditar no que acabava de dizer, mas precisava de mais do que somente se redimir com Alicia – precisava do crédito extra também. Miles ergueu o tronco para ficar sentado na cama, esfregou as mãos no rosto, de cima para baixo, como se estivesse enxugando o cansaço, e em seguida pegou o caderno com suas tentativas fracassadas de compor *sijos* do canto da cama.

– Como é que eu vou conseguir trabalhar para tirar um pouco do peso das costas dos meus pais e conseguir tempo para ganhar mais créditos? – Depois de uma pausa relativamente longa, Miles simplesmente perguntou: – Se eu não for a essa festa, você iria sem mim?

– Depende. Você vai deixar de ir à festa porque tem que vigiar a cidade, vestido com um uniforme colante e uma máscara?

– Não.

– Então eu iria.

Miles soltou um grunhido e olhou para o convite que estava no chão, um desenho cafona de sangue escorrendo e emojis de fantasmas acima do texto.

– Tudo bem. – Ele jogou a expressão aleatoriamente no ar como se fosse óbvio ao que ela se referia.

– Tudo bem… o quê? – Ganke estava claramente confuso.

– Tudo bem, estou dentro. – Suspirou Miles.

– Dentro…?

– Deixe disso, Ganke. Você sabe do que eu estou falando.

– A festa de Halloween? – Sua boca se retorceu em uma carranca duvidosa. – Tem certeza de que não acha que seria melhor… você sabe… – Ganke fez aquela imitação horrenda de lançar teias outra vez.

– Tudo de que eu preciso é… não… ser… tudo isso – disse Miles, desajeitadamente. – Ei, nós vamos ou não?

E, dessa maneira simples, ficou tudo decidido.

Enquanto Ganke, que agora borbulhava de empolgação, tagarelava ideias para as fantasias que eles poderiam usar, Miles se vestia para ir trabalhar. Quando fechou o zíper da mochila e enfiou os pés nos tênis, ele perguntou a Ganke no tom mais casual possível:

– Aliás, o que você vai fazer? Vai para o evento do clube de poesia?

– Ainda não sei. Eu… eu quero ir, porque, você sabe… fiquei empolgado. Mas também tenho que fazer a lição de casa de Química. – Ele tamborilou os

dedos sobre o livro que estava sobre o colo. – Nada como um monte de ligações químicas para agitar a noite.

– Eu adoraria – respondeu Miles, com um sorriso maroto. – Bem, se por algum motivo você for até lá, pode pedir desculpas a Alicia por mim? – Ele jogou o caderno na mochila e pendurou-a sobre ombro. Foi em direção à porta, mas parou diante da escrivaninha de Ganke e deu uma olhada nas cartas que haviam recebido. Uma delas exibia o seu nome. Miles a enfiou no bolso de trás das calças.

– Sim, sim, deixe comigo – disse Ganke, erguendo o polegar. – Se eu for, vou dizer a ela.

– Valeu, cara.

E, quando Miles fechou a porta por trás de si, Ganke gritou:

– Que você a ama!

• • •

Conveniência do Campus: a loja que enoja. O emprego de Miles era parte do programa de estudo e trabalho, e era basicamente a sua estratégia para conseguir um quarto e refeições de graça de modo que seus pais pudessem dormir embaixo de um teto firme. O preço dos aluguéis em seu bairro subia anualmente e sempre havia o temor de que o dono do imóvel – um homem chamado César, que ninguém nunca via – o vendesse, o que faria Miles e seus pais terem de correr atrás de uma casa nova. Miles já havia visto aquilo acontecer antes. Um senhor chamado Oscar, que morava no fim do quarteirão. Viveu lá durante a vida inteira de Miles. Até que uma placa dizendo VENDE-SE surgiu ao lado da sua escadaria. Até que as pessoas começaram a andar ao redor do imóvel, olhando para as janelas, fazendo anotações em cadernetas, digitando em telefones celulares. Até que o Sr. Oscar passou a não morar mais lá.

Sempre que Miles pensava naquilo, imaginava sua mãe e seu pai apinhados no dormitório do alojamento junto com ele e Ganke, sua mãe tentando assar bananas no micro-ondas aos domingos. Miles, dormindo na cama de Ganke, um com a cabeça encostada nos pés do outro, enquanto uma nova família se mudava para a sua casa. Uma família como a de Brad Canby ou a de Ryan Ratcliffe. Uma família que comia em pratos de porcelana chinesa da boa todas as noites.

Era uma imagem ridícula, mas a motivação suficiente para fazê-lo continuar trabalhando.

No entanto, o aspecto interessante era que a Conveniência do Campus, *convenientemente*, não vendia nada que adolescentes de verdade precisassem. Nada de carregadores de celular nem esmalte de unhas. Somente cadernos com páginas destacáveis ou encadernados com espiral. Canetas de ponta porosa ou esferográficas. Lápis número 2 ou lapiseiras. E, é claro, salsichas enlatadas. E o trabalho de Miles era cobrar os professores e alunos que entrassem para comprar alguma coisa. O que, por sua vez, significava que o trabalho de Miles era não fazer nada. Porque ninguém queria salsicha enlatada.

Miles estava debruçado sobre o balcão, navegando em um bote inflável por um mar de papel higiênico de folha simples e furadores de papel. Não havia nada para fazer, ninguém com quem conversar, e o que deixava as coisas ainda piores era a música – saxofones que formavam uma trilha sonora perfeita para aquela desolação em forma de local de trabalho.

Assim, o garoto fez o que sempre fazia no trabalho: a lição de casa. Terminara a de Química e concluíra rapidamente a de Cálculo antes de sair do quarto. E não havia lição de História, como de costume. O Sr. Chamberlain tinha estruturado o curso de modo que toda a nota se baseasse somente em provas. Nada de crédito extra. Nada de trabalhos. Simplesmente ouvir e… regurgitar.

Assim, estavam ali somente Miles e o *sijo*. O tema, um pedaço de bolo e uma faca no estômago ao mesmo tempo: escreva sobre a família. Aquilo vinha lhe causando dificuldades desde que ele começara, horas antes. No entanto, antes que pudesse, mais uma vez, invocar o seu Edgar Allan Poe interior, Miles lembrou-se do envelope que tinha no bolso de trás da calça. Ele o pegou e examinou o endereço do remetente, que não havia se incomodado em olhar quando estava saindo pela porta:

Austin Davis
Estrada da Fábrica Velha, 7.000
Brooklyn, NY, 11209

Aos cuidados de:
Miles Morales
Brooklyn Visions Academy
Salão Patterson, qt. 352
Brooklyn, Nova York, 11229

Miles deslizou o polegar ao longo da aba e lentamente rasgou o envelope para abri-lo. Tirou a carta do seu interior, desdobrou-a, revelando linha após linha de palavras escritas a lápis, compostas inteiramente em letras maiúsculas.

MILES,
SE VOCÊ ESTIVER LENDO ESTA CARTA, SIGNIFICA QUE A MINHA AVÓ REALMENTE SABE COMO USAR A INTERNET. ELA ME DISSE QUE IA PROCURAR POR VOCÊ. E AGORA VOCÊ

PROVAVELMENTE ESTÁ IMAGINANDO QUEM SOU EU E QUAL É O MOTIVO DESTA CARTA. MEU NOME É AUSTIN. O NOME DO MEU PAI ERA AARON DAVIS. SE A MINHA AVÓ ESTIVER CERTA, AARON DAVIS ERA O SEU TIO, O QUE ME TORNA SEU PRIMO.

Os olhos de Miles correram pelo trecho “o que me torna seu primo” várias e várias vezes, principalmente porque não sabia que seu tio tinha filhos, e também porque não tinha nenhum outro primo. “O que me torna seu primo.” O tio Aaron tinha um filho? “O que me torna seu primo.” Miles continuou a ler. Outras palavras saltaram da página como *quinze*, *preso* e *se você responder a esta carta.*

Preso.

Primo.

Austin.

Quando Miles chegou ao fim da carta, ele voltou ao início, lendo-a novamente do começo ao fim. Sua saliva ficou acre, uma substância pegajosa que lhe escorria lentamente pela garganta. Não sabia o que pensar, ou mesmo se deveria acreditar no que estava lendo. Não conseguia. Aquilo não podia ser verdade. Como o tio Aaron podia ter um filho sem que Miles soubesse a respeito? Seu pai sabia? Ele tinha que saber. Por outro lado, talvez não, porque ele e Aaron nunca disseram nada. Mesmo assim… ele devia saber. Além disso, Miles conversava com Aaron o tempo todo. Bem, costumava conversar, antes de… antes. Será que Aaron não faria algum comentário?

Será que havia alguma coisa que pudesse dar algum indício? Uma fotografia? Alguma outra coisa?

Um baque alto arrancou Miles do transe em que estava. Um grupo de estudantes irritantes havia passado diante da loja, batendo no vidro da vitrine. Miles instintivamente dobrou a carta como se houvesse sido apanhado fazendo algo errado, mas depois, quando colocou os olhos nos babacas da turma descolada da BVA, relaxou. Não pareciam ser o tipo de gente que se interessava por poesia, mas imaginou que estavam indo para o pátio interno para assistir ao evento assim mesmo – todo mundo adorava Alicia e sua turma. Imaginou que pelo menos um deles acabaria entrando na loja, talvez para comprar algum doce, água mineral, salsichas em lata, contar uma piada idiota, ouvir a provocação de algum garoto rico que tipicamente tinha o som de um peido folheado a ouro… qualquer coisa que pudesse acabar com o tédio. Mas… nada disso. Eles continuaram andando, deixando Miles ocupado com seus pensamentos, com o conteúdo da sua carta, com a ideia de Austin – e Aaron – dançando fora do ritmo em sua mente ao som da música ambiente de saxofone.

Ele voltou a desdobrar a carta. Havia sido dobrada em terços para caber no envelope, e ficou óbvio que Austin teve problemas para dobrá-la do tamanho certo, a julgar pelas diferentes marcas que indicavam os vincos no papel. Assim que a carta estava aberta outra vez, ele ouviu outra batida no vidro. Desta vez, porém, era Ganke. Seu rosto estava contorcido contra a vitrine, como se tivesse acabado de esbarrar com o grupinho que passou por ali havia alguns instantes. Ele manteve o rosto pressionado contra o vidro, com os lábios se retorcendo em um sorriso grudento como se fossem feitos de lava. Em seguida, tirou a cara do vidro e abriu a porta com um puxão.

– Desculpe por interromper. Eu sei que essa é a hora mais movimentada do seu turno – disse Ganke, em pé diante do balcão com os braços abertos, girando em círculos.

– Ah, deixe disso. – Miles dobrou a carta outra vez. – Você não devia estar fazendo a sua lição de casa?

– Sim, pois é. Eu terminei a maior parte da lição de Química e comecei a trabalhar no meu *sijo*. Mas o tema é… não sei… acabei ficando um pouco travado.

– Família?

– É, cara. – A voz de Ganke deslizou do tom de piada para um mais sério. – Por exemplo, o que eu poderia escrever? Meus-pais-se-se-pa-ra-ram-e-por-is-so-eu-es-tou-tris-te? – Ganke contou as sílabas nos dedos. – Essa é uma frase verdadeira, mas não é exatamente minha obra-prima.

– Sei como é. Eu estava trabalhando no meu *sijo* agora há pouco e já estava difícil, mas, depois de ler isto aqui, parece ainda mais impossível. – Miles estendeu a carta de Austin para Ganke.

Ganke pegou a carta, desdobrou-a e começou a lê-la. Seus olhos correram pela página, ficando cada vez mais arregalados com cada palavra.

– Quem…? – Ganke tirou os olhos da página. – Quem mandou isso aqui?

– Você leu. Aparentemente, meu tio tinha um filho. Chamado Austin. Que tem quinze anos. E está na cadeia. – Somente fatos. Nada de sentimentos.

– Uau. – Ganke voltou a dobrar a carta e devolveu-a para Miles. – Vai contar para o seu pai?

– Não sei – disse Miles, enfiando a carta de volta no envelope. Ele o dobrou ao meio e o guardou no bolso pequeno da mochila. Quando ergueu os olhos para encarar Ganke outra vez, uma expressão de estresse estava emplastada em seu rosto. E então balançou a cabeça. – Bem, mas o que você veio fazer aqui? Precisa de alguma coisa?

– Se eu preciso de alguma coisa? Está falando sério, Miles? – provocou Ganke, cada palavra encharcada de ironia. – Eu vim para lhe dizer que estou indo para o evento do clube de poesia. Espero que o crédito extra ajude a equilibrar a minha nota por não conseguir fazer meu *sijo*, caso o tema sobre a

família… você sabe… me deixe empacado. – Um lampejo de dor passou pelo rosto de Ganke, mas sumiu com a mesma velocidade que apareceu. – Além disso, queria que você soubesse que eu também ia dar uma ajudinha para você. Entendeu? Dar uma *ajudinha*? Uma *ajudinha*? Com Alicia? No evento de poesia com microfone aberto? *Ajudinha?*

– Saquei.

– Legal.

– Por favor, vá embora.

– Vou entender isso como um "obrigado". E não tem de quê. – Ganke jogou as palavras para Miles como se estivesse lhe passando a bola num jogo de basquete ao sair da loja. Deixando Miles sozinho.

Miles se encostou no balcão, usando os cotovelos para se apoiar, ainda tentando assimilar aquela história sobre Austin. Imaginou se deveria contar ao seu pai. Ou se deveria responder à carta. Ou talvez simplesmente ignorá-la. Além disso, como ele poderia ter certeza de que aquilo era verdade, que essa pessoa era realmente seu primo? Miles poderia visitá-lo. Essa era uma opção. Mas, na verdade, não. Não *era* uma opção. Precisaria pedir a um de seus pais que o levasse à cadeia; e contar ao seu pai – embora fosse outra opção – também não era uma ideia muito boa. Ele não queria ter nenhum contato com Aaron e insistia que Miles fizesse o mesmo; assim, havia uma boa chance de que Jeff quisesse que esse embargo continuasse intacto. Miles, contudo, não conseguia desviar seus pensamentos daquela situação. Sobre como Austin seria. Sobre como ele fora parar atrás das grades. Sobre o que Austin sabia sobre a morte do pai.

O sentimento de culpa o atingiu com força, fazendo cada osso do seu corpo tremer enquanto um solo de saxofone ecoava pelos alto-falantes. No entanto, não havia nada a fazer, nenhum lugar onde pudesse colocar aquela culpa, exceto – e ele não conseguia acreditar que estava cogitando essa possibilidade – a sua lição de casa. A poesia que tinha que escrever. Pelo

menos uma vez, o fato de a loja estar vazia e entediante pareceu uma coisa boa.

Miles puxou o caderno de dentro da mochila, abriu-o e olhou para o que já havia escrito no dormitório. Em seguida, arrancou aquela página, amassou-a em uma bola e fez um arremesso de três pontos para acertá-la no cesto de lixo. E errou. Basquete realmente não era o seu forte.

Ele começou outra vez. Na verdade, ficou olhando para o papel e pensou em começar de novo, esperando que as palavras na sua cabeça pipocassem sobre a página. Não havia nem mesmo pegado sua caneta ainda.

Austin. Aaron. Meu pai.

Família. Esse era o novo tema da Sra. Blaufuss. “Escreva dois poemas *sijo* sobre a sua família. Algo que você ama e algo que não ama.” Miles continuou encarando a página, o saxofone tocando sem parar ao fundo, tornando-se difícil pensar em uma família cuja trilha sonora fosse totalmente diferente daquela música suave.

Finalmente, ele pegou uma caneta na bolsa.

~~O QUE EU AMO~~
O QUE EU ODEIO
~~Jazz como música ambiente~~
Odeio meu pai se diz que minha quadra é meu fardo
Se pede que eu cuide da família que não criei
~~Para apagar o sangue que ele deixou nas ruas~~
Como se tivesse que consertar algo que não quebrei

O QUE EU AMO
Minha mãe dizendo “filho, o jantar está pronto”
E beijando meu pai enquanto arrumo a mesa
~~Se ao menos fôssemos como ela~~
~~Se ao menos todos fossem tão gentis e amáveis~~

Vendo-nos como se fôssemos perfeitos, mas não somos

Miles escrevia e riscava, escrevia e riscava, várias e várias vezes, tentando encontrar as palavras certas, chegar ao número certo de sílabas. E o resultado que conseguiu, o texto que finalmente conseguiu produzir, ele detestou. *Ugh*. Um poeta teria um domínio maior da linguagem. Uma compreensão melhor sobre como agrupar palavras ou pelo menos comunicar uma ideia coerente. *Modelo A: Austin, se realmente formos parentes, eu gostaria que tivéssemos nos conhecido há muito tempo. Ser filho único significa que você tem que lutar todas as suas batalhas sozinho. Além disso, eu sempre quis um beliche.* Ou então, *Modelo B: Alicia, eu gosto de você. Gosto do jeito que você pensa, da sua aparência, do jeito que o seu cabelo se encaracola na nuca, e queria convidá-la para dividir uma caixinha de* nuggets *de frango no refeitório, como prévia do* chicharrón de pollo *da minha mãe em um domingo, num futuro próximo*. Em vez disso, porém, tudo que Miles tinha em mãos era uma poesia que valeria uma nota C, no máximo, e o episódio de quase ter vomitado.

Mais garotos passaram diante da loja. E Miles imaginou o que mais ele diria a Alicia se conseguisse simplesmente encontrar a coragem. Era frustrante poder lutar contra monstros dez vezes maiores do que ele e não conseguir fazer sua boca cooperar sempre que estivesse na presença dela. Assim, correndo o risco de se constranger pelo menos na própria mente, ele rabiscou outro *sijo*. Este não era parte de nenhum outro trabalho.

SEM TÍTULO

Não sei, pessoas ainda escrevem cartas de amor?
E, se esta for uma, desculpe-me por lhe dizer
Eu sempre soube, desde o começo: é sândalo.

Outro grupo – com bonés de times de beisebol, moletons da escola com capuzes – passou diante da loja. E mais outro. Parecia que a escola inteira

estava indo ao evento de poesia. Ganke provavelmente já estava lá. E provavelmente já havia dito a Alicia o que Miles pedira, o que poderia ser um pensamento reconfortante. Miles, porém, sabia que a probabilidade de que Ganke simplesmente abordasse Alicia e dissesse “Ei, Alicia, Miles pediu que eu lhe dissesse que ele quer se desculpar pelo que aconteceu hoje” era basicamente um número negativo que o Sr. Borem ainda precisava ensinar.

Isso, junto com o fato de que Miles havia escrito o que achava serem dois poemas horríveis (embora o terceiro, sobre Alicia, estivesse aceitável) e que certamente *precisaria* do crédito extra, foi o que faltava para que tomasse sua decisão. Ele tinha que ir ao evento de poesia. Tinha que se certificar de que sua presença seria notada e tinha que entregar o poema para Alicia. Poderia simplesmente entregar-lhe o pedaço de papel sem fazer um grande alarde sobre tudo. Ela poderia lê-lo quando voltasse ao seu quarto, e amanhã os dois teriam pelo menos uma conversa humana a respeito. Talvez. Provavelmente. Se tudo desse certo.

Mas como? Como ele iria sair do trabalho? Não podia simplesmente ligar para alguém e pedir que cobrissem sua falta. Bem, ele poderia, mas, nesse caso, teria que mentir sobre estar doente e todo o resto, e não estava a fim de levar nenhuma mentira a esse ponto. A única solução que conseguiu imaginar era sair da loja por alguns minutos, correr até o pátio, certificar-se de que a Sra. Blaufuss soubesse que ele estava lá, dizer o que precisava dizer a Alicia e depois voltar para a loja antes que alguém chegasse. Ele já estava na loja fazia uma hora sem que um único cliente entrasse. Havia uma boa chance de que ninguém perceberia a sua ausência.

Primeiro, porém, tinha que descobrir o que iria fazer com a câmera.

Somente uma câmera fazia a segurança do local, e ela ficava logo acima da sua cabeça. Miles não sabia se o diretor Kushner mandava alguém verificar as imagens gravadas, mas havia uma boa chance de que ninguém as conferisse. Seria perda de tempo rever a gravação de segurança que mostrava

a parte de trás da cabeça de Miles, dia após dia, e ocasionalmente pegá-lo tirando uma soneca. Por via das dúvidas, contudo, precisava desconectá-la, pelo menos durante o tempo em que estivesse fora.

Baseado no que havia visto em todos os filmes de assalto a banco a que assistira com o seu pai, Miles sabia que um dos pontos cegos mais consistentes em todas as câmeras de vigilância fica logo abaixo delas. E, se fizesse a coisa do jeito certo, a gravação iria mostrar que ele saíra do enquadramento por um momento e em seguida voltara ao plano de filmagem.

Miles recuou o máximo que podia, até estar quase prensado contra a parede, com a câmera diretamente sobre si. Aguçou as orelhas para ver se havia outros alunos por perto. Não ouviu nada. Em seguida, com uma velocidade impressionante, ativou o modo de camuflagem e o seu corpo inteiro, incluindo as roupas, mesclou-se com a tinta e a textura de casca de ovo da parede. Escalou a parede até que seus olhos estivessem no mesmo nível da câmera. Havia um cabo preto e grosso, que obviamente conectava a câmera à fonte de energia. Ele o segurou e deu um puxão. Em seguida, voltou para o chão, desativando a camuflagem como se estivesse literalmente saindo do interior da parede. Aguçou as orelhas outra vez para detectar se havia outros alunos se aproximando, mas não ouviu nada. Em seguida, arrancou o *sijo* sobre Alicia do caderno, dobrou-o, enfiou-o no bolso e escapuliu pela porta.

O pátio era somente uma área cimentada no meio do campus com um pequeno chafariz e uma fonte, onde os alunos do último ano jogavam as chaves dos seus quartos do alojamento antes de se formar. O diretor Kushner multava todo aluno que não devolvesse a chave antes de subir ao palco, mas ninguém se importava com aquela mixaria – jogar a chave no chafariz era uma tradição. Quando Miles chegou, os bancos estavam todos ocupados,

garotas amontoadas nos colos umas das outras, rapazes empoleirados nos cantos dos bancos de madeira. Todos os outros estavam ao redor da fonte das chaves, escutando a pessoa que estava recitando naquele momento.

É claro, Ryan “Cocô de Rato” estava no meio do seu poema enquanto Miles circulava pelo perímetro da multidão:

Preciso que você saiba que eu vou estar aqui
Porque amo você hoje, e vou amá-la no ano que vem
E sei que pareço frio
Mas é somente porque temo que você partirá meu coração
Não parta meu coração.
Meu coração. Não o parta, garota.

A voz de Ryan havia assumido um tom mais sexy para a poesia. Enquanto as pessoas batiam palmas sem muita empolgação e faziam sinais negativos com as cabeças e Ryan se curvava para agradecer a eles – é claro que Ryan lhes agradeceria dessa forma –, Alicia emergiu do meio das pessoas. Miles não conseguiu vê-la a princípio, somente o coque de tranças no alto da sua cabeça. Mas ela subiu na mureta do chafariz.

E, quase como se aquilo fosse a deixa perfeita, o zunido na sua cabeça e no seu estômago começou.

– Vamos dar uma salva de palmas para Ryan, galera! – disse ela com um entusiasmo forçado. – Obrigado por compartilhar sua obra conosco. Vejamos quem é o próximo.

Enquanto Alicia lia a lista de poetas e artistas numa folha amarrotada de papel, Miles esquadrinhou o local para encontrar Ganke, esticando o pescoço para tentar vislumbrar os cabelos negros como carvão de Ganke naquele mar de ruivos, castanhos e loiros. Olhou para a esquerda. Winnie Stockton, que só conseguia estar ali porque optara por cumprir seu horário de trabalho e estudo pela manhã, antes das aulas, e aos finais de semana, estava entre a Sra.

Blaufuss e o Sr. Chamberlain. *O que ele está fazendo aqui?* Miles considerou aquilo a princípio, mas percebeu que o Sr. Chamberlain se encaixava no estereótipo de tudo que Miles detestava nos poetas. Supersério. Mãos pressionadas uma contra a outra. Olhos fechados. Repetindo várias vezes o que falava, apenas para impressionar. *Ugh.*

Rapidamente, Miles correu até onde a Sra. Blaufuss estava. Afinal de contas… era uma questão de prioridades.

– Oi, Sra. Blaufuss.

– Miles! – a Sra. Blaufuss abriu um sorriso quando o viu. – Que bom que você conseguiu vir!

– Obrigado. Ah, eu só vou poder ficar por um segundo porque… – *Bzzzz. Lute contra o impulso. Afaste-o. Você sabe que não é nada.*

– Porque você devia estar trabalhando, não é mesmo, Morales? – interveio o Sr. Chamberlain.

Miles e o professor se encararam fixamente. E, novamente, havia alguma coisa ali, algo logo atrás das pupilas do Sr. Chamberlain, que se retraía para receber menos luz. Algo… estranho. O tom de voz do Sr. Chamberlain foi ríspido o bastante para que a Sra. Blaufuss abrisse a boca para protestar.

– Miles – disse a Sra. Blaufuss, olhando feio para o Sr. Chamberlain. – Fique o tempo que puder. Já marquei o seu nome. – Ela anotou o nome dele numa caderneta.

O Sr. Chamberlain se afastou. Não para outro lugar no meio dos alunos, mas para fora do pátio, como se um olhar sisudo da Sra. Blaufuss bastasse para derreter o seu coração gelado.

– Obrigado – disse Miles, abalado e confuso, mas feliz pelo Sr. Chamberlain ter ido embora.

Na verdade, o garoto estava feliz por isso e *também* pelo crédito extra. Agora, com a primeira parte das suas tarefas concluídas, era hora de completar a segunda.

Ele voltou a prestar atenção em Alicia, que estava lendo um poema curto que disse ter sido escrito por sua bisavó na época da renascença do Harlem. Essa era outra coisa diferente sobre Alicia. Ela fazia parte da chamada “Realeza do Harlem”. Dinheiro negro das antigas. Descendente de artistas que viviam em contato com pessoas como Langston Hughes e Jacob Lawrence. Na verdade, sua família fazia doações polpudas para a BVA, o que tornava possível para a escola conceder bolsas a garotos como Miles, Winnie e Judge e tê-los entre seus alunos.

– Minha bisavó e seus amigos eram os Defensores do Sonho em sua época. E, assim, é um prazer chamar ao microfone alguém que, em minha opinião, é uma das maiores entre nós. – Alicia percebeu Miles enquanto terminava a sua apresentação, e um sorriso pouco habitual se formou em seu rosto. – Deem uma recepção calorosa à minha garota, Dawn Leary.

Quando Dawn estava no palco, Alicia abriu caminho por entre a multidão para chegar até onde Miles estava. Ele levou a mão ao bolso e pegou o pedaço de papel dobrado – o poema. O poema que escreveu para ela. Ao mesmo tempo, vindo da direção oposta – do outro lado do enxame de alunos –, surgiu Ganke.

– Ei, cara, você conseguiu! – disse Ganke, colocando o braço ao redor de Miles.

Miles imediatamente enfiou o poema de volta na calça e, antes que pudesse responder, Alicia chamou:

– Miles! – E passou pela última pessoa que estava entre os dois.

O garoto voltou a tirar o poema do bolso, mas somente metade do papel. Cutucou Ganke nas costelas com o cotovelo da maneira mais discreta possível, o que, para Miles, não foi algo tão discreto.

Ganke grunhiu e tirou o braço que estava ao redor do ombro de Miles com um sorriso torto no rosto.

– Ah, eu… a gente… se fala mais tarde – disse ele mecanicamente, recuando de uma maneira ainda mais desajeitada.

– Eu juro, cara. Ganke é uma das pessoas mais esquisitas que eu conheço. E adoro isso nele – comentou Alicia, observando a cena com um olhar confuso enquanto Ganke voltava a se mesclar com o resto da plateia.

– É mesmo. – Miles ignorou a tolice de Ganke e tentou engolir os nervos quando Alicia ficou de frente para ele.

– De qualquer forma, é ótimo ver você aqui. – Ela se aproximou para um abraço enquanto Miles estendia a mão.

O garoto, percebendo que Alicia se aproximava para abraçá-lo, esticou o outro braço como se a estivesse recebendo para dançar uma música lenta. Entretanto, Alicia recuou, confusa, mas ainda assim sorridente, e estendeu desajeitadamente o braço para um aperto de mão estabanado. Os aromas de sândalo e um toque de suor invadiram as narinas de Miles.

– Por que você está dizendo isso? – perguntou Miles a Alicia, de maneira meio brusca. Tentou rir daquilo, mas isso deixou a situação ainda mais estranha. – Afinal… eu gosto de poesia.

– Tem certeza? *Você* gosta de poesia? – respondeu Alicia, percebendo imediatamente a verdade.

– Sim. Eu gosto das suas. E, ah… a da sua bisavó também. – Miles puxou o resto do papel dobrado do bolso. – Isso é arte *e* história. Adoro isso tudo.

– Gosta mesmo? Bem, talvez de arte, mas não estou muito certa sobre história, já que essa matéria pareceu deixar você enjoado hoje cedo. – A expressão em seu rosto passou da alegria para a preocupação. – Está tudo bem?

– Ah, sim… aquilo. Sim… eu estou bem. Foi só… a comida da cantina, eu acho. Desculpe pelo que houve.

Os nervos de Miles estavam zunindo desde que a vira, mas estava ignorando aquela sensação, ou pelo menos estava tentando. Não havia

escapulido do trabalho para apresentar sua criação “Quase Vomitei em Alicia, parte 2”. Sentia o estômago se revirando e tentou se controlar com tanta força que suas mãos tremiam.

Alicia percebeu o papel tremulando nas mãos de Miles.

– Oh, meu Deus… Miles, você veio ler um poema?

– Não… isso aqui… isso…

– Miles, você precisa ler. Vamos lá. Eu sei que você tem algo ótimo aí – ela o encorajou, olhando profundamente em seus olhos. O som suave do ceceio de Alicia era como o saxofone que tocava na loja, exceto pelo fato de que era tocado por uma instrumentista muito melhor. – Tenho certeza.

Miles não sentiu que fazia um gesto afirmativo com a cabeça, e também não ouviu sua boca murmurar *okay*, mas fez tudo isso. Quando Dawn Leary terminou de recitar seu poema, os aplausos imediatamente engoliram a névoa que cobria a cabeça do garoto e ele ouviu Alicia lhe dizendo que iria chamá-lo ao palco em seguida.

– Espere… o quê? Não! – gritou Miles, mas ela já estava atravessando a multidão outra vez.

Miles deu passo para trás. E depois outro.

– Obrigada, Dawn. – Alicia e Dawn se abraçaram. – Aplausos para a minha garota! – ordenou Alicia.

Mais um passo para trás.

– A seguir, temos um novato. Um virgem do microfone.

Outro passo. E mais outro.

– Por isso, quero que todos sejam gentis com ele. Não é fácil vir até aqui em cima e compartilhar o que há em sua alma.

Mais um.

– Aplausos para Miles Morales!

Modo de camuflagem. Desaparecendo em pleno ar.

– Miles? – Alicia esticou o pescoço, procurando por ele. E ele estava ali, olhando diretamente para ela, recuando.

MILES
MORALES
HOMEM-ARANHA

6

A jornada de regresso pelas dependências do campus foi longa e solitária. Miles conversou consigo mesmo durante todo o percurso.

– Tudo que você tinha que fazer era dizer não – disse ele. – Não há nada de errado em dizer que você é tímido. – Ou você poderia simplesmente ter explicado que escreveu o poema para ela – continuou para si.

Quando ele passava, alguns dos seus colegas – pessoas que chegariam mais tarde para o evento do clube de poesia – giraram os pescoços para o lado, procurando pela voz de uma pessoa que não conseguiam ver. Miles não havia percebido que ainda estava invisível.

Ao ver que estava diante da loja, antes mesmo de abrir a porta, Miles olhou ao redor para se certificar de que não havia ninguém ali para testemunhar a porta se abrindo "sozinha". Quando as coisas estavam tranquilas, entrou novamente na loja, voltou para trás da caixa registradora e encostou-se na parede, por onde subiu, conectou a câmera de segurança novamente à energia e reapareceu exatamente como havia planejado.

Seu horário de trabalho estava quase no fim, e ele passou o resto do tempo ocupado com uma conversa imaginária, frase após frase, em voz alta, entre ele e Alicia.

– Não, eu não posso ler isso na frente de todo mundo, porque escrevi para você.

– Para mim? Miles, você escreveu esse poema para mim? Uau.

– Sim. Não sou Langston Hughes nem nada do tipo, mas espero que você goste.

– Oh, Miles. Amei o seu poema. É lindo.

Quando percebeu o que estava fazendo, agitou a cabeça, espantou aquela história de amor imaginária, pegou a mochila e fechou a loja.

Quando voltou ao quarto do alojamento, Miles encontrou o lugar vazio. Imaginava que, naquele momento, Ganke havia provavelmente lido um poema e se oferecido para fazer uma obra em conjunto com outras pessoas. Normalmente, Miles usaria esse tempo para relaxar e tirar todas as preocupações da cabeça com algo que pudesse usar para se divertir. Videogames. *Super Mario Bros.*, para ser mais exato. Naquela noite, porém, decidiu se torturar. Sentou-se na beirada da cama, meteu a mão na mochila e pegou a carta de Austin outra vez. Dessa vez, começou pelo meio e foi lendo até o final.

TENHO QUINZE ANOS E, COMO VOCÊ JÁ DEVE TER PERCEBIDO, ESTOU PRESO. JÁ ESTOU AQUI HÁ UNS ANOS, E AINDA VOU FICAR POR MAIS ALGUNS. ACHO QUE ISSO ESTÁ NO MEU SANGUE, PELO MENOS POR CAUSA DO MEU PAI. NÃO SEI SE VOCÊ CONHECIA BEM O MEU PAI. MINHA AVÓ DISSE QUE OS DOIS IRMÃOS NÃO SE DAVAM MUITO BEM E QUE NÃO SE FALAVAM HAVIA MUITO TEMPO. ENTÃO, PROVAVELMENTE ISSO SIGNIFICA QUE VOCÊ NÃO O CONHECIA DE VERDADE. TALVEZ, SE QUISER, EU POSSA LHE FALAR SOBRE ELE. DIZER

COMO ELE ERA, SE VOCÊ RESPONDER A ESTA CARTA. ESPERO QUE RESPONDA.

SINCERAMENTE,
AUSTIN DAVIS

P.S.: DESCULPE PELO LÁPIS. SEI QUE É DIFÍCIL DE LER. MAS NÃO DEIXAM A GENTE USAR CANETAS AQUI.

Miles dobrou a carta mais uma vez e colocou-a na escrivaninha. Austin presumiu que Miles não conhecia Aaron, que o desentendimento entre os irmãos os manteve distantes, mas Miles o conhecia bem. Bem demais. Sabia que a única razão pela qual ele era o Homem-Aranha se devia à aranha na casa de Aaron, roubada do laboratório. Sabia que Aaron conhecia seu segredo e que tentou usá-lo para tirar vantagem. Sabia que eles lutaram e que, por sua causa, Aaron estava morto e Austin não tinha mais um pai.

Você é exatamente igual a mim.

Miles puxou o caderno da bolsa outra vez, abriu-o em uma página em branco e começou a escrever.

~~Caro~~ Austin,

Obrigado pela carta. ~~Vou lhe dizer a verdade.~~ Estou um pouco surpreso. Não sei ao certo como posso dizer isso. Estou simplesmente bastante chocado. Em primeiro lugar, acho que eu

deveria dizer que é um prazer conhecê-lo, mesmo que seja desta maneira. Ou, talvez, seria melhor dizer que é bom saber que você existe. Eu não fazia ideia. Não sei se a sua avó lhe contou, mas eu sou filho único, e sempre quis que houvesse alguém com quem eu pudesse passar o tempo. Sempre quis ter um irmão. Não estou dizendo que você seja meu irmão nem nada do tipo. Apenas que é legal saber que existe outra pessoa na família na minha faixa etária. Seria melhor se eu soubesse disso antes, ~~mas o passado é o passado,~~ mas antes tarde do que nunca, não é mesmo? Talvez possamos simplesmente começar do zero. Bem, aqui vão algumas coisas sobre mim.

Tenho dezesseis anos.

Moro no Brooklyn.

Frequento uma escola de gente rica chamada Brooklyn Visions Academy. Tenho uma bolsa de estudos, e meus pais ainda não conseguem

pagar para eu estudar aqui. Muitos dos garotos ricos vivem agindo como garotos ricos.

Tenho um colega de quarto chamado Ganke. Ele é coreano. Hilário. É a coisa mais próxima de um irmão que eu tenho.

Acho que isso é tudo.

E eu ~~conheci muito bem~~ conheci o seu pai. O tio Aaron e eu fomos bem próximos durante muito tempo. Eu costumava ter que sair escondido para ir visitá-lo, porque meu pai não deixava. É por isso que fiquei surpreso por ele nunca ter mencionado você, embora eu ache que não deveria me sentir assim, porque ele provavelmente sabia que, se me contasse, eu iria querer conhecê-lo; e, se nós nos encontrássemos e nos déssemos bem, acabaria ficando mais difícil manter o fato de que todos nós tínhamos essa relação em segredo. E aí eu teria problemas com o meu pai, e o tio Aaron também, e eu não sei se a sua avó sabe ou não das brigas épicas que aconteciam entre os dois. Uma loucura.

De qualquer maneira, eu acho, se você tiver tempo, escreva para mim. Essa pergunta vai parecer meio esquisita, mas eu faço sem nenhum interesse esquisito por trás. Como é o lugar em que você está?

Sinceramente,
Miles

P.S.: ~~Seu pai tentou me matar~~. Talvez algum dia eu possa ir visitá-lo.

Miles deixou a carta de lado – era muito mais fácil de escrever do que os poemas – e deitou-se na cama, esperando que Ganke voltasse aos trambolhões, um barril de empolgação, falando sem parar sobre como o poema que ele recitou no evento do clube de poesia transformou o chafariz do pátio num gêiser e todos gritaram e aplaudiram enquanto a água caía sobre a multidão como uma garoa fina. Ou algo do tipo. Blá-blá-blá. Miles, porém, não iria fazer isso. Não conseguiria manter os olhos abertos por tempo o bastante para rir de Ganke, que, por sua vez, iria começar a rir de Miles quando descobrisse que o amigo fez outra burrada em sua tentativa de se aproximar de Alicia. Porque, cinco minutos depois de encostar a cabeça no travesseiro, Miles dormiu.

Miles acordou encharcado de suor, com o coração batendo forte no peito, os músculos retesados e enrijecidos, como se houvessem se transformado em

gelo por baixo da pele. A única coisa que ele se lembrava do pesadelo é que havia um gato. Um gato que ele nunca vira antes. Pelo branco desgrenhado, a cauda dividida em várias outras caudas, todas enroladas como serpentes. Miles, contudo, não conseguia se lembrar do lugar onde estava ou por que aquele gato esquisito estava ali.

O garoto se sentou na cama, alongou-se para espantar a rigidez das articulações e esfregou os olhos até eles se acostumarem com a luz do sol. Tentou se lembrar de quem, ou o que mais, apareceu no seu sonho. Seria o tio Aaron? Talvez. Provavelmente, mas ele não tinha certeza.

Levantou-se, passou devagar por Ganke, que estava com as cobertas puxadas sobre a cabeça, e foi ao banheiro para escovar os dentes e lavar o rosto. Quando Miles voltou para o quarto, Ganke puxou as cobertas de cima do rosto.

– O que você está fazendo, acordado a esta hora? – perguntou Miles.

– Não estou dormindo. Estou com muita coisa na cabeça – respondeu Ganke.

– Somos dois, então. – Miles pegou o jeans que estava jogado sobre o encosto da cadeira da sua escrivaninha.

– E você? O que está fazendo acordado? – perguntou Ganke, e em seguida emendou um bocejo.

– Tenho que ir até a loja para pegar um envelope e selos para mandar uma carta. – Miles pegou a carta que estava na escrivaninha. – É uma carta para Austin.

Ganke assentiu.

– E você tem certeza de que quer fazer isso?

– Bem, que mal pode haver? Se ele estiver dizendo a verdade, vou ganhar um primo. Se estiver mentindo, ganho um amigo que está preso. E só vai me custar um dólar.

– Só um dólar, hein? – disse Ganke, sentando-se e engolindo o sono. – Eu diria que custa um pouco mais do que isso. Você acha que talvez esteja fazendo isso por causa do que aconteceu com Aaron?

Miles passou o desodorante embaixo dos braços. Em seguida, sem responder, pegou uma camiseta preta que estava em uma gaveta e passou-a por sobre a cabeça. Foi até o espelho. Marcas esbranquiçadas do desodorante manchavam a sua camiseta nas laterais. É claro. *Ugh.* Ele lambeu um dedo e começou a esfregá-lo no tecido para limpá-las. Depois, escovou os cabelos e esfregou os dedos sobre os fios que cresciam em volta do contorno da sua cabeleira. Pegou a carta que estava na escrivaninha e levantou a mochila que estava no chão.

– Tenho que ir – avisou.

Miles nunca saía do quarto tão cedo, e ficou surpreso ao perceber como o lugar era pacífico a essa hora. As folhas das árvores estavam desbotando, passando do verde para um laranja avermelhado, como a nova paleta de cores da natureza para os trajes camuflados do Exército. Havia um frescor no ar, uma brisa que fazia tudo se agitar ao seu redor, que o fez se lembrar do começo das manhãs em seu bairro antes que todo mundo e todas as coisas acordassem. Antes que as sirenes, os motores dos ônibus e os sons do estilo musical conhecido como soca começassem a gritar pelas janelas abertas. Conforme Miles caminhava pelo campus para ir até a loja, pensando no desastre do dia anterior – possivelmente a pior segunda-feira da sua vida –, ele se deleitava com aquela paz.

Até que chegou à loja.

A porta estava aberta e a polícia do campus estava ali dentro, interrogando Winnie.

– Apenas para deixarmos tudo bem claro, você não teve nenhum cliente na manhã de hoje?

– Senhor, eu já lhe disse. Eu cheguei agora há pouco. Abri a porta, verifiquei o inventário como sempre para ver o que precisava ser reposto no estoque, porque isso geralmente é o que passo o tempo fazendo durante o meu turno, já que ninguém vem fazer compras a essa hora da manhã de qualquer maneira. – Winnie coçou a cabeça por cima do cachecol de seda que lhe cobria os cabelos.

Ninguém nunca vem fazer compras aqui, pensou Miles, mas seu sarcasmo foi interrompido pelos oficiais, que o perceberam sob o vão da porta.

– Filho, ninguém pode entrar na loja neste momento. Estamos com uma investigação em andamento – esbravejou um oficial que parecia jovem demais para ser calvo. Ele ergueu a mão num gesto de *Pare!*

– Investigação? – perguntou Miles, com a voz oscilando entre a preocupação e o sarcasmo. Os olhos de Miles correram do oficial para Winnie.

– Sim. Eu entrei e todas as latas de salsicha haviam desaparecido. Todas. Aí eu abri o relatório do inventário porque não conseguia acreditar que tínhamos vendido tudo, e estava certa. Não havia nenhum registro de venda de salsichas, o que indica que foram roubadas.

– Ou que desapareceram – disse Miles, agora, dividido entre o nervosismo e a necessidade de fazer uma piada.

O oficial deu um olhar atravessado para Miles. Inclinou a cabeça para o lado, e não parecia ter achado graça.

– Espere. – Winnie parecia estar ligando os pontos entre as coisas, pontos que Miles não fazia ideia de que precisavam ser ligados. – Talvez vocês devessem conversar com ele – sugeriu Winnie, apontando para Miles e para o policial. – Miles, você não estava trabalhando ontem à noite?

– Sim – respondeu Miles, com as palavras lhe perfurando a garganta como agulhas. Ele encarou o rapaz que já estava ficando careca, percebeu o seu

olhar duro como aço, e em seguida olhou para o outro lado. – Mas não aconteceu nada.

– Oh, *alguma coisa* aconteceu – disse o oficial.

Miles ficou perplexo, observando o jovem oficial lamber os beiços. Nada aconteceu na noite anterior. Pelo menos, nada na loja. No entanto, havia alguma coisa acontecendo agora. Algo bem ruim.

Com uma caneta e um bloco de notas em punho, o oficial começou a fazer uma série de perguntas, e cada uma delas ia deixando Miles mais e mais nervoso.

– A que horas você chegou para trabalhar?

– Às quatro.

– Quantos clientes você diria que vieram à loja?

– Nenhum.

– Algum comportamento suspeito?

– De quem?

– Você chegou a sair da loja por algum motivo?

Sem resposta.

– Você chegou a sair da loja por algum motivo?

– Não.

– Alguém do lado de fora estava agindo de maneira suspeita?

– Acabei de dizer que eu não saí da loja.

– Só estou verificando. A que horas você saiu?

– Eu *não* saí.

– Digo, a que horas o seu turno terminou?

– Por volta das sete.

– Legal. Se tivermos outras perguntas, entraremos em contato.

Depois que o oficial foi embora, Miles tentou lembrar se havia percebido algo de diferente em relação à loja quando voltou do evento do clube de poesia. A verdade era que ele não verificara. E por que faria isso? Afinal de

contas, sua mente estava ocupada com um monte de outras coisas: Alicia. Austin. Além disso, a loja nem parecia estar diferente. Nada fora movido ou rearranjado. Os blocos de notas estavam todos contra a parede. As canetas e os lápis, atrás da caixa registradora. As salsichas, no fundo da loja. O único motivo pelo qual Winnie verificava o inventário era porque tinha de fazer isso para manter o emprego, não porque a tarefa fazia sentido. Miles remexeu as lembranças por um momento, diante do balcão, antes que Winnie finalmente o arrancasse do seu transe.

– Miles? – disse ela. Em seguida, repetiu: – Oi, Miles?

– Ah, sim. – Miles piscou os olhos e despertou do seu devaneio.

– Você precisava de alguma coisa? – Winnie estava apoiada sobre os cotovelos, exatamente na mesma posição que Miles ficou na noite anterior. Como uma postura de yoga: a pose do funcionário-de-loja-de-conveniência entediado.

– Ah… preciso. Só de um selo e um envelope.

Winnie se virou para trás, arrancou um selo de um rolo, e pegou também um envelope. Passou os dois para Miles por cima do balcão.

Miles tirou uma nota amarrotada de um dólar do bolso.

– Valeu – disse ele, virando-se para ir embora.

– O que aconteceu aqui ontem à noite? – sondou Winnie. – De verdade. Não vou contar para ninguém caso você ou Ganke adorem aquelas salsichas nojentas. – Ela deu de ombros como se soubesse que Miles as havia afanado, embora não fosse o caso.

– Winnie, você é bolseira igual a mim. De todas as pessoas, você sabe que eu não colocaria a minha bolsa de estudos em risco por causa de carne enlatada.

– É verdade – disse ela, assentindo. – Bem, provavelmente não vai dar em nada. Afinal, todas aquelas latas devem custar uns quinze dólares no total.

Eles podem mandar a conta para você ou para os seus pais. Eu simplesmente tive que registrar a ocorrência porque, caso contrário…

– Eu sei. – Miles compreendia. – Eu sei.

No entanto, ele *não sabia* que alguém viria bater na porta do Sr. Borem bem no meio da aula de Cálculo. E que o Sr. Borem se viraria para a sala e chamaria o nome de Miles.

– Há um cavalheiro querendo conversar com você – avisou o Sr. Borem, sempre de maneira calculada. Quando Miles se levantou, o Sr. Borem acrescentou: – É melhor levar seu material.

Dali, Miles foi escoltado por um oficial diferente da polícia do campus, passando pelo corredor, saindo do prédio principal, atravessando o terreno do campus, até chegarem ao prédio da administração, onde recebeu a ordem de esperar na antessala diante do gabinete do diretor – a sala de espera para questões disciplinares. Miles largou o corpo em uma poltrona feita de madeira escura e couro vermelho-vinho até que sua mãe e seu pai apareceram.

– O que está havendo? – perguntou a mãe de Miles, o rosto contorcido pela confusão.

– Não sei – disse Miles.

– Você fez mesmo aquilo? – perguntou o seu pai.

– Fiz o quê? – Miles franziu a testa, estreitou os olhos.

– Roubou.

– Roubar? É claro que não! Eles estão pensando que eu roubei aquelas coisas?

– O que você acha que nós…

Antes que o pai de Miles pudesse terminar de lhe dar uma bronca por antecipação, a Srta. Fletcher, a secretária, anunciou em voz alta:

– O diretor vai recebê-los agora.

Cinco minutos depois, Miles estava sentado no escritório do diretor Kushner, diante de uma enorme escrivaninha de madeira entalhada com desenhos ornamentais, bem parecida com as figuras nas peças de porcelana chinesa que os pais de Miles tinham em casa. O diretor Kushner era um homem pequeno, e parecia ser ainda menor atrás daquela escrivaninha. Tinha uma cabeça perfeitamente redonda e calva, e as veias por baixo da pele pareciam-se com as costuras de uma bola de beisebol novinha em folha. Usava óculos com armação pequena e redonda – é claro –, que eram exatamente do mesmo tamanho dos seus olhos grandes. O homem era um amontoado de círculos metido em um terno de lã.

Os pais de Miles também estavam sentados diante da mesa, um de cada lado da sua cadeira. Os dois agitavam as pernas nervosamente. Para Miles, isso era um pesadelo ainda maior do que aqueles que envolviam o tio Aaron. Pelo menos aqueles episódios acabavam quando ele acordava, deixando os sonhos para trás. Isto, porém, era real. Havia voltado para a escola fazia pouco mais de um dia e já estava prestes a receber outra punição. Uma punição muito, muito pior.

– Por favor, leia isto em voz alta – comandou o diretor Kushner, entregando uma folha de papel a Miles.

Miles olhou para o papel, mordendo o lábio inferior. Ele suspirou, olhou para o diretor Kushner, e em seguida limpou relutantemente a garganta e começou:

– “Caro Diretor Kushner. Meu nome é Miles Morales. Tenho treze anos e moro no Brooklyn. Tenho uma mãe e um pai maravilhosos que me amam mais do que tudo no mundo, o que imagino que seja estranho para um adolescente admitir. Mas eu sei o quanto eles sacrificaram e o que eles continuam a sacrificar por mim para que eu continue num caminho rumo ao sucesso. E é por causa da orientação deles que mantive a minha média GPA no Ensino Fundamental em 4.0. Fui ensinado a ser excelente, e é por essa

razão que estou interessado em frequentar a Brooklyn Visions Academy, uma escola que também se orgulha de sua excelência. Mas eu também me orgulho da minha honestidade. E, sendo honesto, também preciso mencionar que, embora tenha uma família maravilhosa, sei que há pessoas que nos olham de uma certa maneira. A razão para isso acontecer é que o meu pai nem sempre foi o homem que é hoje. Ele foi uma pessoa que não teve ninguém para afastá-lo das armadilhas da nossa comunidade. Embora o meu bairro seja um belo lugar para crescer, às vezes a situação pode ficar complicada. E o meu pai e seu irmão se tornaram vítimas das ruas, tornando-se adolescentes criminosos, trazendo problemas ao nosso bairro e para toda a cidade de Nova York. E, mesmo que o meu pai, com a ajuda da minha mãe, tenha conseguido deixar para trás essa situação e limpado sua vida, seu irmão não o fez. Meu tio continuou a quebrar a lei, machucando pessoas, até ter que pagar pelo que fez. Essa parte da minha família também é parte de mim. O mesmo destemor que os levou rumo ao crime é o que me leva rumo à excelência. E o meu objetivo, se me conceder a honra de estudar na Brooklyn Visions Academy, é continuar a provar isso. Eu acredito que as coisas não se resumem ao lugar de onde uma pessoa vem, diretor Kushner, mas, sim, para onde ela vai. Obrigado pela sua consideração, e aguardo sua resposta. Sinceramente, Miles Morales.”

Miles colocou a folha de papel de volta sobre a mesa, derrotado.

– Agora, Sr. Morales – disse o diretor Kushner, empurrando os óculos até o alto do nariz. – Esta é ou não é a carta que você enviou junto com o seu pedido para estudar nesta instituição?

– É sim, senhor – disse Miles.

– E você disse ou não disse que não se tornaria vítima dos comportamentos tóxicos que são comuns em sua família?

– Com licença, diretor Kushner, mas eu não creio que… – interrompeu o pai de Miles.

– Estou somente parafraseando o que o seu filho disse, Sr. Davis. – O diretor tamborilou os dedos sobre o papel.

– Eu entendo isso, senhor. Mas…

– Bem, *nós* entendemos isso, senhor – a mãe de Miles entrou na conversa para atenuar o momento –, mas Miles disse que não fez aquilo que o acusam.

– Não fiz. Por que eu roubaria algo do lugar onde eu trabalho? E roubar o quê? Salsichas?

– Diretor Kushner, há alguma prova? – perguntou o pai de Miles, ainda irritado com as acusações do diretor.

– É interessante essa pergunta, Sr. Davis, porque, na realidade, temos as imagens da câmera de vigilância.

Imagens?

O pai de Miles encarou o filho com um olhar cortante.

– Imagens?

Miles queria soltar um suspiro de alívio, porque essas provas, de fato, iriam limpar seu nome de qualquer problema, mas seus músculos ainda estavam retesados pela confusão. Não havia qualquer possibilidade de ele aparecer numa gravação roubando latas de salsicha, *porque ele não roubou nenhuma salsicha! Não é mesmo?* Então, por que ele ainda estava tão nervoso?

– Isso mesmo. – O diretor Kushner se levantou da escrivaninha e abriu um armário à sua esquerda, que abrigava uma televisão. Pegou o controle remoto, acionou o monitor e foi direto para a cena do crime. – Aqui, Miles está na loja. Agora vocês vão perceber que ele recua até estar fora do enquadramento por alguns segundos, e em seguida, subitamente, ele volta a aparecer – explicou o diretor como um advogado em um tribunal, exibindo a *Prova número 1*.

– Certo… – disse o pai de Miles.

– Diretor Kushner, isso não mostra muito – disse a Sra. Morales.

– Ah. Mas mostra. – O diretor Kushner parecia estar quase alegre. – Prestem atenção na marcação do tempo. Ela salta de seis e treze até seis e quarenta e quatro. Eu não sei como nem por que a câmera cortou a imagem dessa maneira, mas seria tolice acreditar que foi uma coincidência. E, francamente, se Miles não roubou nada, certamente ele sabe quem o fez, porque estaria exatamente neste local. – O diretor Kushner tocou a tela da TV. – É lógico concluir que, de algum modo, durante os trinta minutos em que a câmera estava desligada, ele pegou…

– *Salsichas?* – esbravejou Miles. Não conseguia acreditar no que estava ouvindo. Olhou para o seu pai e sua mãe, cujos rostos estavam azedos pela incerteza.

– Miles – disse o seu pai. – Por favor, me diga que você não está tentando proteger ninguém. Se você não fez isso, então diga ao diretor Kushner quem fez.

– Não sei quem roubou a loja.

– Foi porque *você* a roubou – disse o diretor, sem alterar o tom de foz. – Basta dizer a verdade, filho.

O pai de Miles inspirou fundo. Sua mãe interveio novamente:

– Senhor, com todo o respeito. Pode nos dar um momento a sós? – Ela se virou para o filho, baixou a voz como se, de algum modo, pudesse ter uma conversa reservada sem que o diretor Kushner a ouvisse. – Miles…

– Eu não fiz isso. – A cabeça de Miles virava sem parar, olhando ora para o pai, ora para a mãe. – Por que eu iria roubar aquelas coisas?

– Talvez para vender para os outros alunos do alojamento. Ganhar uns trocados a mais como…

– Não… isso não é… eu não… – implorou Miles.

Seu pai suspirou.

– Miles, meu filho… por favor.

– Pai, eu realmente não sei quem fez isso. – Ele olhou para a mãe. – Mãe…

Sua mãe fez um gesto negativo com a cabeça.

– Bem, então, não sei que outra escolha temos – disse o diretor Kushner, apontando o controle remoto para a TV e desligando o aparelho. Ele pegou a declaração pessoal que Miles havia enviado junto com o seu pedido de matrícula e deu uma rápida olhada para o documento novamente. – Como você escreveu, com suas palavras, podia ter decidido buscar a excelência – disse o diretor, balançando a cabeça negativamente.

O pai de Miles retesou os músculos do queixo.

– Tanto potencial para quebrar a corrente… – prosseguiu o diretor.

O pai de Miles, agora, estava segurando os braços da cadeira com mais força e batendo com o pé no chão mais intensamente.

– Mas, infelizmente, parece que isso não vai acontecer. – O diretor Kushner deixou o papel cair da mão.

– Espere. – Miles ergueu a voz.

Seus pais ficaram atentos. O diretor Kushner ergueu os olhos.

– Eu saí da loja. Não roubei nada, mas saí por… alguns minutos.

– O quê? – disse a mãe de Miles.

– Você fez *o quê*? – perguntou o seu pai.

Um constrangimento infantil tomou conta de Miles. O mesmo tipo que ele costumava sentir quando fazia xixi na cama quando era criança.

– Eu só… eu só queria dar uma olhada no evento do clube de poesia. Por isso eu desliguei a câmera e… saí da loja. – Miles baixou a cabeça dramaticamente, pressionou o queixo contra o peito e balançou o corpo para a frente e para trás, sentindo-se murcho.

Os pais de Miles se entreolharam.

– Tem certeza de que está nos contando a verdade, filho? – perguntou o pai de Miles, com a voz mergulhando em mais suspeitas.

– Pai – Miles ergueu o rosto –, eu não estou mentindo. Foi isso que aconteceu.

– Bem… – começou o diretor Kushner. Ele esfregou o queixo redondo. – Sem outras provas de quem realmente roubou os produtos da loja, suponho que não posso expulsá-lo, filho. Não desta vez.

A mãe de Miles imediatamente relaxou os ombros, aliviada.

– Oh, obrigada, diretor Kushner – disse ela, com as mãos unidas, seguido por um "*Gloria a Dios*".

– Entretanto – o diretor tirou os óculos do rosto e apontou-os para Miles –, você está demitido da loja e removido do programa de trabalho e estudo. Lamento, pessoal. Mas, a partir deste momento, o seu contrato de alimentação e hospedagem está revogado.

• • •

A caminhada pós-reunião ocorreu em silêncio. Apenas o som de solas duras e sapatos de salto batendo contra a calçada. Quando todos estavam no carro, o pai de Miles se sentou no banco do motorista.

– Vamos falar sobre isso depois – disse ele com a voz irritada. Em seguida, fechou a porta.

A mãe de Miles lhe deu um abraço frio.

– Desculpem. Eu não queria… – A voz de Miles começou a vacilar.

Sua mãe não respondeu. Simplesmente retesou os lábios como se tivesse algo a dizer, e em seguida se afastou.

– Conversamos no fim de semana, eu acho – disse ele, em voz baixa, enquanto ela entrava no carro pela porta do passageiro.

• • •

Miles pegou o final da aula da Sra. Blaufuss. Entregou a declaração da diretoria e foi para a sua cadeira.

– Onde você estava? – sussurrou Ganke na orelha de Miles.

Miles não disse nada. Simplesmente fez um movimento negativo com a cabeça.

– Miles, é uma pena que você não tenha ouvido os poemas fabulosos sobre família – disse a Sra. Blaufuss. – Mas, apenas para você não ficar perdido, a lição de casa que passei para hoje tem a ver com mais explorações familiares. Quero que você ligue para os seus pais e pergunte-lhes significado do seu nome. Ou também pode fazer uma pesquisa na internet.

Que beleza. Se havia uma coisa que Miles não queria fazer era ligar para os seus pais. Para falar sobre qualquer assunto. A Srta. Blaufuss dedilhou as pulseiras de plástico que tinha nos pulsos e prosseguiu:

– Pode ser o seu primeiro nome, o nome do meio ou o sobrenome, tanto faz. E, se não conseguir encontrar o significado, pergunte à sua família por que lhe deram o nome que você tem. E aí escreva um *sijo* com suas descobertas. Captou?

Miles assentiu com um movimento curto, ainda abalado pelo que havia acontecido no gabinete do diretor Kushner. Sugou os lábios para dentro da boca e depois os mordeu. Estava sentindo vontade de chorar. Ou de gritar.

A campainha que indicava o fim da aula tocou.

– Mano, onde você estava? – perguntou Ganke. – Eu precisava de você para me convencer a não pular pela janela. Todo mundo estava falando sobre o quanto ama suas famílias. E… bom, eu amo a minha também, mas… você sabe. As pessoas estavam falando dos seus pais da mesma forma que falavam dos seus cachorros. E a única coisa que eu conseguia pensar era: *Onde diabos está Miles?*

– No gabinete de Kushner. Com os meus pais. – Miles não havia nem mesmo tirado nada da mochila; simplesmente jogou-a por cima do ombro e observou Alicia sair da sala sem nem mesmo olhar para ele.

– Com os seus pais?

– Sim. Depois eu lhe conto os detalhes – resmungou Miles, agora avançando por entre as carteiras da sala.

– Espere. Você não vai almoçar?

– Não. Não estou com fome. Acho que vou simplesmente ficar sentado na biblioteca até a hora da aula de Chamberlain.

Ganke não tentou discutir aquela questão com Miles. Simplesmente bateu com a mão espalmada na de Miles e foi embora.

Miles perambulou pelo corredor como um fantasma, com a cabeça totalmente desligada, os colegas passando rapidamente por ele como borrões rosados, cor de pêssego e, ocasionalmente, algum borrão marrom. Como Judge, que estendeu a mão para Miles quando ele se aproximou. Miles, agindo unicamente pela memória muscular, bateu a mão espalmada contra a de Judge enquanto o colega falava sobre a festa de Halloween.

– Ganke disse que vocês *finalmente* vão aparecer – comentou Judge.

As palavras pareciam estar flutuando ao redor das orelhas de Miles, sem realmente entrar, pois o garoto estava bastante ocupado pensando no que os seus pais estariam conversando.

– Você acha que o nosso filho é um ladrão?

– Ele disse que não fez aquilo.

– Mas você acredita nele? Você contava a verdade quando roubava?

– Salsichas em lata?

– Onde estava Ganke?

– Um evento de poesia? Com o microfone aberto? Nós não o mandamos até lá para ele virar cantor de rap.

– Como vamos pagar pela hospedagem e a alimentação dele?

– Como vamos pagar pela hospedagem e a alimentação dele?

– Como vamos pagar pela hospedagem e a alimentação dele?

Miles abriu a porta da biblioteca e exalou no silêncio daquele espaço. A biblioteca da Brooklyn Visions Academy era como um santuário. Tinha um

ar acadêmico, cheia de luminárias e mesas elegantes, entalhes ornamentados nas molduras que contornavam o teto e as portas. Esta era a biblioteca pela qual Shakespeare e todos outros os homens brancos mortos que Miles tinha que estudar na escola iriam querer que suas cinzas fossem espalhadas. Embaixo do piso de cerejeira, ou misturadas no lustra-móveis das mesas de carvalho. Naquele horário todos estavam almoçando ou em aula, e, assim, Miles tinha todo aquele lugar para si. Exceto pela bibliotecária, a Sra. Tripley, ou, como era conhecida pelo campus, a Sra. Tripley Tagarela. A Sra. Tripley era aquilo que todos imaginavam que a Sra. Blaufuss iria se tornar dali a trinta anos. Uma senhora tão cheia de vida – tão feliz, tão curiosa – que chegava até a ser meio esquisito.

– Cuidado, Miles – disse a Sra. Tripley quando Miles passou pelas portas. A Sra. Tripley conhecia o nome de todo mundo. Todos os alunos e todos os professores.

– Cuidado com o quê? – disse Miles, encarando-a. – Parece que é você quem tem que tomar cuidado.

– Ah. Como as famosas últimas palavras de algumas pessoas – disse ela, girando a lâmpada até que a luz se acendeu. – Eu só não queria que você passasse por baixo desta escada, mais nada.

Miles abriu um sorriso torto.

– Sra. Tripley, sem maldade, mas por que eu faria isso?

– Não faço a menor ideia, filho. Mas as pessoas fazem isso. E vou lhe dizer uma coisa: isso dá azar.

– Não preciso passar por baixo de uma escada para ter azar.

– Como assim? – perguntou ela.

– Nada. É que… Você acredita nessas coisas?

– No quê? Superstições? – Ela desceu cuidadosamente, pisando em cada degrau da escada. – Não sei. Acho que são interessantes, e não podemos provar aquilo que não podemos comprovar, não é?

Miles não fazia a menor ideia do que aquilo significava, ou se chegava a significar alguma coisa. A Sra. Tripley foi em frente.

– Mas, independentemente de acreditar nelas ou não, ainda assim você não devia passar por baixo de uma escada, Miles. Porque alguém pode cair em cima de você. E isso sim, meu querido, é azar. – Ela segurou a lâmpada queimada diante da orelha e a agitou, balançando o filamento queimado que havia dentro. – Pode acreditar em mim. Já passei por isso.

Miles abriu a boca para perguntar, mas decidiu ficar quieto.

– Bem, e o que posso fazer por você? – A Sra. Tripley deixou a escada no meio do piso e foi até a lixeira atrás da sua escrivaninha, que também era grande e feita de madeira.

– Me esconda.

– Esconder você? – A Sra. Tripley bateu as mãos uma contra a outra para limpar a poeira dos dedos. – Estão à sua procura? Você é a criatura que Frankenstein está perseguindo? Você é o jovem Bill Sikes, caçado pela turba de Jacob Island? Você é Ralph, fugindo das lanças feitas pelas outras crianças perdidas naquela ilha deserta? *Hmmmmm?*

– Ah… eu sou… Miles.

– Eu sei quem você é, Miles. E essas perguntas que lhe fiz se referem às obras de Shelley, Dickens e Golding. Você, meu querido, devia passar mais tempo na biblioteca. Não é somente um esconderijo, mas também o local onde as perseguições acontecem. Entendeu?

– Eu… acho que sim? – Miles não sabia o que dizer ou como responder a Tripley Tagarela, e estava começando a se arrepender de ter ido à biblioteca.

Ganke provavelmente estava se empanturrando de pizza enquanto Miles tentava decifrar a bibliotecária da escola.

– Agora, falando sério, você não está realmente sendo perseguido, não é? – Ela se aproximou, caso o perseguidor estivesse no prédio.

– Não, eu estou bem. – O que ele realmente queria dizer era *eu não sei.*

– Certo, ufa. É bom saber disso. – Ela bateu com os nós dos dedos na escrivaninha. – Bata na madeira, Miles.

– Eu não…

– Apenas faça o que estou mandando.

Miles bateu.

– Alguém faz ideia de onde veio essa superstição? – ele quis saber.

Ela pegou uma pilha de livros de um carrinho que estava ao lado da sua escrivaninha e começou a levá-los para as estantes. Miles foi logo atrás.

– Bem, eu não sei se *alguém* sabe, mas… *eu* sei – retrucou a Sra. Tripley. – Veja bem: em tempos muito antigos, as pessoas acreditavam que bons espíritos viviam em árvores, e que, ao bater nelas, você estava convocando esses espíritos para virem protegê-lo. – Em seguida, enquanto colocava um livro de volta na estante, ela emendou: – Vou lhe contar uma coisa ainda melhor. Sabe por que as pessoas dizem que você terá sete anos de azar se quebrar um espelho? Porque as *almas* ficam presas no espelho. E, quando quebra um espelho, você as liberta! – Ela moveu as mãos no ar enfaticamente. – Olhe, eu não acredito nisso de verdade, e não sei por que o sete é o número de anos de azar, mas é daí que vem a superstição. Alguma outra questão?

– Sim – disse Miles. – Sabe alguma coisa sobre gatos brancos?

– Além do fato de que são adoráveis? Não.

– Nadinha?

– Você disse gatos brancos, certo?

Miles confirmou com um aceno de cabeça.

– Pois então… não sei de nada.

– E o que me diz de aranhas?

– São assustadoras – disse a Sra. Tripley bruscamente, enquanto espremia outro livro numa fileira que já estava abarrotada.

– Mas… o que eu quero saber é o seguinte, a senhora conhece alguma superstição sobre elas?

A Sra. Tripley parou entre duas estantes e olhou para Miles. – Mas sei de uma coisa. Antigamente, as pessoas diziam que as aranhas eram capazes de conectar o presente com o futuro. Por causa do simbolismo da teia.

– É sério?

– É claro que é. – Ela continuou a reordenar os livros.

– Como você sabe de tudo isso?

– Oh, Miles, porque eu vivo aqui dentro. – Ela percebeu o que havia dito. – Bom, na verdade eu não *vivo* aqui realmente. Mas, de vez em quando, eu tiro uma soneca na seção de Geografia, imagino que estou na Tailândia, e acordo pela manhã, mas isso não é igual a morar aqui. Por isso… não pense desse jeito. Mas eu vivo nos livros. Eu leio e leio, sobre todas as coisas pesadas, esperando o dia em que um dos meus alunos, alguém como você, entre aqui para me perguntar sobre… aranhas. – Ela olhou para o relógio. – Agora, se eu fosse você, iria para a aula.

– Que horas são?

– O primeiro sinal tocou há dois minutos.

– Mas eu não ouvi.

– Bem, as lâmpadas não são as únicas coisas que zunem neste lugar velho. – Ela piscou o olho.

Oh, não. *Oh, não!* Miles não podia se atrasar para a aula de Chamberlain. Se houvesse uma única aula para a qual ele não poderia se atrasar, era aquela. Ele saiu em disparada por entre as estantes e deu um encontrão na porta da biblioteca para abri-la. O corredor não estava lotado – o que não era muito bom, pois o segundo sinal estava prestes a soar a qualquer momento. Miles começou a correr a toda velocidade pelo corredor, entrando como um foguete pela porta da sala do Sr. Chamberlain, suando e ofegante.

– Consegui! – cuspiu ele.

Chamberlain nem tomou conhecimento da sua entrada. Estava anotando sua citação diária sobre o traçado sutil da citação que havia escrito para a turma anterior. Quando Miles chegou à sua cadeira, o Sr. Chamberlain começou a cantilena do dia.

– Tudo que pedimos – disse ele com a voz suave – é que nos deixem em paz.

O professor colocou o giz na calha sob a lousa e pressionou as mãos uma contra a outra, meditativamente, enquanto os últimos retardatários, incluindo Hope Feinstein e Alicia, entravam na sala. A campainha tocou, e isso aparentemente foi o sinal para que Alicia começasse a dar um gelo em Miles. Porque foi exatamente isso o que ela fez.

E, como se fosse um relógio, o zunido na cabeça de Miles começou outra vez.

Miles abriu a boca para falar com Alicia, mas as palavras se desintegraram como a neve que derrete antes de tocar o chão. Ele tentou novamente, porém foi interrompido pelo Sr. Chamberlain.

– Tudo que pedimos é que nos deixem em paz – repetiu Chamberlain, um pouco mais alto.

Miles encarou aquilo como um sinal para deixar Alicia em paz. O Sr. Chamberlain repetiu a frase uma terceira vez, e então perguntou:

– Algum de vocês sabe quem disse isso?

– Sim – disse Brad Canby, com o corpo largado em sua cadeira. – Todo mundo que está nesta sala.

Muitos dos alunos riram, e alguns foram insensíveis a ponto de socar os tampos das carteiras enquanto gritavam. Miles, porém, não abriu nem mesmo um sorriso. Não estava em condições de fazer aquilo. Literalmente.

Por um momento, a sua mente começou a devanear. Pensou no que Tripley disse sobre as aranhas representarem a conexão entre o passado e o futuro, e teve o desejo de poder, de algum modo, aplicar essa ideia ao ato de

conseguir seu emprego de volta. Pegar a demissão do passado e conectá-la a um futuro onde ele estaria reempregado.

Talvez eu pudesse simplesmente implorar ao diretor Kushner.

Talvez eu possa pedir para ser colocado sob supervisão, e receber uma chance de provar que posso fazer a coisa certa.

Afinal de contas, eu sou basicamente um aluno que tira só notas altas. Isso tem que valer alguma coisa, não é?

– Não, Sr. Canby – disse o Sr. Chamberlain, ignorando totalmente o desrespeito. – Na verdade, foi Jefferson Davis.

Talvez eu pudesse… espere aí, o que foi que ele disse?

E a névoa que encobria a mente de Miles desapareceu instantaneamente quando ouviu o nome do seu pai.

Jefferson Davis?

Bzzz.

E, então, Miles falou em voz alta:

– Jefferson Davis?

Controlar a sensação de náusea estava começando a ficar normal. Ele sabia que não ia morrer. Era somente uma sensação parecida com a morte, com o pânico, como se o seu cérebro estivesse pendurado sobre uma chama e seu estômago girasse como uma máquina de lavar roupa. *Sentido aranha: ignorado.*

O Sr. Chamberlain abriu os olhos.

– Morales, você se esqueceu do decoro da sala de aula? Levante a mão se quiser falar.

Novamente, Miles olhou nos olhos do professor.

– Mas Brad não… – Miles fechou a boca, irritado. Não ia adiantar.

Alicia se mexeu em sua cadeira enquanto o Sr. Chamberlain continuava a falar.

– E… sim, Jefferson Davis. O presidente da Confederação durante a Guerra Civil Americana. O homem que nomeou Robert E. Lee como general do Exército do Norte da Virgínia, para liderar o mais importante dos exércitos confederados.

O Sr. Chamberlain fechou os olhos outra vez.

– A citação é simples, mas tem um significado muito, muito profundo. Ela simplesmente pede que as pessoas do sul tenham a permissão de governar a si mesmas. Que, do jeito que as coisas estavam, tudo estava bem.

– A menos que você fosse escravo – comentou Brad, revirando os olhos.

– Fala sério – disse Alicia por entre os dentes.

Chamberlain abriu os olhos por um momento e a encarou com um olhar irritado, mas não disse nada. Simplesmente fuzilou Alicia com os olhos. Em seguida, fechou-os outra vez, respirou fundo – um suspiro aborrecido – e, com as mãos ainda unidas, e sem agitar o dedo em riste ou com o tom de voz típico de uma bronca, respondeu para Brad:

– Bem, Sr. Canby, a situação é um pouco mais complicada do que isso.

Enquanto Alicia fazia gestos negativos com a cabeça a cada poucos minutos, escandalizada pelas palavras do Sr. Chamberlain, Miles devaneava de tempos em tempos, afastando-se da aula e voltando para ela. Não estava enfrentando somente o cheiro de sândalo que saltava da nuca de Alicia, mas também o fato de que o nome do seu pai era o mesmo nome do homem que lutara para manter a escravidão viva. E Chamberlain continuava a disparar as citações de Jefferson Davis – “Sempre que houver uma conexão imediata entre senhor e escravo, qualquer resquício de brutalidade é diminuído” – enquanto pregava diante da sala de aula para os dois ou três alunos que escreviam em seus cadernos e cerca de quinze outros que estavam escutando música, entretidos com jogos em seus celulares ou que estavam como Brad Canby, com as cabeças encostadas no tampo das carteiras, dormindo. Miles,

porém, não estava escrevendo nem dormindo. Em vez disso, estava sentado ali, deixando que cada palavra apunhalasse sua mente.

– Nós subestimamos a ligação que existe entre senhor e escravo. Muitos escravos sentiam-se confortáveis com o fato de estarem escravizados. Felizes, até. Mais adiante, ainda nesta semana, talvez eu traga algumas imagens para ilustrar melhor o que estou dizendo.

– Imagens? – Novamente, Alicia estava inflamada. – Com todo o respeito, Sr. Chamberlain, mas o senhor não acha que isso é… sei lá… meio exagerado para ilustrar o que está dizendo?

Chamberlain não se abalou. Alicia olhou ao redor da sala, procurando algum rosto que a apoiasse, mas a maioria das pessoas já havia se distraído. Ela se virou para trás e olhou para Miles, mas ele estava encarando a estampa de madeira falsa no tampo da sua carteira, lutando para manter a expressão "Está falando sério?" presa atrás dos lábios. Havia coisas demais acontecendo. Coisas demais de uma só vez. O zunido agora era um incêndio, o calor da frustração que se espalhava por seu corpo, mas Miles simplesmente tamborilava os dedos sobre a mesa, esforçando-se para manter a compostura. Continuou sentado, bufando em silêncio, enquanto o Sr. Chamberlain prosseguia firmemente com aquela aula ridícula. Miles começou a imaginar se, naquele ponto, a aula de Chamberlain sobre a Guerra Civil era somente uma isca para reprovar alunos, porque ninguém se importava o bastante para interagir, com exceção de Brad, que estava simplesmente bancando o bobo, e Alicia, que era simplesmente ignorada. Chamberlain, contudo, continuava pressionando.

– Uma maneira interessante de tentar compreender isso é pensar em cães. Cães não se importam em estar encoleirados. Ou em jaulas.

O Sr. Chamberlain, em um raro momento, deixou a sua pose digna de uma estátua, retirou o blazer e deixou-o sobre a escrivaninha no canto da sala. Em seguida, desabotoou os punhos da camisa e os arregaçou, expondo os

antebraços. E foi então que Miles viu. O contorno escuro de um gato no punho esquerdo do professor. Uma tatuagem que ele havia visto outras vezes sem dar muita atenção, porque o Sr. Chamberlain era suficientemente esquisito para ter um gato tatuado no punho. O tipo de pessoa que tinha gatos de estimação com nomes históricos complicados, que fingia serem seus filhos. Um cara *daqueles*. Aquela tatuagem, porém, era familiar. Não era a imagem real de um gato – era um símbolo. Um gato com várias caudas. Como o gato com o qual Miles sonhou na noite anterior.

Chamberlain deu um passo à frente e fixou os olhos em Miles novamente.

– E toda vez que cães veem seus donos, as pessoas que colocaram aquelas coleiras ao redor dos seus pescoços, eles abanam os rabos, felizes. Alguns diriam até mesmo que há uma sensação de… *gratidão*.

Gratidão? Miles não tinha certeza, porque seu cérebro estava cheio de estática, mas podia jurar que Alicia disse aquilo em voz alta exatamente no mesmo instante que ele estava pensando. *Gratidão?* E, se ela havia dito aquilo, o que, a julgar pela breve pausa de Chamberlain e seus lábios contraídos, realmente havia, Chamberlain novamente não deu atenção a Alicia. Sem resposta.

Aquela palavra, combinada com a tatuagem no pulso de Chamberlain e o zunido no interior da cabeça de Miles, foi o bastante para criar a faísca que acendeu um pavio dentro dele. Os dedos que tamborilavam se tornaram um punho fechado, o qual ele ergueu e bateu com força na mesa, quebrando a madeira e entortando as pernas de metal. Todos saltaram assustados, incluindo Alicia, que se virou para trás com um movimento brusco para ver o que havia acontecido. Miles a olhou nos olhos, com o peito resfolegante.

– Desculpe – disse ele, em voz baixa. Em seguida, para o Sr. Chamberlain. – Eu lamento.

– É melhor mesmo! – esbravejou o professor, mas não parecia ter ficado nem um pouco assustado, como se já estivesse esperando por aquela reação.

– Seria melhor para você colocar uma focinheira nessa… raiva que você tem, Morales.

– Uma *focinheira*? – Miles se levantou da cadeira com um salto, a carteira destroçada à sua frente.

Por sorte, naquele exato momento, o sinal que anunciava o fim da aula tocou. Ainda com o punho fechado, Miles olhou para os colegas que estavam à sua volta, todos despertos, observando boquiabertos a cena. Eles lentamente recolheram suas mochilas sob o calor do seu olhar, como se pudessem ser os próximos a serem destroçados. Miles suavizou a expressão dura, deixou escapar o ar que lhe inflava o peito, recolheu suas coisas rapidamente e saiu.

Enquanto avançava a passos largos pelo corredor, Miles ouvia Alicia chamar seu nome por cima da sua voz interior que gritava: *Idiota, idiota, idiota!* No entanto, continuou em frente, abrindo caminho por entre a massa de alunos, alguns já sussurrando sobre o que havia acabado de acontecer momentos antes, durante a aula. A informação se espalha mais rápido pelos corredores do Ensino Médio do que pela internet. Por isso, Miles tinha que avançar duas vezes mais rápido.

– Miles! – gritou Alicia mais uma vez.

Miles, contudo, baixou a cabeça e continuou indo em frente.

– Miles! Espere! – Alicia seguiu Miles até o fim do corredor. – Pare… pelo menos por um segundo! – pediu ela, finalmente perto o bastante para lhe tocar o ombro.

Miles virou para trás, com o rosto tenso e pálido, o peito arfando, as mãos ainda trêmulas. *Está tudo acabado para mim. Vou cair fora daqui*. Alicia prendeu a respiração.

– Olhe, eu só queria dizer que o que aconteceu na aula hoje foi… foi… nós temos que fazer alguma coisa.

– Fazer alguma coisa? Fazer o quê? – retrucou Miles. – Vai chamar pessoas para lerem poemas a respeito disso? Você acha que isso vai me

ajudar? – As palavras saíram afiadas da sua boca. Pontiagudas. E Miles se arrependeu no mesmo instante.

– Ajudar você? – O rosto de Alicia se fechou em uma carranca. – Você acha que o problema é só com você, Miles? – Ela balançou negativamente a cabeça e riu, mas não era um riso de alegria. – O problema não é com você. Tem a ver com a gente. E não somente você e eu, mas também envolve Winnie, Judge e todos os alunos do primeiro e do segundo anos que vão ter que cursar essa matéria. Os veteranos do último ano que já cursaram. Os garotos que ainda vão entrar nesta escola. E se Chamberlain está agindo assim, se ele está falando assim, você acha que ele é o único? E *você* pensa que é o *único* aluno que ele persegue? – Alicia cruzou os braços e continuou: – Talvez *chamar pessoas para lerem poemas* não adiante muito, mas deixe eu lhe perguntar uma coisa, Miles: o que é que *você* vai fazer?

– Não foi isso que eu quis dizer – respondeu Miles. – O que eu estou dizendo é… o que é que eu posso fazer? Você… você não sabe. Eu acabei… eu destruí uma carteira da sala de aula. – Miles se recompôs. – Eu… eu simplesmente dei um soco na mesa, e ela se quebrou daquele jeito. Mas a questão é que a escola deve estar prestes a me expulsar por causa disso. Então, a essa altura, não importa muito o que eu faça.

– Ah, certo. Entendo – disse Alicia, sarcasticamente. – Eu não sei, hein? Bem, deixe eu lhe dizer o que eu *sei*. Você está assustado.

Miles abriu a boca para dizer alguma coisa, mas Alicia levantou a mão e o interrompeu.

– Não, não. Está tudo bem. Eu entendo. Não o culpo por estar assustado. Mas, por estar assim, você simplesmente não vai fazer nada, não é? Simplesmente aceitará a derrota porque é melhor assim, certo?

– Alicia… – Miles começou, mas não tinha nada a dizer. Nenhuma resposta. Nenhuma maneira de explicar tudo.

– Bem, me conte depois se deu certo para você, Miles – disse ela, dando meia-volta e indo embora.

Idiota, idiota, idiota.

MILES
MORALES
HOMEM-ARANHA

7

– Certo, agora bote tudo para fora.

Miles finalmente havia voltado ao alojamento depois das aulas da tarde. Seu estômago se transformara – de um nó apertado para um poço vazio depois de conversar com Alicia – e os mesmos pensamentos se repetiam sem parar em sua mente: *Está tudo acabado para mim. Vou cair fora daqui. Idiota, idiota, idiota.* Ganke acabara de ligar o Nintendo enquanto Miles revirava o armário e tirava sua máscara dali.

– Não sei nem por onde começar – disse Miles. – Primeiro, alguém roubou a loja ontem – falou, com a voz inalterada. – Enquanto eu estava tentando conseguir o crédito extra com Blaufuss, alguém invadiu… – Ele percebeu que estava mentindo. Ninguém havia "invadido" a loja, porque a porta ficara aberta. – Alguém entrou na loja e roubou um monte de salsichas.

– O quê? – Ganke pausou imediatamente o jogo e virou-se para trás para olhar para Miles, que ainda estava cavoucando na bagunça do armário. – Salsichas?

– Isso mesmo. Salsichas. Em lata. – Miles jogou a máscara e o uniforme sobre a cama. – E eles acham que fui eu quem fez isso.

– Quem acha que foi você?

Miles esfregou o rosto.

– O diretor Kushner. Meus pais. Foi por isso que eles vieram até aqui. Acham que eu tive algo a ver com aquilo. – Miles fez um gesto negativo com a cabeça. – E nem é por nada, mas eu não gosto de salsicha em lata.

– E quem gosta? É nojento. – Ganke desativou a pausa do jogo. Seus polegares operavam o controle, fazendo Mario pular nos tijolos e sobre as cabeças dos *goombas*.

– Nojento, idiota e tudo mais. Não importa. O diretor Kushner me demitiu da loja e de todo o programa de trabalho e estudo. Por isso, agora os meus

pais vão ter que tirar dinheiro do próprio bolso para pagar a minha alimentação e a minha vida de luxo neste caixote fedido com você.

Ganke pausou o jogo novamente e virou-se de frente para Miles.

– Meu amigo, eu sei que você está bravo agora, e que está falando só da boca para fora, mas isto aqui não é um caixote fedido. E, se for, não é por minha causa. Em primeiro lugar, é você que usa o mesmo jeans todos os dias.

– É assim que se amacia um jeans.

– Se você diz. E, em segundo lugar, eu sou coreano. Nossos corpos não cheiram mal.

– O quê?

– Pode acreditar. É verdade.

Miles olhou para Ganke como se ele tivesse duas cabeças.

– Cara, o que estou tentando dizer é o seguinte: não posso deixar que os meus pais paguem por isso, pelo meu erro. As coisas já estão bem apertadas, e a quantidade de dinheiro que eles provavelmente vão ter que pagar para que eu continue neste alojamento arrebentará as contas. – Miles bateu com os nós dos dedos na testa. – Por isso, eu tenho que encontrar uma solução.

– Implore para que Kushy Kushy o contrate de volta.

– Eu pensei nisso, mas vamos cair na real. Quando foi a última vez que você viu Kushner sorrir? Cara, ele nem mesmo desamarra aquele rosto, então por que faria alguma gentileza por mim? E eu acho que nada disso vai adiantar, porque acabei de perder as estribeiras com Chamberlain e arrebentei uma carteira. Por isso, provavelmente vão me expulsar por destruir o patrimônio da escola.

– Você fez *o quê*? Uma carteira? Cara, o que deu na sua cabeça?

– Ganke, eu estou lhe dizendo, ele é… tem alguma coisa errada com ele. Não consegui evitar. Mas, surpreendentemente, ele não me disse nada depois da aula, e nem tentou me impedir de sair. Então, veremos.

– Bom, ele não vai fazer uma queixa contra você, mas mesmo assim você ainda vai acabar se ferrando. E então, o que você vai fazer?

Primeiro Alicia, e agora Ganke. Essa era uma pergunta que Miles estava ficando cansado de ouvir. Ganke se recostou em sua cadeira e apoiou os braços sobre a barriga. Percebeu o uniforme sobre a cama.

– Ei, o que houve? Seu período sabático já terminou? Está pensando em virar um herói de aluguel? Espero que sim. Ou está indo procurar uma carteira para substituir aquela que você arrebentou na sala de Chamberlain? Preciso lhe avisar que isso não parece ser realmente um trabalho para o Homem-Aranha.

– Não. Não. E… não.

Miles pegou a máscara e se levantou da cama. Havia um espelho entre a sua cama e a de Ganke, o mesmo espelho no qual Miles verificava seu jeans e tênis todos os dias. O mesmo espelho que Ganke usava para imitar Miles verificando seu jeans e os tênis todos os dias. Olhando para o seu reflexo, Miles virou a máscara do avesso. Colocou-a no alto da cabeça e puxou-a para baixo, cobrindo o rosto. Toda negra.

Você é exatamente igual a mim.

Miles engoliu em seco, olhando para si mesmo, mas não estava olhando para si mesmo.

Você é exatamente igual a mim.

– Não sei. – Miles arrancou a máscara da cabeça, virou-a novamente do lado certo e voltou a vesti-la. Pegou o uniforme que estava sobre a cama. – Só preciso arejar um pouco a cabeça.

E, para arejar a cabeça, Miles precisava sair para *saltar e balançar, disparar e voar*. Ele abriu a janela do dormitório, camuflou-se para a saída inicial e começou a rastejar pela parede; o preto e o vermelho do seu uniforme agora tinham as cores dos tijolos e do cimento. Quando chegou ao teto, saiu do modo de camuflagem e observou o campus. Os prédios altivos e

as calçadas margeadas por árvores. O pátio com a fonte e os jardins, todos emulando as escolas de elite da Ivy League. E, mais ao longe, a cidade, erguendo-se rumo ao céu como dedos prontos para agarrar alguém – ou todo mundo.

Miles deu alguns passos para trás, respirou fundo, absorvendo tudo que estava à sua volta, empurrando todas as coisas dentro de si – o diretor Kushner, seus pais, o Sr. Chamberlain – ainda mais para baixo. E, em seguida, partiu. Com uma breve corrida, ele saltou do alto do prédio.

E, de telhado em telhado, Miles saltava tão facilmente quanto se estivesse saltando poças d'água na calçada, até chegar aos limites do campus. Em seguida ele saltou no ar, lançando teias pelas duas mãos e prendendo-as às arvores, postes telefônicos e qualquer outra estrutura ao seu redor, que o projetavam ainda mais longe pelo ar, bem acima das pessoas que andavam lá embaixo, espalhadas pelas ruas como formigas. Não prestou atenção para onde estava indo; tentou simplesmente se lembrar da sensação de voar. Como era a sensação de cair sabendo que não se arrebentaria no chão.

Da torre do relógio até o tribunal de justiça, dos telhados de prédios de luxo para os dos conjuntos habitacionais. E, antes que percebesse, quase como se houvesse aberto subitamente os olhos, ele estava em seu próprio bairro. Um aglomerado de sons o atingiu, bem diferente dos sons da Brooklyn Visions Academy. O guincho dos freios dos ônibus. As buzinas insistentes dos táxis. Homens gritando por entre bolas de basquete que quicavam no chão. Música que vinha tanto dos rádios quanto dos sons da própria cidade.

Miles se empoleirou no telhado da loja de 1,99 da rua Fulton – a loja onde Frenchie trabalhava – e observou tudo, antes de concentrar o olhar em um grupo de garotos que desembarcava de um ônibus, um borrão de cores vivas e cabeleiras armadas que fazia esses adolescentes se parecerem mais velhos do que eram. Miles os observou enquanto caminhavam pelo quarteirão, rindo

e contando piadas, até chegarem à esquina. Quando chegaram ao final da rua, todos pararam de conversar, passando por um grupo de rapazes mais velhos, e um deles disse alguma coisa para os mais jovens.

Bzzz. Bzzz.

O sentido aranha de Miles criou vibrações em sua cabeça. *Bzzz*.

Os garotos mais novos não esperaram nem partiram para a briga. Simplesmente fugiram, cada um partindo a toda velocidade em uma direção diferente. Somente um dos homens se afastou do seu grupo para perseguir os garotos, e aquele que selecionou como alvo era o mais extravagante dentre eles. O que tinha uma mecha loira no cabelo.

Miles saltou para o prédio ao lado, e o seguinte, acompanhando a perseguição. O garoto corria pela calçada, ocasionalmente pulando para a rua para desviar da multidão, ziguezagueando de um quarteirão a outro enquanto o rapaz o seguia de perto.

E em seguida o garoto com a mecha loira virou à esquerda em uma rua lateral da avenida em que estava, disparando por uma rua tranquila. *Talvez seja a rua onde ele mora*, pensou Miles, ainda acompanhando tudo do alto. E, sem nada para atrapalhar, o homem apertou o passo e alcançou o garoto, agarrando-o pelos ombros; depois, para demonstrar a seriedade da situação, colocou um braço ao redor dele e ergueu seu corpo. O garoto não gritou. Não berrou pedindo ajuda. Miles conhecia aquele silêncio. O silêncio que sabe que gritar é fútil e contra as regras. Gritar torna as coisas mais perigosas.

Eles deram mais alguns passos, fingindo que tudo estava normal, até que Miles percebeu o garoto se agachando e desamarrando os cadarços dos tênis.

Bzzz.

“Eu li no jornal que garotos estão apanhando na rua e tendo seus tênis roubados.” A voz do pai de Miles nadou em sua cabeça enquanto ele saltava do alto do prédio. Quando o garoto entregou os tênis ao ladrão, Miles estava em pé logo atrás dele.

Os olhos do garoto se arregalaram. O ladrão se virou para trás e encarou os olhos vermelhos e brancos da máscara de aranha. Não disse nada. Simplesmente rosnou e fez que não com a cabeça.

– Você devia cuidar da própria vida – disse o ladrão, erguendo a camisa para mostrar a coronha de uma pistola enfiada na cintura da calça.

– Isto aqui *é* a minha vida – respondeu Miles.

Ele e o homem se enfrentavam na calçada. O garoto mais novo se afastou silenciosamente, subindo os degraus que levavam para uma das casas.

O homem largou os tênis. Subitamente, o tremor do sentido aranha de Miles gritou, advertindo-o de que o homem iria sacar a arma. Antes que conseguisse tocar na empunhadura de metal da pistola, Miles agarrou o pulso do homem com força. Usando somente dois dedos, ele esmagou os ossos marmóreos que ajudam o pulso a girar, fazendo o ladrão gritar e forçando-o a usar a outra mão para se apoiar. E, quando ele havia se curvado pela dor, Miles estava logo ali com um gancho, forte e certeiro, fazendo o ladrão recuar e desabar no chão.

– Você fala como se fosse durão, mas é só um covarde – disse Miles, balançando a cabeça pouco antes de pular em cima do rapaz.

O garoto agarrou o ladrão pela gola da camisa e ergueu o punho fechado. Logo antes de arrebentar a cara do rapaz como se fosse um martelo, Miles percebeu o menino pelo canto do olho. A mecha loira. Ele assistia a tudo, aterrorizado. Seu olhar paralisou Miles no meio do golpe.

Você é exatamente igual a mim.

Miles parou. Afastou-se do ladrão, que agora era somente uma lesma salpicada de sal e encolhida na calçada. Miles arrancou a pistola das calças do rapaz e a esmagou com um pisão. Em seguida, virou-o de bruços e puxou-lhe os braços para trás; o pulso quebrado agora estava do tamanho de uma laranja grande. O ladrão gritou. Miles segurou seus braços com força e os prendeu com um disparo de teia.

Em seguida, arrancou os tênis que o ladrão estava usando e entregou-os ao garoto, que estava tremendo de medo, junto com o par de tênis que pertencia a ele.

– Faça o que quiser com eles. – Depois, agachou-se e chegou bem perto do rosto ensanguentado e arrebentado do assaltante. – Conte a todo mundo sobre o que acabou de lhe acontecer. E se você, ou qualquer pessoa aqui, tentar fazer isso outra vez, eu vou saber. Perceba, você não me conhece, mas eu o conheço. E eu *virei* atrás de vocês.

Enquanto o garoto se agachava e amarrava os cadarços dos seus tênis, Miles projetou a teia rumo a um poste de iluminação pública e balançou-se para o alto. Disparou teias para a direita e para a esquerda, para cima e para os lados, deixando que se prendessem aleatoriamente a várias estruturas – postes, arranha-céus, andaimes de construção. Enquanto cortava rapidamente o ar, a sua adrenalina baixou, e ele foi forçado a encarar o fato de que quase havia espancado um homem até a morte. *E se você o matasse? Bem ali, bem na frente daquele menino. E se você tivesse matado aquele ladrão?* Lágrimas começaram a se formar nos cantos dos seus olhos, mas elas não rolaram. *O que deu na sua cabeça? Quem é você?*

Você é exatamente igual a mim.

– Não sou! – disse Miles, em voz alta, com a voz abafada pela máscara. Não que alguém pudesse ouvi-lo, porque ele estava cruzando os céus do Brooklyn com Teflon Tencel. – Não sou! – repetiu ele, cortando a teia e pousando no telhado de uma escola, e o impulso do movimento o forçou a rolar para a frente.

Quando estava em pé outra vez, ele arrancou a máscara da cabeça. Seu peito arfava. Olhou por cima da beirada do telhado enquanto garotos conversavam diante do portão da escola, altos, suados, passando uma bola de basquete de um lado para outro como se fosse uma granada prestes a explodir. Todos usavam camisetas de treino do time da escola. Uma escola

que não ficava tão longe da casa de Miles. Ele não estava prestando muita atenção enquanto saltava de um lado para outro, mas parecia que sua mente estava com o piloto automático, levando-o de volta para casa. Ou, pelo menos, para algum lugar próximo de casa.

Miles ficou chocado por sequer pensar em ir para aqueles lados, porque a casa da sua família não parecia ser um lugar para onde ele gostaria de ir. Não depois de tudo que acontecera naquele dia, e especialmente porque não sabia se a notícia sobre a carteira quebrada estaria à sua espera, ali. No entanto, estava com tantas coisas na cabeça, tantas coisas que precisava compreender, que preferia estar em companhia de seus pais, mesmo que irritados, no conforto da sua própria casa, àquele quarto de alojamento fedido, bombardeado com os blips e as músicas irritantes do *Super Mario Bros.*

E assim, com o dia começando a escurecer, Miles se encostou contra o muro dos fundos da escola e decidiu caminhar pelo restante do trajeto até a sua casa com a camuflagem ativada. Cães que eram levados para passear ficavam instigados quando passavam por ele, levando broncas de seus donos, sem perceber que Miles estava logo à sua frente, fazendo caretas. Um gato branco o avistou, retrocedendo enquanto se preparava para o ataque, curvando as costas na forma de uma letra *n*, e sibilando antes de sair em disparada e se esconder debaixo de um carro. No entanto, aquele carro não era um carro qualquer. Na verdade, era mais uma casa do que um carro. Copos de café da bodega cobriam o painel, junto com pedaços aleatórios de papel e outros detritos. Sacos de lixo estavam empilhados nos bancos dianteiros. A pintura azul-celeste estava manchada pela ferrugem. O carro era tão parte do bairro quanto qualquer outra coisa. E, embora Miles nunca tivesse aprendido qual era o nome do dono, todo mundo sabia que havia um homem que dormia no banco traseiro. Ninguém o incomodava. As crianças passavam cada dia tentando criar coragem para espiá-lo. Hoje, Miles, enxerido e invisível, decidiu fazer a própria tentativa. Finalmente saciou sua

curiosidade. Espiou pela janela traseira. Um cobertor listrado e amarrotado estava largado ali, sozinho, como um fantasma adormecido. A porta não estava totalmente fechada, e a lâmpada interna estava ligada. O homem, porém, não estava ali. E, assim, Miles bateu na porta para fechá-la e continuou a andar.

Seu quarteirão estava tranquilo. Nada de carros. Nem pessoas. Nem mesmo Tony Gordo e seus garotos – o que era estranho, porque eles sempre estavam na rua, a menos que a polícia estivesse por perto. Conforme Miles continuou a seguir pela rua, contudo, ele percebeu o que estava acontecendo de verdade. Oficiais de polícia estavam escoltando Neek para fora da sua casa. Neek, com a barba farta e calvo, parecia estar confuso, como se não soubesse por que estava sendo preso. Seu rosto era uma bola de fogo e ele cuspia chamas pela boca.

– Soltem-me! Soltem-me! – gritou ele, com a voz rouca. – Não deixem que eles me capturem!

Por um momento, Miles se esqueceu de que ninguém era capaz de vê-lo e pensou que Neek estivesse falando com ele, mas não estava. Neek estava simplesmente gritando. Quebrando o código que havia sido mantido pelo garoto cujos sapatos quase foram roubados. Miles imaginou que Neek provavelmente estivesse sofrendo um *flashback*, um sintoma da sua síndrome de estresse pós-traumático. Um gato branco – muito provavelmente o mesmo gato branco de antes – esfregou o corpo no degrau mais baixo da escada de acesso da casa de Neek enquanto os policiais enfiavam Neek no banco traseiro da viatura e o levavam embora.

Quando a polícia se foi, Miles subiu pela parede, passou pelo telhado e desceu pela lateral da casa até chegar à janela do seu quarto. Ele sempre a deixava destrancada para momentos como este. Ergueu a persiana frágil e entrou no quarto com a graça de uma bailarina. Miles podia ouvir seus pais

conversando na sala e prestou atenção enquanto eles reclamavam, mas pelo menos ficou reconfortado por não haver nenhuma má notícia *nova*.

Silenciosamente, ele revirou a cômoda para pegar roupas, vestindo uma calça jeans por cima do seu traje-aranha junto com um moletom da BVA com capuz que comprou quando ainda estava no primeiro ano. Cada peça de roupa mudava de cor conforme ele se vestia; tudo se mesclava com a madeira da sua cômoda e do piso. Em seguida, ele saiu outra vez pela janela, voltou ao telhado e desceu pela fachada da casa, olhando em todas as direções antes de deixar que o azul voltasse a colorir o seu jeans e o marrom, sua pele.

Ele apertou o botão do interfone.

– Quem é? – A voz do pai de Miles crepitou pelo aparelho.

– Ah… sou eu. – Miles se aproximou do interfone.

Por um segundo, nada.

– Miles?

– Sim.

A porta estalou. Miles a abriu e subiu as escadas. Sua mãe abriu a porta do apartamento no exato momento em que ele chegou.

– Miles?

– Oi, mãe. Desculpe, eu esqueci a minha chave – disse ele, fechando a porta por trás de si.

Seu pai estava sentado no sofá da sala de estar, com as contas da casa espalhadas sobre a mesa de centro como se o casal estivesse passando uma noite tranquila a dois, montando um quebra-cabeça. E, de certa maneira, era o que estava acontecendo: estavam tentando descobrir quais peças se encaixavam em qual lugar. Um quebra-cabeça formado por faturas e contas.

– Eu quase não deixei você entrar. O que está fazendo aqui? – perguntou o pai de Miles, com a voz fria.

Miles se preparou imediatamente para ouvir “Acabaram de nos ligar da escola. Você quebrou uma carteira?”. Em vez disso, porém, ele ouviu o

seguinte da sua mãe:

– Você devia estar na escola, filho.

Miles nunca pensou que essa frase pudesse ter um som tão doce.

– Além de você não dever estar aqui, eu não quero que esteja em *nenhum outro* lugar. Quero que fique na escola por tanto tempo que comece a sentir que se transformou num livro didático.

– Jeff. – A mãe de Miles sentou-se no braço do sofá, encarando-o com um olhar inquisitivo, mas ainda assim maternal.

– Eu só… – começou Miles, mas as palavras ficaram presas em sua garganta como se fossem um anzol.

Ele olhou para a mesa de centro. Os papéis. Um monte deles. Números impressos em tinta preta. Carimbos. ATRASADA. RENEGOCIADA. ÚLTIMO AVISO. Envelopes brancos empilhados no canto oposto da mesa. URGENTE. Um lápis, um bloco de papel e uma calculadora, todos se transformando em um borrão enquanto Miles tentava falar.

– Eu vim só para dizer… desculpem. Estou arrependido – disse Miles, com a voz embargada, e os olhos agora concentrados em sua mãe.

– Eu sei – ela afirmou, com um suspiro. – E agora você disse. Sabemos que você está arrependido. Mas o que nós não sabemos é o que está havendo com você. – Os olhos dela foram ficando embaçados enquanto olhava para Miles.

A morte do meu tio.

Minha escola.

Meu professor.

Meu primo encarcerado que acabei de descobrir.

Meus superpoderes.

– Nada – disse Miles. – Bem, eu… eu acho que estou sentindo muita pressão. Mas eu… eu estou bem.

– Tem certeza? – Sua mãe se aproximou, seus olhos perfurando através das camadas de Miles. Atravessando a máscara.

Miles desviou o olhar, voltando a se concentrar na mesa de centro. De volta ao seu pai, que ainda observava a tudo.

– Sim. – Miles fez que sim com a cabeça. – Tenho certeza. – Ele abraçou a mãe. – Vou descobrir uma maneira de dar um jeito em tudo isso.

– Não. – Ela afastou-se. – Você vai se ocupar com a escola. Com as suas notas. E somente com isso. Seu pai e eu cuidaremos do resto.

– Mas vocês não deveriam ter que fazer isso – disse Miles.

– Oh, Miles. Essa é a responsabilidade que você assume quando tem filhos.

– Eu não fui avisado disso! – rosnou o pai de Miles.

– Não dê ouvidos a ele. Sim, nós sabíamos de tudo. Miles, nós dois vamos passar fome se isso significar manter a sua barriga cheia. Entendeu?

Um calombo se formou na garganta de Miles.

– E, por falar em barriga cheia, vou fazer um sanduíche pra você levar.

– E já está ficando tarde, então eu vou levá-lo até o trem – disse o pai de Miles, inclinando o corpo para a frente. – Eu lhe disse que estão assaltando as pessoas para roubar seus tênis. E, embora os seus não sejam tão caros – ele olhou para os tênis de Miles –, eles estão limpos.

• • •

Do lado de fora, as coisas ainda estavam bem tranquilas, com exceção das vozes de Tony Gordo e seus filhos. Eles haviam retornado para o quarteirão e estavam encostados no portão, e suas risadas cortavam o ar calmo.

– Qual é a boa, Sr. Davis? Miley Miles? – disse Tony Gordo, levantando a mão para acenar.

– E aí, Tony? – respondeu o pai de Miles, fechando o portão ao pé da escadaria.

Antes que Miles pudesse falar, seu pai o agarrou pelo braço e saiu andando no sentido oposto.

– Ei, Sr. Davis? – chamou Tony.

O pai de Miles virou para trás.

– Você viu o que aconteceu com Neek?

– Sim, eu vi.

– O que você acha que ele fez? – perguntou Tony.

Miles olhou para o outro lado da rua, onde ficava a casa de Neek. O gato agora estava sentado no degrau mais alto da escada. Ele se lambeu antes de girar a cabeça com um movimento brusco para olhar nos olhos de Miles.

Era como se ele soubesse que Miles estava assistindo à cena.

Era como se conhecesse Miles.

– Não faço a menor ideia – disse o pai de Miles, balançando a cabeça e voltando a dar as costas para Tony.

Miles estava com o olhar travado no gato. Os olhos eram estranhamente familiares. Quase magnéticos. O bicho inclinou a cabeça para o lado, estudando o garoto antes de se erguer e flexionar o corpo em um arco feroz e peludo outra vez.

Você é exatamente igual a mim, Miles jurou ter ouvido o gato dizer. Jurava que vira o gato realmente mover a boca para formar essas palavras. Miles estreitou os olhos e viu que o gato estava somente sibilando. Sua cauda se movia de um lado para outro, mas não da maneira normal. A maioria das caudas de gatos se movia como serpentes encantadas. A daquele gato se movia como o chocalho de uma cascavel. O pai de Miles o pegou pelo braço novamente, mas Miles não conseguiu se virar. Seus olhos começaram a ficar secos, sua visão começou a embaçar, e a cauda daquele gato de rua passou a se dividir em várias caudas enroladas.

O gato do seu sonho.

E o gato do pulso do Sr. Chamberlain.

Sr. Chamberlain.

– Vamos embora – pediu Jeff.

Miles tropeçou nos próprios pés, virando-se para acompanhar o pai enquanto mantinha os olhos no gato. *Sr. Chamberlain*. O garoto olhou por sobre o ombro mais uma vez, relutantemente, enquanto caminhava. Seu cérebro estava disparando milhares de pensamentos. Ou melhor, somente um pensamento, na realidade: *Sr. Chamberlain.* Ele não sabia exatamente o que aquilo significava, mas sabia que havia algo de errado com o professor de História. Algo que ia além de o homem ser simplesmente um calhorda. No entanto, muitas outras coisas ainda não faziam sentido. Por exemplo, o que Chamberlain tinha a ver com Neek? E o que Miles tinha a ver com tudo aquilo?

– E então… você está bem? – perguntou o pai de Miles, já cinco passos à frente, se alguém pudesse chamar o que Miles estava fazendo de caminhar.

O garoto estava se movendo de uma maneira bastante desajeitada. Não muito parecido com o que o Homem-Aranha deveria fazer.

– Aham. Estou, sim.

Miles tentou afastar a distração e enfiou as mãos nos bolsos de canguru do seu moletom. Em seguida, incapaz de resistir, olhou para trás mais uma vez para procurar o gato, mas o bicho havia desaparecido.

– Não está parecendo. Tem alguma coisa que você gostaria de conversar a respeito? Talvez sobre o que aconteceu hoje?

Miles engoliu o pedregulho que ainda estava preso na garganta e olhou para o pai.

– Você… ah… acredita em mim? – Isso importava mais do que qualquer coisa. Era uma coisa ser acusado pelo diretor. Outra era perder a confiança da família. – Ou você acha que eu realmente roubei aquelas coisas da loja?

– Eu acredito em você, filho. – O pai de Miles suspirou.

– E ela? – perguntou Miles.

– Quem, a sua mãe? – O pai de Miles enfiou as mãos no bolso. – Ela está só preocupada com você. Olhe, tente pensar no caso pela nossa perspectiva. Nosso filho, que nós conhecemos a vida inteira, que nunca teve nenhum problema com a escola, foi suspenso na semana passada basicamente por matar aula. E em seguida, assim que ele volta para a escola, perde o emprego do programa de trabalho e estudo por roubar. Agora, eu não acredito que você estava roubando, mas você disse que saiu para ir a um evento com o microfone liberado. Meu filho, o craque da ciência e da matemática, sai do trabalho para ir ver o quê? Gente cantando? Rap? Poesia? Você tem que entender a impressão que isso causa. Você parece estar saindo dos trilhos, Miles. Então, acho que entende que ela está com medo de que você acabe ficando igual…

– … ao tio Aaron.

– Isso. Ao tio Aaron. Diabos, eu nunca pensei que o meu irmão seria um assunto para discutir com a minha esposa na cama, mas algo me diz que vai ser assim esta noite. – O pai de Miles parou de andar, segurou no ombro do filho e o olhou nos olhos. – Escute, só me diga que está tudo bem.

– Eu estou bem.

– Então explique por que você saiu da loja.

– Eu lhe disse. – Miles começou a andar de novo. – Fui para o evento do clube de poesia.

– Você foi ao evento do clube de poesia. – O pai de Miles assentiu, olhando para a lateral do rosto de Miles com uma expressão dura. – Para quê?

– Para ganhar crédito extra na matéria.

– Ah. Certo. – O pai de Miles concordou com um movimento de cabeça, e deixou o silêncio estranho que havia entre os dois inflar até explodir. – E então… qual é o nome dela?

– De quem?

– Da garota que fez você gostar de eventos com microfone aberto, filho. Escute, eu acredito quando você diz que foi a esse evento para ganhar créditos, mas algo me diz que essa não foi a única razão. Você sabe que eu já fui adolescente, não é? Alguém fez a sua cabeça girar, a menos que você esteja se transformando no próximo Langston Hughes e eu não saiba.

Miles deu uma olhada para o pai, que estava tentando impedir um sorriso se abrir em seu rosto.

– E então, qual é o nome dela?

Miles balançou a cabeça.

– Alicia.

Seu pai riu discretamente.

– E ela sabe que você gosta dela?

– Não sei. Achei que soubesse, mas não tenho certeza agora. Faço duas matérias com ela, mas toda vez que tento dizer alguma coisa eu fico enjoado. No começo, achei que fosse por causa do meu sentido aranha, e talvez seja isso também, mas…

– Mas você acha que o problema é outro. *Borboletas* – o pai de Miles cantarolou em uma voz tola que imitava um cantor de ópera, e agitou as mãos no ar como se fosse o maestro de uma orquestra, trombando no filho.

– Seja o que for. – Miles o empurrou de volta. – E, de qualquer maneira, eu *também* queria ir ao evento para dar a ela uma coisa que havia escrito.

– Ah, então você realmente escreveu um poema para essa garota?

– Sim.

– Uau. Devem ser borboletas, realmente. E o que aconteceu quando você entregou o poema a ela?

– Não entreguei. Antes que eu tivesse a chance de entregar, ela me pediu para ler o poema diante de todo mundo. E eu entrei em pânico.

– Bem, fico feliz em dizer que você herdou isso do seu velho, meu rapaz. – O pai de Miles apontou para si mesmo. – Seu tio tinha bastante

autoconfiança quando estava com as mulheres. Mas eu não. Já ouviu a história de como conheci a sua mãe?

– Sim, minha mãe me disse que vocês se conheceram em uma festa e que você foi bem sedutor.

– Essa é a maneira de contar dela, porque é uma pessoa toda doce. Mas a verdade é esta aqui. Era uma festa no dia do Super Bowl[2] que eu e Aaron organizamos no nosso apartamento sujo na rua Lafayette. Sua mãe veio com um primo, que era um dos nossos amigos. Mas ela não se encaixava naquele lugar. Era uma garota católica do Bronx que não tinha nenhuma relação com a gente. Mesmo assim, ela entrou, cara… e eu fiquei no chão. Não consegui fazer nada pelo resto da noite. Acho que eu nem lembro quem estava disputando o campeonato naquela noite. Tudo que eu estava tentando fazer era descobrir uma maneira de iniciar uma conversa. Mas quando lhe digo que eu estava nervoso… eu estava *nervoso*. A única coisa em que consegui pensar foi agir como um bom anfitrião e servir bebidas, salgadinhos e molho para todo mundo, e coisas do tipo.

Miles e seu pai pararam na esquina por um segundo para garantir que não havia nenhum carro vindo antes de atravessarem.

– Primeiro eu servi uma bebida para ela. Champanhe? – O pai de Miles fingiu que estava virando uma garrafa. – Ela me agradeceu e abriu um pequeno sorriso. Em seguida, perguntei se podia lhe dar alguns salgadinhos e molho. *Hors d'oeuvres?*[3] Mas, naquele momento, eu disse assim: *Or derbs?*[4] E ela disse sim, novamente, rindo, o que é sempre um bom sinal. Assim, eu fui até o outro lado da sala e peguei toda a tigela de molho. Quando estava passando no meio das pessoas, eu tropecei no canto da mesa de centro e senti que a tigela estava saindo das minhas mãos. – Ele moveu as mãos como se estivesse fazendo malabarismos com bolas invisíveis. – Já sacou o que aconteceu depois?

– Não pode ser.

– Pois é, foi tudo em cima dela – o pai de Miles assentiu.

Eles cortaram caminho pelo parque. Um atalho. Um homem estava deitado em um banco. Outro parou de caminhar, apalpando os bolsos, tentando encontrar algo que claramente havia esquecido. Um grupo de adolescentes contava piadas uns para os outros.

– Uma tigela inteira de molho – confirmou o pai de Miles.

– E o que foi que ela fez?

– Miles, você não me ouviu? Eu disse que derrubei *uma tigela inteira de molho* em cima dela. Ela ficou louca! – O pai de Miles explodiu em uma gargalhada.

– Mas então… eu… como vocês acabaram ficando juntos?

– Ah, isso não é importante. O que importa é que não acho que teríamos ficado juntos se eu não tivesse derrubado aquele molho. – Ele levou as mãos à cabeça, entrelaçando os dedos. – Então, esse poema que você escreveu para ela… esse é o seu molho. Você precisa despejá-lo em cima dela, entendeu?

– Quer dizer que eu tenho que ler para ela?

– Exatamente. Derrube o molho nela, filho. – O sorriso do pai de Miles era confiante, como se soubesse que aquele era um momento paternal. Uma joia rara.

Eles agora estavam do outro lado do parque, nos degraus que desciam rumo à estação de trem. Miles deixou os ombros caírem.

– E o tio Aaron?

– O que tem ele? – O pai de Miles voltou a ficar sério, enrijecendo o corpo e baixando os olhos.

– Como é que *ele* pegava as garotas?

O pai de Miles passou a mão pela boca como se estivesse se livrando de palavras secretas antes que fossem ouvidas.

– Sabe de uma coisa? Eu não sei ao certo. Mas era o que ele fazia, e fazia bastante. – Ele mordeu o lábio inferior e fez um rápido movimento negativo

com a cabeça. Em seguida, levou a mão ao bolso de trás da calça e tirou um pedaço dobrado de papel, batendo-o contra a outra palma. – Acho que essa é uma hora tão boa quanto qualquer outra – disse ele, entregando o papel para Miles.

Miles desdobrou a folha, reconhecendo o lápis. E as letras maiúsculas.

CARO SR. DAVIS,

MEU NOME É AUSTIN. TENHO QUINZE ANOS E ESTOU ESCREVENDO DA ALA JUVENIL. CONSEGUI SEUS DADOS COM A MINHA AVÓ. ELA SABIA O SEU NOME E ACHO QUE ENCONTROU SEU ENDEREÇO NA INTERNET. ESPERO QUE NÃO SE IMPORTE. ELA ESTAVA ME CONTANDO ALGUMAS COISAS A SEU RESPEITO E DISSE QUE EU DEVERIA TENTAR ENTRAR EM CONTATO PARA CONHECER O OUTRO LADO DA MINHA FAMÍLIA. O NOME DO MEU PAI ERA AARON, E, SE ESSE FOR O ENDEREÇO CERTO, ENTÃO VOCÊ É O IRMÃO DE AARON. ISSO O TORNA MEU TIO. NÃO SEI SE VOCÊ SABIA ALGUMA COISA A MEU RESPEITO,

E A MINHA AVÓ DISSE QUE VOCÊ E O MEU PAI NÃO SE DAVAM MUITO BEM. ENTÃO, TALVEZ VOCÊ NÃO SOUBESSE, OU TALVEZ SOUBESSE, MAS ESTIVESSE IRRITADO DEMAIS PARA ENTRAR EM CONTATO. EU SEI COMO É ISSO. DE QUALQUER MANEIRA, COMO VOCÊ COM CERTEZA JÁ SABE, MEU PAI NÃO ESTÁ MAIS ENTRE NÓS; ASSIM, NÃO SEI SE ESTOU PASSANDO DOS LIMITES, MAS EU GOSTARIA QUE VOCÊ PUDESSE VIR ME VER. SÁBADOS SÃO OS DIAS EM QUE POSSO RECEBER VISITAS. EU NUNCA RECEBO VISITAS, E SERIA MUITO BOM VER ALGUÉM DA FAMÍLIA, MESMO QUE A GENTE NÃO SE CONHEÇA.

ESPERO QUE VOCÊ RECEBA ESTA CARTA.

AUSTIN DAVIS

Miles voltou a dobrar a carta e tentou esconder seu ceticismo. Tentou morder a língua.

– Você sabia alguma coisa a respeito dele?

– É claro que não. Eu não conversava com Aaron havia muito tempo, e sempre que isso acontecia era para mandar que ele ficasse longe de você.

– Então você nem sabia que esse garoto existia?

– Não até o domingo passado, quando abri as cartas.

O papel que a mãe de Miles estava segurando quando ele saiu do banheiro. Aquele que arrancou a cor do rosto dela.

A mente de Miles estava funcionando a toda velocidade, e ele havia afrouxado a mordida na língua.

– Bem, eu sabia.

– Você sabia o quê?

– Eu sabia que ele existia – disse Miles. – Digo, não até ontem. Mas ele mandou uma carta, também.

– Para a BVA?

– Isso. – Miles devolveu a carta para o pai. – Não lhe contei porque não queria que você ficasse irritado por causa dela. Mas… foi o que aconteceu.

– Eu não estou gostando disso, filho. – O pai de Miles fez que não com a cabeça, enfiou o papel de volta no bolso e cruzou os braços diante do peito.

– Temos que ir vê-lo – falou Miles abruptamente, sentindo suas entranhas se remoerem.

– Absolutamente não! – rebateu o pai de Miles. – Digo… olhe, não sei se é uma boa ideia. Não é algo tão simples.

– Bem, o que a minha mãe acha?

Miles sabia que sua mãe tinha um fraco por crianças e detestava vê-las sofrendo. E não precisavam fazer parte da família para que sentisse pena delas. Ela amava Ganke como se ele fosse seu próprio filho. No entanto, se a mãe de Miles soubesse que havia qualquer possibilidade de que Austin pudesse ser um parente, apesar do que sentia em relação a Aaron, ela iria querer entrar em contato com ele. Teria que fazer isso.

O pai de Miles bufou longamente, e chegou até mesmo a inflar as bochechas.

– Você conhece a sua mãe. Ela acha que eu devia ir visitá-lo.

– Bem, então… é isso aí. Você tem que ir. E eu vou com você.

– Em primeiro lugar, veja como fala comigo, garoto. Nada de me dar ordens – disse o pai de Miles, empedernido. – Você ainda está encrencado, e ainda não decidi se vai ou não ficar de castigo. Só porque você acha que pode sair do trabalho não significa que pode dizer o que *eu* devo fazer. E olhe que nem mencionei o fato de que você estava escondendo a verdade.

– Desculpe, desculpe… – Miles ajustou o tom de voz. – Mas… bem… como estamos abrindo o jogo sobre o que aconteceu, acho que você precisa saber que eu respondi à carta dele.

– Você fez *o quê*? – O pai de Miles segurou a cabeça, como se estivesse tentando arrancá-la de cima do pescoço.

– Eu tive que fazer isso. Foi como se… eu não conseguisse evitar. Simplesmente respondi. Coloquei a carta no correio hoje de manhã.

O pai de Miles deu as costas para o filho, e em seguida virou-se de frente outra vez e olhou para o céu, como se estivesse procurando uma resposta na lua parcialmente encoberta pelas nuvens.

– Olhe, eu não sei se isso é uma boa ideia, Miles. Afinal, nós nem conhecemos esse garoto.

– É por isso que temos que ir até lá para conversar com ele.

– Nós nem sabemos se ele está dizendo a verdade.

Miles olhou para o pai com um olhar atravessado e firme.

– Tudo bem, tudo bem. – O pai de Miles jogou as mãos para cima. – Aquele garoto *provavelmente* está dizendo a verdade. Afinal, ele não tem um motivo forte para nos engrupir.

– Exatamente. Então…?

– Então, por favor, entre no trem e volte para a escola.

O pai de Miles ficou subitamente tomado pela frustração. Seu celular tocou. Ele deu uma olhada, e em seguida agarrou Miles pela nuca e puxou-o para um abraço brusco, mas cheio de amor, quase fazendo o corpo do filho se chocar contra o seu.

– É a sua mãe. Vou voltar para casa e conversar com ela sobre isso outra vez.

---

2 Super Bowl é o jogo final do campeonato da National Football League, a principal liga de futebol americano dos Estados Unidos e o mais importante evento esportivo desse país. Por ele, decide-se o campeão da temporada. (N.E.)

3 Termo francês que se refere aos aperitivos servidos antes de um prato principal; canapés. (N.E.)

4 O pai de Miles, na ocasião, não soube bem como pronunciar o termo em francês. (N.E.)

MILES
MORALES
HOMEM-ARANHA

8

Quando Miles voltou ao seu quarto, Ganke estava sentado diante do computador. Na mesa, ao lado do notebook, havia um saco de salgadinhos crocantes de queijo.

– Oi – disse Miles, fechando a porta atrás de si.

– Oi – cumprimentou Ganke, sem tirar os olhos da tela. Ele enfiou a mão no saco, puxou um salgadinho, jogou-o na boca e chupou o pó com sabor de queijo das pontas dos dedos. Em seguida, olhou para Miles, que passou logo atrás dele. – Ei, Homem-Aranha. Você saiu daqui usando um uniforme colante e máscara, e voltou com jeans empoeirados e um moletom com capuz. O que andou fazendo? Partiu para uma vida de crimes e assaltou um hipster?

– Ah! Ah! Muito engraçado. Você nem faz ideia. – Miles puxou o moletom por cima da cabeça, e o uniforme preto e vermelho com as teias ainda estava por baixo. – Acabei de voltar da casa dos meus pais.

– E você ainda está vivo? Então eu acho que eles não receberam nenhuma ligação relacionada às desventuras de hoje na sala de aula – disse Ganke, com a voz cantarolante.

– Que nada. Mas eles estão lá contando o dinheiro e calculando as contas. E, por causa disso, assaltar alguém para ajudá-los não parece uma ideia tão ruim.

Ganke meteu os dedos de volta no saco de salgadinhos, tirou o que se parecia com um floco de isopor usado para proteger mercadorias no interior de embalagens e o jogou na boca.

– Miles, por favor – disse ele. – Você não seria capaz de assaltar ninguém.

Miles deixou o corpo cair na cama, tirou a máscara do bolso do moletom e jogou-a para o lado. Queria contar a Ganke sobre ter dado uma surra no cara que pegou tentando afanar os tênis daquele garoto. Como ele o arrebentou.

Como o sangue do ladrão respingou na calçada. Como ele arrancou os tênis dos pés do rapaz e os deu para o garoto como uma espécie de justiça feita com as próprias mãos. Miles entendia esse tipo de vingança. Era algo que ele tinha dentro de si.

No entanto, não podia contar nada disso a Ganke. Além disso, se estivesse sendo honesto consigo mesmo, Ganke tinha razão: ele não seria capaz de fazer uma coisa dessas.

"Porque, não importa o que diga, *você é exatamente igual a mim.*"

As palavras circularam vagarosamente pelos ouvidos de Miles como a seiva escorrendo de uma árvore, e ele instantaneamente se lembrou do gato branco. E, após o gato branco, lembrou-se do tio, rosnando, com as mãos tentando agarrar seu pescoço. Ganke prosseguiu:

– Exceto, é claro, pelo fato de que eu *sei* dançar. Oh, e *você* é um super-herói, lembra? – Ele esfregou a mão cheia de pó alaranjado na calça de moletom que estava usando.

– Cara, me dê uns salgadinhos desses. E o que dançar tem a ver com qualquer outra coisa?

– Por que não vem até aqui e os *rouba* de mim? – Ganke riu, e em seguida estendeu o saco aberto para Miles, que o pegou com um movimento rápido. – Mas, falando sério… e se você… *dançasse* em troca de dinheiro?

– *O quê?* – Miles retorceu o rosto.

– Não do jeito que você está pensando, cara. Estou dizendo… como aqueles garotos do metrô. *Hora do show!*

– Não.

– Miles, você viu o quanto aqueles garotos ganham. E você precisa…

– Ganke. – Miles ergueu a mão. – Não vou ficar me remexendo e fazendo aquelas danças pop-lock de um lado para outro no trem em troca de moedas.

– Em primeiro lugar, você não teria que dançar pop-lock. E, em segundo, com os seus talentos, nós ganharíamos dólares, não centavos.

– “Nós”?

– Bem, eu preciso ganhar a minha comissão de empresário. Uma porcentagem pequena. Além disso, alguém tem que recolher o dinheiro. – Ganke abriu um sorriso angelical. – Dê uma pensada nisso, pelo menos.

Miles fez que não com a cabeça. De jeito nenhum. Definitivamente não podia se tornar um assaltante, mas também não podia virar um dançarino de metrô, um garoto especializado em shows improvisados. Porque não sabia dançar. Ele tinha toda a coordenação do mundo quando era preciso saltar do alto de um prédio para outro ou se esquivar de socos, mas fazer seu corpo se mover ao ritmo de uma música era um superpoder que ele simplesmente não tinha.

– Que tal você pensar nisso? – Miles disparou teias de um lado para outro do quarto, com os filamentos grossos criando uma camada parecida com espaguete na camiseta de Ganke.

– Golpe baixo, Miles. – Ganke balançou a cabeça e nem se incomodou em tentar arrancar a teia da manga.

Miles deu de ombros.

– O que você está fazendo, afinal? – Ele pegou o saco de salgadinhos.

– Pesquisando meu nome para a lição de casa de Blaufuss, o que você ainda precisa fazer. Sei que precisava sair para tomar ar fresco, ou seja lá o que fosse fazer quando saiu pela janela, mas espero que tenha respirado um pouco de poesia. A menos que esteja planejando tentar ganhar crédito extra.

– Ah… não. Nada de crédito extra. – Mas a ideia de ter que escrever um poema a essa hora da noite, depois do dia que teve, fez Miles sentir como se sua cabeça estivesse sendo esmagada por uma morsa de oficina. – É aquela coisa de procurar *o significado do seu nome*, certo?

– Isso mesmo. E quer saber de uma coisa? Não acho que meu nome tenha um significado – disse Ganke.

Miles mastigou uma meia-lua com sabor de queijo.

– Você pesquisou? – perguntou ele, com o salgadinho derretendo na boca.

– Sim, antes de você chegar aqui. Inclusive, pesquisei um monte de nomes. Por exemplo, o de Alicia. Seu nome significa “nobreza”. Oh, e um dos melhores foi Chamberlain. Cara, o nome daquele panaca significa “funcionário que administra o lar”. Ah! Mas o melhor *e também* o pior foi Ratcliffe. Significa “penhasco vermelho”. Uma pena que Ryan não queira saltar de um lugar assim. – Ganke apontou para o saco de salgadinhos, e em seguida continuou a falar. – De qualquer maneira, a questão é a seguinte: quando fui procurar o meu, a única coisa que encontrei foi uma definição do site Urban Dictionary, que dizia que o significado era “matar”.

– Matar?

– Isso, como… quando você mata alguém, você provavelmente *gankeia* elas.

O rosto endurecido pela exaustão de Miles se abriu em um sorriso. Em seguida, o sorriso se transformou em uma risada.

– Não, cara. O termo é *gank*. É daí que vem o verbo usado em inglês, *to gank*.

– Ah, *gank*? Eu conheço *gank*. A internet disse *ganke*. – Ganke relaxou. – Eu estava prestes a dizer: “Porra, meu nome significa ‘assassinar’”?

Miles e Ganke riram.

– Mas, falando sério, meu nome não significa mesmo nada. Acho que nem mesmo é coreano, o que é bem estranho.

– Você ligou para os seus pais? – perguntou Miles.

As risadas que haviam suavizado o clima do quarto desapareceram. A expressão no rosto de Ganke ficou grave.

– Você sabe que não estou querendo ligar para eles. Além disso, vou ligar e perguntar o quê? “Ei, por acaso vocês inventaram o meu nome?” Não. Bom, eu acho que poderia até ligar para a minha mãe, mas não quero ouvir a voz dela se entristecendo. Provavelmente ela diria: “Seu pai escolheu o seu

nome”. E, então, começaria a se desmanchar em lágrimas. E se eu ligar para o meu pai, ele provavelmente vai dizer: “Por quê? Você acha que não é bom o bastante?”. Ou então: “É o Lee que importa, meu filho”. – Ganke pegou um dos seus tênis e o beijou, imitando o que seu pai faria. – E você? Sabe o que o seu nome significa?

– Estou surpreso por você não ter pesquisado.

– Bem, amigos de verdade não deixam que outros amigos fujam da lição de casa – disse Ganke. – Mas não importa. Vamos ver. *Miles. Miles. Hmmmm…* – Ganke deixou o nome soar enquanto fingia pensar a respeito.

– Ah, provavelmente significa distância ou algo do tipo – supôs Miles.

Ganke olhou de lado para o amigo.

– Isso é a melhor ideia que você consegue ter? Sério? Talvez signifique *destruidor de carteiras escolares*. – Ele girou na cadeira para ficar de frente para o notebook outra vez. Seus dedos sapatearam por sobre as teclas, e em seguida seus olhos começaram a se mover rapidamente da esquerda para a direita. – Hmmmm – murmurou Ganke novamente. Ele pegou o notebook e empurrou a cadeira até onde Miles estava, colocando a máquina em seu colo. – Aí está. Leia.

Miles girou a tela para trás.

Miles – /maɪlz/ – nome masculino;

orig. latim; miles, *um soldado.*

– “Soldado”? – Os olhos de Miles se estreitaram, rolando a tela para cima e para baixo para verificar.

– Soldado.

Miles devia ter desconfiado que havia alguma coisa acontecendo na aula da Sra. Blaufuss quando Alicia não quis recitar o poema sobre seu nome para a sala. Na verdade, Alicia nem chegou a participar da aula. Depois que a

turma entregou seus *sijos* – incluindo o poema sobre soldados, do qual Miles não sentia tanto orgulho, e a composição de Ganke, intitulada “Coreano Sem Título” –, a Sra. Blaufuss começou a tagarelar nerdices sobre um poeta, U T’ak, e o *sijo* que ele escreveu sobre uma brisa de primavera derretendo a neve das colinas. A Sra. Blaufuss instigou a turma para que comentassem.

– O que ele quer dizer quando afirma desejar que a brisa derreta o gelo velho que se formou em suas orelhas? – perguntou ela.

Miles esperava que Alicia respondesse, porque sabia que ela compreendia a poesia de um jeito que a maioria das pessoas não era capaz de fazer. No entanto, em vez disso, Ryan ofereceu sua interpretação:

– Da maneira que eu vejo, a brisa é como uma carícia suave – começou ele.

Seu comentário foi seguido por um coral de resmungos, com exceção de Alicia, que estava com o rosto curvado sobre o caderno em sua carteira, e passou a aula inteira escrevendo ferozmente. Ela e Miles não haviam conversado, o que não era nenhuma surpresa, mas a garota não conversara com ninguém. Nem com Winnie. Nem mesmo com a Sra. Blaufuss, além de um breve “oi” no começo da aula.

Depois do almoço – quando Ganke tentou fazer Miles imaginar como seria um peixe-espada se a criatura fosse realmente metade peixe e metade espada –, Miles foi para a aula de História. Ele entrou e sentou-se na carteira que agora estava bamba e com as pernas tortas, enquanto o Sr. Chamberlain começava a sua rotina habitual de escrever uma citação na lousa: o texto da décima terceira emenda da Constituição. Alicia entrou junto com um grupo de alunos, os tênis rangendo, as mochilas caindo ao chão, pernas da cadeira raspando contra o piso de linóleo. Ela foi direto até a sua cadeira, sentou-se e largou a mochila. Olhou para Miles rapidamente, apenas o tempo suficiente para que ele conseguisse ver algo em seus olhos. Não era medo, e sim fúria. Ela girou para o outro lado com um movimento rápido e marchou na direção

do quadro onde Chamberlain ainda escrevia, e pegou um pedaço de giz que estava na calha sob a lousa.

– Alicia? – O Sr. Chamberlain a encarou enquanto ela começava a escrever logo abaixo da sua citação, em letras maiúsculas.

NÓS SOMOS PESSOAS
NÓS NÃO SOMOS OBJETOS

– Alicia! – gritou Chamberlain.

A garota, porém, continuou:

NÓS NÃO SOMOS SACOS DE PANCADAS
NÓS NÃO SOMOS FANTOCHES

Miles não conseguia acreditar no que estava vendo. A sala inteira estava em silêncio. Até mesmo o Sr. Chamberlain paralisara pelo choque. Finalmente, ele pegou o apagador e começou a apagar o que podia, mas Alicia foi até um lugar diferente do quadro, como se estivesse disputando um jogo intenso de pega-pega, e continuou a escrever:

NÓS NÃO SOMOS ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO
NÓS NÃO SOMOS OS PEÕES EM UM JOGO DE TABULEIRO
NÓS SOMOS PESSOAS
NÓS SOMOS PESSOAS
NÓS SOMOS

– Já chega, Alicia! – Chamberlain deixou o apagador cair no chão. – Você perdeu a cabeça? – Ele estendeu a mão e agarrou-a pelo braço, puxando-a para longe da lousa.

– Não toque em mim – disse ela, desvencilhando-se do professor.

Miles se levantou da carteira instintivamente, com a parte de trás dos joelhos fervilhando, pronto para saltar sobre Chamberlain. O professor recuou um passo. Miles relaxou um pouco.

– Nunca, *jamais* coloque as mãos em mim – ela continuou. Alicia fez uma careta, e em seguida começou a recitar o que havia escrito na lousa: – “Nós somos pessoas. Nós não somos objetos. Nós não somos sacos de pancadas”.

– Vá para a diretoria agora mesmo – grunhiu Chamberlain, com as narinas dilatadas.

Alicia virou de frente para o resto da sala. Todos estavam sentados boquiabertos; alguns, como Brad Canby, surpreendentemente faziam sinais afirmativos com a cabeça.

– “Nós não somos fantoches. Nós não somos animais de estimação. Nós não somos os peões em um jogo de tabuleiro.”

– Saia da minha aula, Alicia! Isso já passou dos limites. Vou fazer você ser suspensa! Expulsa!

Alicia olhou diretamente para Miles. Diretamente para *dentro* dele, com os olhos embaçados.

– Nós somos pessoas. *Pessoas*.

Ela olhou novamente para o Sr. Chamberlain. Jogou o giz no chão, pegou a mochila e saiu.

E, assim, a quarta-feira não foi *totalmente* pacífica.

Não tão pacífica quanto a quinta-feira.

Miles vinha demonstrando seu melhor comportamento. Nada de vadiar com amigos, sua crush secreta havia sido basicamente detonada, e, infelizmente, não tinha mais o seu emprego na Conveniência do Campus para bater o cartão. Somente a escola. E pensar em Alicia. Sabia que ela havia sido suspensa, e não conseguiu evitar pensar no que ele podia ter feito, mesmo que fosse somente recitar as palavras com ela. No entanto, não podia fazer aquilo. Não, ele *podia ter feito*, mas simplesmente *não fez*.

A garota, porém, estava de volta às aulas na sexta-feira, o último dia da unidade sobre *sijos*. Alicia sentou-se em sua carteira, ficando de costas para

Miles. Ele tentou falar, mas não conseguiu encontrar as palavras. De algum modo, não se lembrava de onde havia deixado seus “ois”.

A Sra. Blaufuss escreveu na lousa com uma letra cursiva ornamentada: *Se ao menos…*

– É assim que eu quero que vocês comecem seus poemas. Todos vão escrever um e, antes que a aula termine, vamos lê-los um após o outro como se fossem um poema único e contínuo, o encerramento perfeito para esta unidade.

A Sra. Blaufuss, que vestia uma camiseta de show de Janet Jackson das antigas, deu trinta minutos à turma. Quando o tempo acabou, ela começou na frente da sala com Shannon Offerman e foi seguindo para o fundo. O poema contínuo serpenteou pela sala, passando por problemas com as mães, o desejo de ter cabelos mais longos, até “Se ao menos eu pudesse amá-la” – este, é claro, havia sido escrito por Ryan. Após algum tempo, chegou a vez de Alicia.

Se ao menos a vida não fosse uma trama complexa
Com cada pessoa no mundo presa nessa teia
O medo; a aranha à espera; hora de comer.

Ganke deu um tapa nas costas de Miles.

– Ela está falando de você – sussurrou ele.

– Não está, não – respondeu Miles, embora achasse que poderia estar.

Alicia, porém, não havia lhe dado nenhuma atenção, e então Miles passou a maior parte do tempo na aula tentando fingir que ela não estava ali. Toda vez que seu olhar cruzava com o dela, Miles imediatamente sentia que estava em algum ponto entre o nu e o invisível.

Winnie devia ser a próxima, mas havia faltado à aula; assim, era a vez de Miles. *Perfeito*. Ele limpou as teias de aranha da garganta.

– Eu… – disse ele com dificuldade. – Eu acho que devo ter feito alguma coisa errada.

– Isso não existe, Miles. Assim como o seu poema sobre o nome foi bom, tenho certeza de que esse também é. Talvez diferente, mas não errado – reconfortou-o a Sra. Blaufuss.

Miles assentiu com um movimento curto, olhou para o seu papel e começou.

Se ao menos o que gira em minha mente nas manhãs
Antes de inalar beleza; exalar más decisões
For ao menos a brisa antes de eu destruir tudo.

Miles ouviu o papel de Ganke farfalhar atrás de si.

Os lábios da Sra. Blaufuss se abriram em um sorriso carinhoso.

– Muito bom, Miles. Próximo… Ganke.

– Eu passo – disse Ganke.

– O quê? Por quê? – perguntou a Sra. Blaufuss.

Miles olhou para trás. Ganke sempre ficava ansioso por uma chance para recitar.

– Não terminei ainda – explicou Ganke.

Miles, porém, conseguia ver que seu poema estava pronto.

– Não importa. Vamos ouvir. Tenho certeza de que o que você escreveu é bonito – disse a Sra. Blaufuss. Ela sabia ver o que há de bom em todas as coisas. Em todas as pessoas. Tripley, menos tagarela. E todo mundo adorava isso nela.

– Certo…

Se ao menos nossos pais soubessem quanto os amamos
Que precisamos que sorriam e se olhem com olhos
Que ainda dizem se amar, como nós o fazemos.

– Não era exatamente assim que eu queria dizer – explicou Ganke.

– Ficou bom, Ganke. Muito bom. Vamos continuar. Próximo!

Miles virou-se para trás e fez um sinal de aprovação para Ganke com a cabeça.

Embora o restante da semana na aula da Sra. Blaufuss tenha sido poesia, a aula do Sr. Chamberlain, desde a batalha de Alicia, havia sido guerra. A mesma conversa maluca sobre “os bons tempos da velha Dixie” e sobre como, depois que os estados do Sul perderam a guerra, foram forçados a dar um fim à escravidão.

“Nem escravidão nem servidão involuntária, exceto como punição por crimes pelos quais a parte tenha sido legalmente condenada, devem existir nos Estados Unidos ou em qualquer lugar sob sua jurisdição.” A Décima Terceira Emenda. O Sr. Chamberlain a escreveu na lousa na quarta-feira, mas, depois de tudo que aconteceu, ele decidiu recapitular a lição na quinta. Explicou como essa emenda surgiu, os principais envolvidos (ou “intrusos”, como ele os chamava), mas foi na sexta-feira, depois de toda essa preparação, que ele exibiu a parte principal daquele assunto.

– A *beleza* de tudo isso – disse o Sr. Chamberlain. – O triunfo sutil em tamanha tragédia para a Confederação… foi este. – Ele pegou um pedaço de giz e riscou a lousa, embaixo das palavras *exceto como punição por crimes*. – Percebam, o Sul voltou a se erguer, devido a uma forma nova e muito mais inteligente de escravidão: a prisão. – Ele sorriu, e seus olhos estavam abertos; diferentemente da sua pose típica de gnomo cego.

Na realidade, o professor vinha mantendo os olhos abertos constantemente desde a terça-feira, desde que Miles arrebentou a carteira – que, a essa altura, já havia se desmantelado completamente. Agora somente o tampo da mesa, sem as pernas, estava no chão. O Sr. Chamberlain ainda forçava Miles a trabalhar nela, embora o móvel houvesse se transformado em algo mais

próximo de um caixote do que uma carteira escolar. E não somente ele era forçado a continuar a trabalhar naquela carteira, mas teve que abandonar sua cadeira para poder usar a superfície. O garoto estava agachado enquanto anotava outras informações sobre a emenda, junto com outras curiosidades a respeito das autoridades da época que a escreveram, em seu caderno no dia anterior. E estava agachado hoje – sexta-feira – fazendo a mesma coisa, quando o Sr. Chamberlain decidiu que aquilo não era o bastante.

– Seria muito mais fácil se você ficasse de joelhos, Morales – sugeriu o Sr. Chamberlain a Miles. Ao dizer isso, ele olhou para Alicia também.

A garota havia retornado à aula depois de uma suspensão de um dia e Chamberlain a vigiava como se receasse que ela fosse saltar da sua carteira e pular no seu pescoço.

– Você só pode usar uma cadeira se essa cadeira estiver na mesma altura da carteira escolar com a qual faz par, e, bem… como a sua não atende a esse requisito, já que decidiu destruí-la, eu creio que deva denunciar você à escola se escolher essa opção.

– Mas a única razão para ele…

– Oh, Alicia – interrompeu o Sr. Chamberlain. – Não vamos repetir aquele episódio aqui, vamos?

Miles percebeu o pé de Alicia batendo no chão e, embora não conseguisse ver seu rosto, sabia que ela estava mordendo o lábio.

– Você sabe que pode se juntar a ele no chão, se quiser – o professor ironizou.

Alicia parou de falar. Simplesmente baixou a cabeça, derrotada e enojada. Miles fez o mesmo. Não podia ser mandado para o escritório do diretor outra vez. Não podia ser suspenso nem expulso. Essa escola era a sua chance. Sua oportunidade. Seus pais fizeram questão de lembrá-lo disso. Seu bairro inteiro o lembrava disso. Assim, Miles, constrangido, ficou de joelhos e continuou a fazer as anotações usando a carteira baixa e sem pernas.

Miles precisou fazer um esforço sobre-humano para não surtar. Para não quebrar o que restava da cadeira na cabeça de Chamberlain. Para não o quebrar em pedaços para ver se o professor estava cheio de pelos de gato branco ou coisa do tipo. Porque definitivamente havia algo esquisito ali. Miles, porém, continuava a engolir a situação, convulsionando com o seu sentido aranha que gritava sem parar, e a sua caligrafia se transformava em rabiscos entrecortados de tinta. Junto com isso, ele tinha que suportar os olhares desajeitados dos colegas de classes, suas bocas em silêncio – nada de escrachos e piadinhas sobre Chamberlain, nada, absolutamente nada. Miles imaginava que todos estavam olhando para ele agora, considerando-o ao mesmo tempo um caso digno de pena e uma espécie de bomba prestes a explodir. Inventando todo tipo de história a seu respeito. Um bolseiro preso em seu próprio mau humor, *provavelmente enfrentando problemas com a família.*

Antes que Miles pudesse explodir outra vez, contudo, ele foi novamente salvo pelo gongo. Alicia imediatamente saltou da cadeira para ajudá-lo a se levantar. E, embora aquilo fosse um gesto gentil, Miles não conseguiu evitar esquivar-se dela, irritado. Pequeno. Miles olhou para baixo, estudou o piso por um segundo antes de lentamente erguer o rosto para observar os olhos dela, e deixando que ela visse os seus. Os olhos de Miles estavam embaçados. Os dela também. Agora ele via que ela estava realmente mordendo o lábio inferior com força, fazendo um movimento de negação com a cabeça, tentando encontrar algo para dizer.

– Eu… a minha família… – disse ela, forçando as palavras a saírem, ainda negando com a cabeça.

Miles assentiu. Ele entendia.

– A minha também – respondeu ele, sentindo como se houvesse uma bola de beisebol entalada na garganta.

Alicia se virou na direção do Sr. Chamberlain, tentou cortá-lo com os olhos, mas ele lhe deu as costas e começou a apagar a lousa. Aquilo era um sinal de *não se incomode*.

Alicia saiu da sala pisando duro no meio do clamor de guinchos e gritos. Miles a seguiu.

– Morales, podemos conversar por um minuto antes de você sair, por favor? – disse Chamberlain, fazendo o garoto interromper o passo.

Miles foi até o velho, que estava com dois apagadores, um em cada mão. Ficou bem de frente para ele, perto o bastante para ver os pelos brancos que ele tinha nas narinas e a pele ressecada que lhe contornava os lábios. Perto o bastante para lhe encher de porrada.

– Sabe de uma coisa? – começou Chamberlain. – Desde que fique no lugar ao qual pertence, o lugar que criou para si mesmo, você vai sobreviver. – Em seguida, Chamberlain pegou os dois apagadores e bateu um contra o outro, perguntando: – Oh, e como vai o seu emprego? – Enquanto observava o rosto de Miles rachar por baixo da pele, no meio da nuvem de pó de giz, Chamberlain acrescentou, finalmente: – Que teia emaranhada nós tecemos.

Depois de uma aula como aquela, uma experiência como aquela, Miles precisava fazer algo com toda aquela raiva. Podia acionar o seu modo de camuflagem, chutar algumas latas de lixo, socar as paredes até fazer buracos nelas. Podia fazer o que havia feito alguns dias antes – sair para procurar confusão e salvar alguém dela. E fazer tudo isso por trás da máscara, deixar que o Homem-Aranha fizesse o trabalho sujo de Miles para poder se purificar de alguma forma. Ou talvez pudesse procurar Alicia humildemente e participar da organização de alguma coisa junto com os Defensores do Sonho. Algo para protestar contra Chamberlain.

No entanto, antes que pudesse se decidir a fazer qualquer uma dessas coisas – *Bzzz*.

Uma mensagem de texto. Miles deu um encontrão na porta do prédio para abri-la, as dobradiças sofrendo pela força do golpe, e ficou ofuscado pelo sol. Virou de costas para o astro para bloquear o clarão e verificar o telefone. Imaginou que fosse Ganke perguntando sobre o que havia acontecido na aula de Chamberlain, mas não era.

14h51 1 Nova Mensagem de Pai
AMANHÃ CEDO

E, em seguida, outra mensagem chegou. *Bzzz*.

14h53 1 Nova Mensagem de Pai
AUSTIN

E aquelas três palavras foram o bastante para ajudar Miles a colocar a cabeça no lugar e se acalmar. Isso e o que ele encontrou quando finalmente voltou ao seu quarto no alojamento.

Ganke. Agindo como Ganke.

A música tocava alto. Hip-hop dos anos 1980. Playlists com músicas de break antigas que Ganke havia encontrado na internet. Coisas a respeito das quais o pai de Miles falava sempre que estava tentando convencê-lo sobre o que era o “verdadeiro hip-hop”. Ganke estava saltando, deslizando e escorregando pelo quarto com as meias sobre o piso, balançando, sacolejando, chacoalhando e dançando como se houvesse acabado de ganhar na loteria.

Quando Miles entrou no quarto, Ganke se aproximou dele com movimentos iguais ao de um robô e um sorriso bobo no rosto. Ergueu a mão para um *high-five*. Miles espalmou a mão do amigo e Ganke fez o braço se agitar, subindo até o ombro e descendo pelo outro braço como se Miles

houvesse acabado de lhe aplicar uma descarga elétrica. Em seguida, desligou a música.

– É isso que você fica fazendo quando eu não estou por aqui e você não está jogando videogame? – perguntou Miles.

– Talvez. Digo, às vezes. Como você acha que eu mantenho este corpo em forma? – Ganke enxugou o suor da testa, largou o corpo sobre a cadeira e reclinou-se para trás, apoiando o peso nas pernas traseiras da cadeira. – Loucura, hein? Eu soube do que aconteceu naquele reality-show que é a aula de Chamberlain, e sabia que você iria estar com o humor azedo. Por isso, achei que isso pelo menos o ajudaria a se acalmar… e o deixaria com um astral mais… *funkeado*… – Ganke assentia lentamente.

– Valeu, cara. – Miles jogou a mochila sobre a cama. Sentou-se. – Mas eu estou bem. Meu pai me disse que vamos visitar o meu primo… bem, Austin, amanhã.

– Sério?

– Sim. Mas isso não quer dizer que ver você fingindo ser o Crazy Legs… qual era o nome dele mesmo? Crazy Legs?

– O nome de quem?

– Ah, deixe para lá. Só queria agradecer por tentar fazer que eu me sinta melhor, cara.

– Bem, para ser honesto, fiz isso por mim, também – disse Ganke. – Cara, é sexta-feira. E você sabe melhor do que ninguém que isso significa que eu tenho de voltar para a esquisitice da minha casa. – Ganke estalou as articulações dos dedos, olhando para o próprio reflexo na tela negra da televisão desligada. – E adivinhe só, como eu não vou estar lá no domingo, meu pai vai até lá esta noite para fazermos… sei lá, um jantar em família. Por isso, a minha noite de sexta vai ser basicamente nós três ao redor da mesa, em silêncio, comendo kimchi jjigae. E pode acreditar: a carne de porco e as batatas são uma delícia, mas o gosto não é o mesmo quando ninguém

conversa. E eu aposto que vai ser ainda pior com tudo isso acontecendo em uma sexta-feira. Uma *sexta-feira*, Miles.

– É, eu entendo.

– É um saco. Então eu precisava colocar isso para fora, você sabe.

Miles pensou em todos os planos que giravam em alta velocidade na sua mente antes das mensagens de texto do seu pai.

– Sim, eu sei.

Ganke olhou para Miles.

– Você devia experimentar.

– O quê…? Não, nem pensar.

– Vamos lá, cara. Estamos só nós dois aqui. – Ganke se levantou e ligou a música novamente, com o baixo marcando forte o ritmo, o som reverberando pelas paredes revestidas com gesso. Ele agitou a cabeça. – Vamos ver o que você sabe fazer, meu camarada. É só se soltar. – Ganke agitava os braços enquanto Miles cruzava os seus.

– Temos que ir embora.

Eles tinham que pegar o trem.

– Nós vamos. Assim que você me mostrar uns passos.

– Eu sei o que você está tentando fazer, Ganke.

– E o que eu estou tentando fazer? Tentando ajudar o meu amigo a relaxar? Tentando ajudar um cara que considero meu irmão a se lembrar de que a vida ainda é boa? Tentando lembrar o grande Miles Morales de que nada pode detê-lo, e que isso é motivo para celebrar? O que há de errado com isso?

– Deixe para lá. – Miles suspirou porque sabia que Ganke não iria parar até que ele concordasse. E precisava sair do campus o mais rapidamente possível. – Vamos acabar logo com isso.

Miles se levantou e alongou o pescoço da direita para a esquerda, da esquerda para direita, para deixá-lo mais relaxado.

– É só sentir a música, mano – disse Ganke para encorajá-lo.

Miles balançou a cabeça acompanhando o ritmo da música, e, quando sentiu que estava sincronizado, começou a fazer… alguma coisa. Uma das pernas foi para um lado, e a outra foi para o outro, como alguma espécie de dança folclórica irlandesa. Seus braços, rígidos como ripas, balançavam diante do seu corpo como os de um zumbi. Estava ruim. *Muito* ruim. Tão ruim que Ganke imediatamente desligou a música, enquanto Miles estava no meio de um… digamos… tropeço.

– Sabe de uma coisa? Isso foi uma má ideia. É melhor irmos embora.

Hora do rush. Na sexta-feira. Isso equivalia a um trem abarrotado e sem assentos livres. Miles e Ganke se enfiaram pelo meio das pessoas e seguraram-se nas barras de metal acima de suas cabeças, com pessoas menores encostadas em suas axilas, pessoas maiores com as pessoas tocando o teto do vagão. A maioria delas tinha fones enfiados nas orelhas, livros abertos, ou estavam conversando com alguém ao lado.

– E a festa de Halloween amanhã? – perguntou Ganke. – Você ainda está querendo ir, não é?

– Por que você fica perguntando isso?

Ganke fez a mesma pergunta a Miles todos os dias naquela semana. Já estava conformado com a ideia de que Miles desistiria do evento. E Miles havia pensado naquilo, e estava prestes a dar para trás até perceber que o Sr. Chamberlain estaria na festa, e que isso seria digno de alguns zunidos. Se significasse que Miles teria a oportunidade de decifrar o Código Chamberlain, não havia nada no mundo que o faria perder a festa.

Havia somente um problema.

– Chegou a pedir para os seus pais? – Ganke conhecia Miles muito bem.

– Eu vivo esquecendo, mas vou pedir.

– Você sabe se eles vão deixar você sair de casa neste fim de semana? Afinal de contas, você perdeu o emprego. E, no dia seguinte, arrebentou uma carteira da sala de aula usando só as mãos.

Miles encarou Ganke com uma olhada feia, que retrucou com uma expressão de “estou só falando”. Todos os passageiros balançavam de um lado para outro com o trem que sacolejava. Todos, exceto Miles.

– Você não precisa ficar me lembrando disso. E, de qualquer maneira, eu vou, Ganke.

– Certo, ótimo. Então eu preciso lhe dizer que decidi homenageá-lo. Vou fantasiado de Homem-Aranha – disse Ganke em voz baixa, mantendo a expressão séria. – É só me emprestar o seu uniforme. Ele é de nylon, certo? Então vai esticar. – Ganke fez uma pausa. – A menos, é claro, que você esteja planejando se fantasiar de Homem-Aranha. Ir fantasiado como você mesmo.

– Se você diz.

Os dois riram. Um homem cego serpenteou por entre a multidão, com a bengala tocando as canelas de vários passageiros. Ele agitava uma caneca de metal com algumas moedas dentro e pedia:

– Pode me dar um trocado? Pode me dar um trocado?

– O que acha? – sussurrou Ganke conforme o homem cego se aproximava.

Miles se concentrou no velho, estudando a hesitação em seus movimentos, os músculos ao redor dos olhos. Miles fez um sinal afirmativo para Ganke. Os dois colocaram dólares em sua caneca.

Quando o trem chegou a Prospect Park, as pessoas foram se despejando para fora do trem pelas portas, abrindo espaço para Miles e Ganke poderem respirar. Pessoas idosas e adolescentes insensíveis correram para os assentos livres, às vezes se espremendo por entre uma pessoa com fones de ouvido e outra com um livro. Miles e Ganke tiraram as mãos do corrimão superior e seguraram-se na barra vertical enquanto as portas se fechavam. E então…

– Boa tarde, senhoras e senhores. É uma pena perturbá-los durante a sua volta para casa, mas nós viemos até aqui para dar o início perfeito para o seu fim de semana. A maioria de vocês sabe que horas são, mas, caso tenham vindo de fora, ou de outro bairro, nós lhes damos as boas-vindas à nossa cidade maluca com… *A HORA DO SHOW!*

Um garoto jovem com a voz rouca veio dançando pelo corredor, com o peito nu, a camiseta enrolada ao redor da cabeça e as mãos em concha ao redor da boca.

– HORA DO SHOW! – gritaram outros dois ou três garotos em uníssono.

– Hora do show! – repetiu Ganke, erguendo repetidamente as sobrancelhas enquanto olhava para Miles.

A música começou, e em seguida vieram as palmas.

– Prestem atenção! – gritou o mais novo, enquanto um dos garotos mais velhos começou a dar seus passos.

Em seguida, começaram as piruetas, as poses de cabeça para baixo, quando os dançarinos se apoiavam somente com as mãos, giros e truques ao redor das barras e corrimãos. Turistas olhavam a tudo embasbacados, com as bocas abertas e os queixos caídos até o colo. Dedos em bolsos e bolsas.

Trinta segundos depois, os garotos da hora do show gritaram:

– E esse é o nosso show!

O garoto sem camisa começou a bater palmas novamente. Correu de um lado para outro do vagão para recolher as doações dos espectadores. Ganke estendeu uma nota de vinte dólares no ar, mas, quando o garoto chegou à extremidade do vagão onde ele e Miles estavam em pé, Ganke fechou os dedos ao redor do dinheiro.

– Vamos fazer um duelo de dança para ver quem fica com a grana.

– Ganke, não faça isso – reclamou Miles. – Garoto, ele não…

O garoto ergueu o rosto para olhar para Ganke. Foi como se não houvesse nem mesmo escutado o que Miles dissera.

– E por que eu faria isso? Já ganhei essa grana aqui. – Ele agitou o chapéu ligeiramente.

– Porque você tem uns dez dólares que ganhou neste vagão. Eu tenho o dobro na minha mão. Você pode sair com trinta, ou com dez. Não vai perder. É uma aposta segura.

– E sou eu contra você? – perguntou o garoto. – O que você acha, que eu tenho cara de trouxa?

Ganke riu.

– Certo, o melhor de vocês.

O garoto chamou o restante do grupo. Miles tentou dar um fim naquilo, mas Ganke estava agitando a nota de vinte de um lado para outro, o que tornava o amigo praticamente invisível.

– Certo, vamos apostar. Eu contra você – disse o capitão da equipe da Hora do Show. Era um garoto esguio com o cabelo trançado e brincos enormes, que tinha diamantes obviamente falsos.

– Não, não, não. Vocês escolheram o *seu* melhor, então eu escolho o *meu*. – Ganke colocou o braço ao redor de Miles – Ele.

– Ele está só brincando. É ele mesmo quem vai dançar. Não sei d-dançar direito – gaguejou Miles.

– É isso aí, você realmente não parece saber dançar – cutucou o garoto mais novo. – E você também não – disse ele para Ganke.

Ganke imediatamente fez um movimento circular com o corpo, agitando-se.

– Não me desafie – avisou ele. – Mas ele é melhor.

Ganke se aproximou de Miles e sussurrou:

– É só não fazer o que você fez no quarto. – Em seguida, virou-se para os garotos da Hora do Show e disse: – Som na caixa!

A batida começou a tocar num volume alto pelo aparelho de som portátil e surrado outra vez. Um trecho de alguma música eletrônica que Miles nunca

havia ouvido, e que se repetia em ciclos. Depois, vieram as palmas.

– Prestem atenção, senhoras e senhores. Uma competição amistosa!

O rapaz com as tranças começou a contorcer o corpo, quase dando um nó em si mesmo ao som da batida. Seus braços e pernas, longos e flexíveis, eram surpreendentemente fortes enquanto ele saltou, segurou-se nos corrimãos do alto do trem e percorreu todo o vagão girando as pernas como se estivesse pedalando uma bicicleta.

– Me dê a sua mochila – pediu Ganke, praticamente arrancando-a das costas de Miles.

– É a sua vez – avisou o garoto mais novo.

– Cara, no que é que você está me envolvendo? – perguntou Miles.

Antes que pudesse dizer qualquer coisa, Ganke o empurrou para dentro do círculo invisível de dança. Todos os passageiros estavam olhando. Até mesmo os nova-iorquinos, acostumados a ignorar esse tipo de coisa. Senhores negros observavam a cena por cima dos aros dos óculos. Moças brancas estavam sentadas com as mãos sobre o colo, esperando o que estava por vir. Crianças pequenas batiam palmas ao som da música.

– Vai! Vai! Vai! – disse Ganke.

Miles ficou paralisado, mas, contra a sugestão de Ganke, começou a fazer aquela dança esquisita que mais parecia uma convulsão, as pernas e braços se projetando para todos os lados, seu rosto se contorcendo muito mais do que o seu corpo, que parecia ter se transformado em pedra. Os garotos explodiram em uma gargalhada.

– Ele… ah, ele está só se aquecendo – disse Ganke. Virou-se para Miles e pediu: – Rasteje pela parede.

– O quê?

– *Rasteje… na parede*. – Pisc-pisc.

E foi naquele momento que Miles entendeu o que Ganke estava dizendo o tempo todo. Virou de costas para todo mundo e saiu correndo rumo ao lado

oposto do vagão, ziguezagueando por entre as barras de suporte. Ao chegar lá, saltou contra a porta – que levava ao vagão seguinte –, apoiou os pés nela e se projetou para a frente, grudando-se ao teto do trem e rastejando até a outra ponta. Sem se segurar nos corrimãos. Somente usando os dedos das mãos e os pés.

As pessoas que estavam no vagão foram à loucura, explodindo em uma mistura de empolgação e confusão. Até mesmo os dançarinos mais novos batiam palmas e assentiam. Eles desligaram a música, agitando os braços e gritando:

– Acabou! Acabou!

Ganke colocou os vinte dólares de volta no bolso e em seguida abriu a mochila e começou a trotar de um lado para outro no vagão, recebendo dinheiro de… *todo mundo*. Até mesmo os garotos da Hora do Show lhe deram um dólar.

Os jovens dançarinos olharam para Miles com uma expressão de interrogação. Tentaram até mesmo imitar a manobra de rastejar pela parede, esforçando-se ridiculamente para agarrar o teto antes de perceber que estavam perdendo tempo. Após algum tempo, os garotos saíram do trem e foram até a próxima composição para mais um show enquanto Ganke tirava notas da mochila e as entregava para Miles.

– Quanto tem aí? – perguntou Ganke.

– Uns quarenta dólares – respondeu Miles, sem conseguir acreditar.

– Aham – disse Ganke quando o trem parou na estação Atlantic Avenue, onde o amigo precisava desembarcar para pegar a linha C rumo à Lafayette. Ele tirou quatro dólares do maço e o entregou para Miles. – A minha comissão é de vinte por cento. Além disso, essa vai ser a única coisa divertida para mim esta noite, antes do *jantar da perdição*, por isso… vamos lá.

Miles colocou mais quatro na palma de Ganke, levantou-se e jogou a mochila por cima do ombro. Quando Miles correu para a porta, tentando sair

enquanto as pessoas tentavam entrar, Ganke gritou para as costas de Miles:

– Eu lhe disse!

Trinta dólares mais rico, Miles caminhou pelo parque para voltar à sua casa. Ao fim da tarde, os velhos jogavam xadrez e tocavam músicas de soul em volume alto pela janela de um carro estacionado. As crianças pequenas balançavam de um lado para outro em suas bicicletas, com as rodinhas laterais desalinhadas. Jovens envolvidos com seu primeiro amor se beijavam nos bancos de madeira – que em breve se transformariam em camas para os sem-teto – ao lado de senhoras que distribuíam panfletos de igrejas. Havia uma brisa no ar e as árvores do parque se agitavam, com as folhas sussurrando para o Brooklyn.

Miles passou pelas pessoas que levavam cachorros para passear, conduzindo tanto pit-bulls quanto poodles pelas coleiras. Pessoas que entravam e saíam da bodega na esquina, e a campainha da porta tilintava sem parar. Pessoas envolvidas com a moda exibindo as últimas tendências tiravam fotos diante de um carro azul-celeste enferrujado. Aquele que costumava servir de casa para alguém. Um homem que não estava mais lá.

Ele passou diante da sua casa e virou a esquina para ir ao mercado. Não a bodega, mas o supermercado que ficava mais à frente. Flores em baldes estavam alinhadas na fachada. Um dos homens que trabalhavam na loja estava cuidando delas.

– Quanto custam? – perguntou Miles, olhando as rosas.

– Quinze – retrucou o homem.

Miles não disse mais nada. Continuou caminhando. Rosas seriam um bom presente para a sua mãe, mas isso custaria metade do seu dinheiro. Sabia que podia ter entrado na loja e comprado comida, o que seria inteligente, e talvez até pudesse convencer o seu pai a fazer o jantar para a mãe, para variar. Ela

merecia. No entanto, desastres acontecem de todas as formas, e Miles e seu pai tentando preparar uma refeição não seria nada menos do que um desastre. E, mesmo se não fosse, isso faria a mãe de Miles ficar à volta dos dois, com a mão na testa enquanto dava ordens numa mistura de inglês e espanhol e repetia sem parar: "*Alluda me santos*" [Santos, ajudem-me].

Miles tinha outros planos.

A próxima parada era a loja de 1,99. Uma senhora idosa segurou a porta aberta para ele enquanto Miles entrava no reino dos pratos de papel, lembrancinhas de festa, cartões de felicitações e versões vagabundas de praticamente tudo que já havia sido inventado. Carrinhos com as rodas frouxas chacoalhavam, caixas registradoras soltavam *blips* e *blups* com cada compra que passava por elas e sacolas plásticas farfalhavam. Miles circulou pela loja, espiando ao longo de cada corredor, até encontrar Frenchie. Ela estava agachada, colocando etiquetas de preço em aromatizadores de banheiro.

– Oi, Frenchie.

– Miles? – Frenchie parecia surpresa ao vê-lo, o que até fazia sentido, pois o garoto raramente passava por ali. – O que você está fazendo aqui?

– Procurando flores.

– Flores? – Frenchie se levantou com um sorriso malandro no rosto e cruzou os braços. – Sei que você ainda não tem idade para estar namorando. Lembro-me de quando o seu pai costumava me pagar para cuidar de você, e você não fazia nada além de xixi nas calças, o tempo inteiro. E agora está aqui para comprar flores.

– Não são para uma garota. Digo, não são para… são para a minha mãe.

– Aham. Acho melhor que sejam – brincou Frenchie. – É uma atitude muito bonita. Espero que Martell seja tão amoroso quanto você quando crescer.

– Oh, ele vai lhe comprar um jardim de rosas inteiro quando entrar para a liga.

– Eiiii, você não disse nada além da verdade! – Frenchie ergueu os braços como se estivesse fazendo uma prece de três segundos. – Vamos lá.

Ela levou Miles até o outro lado da loja, onde ficavam as flores.

– Bem aqui. – Ela apontou para a fileira de verdes, marrons, vermelhos e amarelos, todos os tons do outono no corredor dois.

– Vocês não têm flores de verdade? Essas são de plástico – disse Miles, apertando a pétala de tecido de uma das rosas fajutas.

– Garoto, você está na loja de 1,99 – rebateu Frenchie.

Miles pegou uma das rosas, cheirou-a e imediatamente sentiu-se idiota por fazer aquilo.

– Mas, só para a sua informação – Frenchie emendou –, essas aí custam *dois* dólares.

Depois que Miles comprou a rosa, ele foi até o estabelecimento vizinho e entrou na Raymond's Pizza, que não deve ser confundida com a Ray's Pizza. Não eram a mesma coisa. O garoto imaginou que seria mais seguro se Raymond preparasse o jantar para a família Morales em vez de formar dupla com o seu pai na cozinha. Pizza é algo que sempre funciona e não precisa da ajuda dos santos.

As pessoas estavam diante do balcão pedindo fatias para comer.

– Duas tradicionais.

– Quero uma de pepperoni.

– Uma tradicional e duas de calabresa, por favor.

Os homens do outro lado do balcão cortavam a pizza em fatias, colocavam-nas em um forno grande para serem aquecidas por alguns minutos antes de colocá-las em pratos de papel, os quais empurravam para a outra ponta do balcão para serem ensacados.

– Próximo! – chamou o rapaz que estava atrás da caixa registradora enquanto fechava a gaveta do dinheiro com força.

– Quero uma pizza inteira. Tradicional – pediu Miles.

– Pizza inteira. Certo – repetiu o homem. Em seguida, atendeu à próxima pessoa na fila, um cara que parecia um pouco mais velho que Miles.

– Vocês têm de anchova? – perguntou o rapaz.

– Estamos sem anchovas, meu brother.

Pensar em anchovas na pizza fez Miles se lembrar imediatamente do seu tio, e de comprar pizzas na Ray's perto do condomínio Baruch Houses. Um calafrio percorreu o corpo dele.

– Certo, então vou querer uma de pepperoni. Bem-passada.

Cerca de cinco minutos depois, a pizza de Miles era retirada do forno com uma espécie de pá e enfiada numa caixa. Ela chegou deslizando pelo tampo do balcão.

– Pizza tradicional, certo? – perguntou o rapaz atrás da caixa registradora.

– Isso aí.

– Quinze.

Miles colocou o dinheiro no balcão, pegou a sua caixa e foi em direção à porta, caminhando atrás do cara que pediu pela fatia com anchovas. A porta, porém, estava aberta; outra pessoa a segurava. Alguém que era familiar. No começo, Miles não conseguiu identificá-lo imediatamente, mas, quando começaram a andar – com o cara das anchovas na frente, o outro que segurava a porta logo atrás dele e Miles na retaguarda –, o garoto percebeu quem era o cara do meio. O ladrão, com o rosto ainda cheio de hematomas negros e arroxeados da lição que havia recebido. Miles percebeu que o rapaz, que agora segurava a fatia de pizza contra a boca, tinha tênis novinhos em folha nos pés. Air Max infravermelhos. Os mesmos que Ganke usava no dia em que passaram pela quadra de basquete. O sentido aranha de Miles zuniu.

O ladrão olhava o tempo todo para a esquerda e para a direita, certificando-se de que não havia nenhum policial por perto. Ou nenhum Homem-Aranha.

O assaltante olhou para trás, mas só havia Miles (como Miles), encarando-o com um olhar agressivo. Quando chegaram à esquina, o ladrão foi para a esquerda. O cara com a pizza e os tênis seguiu em frente. E Miles foi para a direita.

Miles subiu as escadas até o seu apartamento, com a pizza e a rosa na mão. Ouviu música tocando do outro lado da porta. Girou a chave apenas o suficiente para destrancá-la, e foi recebido por sua mãe e seu pai na sala de estar, que estavam dançando de mãos dadas. Um naipe de sopros, um cowbell para marcar o ritmo, timbales e tambores de conga berrando pelos alto-falantes. Salsa. O som dos Fania All-Stars.

– Oi, Miles – cantarolou a mãe, recuando com seus passos de dança, girando os braços ao redor do corpo.

O pai estendeu os braços na direção dela, e a mãe segurou na mão dele por apenas um instante, antes de soltá-la e começar a girar pelo piso da sala. A voz de Celia Cruz os envolvia como se fosse um cobertor aconchegante enquanto Jeff puxava a esposa para um passo desajeitado em que ela quase se deixava cair no chão.

– Rio, o garoto chegou trazendo presentes – disse o pai de Miles, afastando-se da esposa.

– Ah… eu trouxe uma pizza. – Miles estava em choque.

O garoto colocou a pizza sobre a mesa da cozinha. Não esperava que seus pais estivessem dançando e rindo. Não que nunca fizessem aquilo, mas simplesmente imaginou, depois da semana que todos tiveram, que os encontraria em casa olhando para a TV, ainda discutindo as contas, esperando que ele chegasse em casa para pensar em um possível castigo.

– Pizza! – disse a mãe de Miles com um gritinho. – Que gracinha, meu filho. Obrigada.

– Você a roubou? – perguntou o pai de Miles, erguendo a tampa da caixa e sentindo o vapor do queijo subindo para tocar-lhe o rosto.

– Faz diferença? – disse Miles em tom de piada, enquanto seu pai enfiava o dedo em um pedaço de queijo derretido.

– Nenhuma.

Até aqui, tudo bem.

– E eu trouxe isso para você. – Miles estendeu a rosa para a mãe.

– Para mim? – Ela se fingiu de tímida. – Achei que fosse para a sua garota na escola. *Tu amor*.

– Não. Não é. Além disso, eu não tenho uma garota na escola – disse Miles.

A mãe pegou a rosa e a trouxe para diante do nariz.

– Você ainda não derramou o molho? – murmurou o pai, colocando uma fatia da pizza em um dos pratos que havia tirado do armário. – E essa rosa é de plástico?

Miles deixou as alças da mochila deslizarem pelos ombros e juntou as mãos.

– Essa pizza e essa rosa são apenas para dizer que eu estou arrependido do que aconteceu.

– Pare de se desculpar e venha dançar comigo – pediu a sua mãe, estendendo a mão para ele. – Você se lembra disso, Miles. Dançávamos ao som dessa música o tempo inteiro quando você era pequeno. – Ela dançava para a frente e para trás, com os braços e pernas acompanhando o ritmo em sincronia.

– Quando você não estava fazendo xixi nas calças, nem xixi na cama, e nem acabando com o meu humor – zombou o seu pai.

– Se você diz. – A mãe de Miles afastou as palavras do marido com um tabefe e colocou a rosa no sofá. – É só me acompanhar.

E, dali por diante, Miles e a mãe dançaram sem parar, seu corpo balançando e se esquivando, quase como se ele estivesse lutando boxe.

– Menos bunda, mais cintura. Quadril, quadril. Deixe o corpo fazer o que quiser. Ele está lhe dizendo como quer se mover.

Até que o seu pai interrompeu.

– *Yo soy un hombre sincero, de donde crece la palma…* – cantou Celia.

– Uêpa! – gritou a mãe de Miles, pegando na mão do marido.

– Viu, meu filho? Depois que derrubar o molho, você a ataca com uma manobra giratória – gabou-se o pai. – Sempre funciona.

Algumas horas mais tarde, enquanto Miles estava sentado no quarto fazendo a limpeza semanal dos seus tênis – esfregando a sola com uma escova de dente –, ele ouviu alguém bater na porta. Miles imaginou que aquela seria a hora em que a paulada viria. Seu pai tinha fama de fazer as coisas desse jeito. Esperar um dia inteiro, rindo e contando piadas, agindo como se tudo estivesse bem antes de – *bam!* E estava de castigo.

– Entre.

E, exatamente como pensava, era o seu pai. Ele fechou a porta por trás de si e se encostou nela.

– Estão bonitos, cara – disse ele.

– Obrigado.

– Bom, nós precisamos conversar.

Miles suspirou, mas seu suspiro foi cortado pelas palavras que seu pai disse a seguir:

– Sobre amanhã. Eu só queria falar sobre o assunto com você, ter certeza de que você ainda está a fim de seguir com o plano. Se não quiser, está tudo

bem.

– Para a prisão? Sim, estou a fim de ir até lá. – Miles, aliviado, colocou o sapato no chão. – E você?

Agora era o pai de Miles quem suspirava.

– Sim. – Ele veio até a cama e se sentou. – Vamos pelo menos ter a certeza de que tudo vai ficar bem, aconteça o que acontecer. Caso a gente descubra que ele não é quem pensamos que é. Ou se ele disser algo incômodo. A prisão, ela… faz coisas com você. Acredite em mim, eu sei.

Miles conseguia ouvir o desconforto na voz do pai, conseguia ouvir sua garganta ficando seca. O garoto, porém, não respondeu. Simplesmente olhou para o pai e fez um sinal afirmativo com a cabeça. Jeff bateu com as palmas das mãos nas próprias coxas e tomou impulso para se levantar da cama.

– Certo, isso é tudo que eu queria dizer. – Ele se abaixou e beijou a testa de Miles. – Boa noite. – Quando abriu a porta, ele se virou para trás. – Ah, e obrigado pela pizza. – Um sorriso torto se abriu. – Mas seria legal ter uma anchova ou duas.

Com o peso daquele dia ainda intenso sobre Miles, o sono entrou no quarto assim que seu pai saiu. Não levou muito tempo até que estivesse dominado por ele – um estado de sono –, quando era impossível diferenciar uma ação da outra. Miles não se lembrava de se deitar na cama ou de se cobrir. Apenas de estar sentado na cama, e em seguida, como num piscar de olhos, de estar sentado em um sofá. Um sofá de couro, mas não em sua casa. *Aquela* casa. Aquela onde Miles nunca havia estado, mas que conhecia muito bem. A janela pequena do seu quarto, que agora era palaciana com cortinas de linho cor de creme, fechadas. Seus pés descalços sobre os azulejos no piso, dispostos como um mosaico. O cheiro de sujeira, de umidade e de fumaça de tabaco. Pelos de gato flutuavam pelo ar como se fossem pequenos espíritos.

– Sabe qual é o problema que eu tenho com você, Miles? – A voz veio do assento ao lado dele.

O garoto não havia percebido ninguém sentado ali, apesar do tamanho enorme que a poltrona tinha. Era o Sr. Chamberlain. Todo amarelado e com a pele semitransparente. Com aquele seu bigode e os lábios rachados. Estava sentado com as mãos unidas, as unhas roídas até as cutículas.

– A sua arrogância. Você acredita que é realmente capaz de salvar pessoas. Que pode fazer o bem. Superpoderes não combinam com os galhos que vêm de uma árvore como a sua. Porque a sua árvore está apodrecida desde a raiz. Você, meu jovem, está destinado a ser cortado.

Miles não conseguia falar. Era como se a língua houvesse sido arrancada da sua boca. Em pânico, ele deslizou até o lado oposto do sofá, o couro grunhindo com cada centímetro. Bem naquele momento, um gato branco saltou e se equilibrou sobre o encosto do sofá. Miles olhou para o bicho. Em seguida, voltou a olhar para o Sr. Chamberlain, que havia se transformado numa figura ainda mais fantasmagórica. Cabelos brancos e longos dependurados no queixo. O nariz afilado. Os dentes como grãos de milho ralados.

– Homem-Aranha – disse o homem, com a voz assombrosa e um cheiro asqueroso. – Você não me conhece, mas eu conheço você. E eu vou pegá-lo.

MILES
MORALES
HOMEM-ARANHA

9

– Você não me conhece. *Eu* conheço *você*! – gritou o pai de Miles em tom de piada pelo corredor.

O garoto acordou com o coração batendo como um animal selvagem tentando arrebentar seu peito para escapar.

– Se você vier com a gente, Rio, Miles vai voltar para casa com cortes nas sobrancelhas e com desenhos por toda a cabeça.

– Ah! Jeff, não estamos mais nos anos 1990. Os garotos não estão mais usando a sobrancelha cortada.

– Não é disso que eu estou falando. Estou falando que você iria deixar o garoto fazer o que quisesse.

– Bem, o cabelo é dele, *papi*.

– Sim, sim, eu sei. – *Toc, toc, toc.* – Miles! Acorde, cara. Precisamos cortar esse seu cabelo antes de irmos para a cadeia. – O pai de Miles continuou andando pelo corredor. – Sim, meu bem, eu sei. Mas ele vai para aquela escola, e eu não quero que fiquem falando coisas malucas sobre o nosso garoto. Vamos simplesmente deixar tudo em ordem até as férias. Aí eu não vou me importar se ele quiser *raspar* as sobrancelhas!

– Por que você insiste em falar de sobrancelhas?

Bom dia, disse Miles a si mesmo, com as mãos cobrindo o rosto enquanto seus olhos se ajustavam ao sol que entrava pela janela. Um dos olhos, porém, não se abria. Ele o esfregou e esfregou até começar a lacrimejar, mas as lágrimas ainda assim não conseguiam expulsar o que havia ali. Foi ao banheiro. Usou dois dedos para puxar a pele ao redor do olho para os lados e, com a outra mão, pegou o que o estava incomodando e o segurou diante do espelho. Um pelo branco e longo.

O que o levou para um banho longo e quente.

No entanto, não foi longo o bastante, até que a sua mãe começasse a bater na porta do banheiro.

– Miles, nós temos que pagar por toda essa água quente! – E também: – Miles, seu pai está ficando impaciente, e você sabe o que isso significa!

Isso significava que o pai de Miles iria comer o café da manhã do filho. Apenas para lhe ensinar uma lição.

Após algum tempo, Miles afastou aquele pesadelo estranho da sua mesa, terminou de escaldar a pele, vestiu-se, devorou seu café da manhã – ovos e waffles feitos no micro-ondas –, beijou sua mãe, viu o pai beijar sua mãe, e saiu para a Primeira Missão do sábado: a barbearia.

• • •

– Escute o que eu estou lhe dizendo.

– Não, *você* é quem vai escutar o que eu estou lhe dizendo. Eu venho aqui desde que era garoto, e agora você quer que eu pague trinta dólares por uma porcaria de um corte, House? Para passar a máquina um e raspar a minha barba? Trinta *dólares*?

– Bem, são quinze pelo corte e quinze pela barba. Dez para crianças. E oito para gênios. – House indicou Miles com um meneio de cabeça.

– Sei. Que assalto! – resmungou o queixoso.

– *Assalto?* Sabe de uma coisa? Esse povo que vive contando piadas me mata. Michael Jordan dizia: “Hoje eu decidi cobrar trezentas pratas pelos meus tênis”. E vocês nunca reclamam do preço quando compram aquelas naves espaciais que chamam de calçados. Olhando daqui, os seus pés estão no futuro, mas os seus traseiros empoeirados ainda estão no gueto. Mas no *minuto*… – House, o proprietário da Casa dos Cortes de House, ergueu o dedo em riste no ar. – No *minuto* em que eu aumento o preço dos cortes de cabelo, todo mundo começa a chorar e a reclamar. E, além disso, ninguém apanha nas ruas por causa de um corte de cabelo.

Ele estava cortando o cabelo de um homem vestido com roupas de pedreiro – jeans sujos e botas emplastadas de lama. Deslizava a máquina pela sua cabeça e os cabelos caíam em tufos, pairando até o chão como flocos de neve.

– Olhe, eu só acho que deveria haver um desconto por fidelidade – o homem que vociferava contra os preços estava sentado ao lado de Miles e seu pai.

Ele parecia ser um daqueles rapazes que estavam beirando os cinquenta anos, mas que jogavam basquete nas quadras da cidade com pilantras como Benji e o Homem-Catarro todo fim de semana para se manterem jovens.

– *Fidelidade?* – House desligou a máquina de aparar cabelos e apontou-a para o homem. – Você não sabe nada sobre fidelidade. Se eu não cobrar o valor que estou pedindo, não vou conseguir pagar o aluguel deste lugar. *Você* vai me ligar e me chamar para ir ao seu apartamento *de luxo* lá no alto para que eu retoque o seu cabelo e raspe a sua barba? São panacas como você que falam toda essa baboseira, como se Nova York não fosse a nova Disney World. Quando foi a última vez em que o Mickey Mouse lhe ofereceu um ingresso grátis para entrar naquele castelo, ou seja lá que diabos eles têm naquele lugar? Hein? Nunca!

– Cara, ande logo para que o resto da fila consiga cortar o cabelo. Você sempre fala pelos cotovelos.

– Calma, você vai sair daqui com o seu corte. Continue com essa língua solta. Além disso, sabe como é o esquema, aqui. Você pode esperar ou cair fora. Vou cortar o seu cabelo logo depois do baixinho dos 4.0 ali – House estava falando sobre Miles. – Vocês sabem por que eu o chamo assim, não é? Porque ele sempre está com a média alta na escola, no nível dos 4.0. Uma das pessoas mais inteligentes em todo o bairro, e definitivamente a mais inteligente nesta barbearia.

O Sr. Frankie, que vestia um jeans coberto de respingos de tinta, estava jogando xadrez com Derrick, um dos barbeiros mais jovens, que não tinha nenhum cliente àquela hora do dia. Ele geralmente cortava os cabelos das crianças porque sabia imitar uma voz engraçada, como se houvesse aspirado gás hélio, que sempre os fazia parar de chorar, e elas só começavam a chegar por volta das onze horas. A Sra. Shine também estava lá. Tinha os cabelos armados, e sempre vinha à barbearia de House para apará-lo.

– Meu Cyrus era um aluno com GPA de 4.0, antigamente. O maior nerd das redondezas – disse a Sra. Shine, com um tremor doce na voz. – Aprenda uma lição com ele, Miles. Não se envolva com aquelas drogas.

– Sim, senhora – respondeu Miles.

A Sra. Shine fez um gesto afirmativo com a cabeça e repuxou os lábios.

– E por onde anda o velho Cyrus hoje em dia? – perguntou House. – Faz tempo que não o vejo.

A Sra. Shine olhava fixamente para o nada.

– Eu também não. Há algum tempo a polícia veio até a minha casa e o levou preso. Não recebo notícias dele desde então, mas imagino que ele esteja melhor lá dentro do que estava aqui. Pelo menos lá ele pode conseguir ajuda, talvez. Ficar limpo.

– Pois é – disse o pai de Miles. – Tenho certeza de que ele está bem.

Em seguida, o silêncio. O desconforto pareceu fazer o teto da barbearia ficar mais baixo. Finalmente, House voltou a falar.

– Sabem quem mais eu não vejo há algum tempo? Benny Lata-Velha.

– Quem?

– Benny. O cara que dormia no carro que fica na esquina. Ele costumava vir aqui e eu lhe cortava o cabelo. Em troca, ele varria os cabelos do chão da barbearia.

– Ah, sim. Não sabia que esse era o nome dele. Eu costumava deixar latas de café cheias de biscoitos para ele sobre o porta-malas no dia de Ação de

Graças e no Natal. Também não o vejo há algum tempo.

– Eu também não – disse Derrick, avançando com a rainha para o outro lado do tabuleiro de xadrez.

– Eu o vi – falou Frankie. – Acho que foi há umas duas semanas. Ele estava sendo arrancado do seu carro e jogado na traseira de uma viatura da polícia.

– O que ele fez? – perguntou House, tirando o avental que estava ao redor do pescoço do pedreiro e escovando os cabelos que ainda lhe cobriam o blusão.

– Não faço ideia… Mas foi a última vez em que eu o vi.

Miles pensou no poema que havia escrito sobre Benny Lata-Velha para a aula da Sra. Blaufuss, “Homens que Desaparecem”. Ele viveu ali durante um tempo enorme, e mesmo assim poucas pessoas sabiam seu nome. O mesmo aconteceu com Neek. Ele raramente saía de casa. Assim, se você não morasse do outro lado da rua, onde podia avistá-lo olhando por entre as frestas da persiana, jamais saberia que o homem estava ali. E Cyrus Shine era um zumbi na maior parte do tempo, ignorado pela maioria das pessoas. “Homens Invisíveis” seria um bom título, também.

A barbearia inteira foi tomada por um momento coletivo de cabeças que balançavam desoladamente, e em seguida a conversa voltou a acontecer como sempre. House aplicou o laquê nos cabelos do pedreiro, o cheiro de coco e baunilha enchendo o ar. Em seguida, House usou as mãos para ajeitar os cachos do homem antes de segurar o espelho diante do seu rosto.

O cliente fez um meneio positivo com a cabeça. Pagou. Deu uma gorjeta. E saiu.

– Baixinho dos 4.0, sua vez! – chamou House, batendo os cabelos que estavam na cadeira de barbeiro.

Assim que Miles se sentou, seu pai começou a falar:

– Um corte César baixo. Máquina um. Nada de especial, por favor.

– Ei, ei. Relaxe, Jeff. Por que você está agindo como se eu nunca tivesse cortado o cabelo dele antes? Quando ele senta na minha cadeira, você fica quieto e quem comanda o show sou eu – disse House. – *E então*, como está a escola, Miles?

– Está bem. – *Está uma droga.*

– Já aprendeu a construir um aparelho de teletransporte?

– Eu queria que alguém inventasse isso. – Derrick moveu o cavalo para saltar por cima de um peão.

– Nem, ainda não – respondeu Miles. – Estou só tentando me concentrar, terminar os estudos e sair de lá. – *Além disso, acho que o meu professor deve estar querendo me matar.*

– Eu sei que isso é a coisa certa a fazer – disse o homem falastrão ao seu lado. – Eu quero que House se concentre, porque eu estou tentando sair *daqui!*

E assim prosseguiu a conversa, com os assuntos girando ao redor de tópicos como o preço dos cortes de cabelo, as fofocas sobre o valor pelo qual tal pessoa vendeu sua casa e o quanto a casa na região sul custou. Ocasionalmente alguém aumentava o volume do rádio sempre que uma das músicas de House começava a tocar, músicas não muito conhecidas dos anos 1980 de onde os artistas do hip-hop extraíam *samples*, como o pai de Miles sempre gostava de lembrar. E a sensação do protetor de plástico deslizando pela cabeça de Miles, os cabelos lhe caindo pelo rosto, a lâmina quente no seu pescoço e depois na testa, o som familiar do zunido da máquina na sua orelha. Quando seu corte estava terminado, Jeff se levantou para pagar, mas Miles pegou o que havia sobrado do dinheiro que ganhara naquele momento ridículo da Hora do Show no trem, no dia anterior.

– Deixe comigo – disse ele para o seu pai, contando as notas de um dólar.

– Você andou dançando em algum bar de striptease, filho? – perguntou House.

Derrick e o homem irritadiço riram. A Sra. Shine virou o rosto para esconder o sorriso.

– Não.

– Acho bom que não esteja – emendou o pai de Miles.

– Não estou, não. – Miles colocou o dinheiro na mão de House com um movimento brusco. – Mas preciso de um emprego. E como Benny deu uma sumida… ah, ou foi preso, talvez eu possa vir varrer o chão no sábado.

House fez que sim com a cabeça, ainda segurando na mão de Miles, o dinheiro esmagado entre as palmas dos dois.

– Quanto você cobra?

– Dez dólares por hora e cortes grátis para mim e para ele.

House olhou para o pai de Miles, que observava a cena, orgulhoso.

– Quantos anos você tem? Treze?

Miles viu-se novamente na aula do Sr. Chamberlain. Viu a si mesmo no chão, diante da carteira quebrada.

Treze.

Exceto como punição por crimes…

– Dezesseis – respondeu o pai de Miles pelo filho, trazendo Miles de volta para a barbearia com um solavanco.

– Eu sei, mas ele é brutal como um garoto de treze. O meu neto está no oitavo ano da escola e tenta me engrupir toda vez que eu o vejo. – House coçou o queixo. – Que tal se fizermos assim: oito e cinquenta por hora, e cortes grátis só para *você*.

– Fechado! – interveio o pai de Miles novamente, sem conseguir se controlar. – Ele começa na semana que vem.

– Ótimo, que bom que está tudo acertado – resmungou o cara ranzinza de antes. – Agora, será que vocês podiam, por favor… *por favor*, sair da frente para que esse pateta possa cortar o meu cabelo?

• • •

Hora da Segunda Missão do Sábado: visitar Austin.

O trajeto até a prisão se resumiu predominantemente ao pai de Miles falando em voz alta sobre o som do rap dos anos 1990, sobre o quanto estava feliz por ver o filho “tomar a iniciativa” e pedir um emprego a House, e como ele e o irmão haviam começado a tentar ganhar o próprio dinheiro quando tinham a idade do filho, mas faziam isso de maneira ilegal. Enquanto isso, Miles e Ganke trocavam mensagens de texto.

11h51 para Ganke
E AÍ, DEU TUDO CERTO NO JANTAR?

11h52 1 Nova Mensagem de Ganke
AINDA ESTOU VIVO. SEM LÁGRIMAS

– Se pelo menos tivéssemos a sua inteligência, Miles… Não há nada de errado em ganhar dinheiro aos poucos, filho. Lembre-se disso sempre – recomendou o pai de Miles.

11h54 para Ganke
LEGAL. INDO PARA A CADEIA AGORA

– Está ouvindo, Miles? Você está prestando atenção? – perguntou Jeff.

– Sim. Eu ouvi, pai. Dinheiro. Aos poucos – respondeu Miles.

11h55 1 Nova Mensagem de Ganke
NUNCA MAIS MANDE UMA MENSAGEM COMO ESSA! É COMO BRINCAR COM O DESTINO OU COISA DO TIPO!

Miles se inclinou para a frente e bateu com os nós dos dedos na superfície de madeira que cobria o painel do carro do seu pai. Não tinha certeza de que aquilo significava alguma coisa ou que serviria para algo, e sentiu-se até mesmo um pouco idiota a respeito, mas, apenas para garantir… bata na madeira.

• • •

Quase uma hora depois, o carro entrou na estrada da Fábrica Velha, na parte mais deserta do Brooklyn que Miles já havia visto. Muitos terrenos vazios. Nenhum prédio grande. Bem, havia um prédio grande. Eles pararam diante da prisão e foram recebidos por uma enorme placa de cimento.

DEPARTAMENTO DE CORREÇÕES

Havia guardas postados diante daquele bloco gigantesco e sem janelas. Havia também guindastes e escavadeiras, cones e fitas demarcatórias, em um dos lados do prédio.

– Sempre tem algum pedaço sendo construído nesse prédio. Eu acho que já estavam trabalhando nisso havia muito tempo, quando eu e Aaron vivíamos entrando e saindo deste lugar – explicou o pai de Miles. – Era bem menor naquela época. – Ele desligou o motor do carro.

Miles estava bastante inquieto e tentou se acalmar.

– Antes de entrarmos aí, preciso repetir que a prisão muda as pessoas. Por isso, não quero que você crie expectativas nem nada do tipo. Vamos simplesmente conhecê-lo no lugar onde ele está.

Miles fez que sim com a cabeça e estendeu a mão para abrir a porta.

– E também… – prosseguiu o pai.

Miles parou no meio do movimento de abrir a porta.

– Eu sei que já falei disso antes, filho, mas preciso que saiba que, aconteça o que acontecer, se ele realmente for aparentado conosco ou não, estou orgulhoso de você por querer vir vê-lo. Sabe, eu e Aaron passamos um bom tempo na ala juvenil sem nenhum visitante. Nossa mãe não conseguia suportar a ideia de nos ver na cadeia, e o nosso pai… bem, você sabe.

Miles assentiu e abriu a porta.

– Por isso… estou orgulhoso de você por se importar com Austin – concluiu.

Depois de passarem pelo detector de metais e de serem examinados por um homem do *tamanho de um* detector de metais, Miles e o pai passaram pela antessala e falaram com uma atendente.

– Quem vocês vieram visitar? – perguntou ela por uma pequena janela.

– Austin Davis.

– Assinem a lista e mostrem os documentos, por favor.

Miles e seu pai assinaram a prancheta que estava colocada no balcão diante da janela. Nome do visitante. Nome do visitado. Hora de entrada. O pai de Miles deslizou sua carteira de identidade pela janela. A atendente tirou uma cópia do documento e o devolveu.

– Muito bem, Sr. Davis. Alguém virá aqui para buscá-los em alguns minutos.

– Ah, desculpe, mas este é o horário de visitas, certo? – perguntou o pai de Miles, olhando ao redor da sala que estava vazia.

– É sim, senhor.

– Onde estão os outros visitantes?

A senhora que estava atrás do balcão balançou a cabeça negativamente.

– Parece que são só vocês dois.

Miles observou enquanto seu pai olhava ao redor da sala cinzenta; nada outra vez. Era como se estivesse examinando os cantos, as câmeras, lembrando-se de como era estar ali. Miles imaginou se ele estava pensando nas várias vezes em que o irmão entrou e saiu daquele lugar, muito depois que seu pai tinha abandonado a vida de crimes, e no fato de que Aaron nunca recebeu visitas porque o pai de Miles não ia até a prisão.

Nas paredes acinzentadas havia três molduras com placas de sinalização alinhadas como obras de arte caras e abstratas em uma galeria. Miles as observou mais de perto. A primeira, com letras pretas negritadas acima de uma estrela de xerife, exibia:

DEPARTAMENTO DE CORREÇÕES DO CONDADO DE KINGS
AVISO IMPORTANTE
HORÁRIOS DE VISITAÇÃO
SÁBADOS: SOBRENOMES COM INICIAIS A-L
DOMINGOS: SOBRENOMES COM INICIAIS M-Z

A placa seguinte descrevia as regras.

PAIS:

- VISITANTES QUE APARENTEM ESTAR EMBRIAGADOS PODEM TER O ACESSO À VISITAÇÃO RECUSADO.
- VISITANTES QUE ESTEJAM VESTIDOS DE MANEIRA INADEQUADA (SEXUALMENTE OU COM CORES E SÍMBOLOS DE GANGUES) PODEM TER O ACESSO À VISITAÇÃO RECUSADO.
- PAIS DEVEM FICAR COM OS OUTROS FILHOS QUE ESTEJAM EM VISITAÇÃO O TEMPO INTEIRO.
- É PROIBIDO CORTAR OU TRANÇAR OS CABELOS DOS MENORES INFRATORES NA SALA DE VISITAS.

Enquanto Miles lia, seu pai se aproximou e se juntou a ele na leitura da longa lista de regras.

MENORES:

- MENORES NÃO DEVEM APERTAR AS MÃOS DE NENHUM OUTRO MENOR NA ÁREA DE VISITAÇÃO.
- NADA DE PALAVRAS DE BAIXO CALÃO.
- TOLERÂNCIA ZERO A GANGUES.
- VISTA-SE APROPRIADAMENTE. NADA DE CHINELOS. CALÇAS DEVEM COBRIR AS PERNAS ATÉ A LINHA DA CINTURA.

- É PROIBIDO PASSAR CARTAS, NÚMEROS DE TELEFONE OU CORRESPONDÊNCIAS.
- PROIBIDO FALAR ALTO.

Finalmente, ouviram uma campainha súbita, como o som de alguém sendo eletrocutado. E depois outra. Em seguida, uma porta se abriu e uma carcereira entrou por ela.

– Davis? – chamou ela, com a voz ecoando pelas paredes da sala de espera vazia. – Venham por aqui, por favor.

Miles e seu pai passaram pela porta, e pararam logo em seguida, esperando que ela se fechasse completamente antes que a porta seguinte se abrisse. O clique do ferrolho se trancando, associado ao som áspero da próxima porta se abrindo e raspando o chão, fez um calafrio percorrer a espinha de Miles. Quando a segunda porta se abriu, eles caminharam pelo corredor, que estranhamente lembrou a Miles os corredores da escola de Ensino Fundamental que ele frequentara. Não havia nada além do som pegajoso da borracha avançando pelo linóleo e um guinchar ocasional.

E, antes que pudessem se dar conta, Miles e seu pai estavam lá. Diante da porta da sala de visitas. A carcereira apertou uma campainha e esperou. O som da campainha saiu ruidosamente por um pequeno alto-falante no interfone, seguido pelo ferrolho que era desativado. A carcereira abriu a porta, entrou primeiro, e em seguida fez um gesto para que Miles e seu pai a seguissem.

Era uma sala vazia. Grande o bastante para pelo menos vinte pessoas, e com cadeiras em número suficiente para toda essa gente. No entanto, havia somente uma pessoa ali além de outro carcereiro que estava encostado contra a parede. Miles imaginou que o trabalho daquele guarda era escoltar Austin da sua cela até a sala de visitas, e depois o levar de volta. Havia um garoto sentado diante de uma das mesas, com um cabelo afro com os cachos emaranhados, um uniforme cáqui e as mãos que tamborilavam nervosamente

no tampo da mesa. A pele do seu rosto estava flácida pela exaustão, fazendo-o parecer mais velho do que era. A carcereira que acompanhara Miles e seu pai conversou com o outro guarda, e depois se colocou no canto oposto.

– Austin? – chamou o pai de Miles, caminhando em sua direção, com Miles logo ao lado, e estendeu a mão.

– Nada de toques – advertiu o guarda que escoltou Austin, severo.

– É mesmo. – O pai de Miles recolheu a mão, olhando novamente para o carcereiro. – Eu esqueci.

Ele e Miles se sentaram diante da mesa.

– Ah… – começou Austin. – Como eu devo chamar você?

Miles simplesmente ficou olhando para Austin, para o seu rosto.

– Eu… olhe, isso não tem importância. E… este é Miles.

Austin olhou para Miles.

– E aí, cara?

– E aí? – repetiu Miles, estudando os olhos de Austin.

O garoto não estava procurando por algum indício, uma brecha em alguma espécie de disfarce que revelaria que Austin não era quem dizia ser. Miles sabia que Austin era exatamente quem dizia ser – um membro da família. Soube disso no momento em que entrou na sala.

Um balão de constrangimento se inflou ao redor deles.

– Então você é o filho do tio Aaron, hein? – perguntou Miles, tentando estourá-lo.

– Sou.

O pai de Miles passou a mão pelo rosto.

– Será que você pode… explicar isso para mim? Eu simplesmente…

– Você simplesmente não sabia que eu existia. Eu sei – disse Austin, direto. – Escute, nós não temos muito tempo aqui, e vocês não precisam ficar se não quiserem. Eu só queria que alguém mais soubesse que eu estava aqui.

Alguém que fosse sangue do meu sangue. Minha avó está velha demais para ficar vindo até aqui.

– Certo. Bem, então o meu irmão era o seu pai – falou Jeff. – Mas quem era a sua mãe?

– O nome dela era Nadine.

Miles observou seu pai revirando aquele nome na cabeça, tentando identificá-lo.

– Nadine? Não me lembro de ninguém chamada Nadine.

– Sim, ela e o meu pai não estavam juntos, mas eram próximos. Você sabe.

– E ela… – começou Miles.

– Está morta.

– Ah, é uma pena ouvir isso.

– É, eu também acho. Ela era a melhor mãe do mundo. Sabe como algumas pessoas são tão fáceis de amar que você seria capaz de fazer qualquer coisa por elas? Minha mãe era assim.

– Sei, sim – respondeu Miles, pensando na própria mãe.

Houve uma pausa, um momento em que eles se mediram com os olhos.

– Olhe, garoto… Austin, por que nós estamos aqui? – indagou o pai de Miles, com a voz severa.

– Eu já disse.

– Mas o que você quer de mim? De nós?

Austin se recostou em sua cadeira.

– Não quero nada. Não há nada que vocês possam me dar. Exceto… – Austin se inclinou para a frente de novo. – Me digam: por que vocês nunca deram sinal de vida?

O pai de Miles soltou um resmungo.

– Porque seu pai e eu não nos dávamos bem.

– Então, você simplesmente cortou relações com ele por quase vinte anos?

– Eu tive que fazer isso. Não sei o quanto você sabe a respeito de Aaron, mas…

– Eu sei das coisas em que ele estava envolvido.

– Bem, então talvez faça sentido o fato de que eu tive que me afastar de Aaron depois que decidi largar a vida de bandido e percebi que ele não seria capaz de fazer isso. Ou, melhor dizendo, que ele não queria fazer isso.

– Mas ele largou.

– O quê?

Austin abriu um sorriso torto e confirmou com um aceno de cabeça.

– Ele largou aquela vida. Por algum tempo.

Austin olhou para Miles e quis saber do primo:

– Você o conheceu?

Miles olhou para o seu pai e pensou em todas as visitas secretas que havia feito à casa do tio sem que seus pais soubessem. Pensou nas pizzas e no refrigerante de uva, no apartamento sujo no conjunto habitacional Baruch. Pensou na última vez em que o viu, na batalha, na explosão.

– Um pouco, mas não a fundo – disse Miles, coçando o local da picada da aranha no dorso da mão.

– Bom, ele era legal – disse Austin, recuperando a atenção de Miles. – Um cara legal, que queria fazer o bem pelas pessoas, mas que só… não sei. Digo, quando a minha mãe estava grávida de mim, meu pai decidiu que iria ser um homem de família.

– Não parece ser algo que Aaron faria.

– Bem, mas foi. Minha mãe sempre disse que ele observava como você se endireitou na vida depois que se casou e começou uma família, e sentiu que precisava fazer algo assim, também. E fez. Arrumou um emprego para preparar a massa em uma pizzaria. E, embora não ganhasse tanto dinheiro, foi o bastante para juntar com a grana que a minha mãe ganhava e poder manter um teto sobre a nossa cabeça. Mas aí ela ficou doente.

– A sua mãe?

– Sim. Câncer de estômago. Teve que parar de trabalhar e tudo mais. Depois de algum tempo, o dinheiro acabou. Não sei o quanto custa fazer quimioterapia, mas sei que é bem caro. Por isso, meu pai voltou à vida de antigamente.

– Roubos.

Austin gemeu ligeiramente quando Miles disse aquilo.

– Sim. Tudo que ele conseguia, vendia para pagar as despesas médicas. Pelo menos, quase tudo. Sempre guardava um pouco para me comprar tênis, o que era legal. Mas aí, você sabe… ele morreu.

Miles ajeitou o corpo na cadeira, sentindo um desconforto pegajoso ao redor do corpo, como algodão molhado.

– Então eu assumi a responsabilidade. Tentei aliviar aquele peso. Não podia simplesmente deixar a minha mãe morrendo aos poucos sem ao menos tentar ajudar. Parei de ir à escola. Não estava indo muito bem mesmo, e os professores nunca se importavam em perguntar o motivo – e imaginei que roubar carros enquanto ainda era menor resultaria somente em algumas broncas e petelecos se eu fosse pego. Mas, quando me pegaram, engordaram as acusações quando descobriram quem era o meu pai. Por isso, agora estou aqui. Estou aqui há quase um ano. E eu consigo enfrentar isso no decorrer dos dias, quase sempre, mas há algumas coisas que são difíceis de esquecer, e uma delas é o fato de que a minha mãe faleceu no dia em que me colocaram aqui.

Aquilo foi outro soco na barriga de Miles, e, ao olhar para o pai, que agora parecia estar menos incisivo, imaginou que o punho fantasma da culpa havia tirado o ar dele também.

– Eu lamento muito saber disso, Austin.

– Eu também – disse Miles.

– É, eu também lamento. – Austin forçou um sorriso torto e entristecido.

Miles havia se acostumado àquele sorriso doloroso, porque Ganke frequentemente o exibia.

– Cinco minutos – anunciou a carcereira, com a voz reverberando pelas paredes frias.

Miles olhou para ela, e em seguida voltou a encarar Austin.

– Bem… e que outras coisas são difíceis de esquecer? – perguntou Miles.

– O quê? – rebateu Austin, apertando os olhos.

– Miles…

Miles podia sentir o olhar duro do seu pai na lateral do rosto. Ele o ignorou e continuou:

– Você disse que houve algumas coisas que foram difíceis de esquecer. Uma delas foi… a sua… mãe. – Miles engoliu em seco. – Mas… o que mais aconteceu?

– Você não precisa responder a isso. – O pai de Miles inclinou a cabeça para o lado e olhou para o filho como se ele tivesse perdido a razão. – O que você tem na cabeça?

Miles não sabia como responder àquela pergunta. Porque não tinha realmente uma resposta. Sabia apenas que estava olhando nos olhos de alguém que se parecia exatamente com ele. Que, por uma razão qualquer, fez o que achava que devia ser feito, exatamente como ele. Que amava sua família apesar de todos os defeitos, exatamente como ele.

– Está tudo bem. – Austin inclinou o corpo para a frente, entrelaçou os dedos e olhou nos olhos de Miles. – Às vezes eu tenho pesadelos. Às vezes mais, às vezes menos, e isso já ocorre há anos. Mas, desde que vim para cá, eles ficaram piores.

Agora era Miles quem estava inclinando o corpo para a frente. Seu pai, entretanto, fez o movimento na direção oposta.

– Que tipo de pesadelos? – perguntou Miles.

– Só umas coisas doidas. Por exemplo… olhe, todo mundo que está trancado aqui vem de situações parecidas com a minha. Ou foram forçados a agir de uma certa maneira para sobreviver, ou foram completamente esquecidos. E todos eles se parecem comigo, ou com a gente, também, se você me entende. Por isso, às vezes, nos meus sonhos, todo mundo que mora neste lugar muda. Tipo, todos eles se transformam em coisas, todos menos eu. E eles me atacam. E, quando eu acordo, estou olhando para eles como se fosse louco. Porque os meus sonhos me fazem pensar que não posso confiar em ninguém aqui. Outras vezes, são só coisas feias, pesadelos de bebês. – Austin baixou a voz e continuou: – Como aquele idiota no canto da sala dizendo que eu nunca vou ser nada na vida. O que não é bem um pesadelo, porque ele sempre diz isso quando estou acordado. A única diferença é que, no meu sonho, ele fala com a voz do meu pai.

– Meu Deus… – O pai de Miles balançou a cabeça negativamente, visivelmente irritado.

– Você é exatamente igual a mim – disse Austin.

– O quê? – Miles recuou um pouco.

– Isso é o que ele sempre diz no sonho. “Você é exatamente igual a mim.”

– Tempo! – gritou a carcereira.

Miles e seu pai se levantaram. Miles, alvoroçado pelo que havia acabado de ouvir, quase estendeu a mão para um *high-five*, mas lembrou-se de que não era permitido haver contato físico entre visitantes e detentos.

– Ah. Eu tenho a impressão de que estávamos começando a nos conhecer direito. Bem, se vocês não voltarem, está tudo bem. Obrigado por virem, pelo menos desta vez – disse Austin, sem conseguir esconder a decepção.

– Espere. Uma última pergunta – disse Miles.

– Temos que ir embora. – Seu pai o tocou no braço.

– Eu sei, mas vai ser rápido. No que os outros rapazes que estão aqui dentro se transformam quando você sonha?

Austin parecia ter ficado confuso com a pergunta.

– Não sei… gatos brancos e coisas malucas desse tipo.

– Gatos brancos? – repetiu Miles, enquanto seu pai, que agora segurava em seu braço com força, virou-o para o outro lado.

– Sim, por quê?

– Nós… ah… vamos voltar para visitar você – avisou o pai de Miles, esforçando-se para colocar aquelas palavras para fora, cortando a conversa antes que fossem repreendidos pela carcereira outra vez. – Pode esperar.

Quando atravessavam a sala, Miles se virou para olhar para o guarda que se aproximava para escoltar Austin de volta à sua cela. Seu distintivo reluzia sob a luz fluorescente. Seu crachá não era grande o bastante para que a maioria das pessoas conseguisse enxergar de onde ele estava, mas Miles podia lê-lo perfeitamente. CHAMBERLAIN.

• • •

Miles olhava para o seu pai de tempos em tempos no carro, quando estavam voltando para casa. Os olhos de Jeff estavam concentrados na estrada, mas havia rugas que se pareciam com canais marcando-lhe a testa. O garoto esperava que o pai não estivesse pensando em toda aquela situação com o gato branco, porque ainda não teria como explicar tudo aquilo. Ele mesmo não compreendia tudo aquilo. Havia tantas coisas na cabeça de Miles que ele se sentia fisicamente pesado, como se os ossos em seu corpo estivessem subitamente mais densos. Gatos brancos, o seu professor e os pesadelos que ele tinha com o tio. Seu tio. Os tênis que ele sempre via na casa do tio faziam sentido agora.

– Bem… – disse o pai de Miles, com as rugas na testa relaxando quando finalmente estacionaram diante da casa. Ele colocou o carro em ponto morto. – Até que foi… interessante.

– Sim – falou Miles, sem saber o que mais poderia dizer sobre tudo aquilo.

– Eu simplesmente… eu nunca soube. Sei que, quando você toma decisões, tem que viver com elas, não é mesmo? Mas jamais pensei sobre o motivo pelo qual ele fazia algumas das coisas que fez. Nem em o que o fez sair da linha, embora eu estivesse lá quando aconteceu. Eu só queria poder ter estendido a mão para ele. Talvez tentado descobrir um jeito de poder ajudá-lo – disse o pai de Miles. – Mas eu achava que ele ainda era sujo. Eu… sempre pensei que ele não conseguia evitar agir daquele jeito. Ou então que… não queria. Ele arruinou o próprio nome além de qualquer possibilidade de limpá-lo, e tudo que eu queria era que me deixassem em paz.

Tudo que pedimos é que nos deixem em paz. A citação de Jefferson Davis da aula de Chamberlain surgiu na mente de Miles como um relâmpago lhe acertando o cérebro. O garoto olhou para o pai e conseguiu ver a luta que havia em seus olhos, podia ouvir o nó que se formava em sua garganta.

– Sempre tem mais detalhes na história, não é? Um nome, seja bom ou mau, quase nunca é *somente* um nome. Sempre há algo por trás dele. Sempre tem algo a mais.

– Sim. Acho que você tem razão – disse o pai. – Talvez nós possamos voltar lá no próximo fim de semana, dar uma olhada nele, se você quiser. Depois que sair do emprego, é claro. – Um sorriso orgulhoso se formou no rosto do pai de Miles. – Além disso, você sabe que a sua mãe vai querer conhecê-lo.

Eles saíram do carro e subiram as escadas. Quando Miles abriu a porta, Ganke e Rio Miles estavam sentados no sofá, assistindo a um canal de televisão que transmitia toda a sua programação em espanhol.

– Espere, senhora M. O que ela disse agora? – perguntou Ganke.

A mãe de Miles estava sentada no sofá ao seu lado, puxando as uvas de um cacho que estava dentro de um saco plástico.

– Ela disse que o ama.

– Mas, há alguns segundos, você disse que ela falou que o amava.

– Porque foi isso que ela fez, Ganke.

– Hmmmm. Certo, e o que ele está dizendo agora?

– Ele está dizendo que está morrendo.

– Ah… oi? – cumprimentou Miles.

– Ei, Miles – respondeu Ganke, acenando.

– *Ay, hijo*, agora você parece o meu filho de novo – brincou a mãe de Miles.

O pai de Miles se curvou por cima do encosto do sofá e a beijou no alto da cabeça.

– Como foi… tudo? – ela quis saber.

– Em um único dia o nosso filho foi para a cadeia e conseguiu um emprego – zombou o pai de Miles.

– Eu não sabia que você ia chegar tão cedo, cara – disse Miles para Ganke, ignorando seus pais. E sentou-se no braço do sofá.

– Nem eu – falou o pai de Miles.

– Eu também não, mas é melhor você estar feliz por não estar de castigo, ou eu teria que mandá-lo de volta para casa.

Essa foi a primeira vez desde que voltara para casa que Miles soube com certeza que não estava de castigo. Ele estrangulou o sorriso entre os maxilares, mas, por dentro, estava muito, muito feliz. Nada mais de comer macarrão instantâneo.

– *É claro* que eu viria. – Ganke estava com um olho e uma orelha atentos à televisão. – Temos trabalho a fazer.

– Trabalho? – perguntou Miles.

– Trabalho? – repetiu sua mãe antes de ser sugada de volta para o caso de amor na TV.

– Fantasias de Halloween e coisas assim – cutucou Ganke, erguendo e baixando as sobrancelhas.

– Ah, sim, fantasias de Halloween. Para a festa. Na escola – emendou Miles, mas de uma maneira nem tão convincente.

– Está tentando me pedir alguma coisa, Miles Morales? – indagou a sua mãe.

Seu pai mostrou-lhe a língua.

– Você não pediu a eles? – gemeu Ganke.

– Eu… mãe, hoje é a festa de Halloween da escola. – Miles mostrou os dentes. – E Ganke vai lá.

O pai de Miles mostrou a língua outra vez.

– Rapaz, diga logo que você quer ir!

A mãe de Miles concentrava a atenção ora na novela, ora no filho, até finalmente se deter em Miles.

– Mãe, posso ir, por favor?

– A garota vai estar lá?

– Mãe…

– O que foi? Estou só perguntando! – disse ela, e olhou para Ganke. – Ela vai estar lá, Ganke?

– Acho que sim – respondeu Ganke, com uma expressão diabólica no olhar.

– Ah, sei. Bem, acho que você pode ir – concordou ela, com um sorriso malandro no rosto, e voltou a se concentrar na TV.

No quarto de Miles, Ganke desabou sobre a cama enquanto o amigo sentou-se no chão.

– Bem, estou vendo que você conseguiu sobreviver ao jantar.

– Sim. Não foi tão ruim. Como eu disse na mensagem, não houve lágrimas. Mas isso foi porque decidimos comer enquanto assistíamos a um daqueles programas sobre crimes em que a polícia está investigando um caso real, mas que ainda não solucionou. Encontraram a mulher de um cara que a

havia colocado em um daqueles picadores de árvores. Foi nojento. Mas… até que foi divertido.

– Uau.

– Pois é! E você? Como foi o encontro com o seu primo? Ah… ele é seu primo, certo?

– Sim, é meu primo. Foi esquisito, cara. Mas foi bom. Ele se parece comigo, o que foi uma verdadeira loucura. Não conseguimos conversar por muito tempo porque o meu pai estava fazendo todas as perguntas, mas uma coisa que eu descobri é que ele vem tendo os mesmos pesadelos que eu. Oh, e uma coisa muito, mas *muito louca* mesmo, é que o guarda que o monitorava se chamava Chamberlain. Estava no crachá.

– Ele se parecia com um monstro que, se fosse provocado, poderia querer moer uma pessoa em um picador de árvores?

– O quê? – Miles se levantou e foi até o armário.

– Ah, não é importante. Mas e aí, vocês vão voltar lá?

– Acho que sim. Pelo que estou vendo, nós meio que temos que fazer isso. Austin está no regime fechado.

– Saquei. – Ganke mordiscava uma unha. – Sabe quem *não* está em regime fechado? Você. Não está de castigo. Eu nem sei como conseguiu fazer isso.

– Pois é, nem eu. – Miles inspecionou o corte de cabelo no espelho pendurado atrás da porta do armário. – A escola não telefonou para falar sobre a carteira quebrada. E, além disso, eu contei para o meu pai o motivo pelo qual saí da loja e sobre Alicia, e ele contou tudo para a minha mãe, e acho que isso acabou servindo para suavizar as coisas.

– Alicia, que provavelmente vai à festa de hoje vestida como alguma espécie de monstrengo bonito. Uma pena que você será um fantasma para ela.

– Que nada. – Miles virou-se para encarar Ganke. – Vou derramar o molho nela.

– Espere… você vai fazer o quê?

– Não se preocupe com isso.

– Bem, como sou uma figura tão positiva na sua vida, usei meus poderes mentais para afastar os seus problemas, e sabia que você não estaria preparado para a liberdade. Por isso, eu trouxe uma das minhas fantasias antigas para você. – Ganke enfiou a mão dentro da mochila e tirou um saco plástico. Dentro dele havia uma máscara de borracha, que entregou a Miles. – Um zumbi – explicou. – E a melhor parte é que você pode usar a mesma roupa que já vinha usando nos últimos dias, e a fantasia vai ficar perfeita! – Ganke fez uma careta engraçada.

Depois de debater os possíveis cenários sobre o que poderia acontecer quando Miles finalmente decidisse abordar Alicia e de falar bastante sobre molho, sobre derrubá-lo e sobre dançar salsa, era hora de se vestir para a festa. Miles vestiu uma calça de moletom esfarrapada, uma camiseta velha e a máscara de zumbi. Não era impressionante, mas era o bastante. Ganke, por outro lado, vestiu um paletó de lã, uma touca de natação rosada e óculos de aro redondo.

– E que fantasia é essa, cara? – perguntou Miles, medindo Ganke com os olhos.

– Eu sou o diretor Kushner fingindo que é o Sr. Chamberlain – explicou ele, juntando as mãos e fechando os olhos. – Eu vou literalmente ficar no meio da pista de dança assim, o tempo todo.

Miles explodiu em uma gargalhada.

– Miles! – A voz da sua mãe veio do outro lado do corredor.

O garoto entreabriu a porta.

– Sim?

– Venha conversar com as pessoas. John John e os rapazes estão aqui.

John John era ex-membro dos Marines e advogado, um dos melhores amigos do pai de Miles. Ele e “os rapazes” que sua mãe havia mencionado estavam na sala de estar, assim como acontecia uma vez por mês, sempre num sábado, desde sempre. Jogando cartas. Um jogo conhecido como *Spades*, para ser exato.

Quando Miles e Ganke estavam prontos para sair – cerca de dez minutos depois de Rio anunciar a chegada de John John –, os jogadores de *Spades* já estavam organizados e o jogo corria a pleno vapor na sala de estar.

– Hora de os vagabundos saltarem para levar uma surra! – Carlo, um velho amigo do pai de Miles, do tempo em que ainda tinha sua vida de crimes pelas ruas, provocou.

Carlo sempre se vestia com uma camisa social e sapatos de sola dura, e tinha uma cicatriz na bochecha que se parecia com uma centopeia. Estava empunhando uma carta no ar, esperando que Jeff fizesse sua jogada. O pai de Miles jogou uma rainha de paus na mesa, e Carlo bateu um cinco de espadas sobre ela.

– Tire essa porcaria daí, rapaz! – zombou Carlo, recolhendo as cartas.

Ao lado dele estava Sherman. Todos os chamavam de Sip, porque ele era do estado do Mississipi. Não era de falar muito. O pai de Miles conheceu Sip na mesma noite em que conheceu Rio, naquela festa para assistir à final do campeonato de futebol americano. Quando o pai de Miles perguntou por que ele saiu do Mississipi, tudo que o rapaz disse foi: “A poeira ficou grossa demais”. Jeff não sabia exatamente o que aquilo significava, mas sabia que não tinha nada a ver com poeira.

– Aham – resmungou Sip, cortando o baralho. – Vocês ficam alegres rápido demais aqui em Nova York, rapazes. Às vezes as coisas têm que se aquecer aos poucos para ficarem realmente quentes.

– Sip, faça o favor – disse John John, tocando as cartas com os dedos. – Você mora aqui há quase vinte anos. Já é um de nós, agora.

– Não sou, não. Sou um filho do Mississipi e serei até morrer. Moro na cidade grande agora, com certeza, mas pode acreditar no que eu digo, ainda conheço os modos do Sul. Ainda entendo o que é a paciência.

Sip piscou o olho para o pai de Miles, seu parceiro no jogo de *Spades*. John John fez um sinal negativo com a cabeça e começou a dar as cartas.

Miles e Ganke entraram na cozinha para tomar um copo de suco antes de saírem.

– Oh! – berrou a mãe de Miles, que estava diante do balcão da cozinha, misturando balas para a brincadeira Travessuras ou Gostosuras em uma vasilha. – Vocês estão lindos, bebês!

– Não há bebês nesta casa! – gritou Carlo na sala de estar.

– São bebês para ela – disse o pai de Miles por entre os dentes.

– São bebês para mim! – gritou a mãe de Miles em resposta. – Deem só uma olhada! – pediu ela, apresentando Miles e Ganke para os adultos que estavam ao redor da mesa de carteado.

– E que fantasia você vai usar, filho? – perguntou o pai de Miles.

O garoto não estava com a máscara no rosto.

– Um zumbi. – Miles mostrou a máscara que tinha na mão.

– Ei, olhe só – disse John John. – Você acertou em cheio.

– Com certeza – acrescentou Sip com um sorriso torto enquanto reorganizava as cartas na mão.

– E você, Ganke? – indagou o pai de Miles.

– É complicado, mas, basicamente, eu sou o diretor da escola em que estudo com Miles, fingindo que é o nosso professor de História, o Sr. Chamberlain.

A mãe de Miles soltou outro gritinho esganiçado.

– Isso é engraçado. Mas eu fico feliz por ser você quem teve a ideia de usar essa fantasia, e não Miles.

– Pois é. Iriam suspendê-lo de novo – comentou Jeff, baixando a cabeça.

– O garoto foi suspenso? – John John baixou as cartas sobre a mesa, com a face para baixo, e tomou um gole da sua bebida.

– Sim. O professor dele, o Sr. Chamberlain, mandou suspendê-lo por sair da sala para uma… emergência no banheiro.

– E eles o *suspenderam* por causa disso? Porque o garoto teve que ir fazer… o quê? O número um? Ou o dois? – emendou Carlo.

– Não importa. Parece ser uma disciplina um pouco excessiva, pelo que estou percebendo – disse John John.

– Cara, vou lhe dizer uma coisa. Eu nunca conheci um Chamberlain de quem gostasse – falou Carlo, também colocando as cartas sobre a mesa, viradas para baixo. – Na verdade, quando eu estava na escola, tive problemas com um professor chamado Chamberlain também.

– Ele ficava desse jeito? – quis saber Ganke, instantaneamente fazendo a pose típica de Chamberlain: mãos unidas, olhos fechados.

– Hummm… não – respondeu Carlo, observando Ganke. – O cara tinha um cabelão ruivo estranho. Como o do Ronald McDonald. E não era professor de História. Era o meu professor de Inglês. E eu não era muito bom em leitura, sabe? E ele sabia disso. Mas me mandava ler textos em voz alta. Todo santo dia.

– E você disse a ele que não queria ler? – perguntou Miles.

– Sim, falei para ele. Cheguei até mesmo a ficar depois da aula um dia e expliquei que talvez precisasse de um tutor ou coisa do tipo. Mas ele não deu importância. Simplesmente continuou a me chamar para ler, deixando que os outros alunos rissem de mim, até que um dia comecei a ignorá-lo. E, quando *isso* aconteceu, ele passou a pedir que eu fosse suspenso. E não demorou muito até que eu não estivesse mais na escola.

O pai de Miles balançou a cabeça com uma expressão desolada.

– E quantos anos você tinha?

– Não sei. Provavelmente quinze ou dezesseis. Idade o bastante para enfiar a mão no pote de veneno, e você *sabe* que eu fiz isso. – Ele indicou o pai de Miles com um meneio de cabeça.

– É engraçado – resmungou Sip. – Eu também conheci um Sr. Chamberlain. Exceto pelo fato de que ele não era professor. Era o diretor Chamberlain, mas nós sempre o chamávamos de Velho Chamberlain. Vinha de uma família rica e antiga do Mississipi que não dava a mínima para garotos como eu. – Sip estalou os nós dos dedos de uma mão. – Houve um dia em que briguei com um garoto chamado Willie Richards por me xingar. Todo mundo viu isso no refeitório. Willie disse o que disse. E eu deixei aquilo passar como se fosse água na sarjeta. Willie estava irritado porque eu jogava futebol americano melhor do que ele. Uma idiotice. Mas aquele desgraçado teve a audácia de cuspir em mim, e… você sabe. Não há como voltar atrás quando se leva uma cusparada. E assim eu… bem… digamos apenas que Willie, seja lá onde esteja agora, provavelmente ainda pensa que teria sido melhor engolir aquela cusparada.

Os rapazes ao redor da mesa riram. Ganke e Miles também.

– Mas o Velho Chamberlain não achou aquilo engraçado nem que o que eu fiz fosse justificado. E me expulsou da escola. Estava sempre expulsando os garotos negros, embora aquilo não fosse novidade para ninguém.

– E você foi para outra escola? – perguntou Miles.

– Eu tentei. Mas, quando você tem o que eu tinha no meu histórico, e se estivesse morando no Mississipi naquela época, ninguém iria querer se envolver com você. Eu ia para a faculdade. Ia tirar a minha mãe daquela casa velha onde morava. Mas para fazer isso eu teria que ter dinheiro, e simplesmente sentia que… não sei… que as coisas poderiam ser bem melhores se não estivessem tão ruins. E sabe de uma coisa? Quando o mundo pesa demais sobre os seus ombros, fica muito mais fácil quebrar algumas leis.

– Só ouvi verdades – concordou Carlo.

E as histórias sobre pessoas de sobrenome Chamberlain continuaram. John John, a única pessoa na mesa que não havia se envolvido com o crime, também passara maus bocados na mão de um Sr. Chamberlain.

– Cara, eu tive muitos professores que eram bem bravos. Mas o pior deles… é até engraçado, mas também se chamava Chamberlain.

– Sim, eu me lembro – disse o pai de Miles.

Jeff e Aaron haviam frequentado a escola com John John.

– Ele costumava pegar pesado com Aaron – John John continuou.

– É verdade. Qual era o cargo dele, mesmo? Porque ele não era exatamente um dos professores.

– Era o supervisor disciplinar. Ficava andando o tempo todo pelos corredores, ou entrava nas salas de aula para pegar alunos que achava que deviam levar broncas. E, por obra do acaso, sempre éramos eu, você, Aaron e alguns outros os alunos que ele escolhia.

– Sim, como Tommy Rice. Lembra-se dele? Chamberlain o arrancou da aula de… não me lembro do nome da professora, mas ela ensinava Sociologia. Tommy estava dormindo, porém tinha um bom motivo para isso. Ele havia passado a noite inteira acordado cuidando dos seus irmãos e irmãs menores porque a sua mãe vivia chapada, e *ainda* fazia toda a sua lição de casa e coisa e tal. Todos nós sabíamos disso. Acho que a maioria dos professores também sabia disso. Mas Chamberlain o suspendeu por dormir. Por *dormir*. Disse que ele estava sendo desrespeitoso não verbalmente.

– Sim, e ele pegou Aaron por alguma maluquice parecida, também. Pegou-o três vezes, e na terceira ele o chutou da escola. Mas eu continuei indo até que Aaron começou a parar diante da escola dirigindo carros chiques.

– Carros chiques de outras pessoas – esclareceu a mãe de Miles, colocando a tigela de doces em uma mesinha ao lado da porta do apartamento.

– É verdade.

Os homens ficaram sentados em silêncio por um momento.

– Então, a moral da história é a seguinte: não confiem em ninguém chamado Chamberlain, a menos que seja Wilt Chamberlain. Entenderam? – Carlo bufou.

– Ah, fique quieto – pediu a mãe de Miles, colocando os braços ao redor dos ombros de Miles e Ganke. – Não acredito que estão colocando a culpa de tudo de ruim que aconteceu em suas vidas em um punhado de professores severos.

– De jeito nenhum – disse Sip. – Não culpo ninguém pelo que aconteceu na minha vida além de mim mesmo. Mas vou lhe dizer uma coisa: para alguns de nós, a escola era como uma árvore onde subimos para nos esconder. No chão, logo abaixo, há um monte de cachorros. Os cachorros são as decisões ruins. E então, quando alguém balança a árvore sem motivo e nós caímos no chão, fica muito mais fácil ser mordido.

– E aí está a verdade – concordou John John. – Nem sempre as coisas acontecem assim, mas isso definitivamente acontece.

– E também não importa de que tipo de família você venha. Há problemas o bastante lá fora para que o levem para longe de uma boa criação, especialmente se você tem tempo para ficar à toa e não há um caminho claro para o sucesso. Cara… esqueça – concluiu Carlo.

– Certo, certo, já é o bastante – finalizou a mãe de Miles, cortando a conversa. – Garotos, deixem esses velhos aqui para ficarem lembrando e reclamando do passado enquanto vocês dois vão para a festa. – Ela deu um abraço em Ganke e, em seguida, um abraço em Miles, e sussurrou em seu ouvido: – Derrube o molho.

• • •

– Não é esquisito que todos os amigos do meu pai tenham histórias ruins com professores chamados Chamberlain? – perguntou Miles a Ganke enquanto eles iam até a estação de trem.

O garoto não conseguia evitar pensar sobre como uma das coisas que os levaram para uma vida desregrada foi o fato de terem sido expulsos da escola. A escola poderia ser a fórmula para criar um funcionamento contínuo, uma vida traçada sem interrupções. Como o Cálculo. Ou, para o pai de Miles e seus amigos, como a Aritmética Básica.

Era uma noite estranhamente quente para o Halloween. Crianças vestidas como bruxas e princesas, animais e super-heróis, estavam fora de casa, andando lentamente de um lado para o outro do quarteirão.

– É esquisito, mas não é mais esquisito do que seria se perguntássemos quantas pessoas tiveram um professor ruim chamado Sr. Johnson – disse Ganke. – Provavelmente seria um milhão de pessoas. É uma dessas coincidências. Além disso, eram pessoas diferentes. Seria mais chocante se todos houvessem sido vítimas do *mesmo* Sr. Chamberlain, até mesmo o cara do Mississipi. Como se o nosso Sr. Chamberlain tivesse passado a vida inteira *viajando* para trabalhar como uma espécie de xerife educacional.

– Faz sentido – concordou Miles, mas aquela ideia ainda estava circulando pela sua mente como uma bola de pinball até que os dois chegaram ao trem.

O trem estava cheio: algumas pessoas vestidas com fantasias extravagantes, outras usando apenas máscaras simples, ou então tentando simplesmente evitar a loucura do Halloween.

– Mas e o guarda? – perguntou Miles.

– Quem?

– O guarda na prisão. Aquele que eu lhe disse que se chamava Chamberlain, também.

– Hmmmm. Coincidência?

Miles mordeu o lábio inferior enquanto as portas se fechavam.

– Duvido.

Quando estavam de volta à Brooklyn Visions Academy, os garotos correram para o seu quarto no alojamento para deixar as mochilas, enxugar o suor dos pescoços e reaplicar o desodorante. Bem, Miles fez isso. Ganke o lembrou de que coreanos não tinham mau cheiro corporal.

– Mas eu estou sentindo o seu cheiro, cara – disse Miles, revirando o que havia ao redor do jeans que usava no dia a dia, no fundo do armário.

Miles pegou o poema que havia escrito para Alicia, bem onde o havia deixado. O brim manchara o papel de azul-índigo. Enfiou o poema na calça de moletom e olhou-se no espelho. *Pena que meus cabelos recém-cortados ficarão escondidos por baixo da máscara de zumbi*, pensou Miles.

– Esse cheiro é *seu*, garoto do molho – insistiu Ganke. – Agora, podemos ir para a festa, *por favor*? Preciso ficar parado no meio da pista de dança.

Eles podiam ouvir a música do lado de fora quando chegaram à festa, com uma pequena multidão de adolescentes passando pelas portas duplas para entrar ali. O auditório estava abarrotado de alunos que dançavam, vestidos com fantasias engraçadas – algumas mais elaboradas, como C-3PO, o robô dourado de *Star Wars*; outras tão simples, como bigodes de gato desenhados no rosto. As paredes laterais tinham uma fileira de mesas com comida e bebidas, e no palco estava Judge, fantasiado como um juiz de direito, com um par de headphones gordos na cabeça, atrás de dois toca-discos.

– Vamos dar uma volta primeiro – gritou Ganke na orelha de Miles.

Os dois serpentearam por entre aquele aglomerado de pessoas, tentando ver quem estava lá e quem não estava. A primeira pessoa que reconheceram foi Winnie, porque ela estava vestida com roupas comuns: um vestido sem mangas e sapatos de salto. Miles perguntou qual era a fantasia que ela estava usando.

– O quê? – gritou ela em resposta.

– Que fantasia é essa? – Miles se aproximou.

– Oh. Michelle Obama! – disse ela, apontando para uma pequena bandeira dos Estados Unidos em forma de broche no peito.

As trigêmeas, Sandy, Mandy e Brandy, estavam vestidas como o sol, a lua e as estrelas, que eram basicamente fantasias improvisadas feitas com feltro e com o uso exagerado de uma pistola de cola quente. É claro que Ryan estava lá. Miles esperava que ele fosse com uma fantasia cafona como um conjunto de terno, gravata e colete, mas ele era um monstro construído às pressas, o que tecnicamente o tornava um monstro de boa aparência. Em seguida, porém, ele abriu a boca e Miles viu presas. É claro. Qualquer coisa para poder chupar o pescoço de alguma garota. Havia professores ali também, alguns usando fantasias, outros não. A Sra. Khalil tinha asas postiças cobertas de penas presas aos braços e um bico que lhe cobria o nariz. Era uma fantasia suficientemente elaborada para que ela se encaixasse bem na festa, mas que ao mesmo tempo lhe permitia circular pela festa e monitorar os alunos, que estavam constantemente olhando por cima dos ombros em busca de uma chance para roçar seus corpos. A Sra. Blaufuss, por outro lado, estava com uma fantasia completa: Edgar Allan Poe. Cabelos negros como carvão, o rosto pálido, o terno preto e um corvo empalhado empoleirado em seu braço o tempo todo. Perfeito. A Sra. Tripley estava vestida não como Frankenstein, mas como Mary Shelley, a *autora* de Frankenstein. Como se alguém fosse capaz de identificá-la. E o Sr. Chamberlain estava lá, também, como se esperava, vestido como soldado confederado da Guerra Civil americana, circulando por entre as pessoas, passando no meio de casais que dançavam, agitando os dedos.

Quando Miles e Ganke perceberam que ele vinha em sua direção, Ganke parou de andar, juntou as mãos, e ficou imóvel, na pose típica de Chamberlain.

Miles, entretanto, saiu para o outro lado. Não queria ter nenhum contato com o professor. Pelo menos, não ainda. Foi até a mesa do ponche para pegar

um copo, mas havia uma fila. A… *coisa* que esperava diante dele tinha uma corcunda e uma cabeleira revolta. E cheirava a sândalo.

O ogro virou-se para trás e com certeza era ela, a pele marrom pintada com um tom horrível de verde. Estava despejando o ponche vermelho com uma concha em um copo vermelho.

Alicia olhou para Miles, mas não disse nada.

– Oh – disse ele, lembrando-se de que estava com o rosto coberto pela máscara, que também abafava a sua voz. – Sou eu – revelou, arrancando-a por cima da cabeça.

– Ah, oi – cumprimentou ela, com a voz crivada pelo constrangimento enquanto largava a concha na terrina e se afastava para o lado. A garota abriu a boca para dizer alguma coisa, mas não o fez.

Primeiro, uma bebida. Depois, derrube o molho, Miles lembrou a si mesmo.

Antes que pudesse executar o seu plano, porém, Alicia se embrenhou novamente por entre a multidão da festa.

– Sirva um para mim, irmão – pediu Ganke naquele momento, chegando ao lado de Miles. Pegou o copo cheio que o amigo lhe passou e engoliu o ponche.

– Foi como se ela nem tivesse me notado.

– Oh, ela notou sim. Ficou até vermelha!

– Mas o rosto dela estava verd…

Antes que Miles pudesse terminar, Ganke gritou:

– Mas *ele* nem notou que *eu* estava ali! Todo mundo sabia exatamente o que eu estava fazendo, mas Chamberlain é tão desligado que nem me viu. Que cara bizarro!

Miles olhou por cima do ombro de Ganke, esquadrinhando a sala para descobrir para onde Alicia poderia ter ido. E a viu se misturando à turba de pessoas fantasiadas.

– Falamos sobre isso depois – disse Miles, partindo rapidamente na direção dela.

Ele enfiou-se por entre as pessoas, esforçando-se para não derrubar nem ninguém nem suco por todos os lados. Não que aquilo tivesse alguma importância. Se acontecesse, iria parecer apenas como se fosse mais sangue falso derramado.

Miles, ainda sem a máscara, encontrou Alicia no centro, junto com outras pessoas que ele reconhecia. Pelo menos as que não estavam usando máscaras. A maioria eram os amigos de Alicia dos Defensores do Sonho, como Dawn Leary, mas outros eram colegas de classe, como Brad Canby, que estava fantasiado de tenista profissional.

– Alicia! – Miles tentou chamar a sua atenção, mas ela não o ouviu. Ele havia passado o dia inteiro à espera desse momento, repassando em sua cabeça como iria fazer o que queria, como iria dizer o que queria. Tirou o poema dobrado do bolso. – Alicia!

Ela, que estava conversando com Dawn, olhou para o outro lado.

– Tenho que lhe dizer uma coisa!

Miles deu um passo em direção a ela. Assim que o fez, um vulcão entrou em erupção em seu estômago, e um terremoto em sua cabeça. *Oh, não.* E, antes que pudesse dizer outra palavra, o Sr. Chamberlain surgiu, do nada, enfiando-se entre Miles e Alicia. O professor encarou Miles. O garoto engoliu em seco.

– Que tal aumentar um pouco a distância entre vocês dois, Morales? Se eu vir você tentando fazer alguma coisa que seja inapropriada, teremos um problema.

– Ninguém está tentando fazer nada! – irritou-se Alicia.

A pele de Miles ficou quente, como se estivesse cozinhando por dentro, mas ele segurou a língua e fez um sinal afirmativo com a cabeça. O Sr.

Chamberlain se afastou, abrindo caminho por entre o emaranhado de adolescentes.

– Que desgraçado – resmungou Alicia. – E, por falar nisso, eu tenho que lhe falar uma coisa, também. Lamento pelo que aconteceu na aula. Eu devia ter dito… ou feito algo.

– Está… está tudo bem. – Miles estava distraído.

– Certo. Bem, tem outra coisa sobre a qual eu preciso conversar com você, mas primeiro… o que você queria dizer? – perguntou Alicia. Seu rosto, embora estivesse verde, ainda era agradável.

– Hein?

– O que você tinha para me dizer? – perguntou ela outra vez, ainda balançando a cabeça ao som da música.

A garota abriu um sorriso discreto com a língua repousando suavemente entre os dentes. Miles, porém, estava ocupado demais olhando para as costas do Sr. Chamberlain enquanto ele ralhava com outros garotos. Não sentia mais o zunido em sua cabeça, mas agora tinha certeza de que o zunido vinha de Chamberlain, embora o zunido em seu estômago, aquele que era causado por Alicia, ainda estivesse ali. Pensou no que sua mãe disse quando estavam dançando na sala de estar. “Deixe o seu corpo fazer o que quiser. Ele está lhe dizendo como quer se mover.”

– Ah… – Miles pegou o papel e o desdobrou.

Ele observou quando o Sr. Chamberlain falou com outro professor, apontando para o relógio como se já fosse hora de ir embora.

– Eu só… – Miles voltou a ficar de frente para a Alicia.

O sorriso da garota estava lentamente se desmanchando, e ela mantinha a cabeça ligeiramente inclinada, os olhos prestes a se revirar. Miles olhou para o Sr. Chamberlain novamente, conforme ele ia em direção à porta lateral e a abria.

– Eu queria dizer que… – Agora a atenção de Miles estava concentrada em Alicia novamente, mas apenas por um momento. Em seguida, Chamberlain. Alicia. Chamberlain. Alicia. – Bem, isto é para você.

Ele finalmente entregou o papel manchado de azul com o *sijo* que havia escrito. Alicia, embasbacada, começou a ler o poema, mas, quando ergueu os olhos outra vez, Miles havia sumido.

MILES
MORALES
HOMEM-ARANHA

10

Miles cobriu o rosto com a máscara de zumbi antes de escapulir pela porta lateral que levava para fora do salão. Olhou para a esquerda e depois para a direita e, então, ativou o modo de camuflagem. A seguir, esgueirou-se por trás do Sr. Chamberlain, que caminhava pela lateral da escola. Podia ouvir as pernas deste movendo-se como dois pistões de máquina e ajustou o passo para que o professor não conseguisse ouvir o segundo par de pés caminhando com ele. O Sr. Chamberlain parou diante de outra porta no lado oposto do auditório. Agachou-se, puxou a barra da calça para cima e tirou um molho de chaves. Girou-as até encontrar a chave correta, enfiou-a na fechadura e abriu a porta. Miles subiu na parede e enfiou-se pela fresta que rapidamente se estreitava.

O Sr. Chamberlain ligou uma lanterna que estava embutida em seu chaveiro, com um feixe de luz branco e solitário que se projetava à sua frente como um raio laser. Ele o moveu para a direita e para a esquerda apenas para ter noção do que havia à sua frente. Miles, ainda grudado à parede, aproximou-se para ver melhor. Escadas que levavam para baixo. O Sr. Chamberlain andava com passos leves, com os sapatos estalando em cada degrau conforme descia rumo ao que parecia ser um porão escuro.

No entanto, não se tratava realmente de uma sala. Era um túnel. Miles sabia que não podia andar por ali, pois a água que cobria o piso como uma espécie de esgoto faria que fosse impossível manter a discrição. Assim, continuou rastejando pela parede pegajosa atrás do Sr. Chamberlain, que prosseguiu a passos firmes pelo que pareceram ser vinte minutos. E, finalmente, na extremidade do túnel havia outra escadaria. Chamberlain subiu por ela e abriu um alçapão de metal que estava acima da sua cabeça, com muito menos cuidado do que fez da primeira vez. Como se soubesse que ninguém estaria ali.

Miles não fazia ideia de qual era o lugar por onde haviam saído, ou o motivo, mas a porta parecia estar no meio de um campo. Ele seguiu o Sr. Chamberlain pelo gramado até que finalmente uma casa gigantesca, uma mansão com pilares de castelo, surgiu à sua frente. Miles virou-se para trás para ver de onde eles haviam saído – para ver se havia algum ponto de referência ou qualquer coisa que pudesse reconhecer – e foi então que o viu, bem diante da casa. O bloco de pedra. Cercado por arame farpado e impenetrável. Na cerca havia uma placa:

DEPARTAMENTO DE CORREÇÕES

A prisão?

Miles se agachou por trás de um arbusto enquanto o Sr. Chamberlain ia até a porta, imensa e feita de madeira. Ele tocou a campainha. A porta se abriu e o Sr. Chamberlain entrou. Miles avançou até uma das janelas que estava ligeiramente entreaberta.

Por dentro, a casa era bonita. Cheia de coisas antigas. Pisos sofisticados de azulejos. Cortinas da cor de leite, feitas com alguma espécie de tecido refinado – linho ou seda. Móveis grandes que pareciam ter sido entalhados em vilarejos antigos, por povos ainda mais antigos. Um candelabro extravagante. Um chicote com nove tiras de couro, um artefato conhecido antigamente como gato-de-nove-caudas, pendurado em uma parede entre um grupo de retratos protegidos por molduras tão ornamentadas quanto as roupas elegantes das pessoas que apareciam nas imagens pintadas.

Miles sentiu que já havia estado ali antes. Tentou afastar a sensação de *déjà-vu*, mas não conseguiu. Onde foi que já havia visto este lugar? Ele avistou um velho armário do outro lado do cômodo em que estava, completo com prateleiras cheias de bugigangas de cristal.

Espere aí… não. Não é possível. Não… não pode ser. Até que ele finalmente se deu conta. Havia sido jogado contra aquele mesmo armário

antes, lembrou-se do vidro se quebrando, cortando suas costas. Ainda conseguia sentir o ardor dos cacos pontiagudos, embora o episódio só houvesse acontecido em seus sonhos. Seus pesadelos. Aquele em que lutava contra o tio Aaron. Esta era a casa. *Esta era a casa!*

Miles aguçou as orelhas para ouvir o máximo que podia conforme homens de todas as idades se reuniam ao redor de um homem muito, muito idoso, com o rosto pálido e uma barba longa e branca. Era o homem no qual o tio Aaron e o Sr. Chamberlain se transformavam nos pesadelos. Ele estava no meio da escadaria, falando para os seus convidados, como se aquele fosse o jantar social mais chique e elegante de todos os tempos.

O velho começou a falar e Miles ajustou as orelhas para escutar claramente por entre a fresta de espaço que havia entre a janela e o beiral.

– Boa noite, Chamberlains.

– Boa noite, Dirigente – disseram todos ao mesmo tempo, como zumbis. Zumbis de verdade.

Dirigente? Miles não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

– Alguma notícia a relatar? Algum novo membro em vista? – perguntou o Dirigente.

Mãos foram erguidas por entre o grupo.

Um homem baixo e magricela com os cabelos ruivos e armados e sardas no rosto ergueu a mão.

– Sim, Sr. Chamberlain?

“Sim, Sr. Chamberlain.” Miles ouviu aquela frase várias e várias vezes conforme os homens que estavam na sala anunciaram suas vitórias semanais. “Dante Jones saiu da escola graças à pressão. E eu convenci o meu diretor de que me sinto ameaçado por Marcus Williams. Ele fala alto demais e não tem lugar ali, não tem o direito de estar ali.” Outro: “Estou trabalhando para mudar os trajetos dos ônibus para me certificar de que eles não vão conseguir chegar lá. Isso vai afetar vários deles, e não vamos nem precisar nos

esforçar”. E ainda outro: “Acabei de descobrir que Randolph Duncan está vivendo com uma família adotiva. Ele não é nada. Não tem ninguém”.

– Vamos nos certificar de que *ele* seja apanhado esta semana – instruiu o Dirigente. – Ele já é invisível, o que torna as coisas mais fáceis.

E assim por diante.

Miles escutava, tentando não vomitar nem arrebentar a janela e destruir o lugar, o que ele sabia que seria uma ideia terrível. Alguns minutos depois o Sr. Chamberlain falou. *O seu* Sr. Chamberlain.

– Ah, antes de ouvirmos o seu testemunho, Sr. Chamberlain, permita-me cumprimentá-lo pelo traje que escolheu para esta noite. Você me faz lembrar meu velho amigo, o grande Jefferson Davis aqui. – O Dirigente apontou para um dos velhos retratos que estavam na parede.

– Obrigado, Dirigente. É uma honra. Gostaria de relatar que venho observando o jovem Miles Morales.

– Sim, sim, Miles Morales.

Os olhos de Miles se arregalaram quando ele ouviu seu nome.

– O *super-herói.*

A voz do Dirigente parecia escorrer com ironia. *Super-herói? Mas… como eles podem saber?* O simples ato de pensar que qualquer pessoa, especialmente o Sr. Chamberlain e todos os outros naquela sala, soubesse do segredo de Miles fez seu estômago se revirar. A sala inteira se desmanchou em risos conforme o Dirigente continuou:

– Poderes extraordinários foram feitos somente para pessoas extraordinárias. E, preste atenção, é preciso que uma pessoa nasça extraordinária, com sangue puro e mente forte. Ele não tem culpa por ser descendente de gente suja, mas é perigoso para todos o fato de que ele pensa que pode ser mais do que isso. Sim, Sr. Chamberlain, eu venho observando o rapaz, também. Sussurrei para ele durante o sono, da mesma forma que fiz

com a maioria dos homens da sua família. E, embora ele seja um pouco mais resistente, temos que corrigi-lo. E, para fazer isso, precisamos dobrá-lo.

– Sim, senhor. Tentei fazer que ele fosse acusado de roubar… salsichas. Embora ele tenha escapado da expulsão, ainda assim perdeu o emprego, o que deixou seus pais numa situação financeira ainda pior.

Outra risada baixa se espalhou pela sala.

– Resumindo, acho que estamos prestes a dobrá-lo.

O rosto de Miles se contorceu em uma careta. Reflexivamente, ele fechou os punhos com força.

– Ah. Isso é fantástico. Há alguma outra pessoa que você esteja vigiando?

– Não ativamente, mas há um rapaz chamado Judge.

– Judge? – disse o Dirigente, bufando o nome por entre uma risada. – Que irônico. Bem, Sr. Chamberlain, mantenha-nos informados. Bom trabalho.

– Obrigado, Dirigente. – O Sr. Chamberlain voltou para o meio do grupo.

O Dirigente levou um copo até os lábios e bebeu.

– Eu me lembro de algo que acontecia algumas centenas de anos atrás, quando a América realmente funcionava. Quando o trabalho não era algo pelo qual precisávamos barganhar, mas algo que estava prontamente disponível por seres que não tinham qualquer propósito, a menos que lhes déssemos o propósito da servidão. É para essa América que precisamos retornar. Essa é a nossa missão. – O Dirigente fez uma pausa e tomou um gole da bebida. Pelo som de sua deglutição, parecia que um animal pequeno lhe entrava pela garganta. Ele enxugou a boca. – Ver o que eu vejo agora me causa asco. Por isso, temos trabalho a fazer. Mais trabalho, e um trabalho importante. Corrigir. Lembre-se do nosso lema: *Distrair e derrotar*. – O Dirigente ergueu o copo e fez um brinde. – Aos Chamberlains!

– Aos Chamberlains!

E o coquetel começou.

Miles se afastou da janela. Ainda estava com a camuflagem ativada, mas, com tantas pessoas observando, sempre parecia que alguém podia vê-lo. Ele correu de volta pelo campo rumo à prisão até chegar ao alçapão de metal no chão. O garoto o puxou, mas o alçapão não abriu. Miles segurou com mais força e deu um puxão mais brusco, arrebentando as dobradiças. Por sorte, não havia nenhum guarda da prisão monitorando aquela parte do campo. E, novamente, se alguém conseguisse sair da prisão, pular o muro de pedra e passar pela cerca de arame farpado, não teria nenhum outro lugar para onde correr a não ser a casa do Dirigente, em que, com certeza, haveria problemas à espera.

Miles saltou novamente para dentro do túnel e correu pelo esgoto até finalmente estar de volta aos degraus sob o auditório. Encostou a orelha na porta para se certificar de que não havia nenhum casal se beijando ali dentro. Quando percebeu que o local estava limpo, abriu a porta trancada com um pontapé, correu pela lateral do prédio e voltou para a festa, que já começava a esvaziar, onde encontrou Ganke ainda em pé no meio da pista de dança, imóvel como um mastro, as mãos unidas como um monge em oração.

MILES
MORALES
HOMEM-ARANHA

11

– Miles, você está agindo de um jeito esquisito – disse Ganke enquanto voltavam do auditório para o quarto do alojamento. – Acabamos de sair da melhor festa de todos os tempos e você está agindo como se fosse somente outra noite de sábado na casa da família Morales. Ou melhor, está agindo como se fosse a noite passada na casa da família Lee.

– Vou lhe contar o que aconteceu quando voltarmos ao quarto. Não posso falar sobre isso aqui – avisou Miles por entre os dentes.

– Bem, posso pelo menos lhe contar sobre a pegadinha? Eles trouxeram as terrinas com o ponche durante a noite toda, certo? Em uma das vezes que fizeram um *refil*, uma garota estava esperando para encher o seu copo, e quando enfiou a concha para pegar o ponche, ela gritou. Cara, é sério, ela realmente berrou com toda a força. E sabe por quê?

Miles não respondeu.

– Porque ela pensou que havia dedos no ponche! Mas não eram dedos, eram salsichas! Os caras do último ano são gênios! – vibrou Ganke, mas em seguida, constrangido, parou de rir quando percebeu a expressão de Miles.

O amigo não estava nem um pouco contente. Como poderia estar depois de descobrir que o Sr. Chamberlain roubara aquelas salsichas como parte de um plano para sabotá-lo? *Talvez os alunos do último ano fossem gênios*, pensou Miles… *mancomunados com o departamento de História*. Ou talvez não.

– Sabe de uma coisa? Deixe pra lá. Você tinha que estar lá – disse Ganke.

Havia alunos por toda parte, e muitas das suas fantasias agora eram um amontoado de maquiagem borrada. Estavam gritando e correndo de um lado para outro, hiperativos devido ao açúcar nos doces. Miles passou rapidamente por eles, embora olhasse rapidamente para todos os rostos para ter certeza de que não estava passando por Alicia sem perceber. Ela, porém, não estava em

lugar algum. E provavelmente isso seria melhor. Miles não estava em condições de conversar com ela sobre… nada.

No entanto, quando chegaram ao quarto, Miles tentou explicar tudo para Ganke.

– Quer dizer que você o seguiu? – perguntou Ganke, tirando a touca de natação rosada da cabeça.

– Sim, cara. Eu o segui até uma porta no lado do audit…

– Espere aí. – Ganke tocou seus ombros como se estivesse pedindo tempo em uma partida esportiva. – Então… você perdeu a festa inteira? Eu achei que talvez você tivesse perdido só o final. Escapulido com Alicia ou coisa do tipo.

– Eu estava lá. Mas saí em seguida, porque, quando eu estava falando… ou tentando falar com ela, Chamberlain se aproximou e me deixou desconcertado, e o meu sentido aranha começou a apitar. Eu venho dizendo que tem algo errado com ele. Que ele não é…

– *Espere*. Tempo. TEMPO! – Ganke ergueu as mãos outra vez. – Então você falou *mesmo* com Alicia? E como foi isso? – As sobrancelhas grossas de Ganke praticamente quicavam em sua testa.

– Ganke, eu não sei. Porque tive que ir embora.

– O quê? Por quê?

– É o que eu estou tentando lhe dizer! – Miles socou as próprias pernas. – Escute. Eu segui Chamberlain. Ele foi até uma porta do outro lado do auditório. Ele tinha a chave. A porta levava até um esgoto ou coisa do tipo, e depois de andar muito nós saímos por outra porta, que ficava na prisão.

Miles explicou tudo, e as palavras saíam mais rápido do que o seu cérebro conseguia processar. Ele contou a Ganke sobre como a casa era igual àquela que aparecia em seus sonhos, sobre o Dirigente, e sobre como haviam selecionado certos alunos como alvo, e como estavam de olho no próprio Miles, especialmente.

– Eles sabem que eu sou o Homem-Aranha.

Ganke ficou sentado, em silêncio.

Miles largou sobre a cama a máscara de zumbi que estava usando e abriu a porta do armário. Afastou algumas caixas de sapato com os pés e chegou ao canto, de onde puxou seu uniforme de Homem-Aranha.

– O que você vai fazer, Miles? – perguntou Ganke, preocupado.

Miles colocou o uniforme na cama.

– Você sabe o que eu vou fazer.

– Esta noite? – Ganke se levantou como se estivesse pronto para tentar deter Miles fisicamente. – Você está querendo ir lutar contra uma casa inteira cheia de gente? Pare e pense, Miles. – Ganke batia o dedo contra a cabeça. – Pelo que está dizendo, o Sr. Chamberlain e todos os outros senhores Chamberlains estão sendo controlados por aquele velhote. Obviamente, ele é o cara que você precisa pegar.

Miles suspirou, e em seguida sentou-se na cama ao lado do traje vermelho e preto. Olhou para o uniforme por um longo momento.

– Você tem razão. Eu estou tão… tão…

– Eu sei. Mas… mano, você está com aquela cara de quem vai arrebentar uma carteira de novo. E da última vez que isso aconteceu, você… bom, você arrebentou uma carteira.

– Cale a boca, cara… – Miles deixou que a sua mente se acalmasse.

– Estou só dizendo para você dormir e não pensar mais nisso, pelo menos por hoje. – Ganke voltou a se sentar em sua cama, tirou os sapatos e bocejou. – Mas prometa que, se você realmente dormir sem pensar mais no assunto, não vai sair por aí rastejando pelo teto ou coisa parecida. Hoje é noite de Halloween e eu acho que não vou conseguir aguentar isso.

Miles atirou a máscara de borracha de zumbi em Ganke.

• • •

Miles estava deitado sobre as costas na cama, com as mãos entrelaçadas atrás da cabeça. Olhava para o teto e deixou que todos os pensamentos emaranhados da semana passassem pela sua cabeça. Seu bairro, o único lugar que ele considerava um lar, estava cheio de todas as coisas complicadas que o tornaram a pessoa que era. Seus vizinhos como a Sra. Shine, aguando suas flores, e Tony Gordo, contando e recontando seu dinheiro. Frenchie, acompanhando o filho até a quadra de basquete. Neek, que havia sido "enquadrado", e como costumava espiar pelas cortinas, com medo de que algum dia um tanque de guerra aparecesse circulando pelo quarteirão. House e os rapazes da barbearia torcendo por Miles, vendo-o como um dos representantes de ouro do bairro. A mãe e o pai de Miles, tentando se esforçar para lhe dar uma vida digna, com oportunidades melhores do que eles tiveram.

O garoto pensou no tio Aaron, no lado bom do tio, no seu lado ruim, na vida secreta que os dois tiveram juntos e na morte secreta que compartilharam. Pensou em Austin, como estava seguindo inconscientemente os passos do seu pai em um caminho que nem sabia que havia sido criado para ele no momento em que nasceu. Pensou nos sonhos que o Dirigente havia implantado. Nos pesadelos que ele e Austin compartilhavam. Nos gatos brancos. Nas lembranças de que eles tinham sangue ruim, que eram ruins. Que estavam destinados a fazer coisas ruins. A serem pessoas ruins. E que todos queriam apanhá-los.

Miles pensou nos três amigos do seu pai, Sip, Carlo e John John, batendo as cartas na mesa e falando mal dos velhos tempos. E como sempre havia um Sr. Chamberlain, um adulto que trabalhava em uma escola, que os perseguia e criava um ambiente ruim para eles. E em seguida, depois de pensar em todas essas coisas, Miles pensou em Alicia. Alicia, a bela corcunda do Halloween, a quem ele havia dado um *sijo* – o seu molho. E, antes que

pudesse pensar se ela havia ou não gostado, se havia ou não sorrido, ele adormeceu.

MILES
MORALES
HOMEM-ARANHA

12

Miles dormiu tentando não pensar naquele assunto. Quase. Embora houvesse praticamente desmaiado pela exaustão, foi um sono entrecortado, pois acordou de hora em hora, várias vezes, com o coração acelerado, a cabeça girando e sentindo a náusea dominá-lo. Não havia maneira de conseguir uma boa noite de sono depois de presenciar aquela cena. Sabendo das coisas que sabia. Por isso, ao despertar pela quarta vez, quando o sol finalmente começava a aquecer o horizonte com o seu alaranjado, Miles decidiu se levantar. Saiu da cama e depois do quarto. O corredor estava entulhado com embalagens de doces e pedaços aleatórios de fantasias, que provavelmente haviam se transformado em armas de brinquedo para os adolescentes com a cabeça entupida pelo açúcar e pelo próprio ego. Quando Miles chegou ao banheiro, que estava vazio, mas ainda encharcado, entrou em uma das baias dos chuveiros e o ligou, e a água fria causou um choque pelo seu corpo antes de esquentar rapidamente. O vapor o encobriu enquanto ele ficava ali, girando a manopla para que a água ficasse cada vez mais quente, apenas para ver quanta dor seria capaz de aguentar.

Depois da ducha ele foi até a pia para escovar os dentes. Apertou o tubo de pasta sobre a escova, e em seguida a enfiou na boca e ergueu os olhos. Ele era Aaron. Fechou os olhos e os abriu. Austin. Cambaleou para trás, agitando a cabeça, com a espuma branca lhe escorrendo pela boca. Olhou novamente para o espelho e viu a si mesmo. Cuspiu na pia. Deixou correr a água fria da torneira, juntando as mãos em concha e molhando o rosto, limpando a pasta de dente do queixo e tentando se recuperar do episódio de alucinação que pudesse estar acontecendo. Enxugou a parte de baixo do rosto com a toalha, apertando-a contra a pele enquanto encarava fixamente os próprios olhos no espelho. Secou a boca e o queixo e depois removeu a toalha; sua pele não era

mais a sua pele. O marrom agora era de um branco alabastrino e fino. A superfície lisa havia sido substituída por fios de barba longos e opacos.

– *O quê?* – Miles entrou em pânico, sentindo o coração afundar até o estômago. Fechou os olhos com força mais uma vez, mantendo-os fechados enquanto recitava para si mesmo: – Acorde, Miles. Acorde. Em seguida, levou lentamente a mão ao queixo… e não sentiu nada. Somente pele, outra vez. A barba havia desaparecido.

Ganke ainda estava dormindo quando Miles voltou ao quarto. Vestiu-se rapidamente – jeans e um blusão – e depois saiu do quarto outra vez, descendo as escadas. Era manhã de domingo. Uma hora familiar do dia; geralmente o momento em que Miles estaria a caminho da igreja com sua mãe.

“O padre Jamie tem algumas palavras para nós, Miles”, diria a mãe, com o som dos sapatos de salto estalando na calçada. Miles, porém, nunca se entusiasmou muito com aquilo. Entretanto, nesse domingo, ele queria muito se sentar ao lado da mãe no banco da igreja enquanto ela lhe passava alguns doces. Os dois dividindo um hinário, cantando fora do tom. Assim, o garoto foi até um lugar em que nunca havia estado desde que entrara na Brooklyn Visions Academy: a capela do campus.

A capela ficava localizada do outro lado do campus. Assim, Miles caminhou pelas calçadas de pedra cheias de lixo que passavam por entre os prédios imponentes, mármore e tijolos. Passou diante da loja, imaginou que Winnie provavelmente estaria ali. Pensou em parar, mas decidiu continuar em frente. Passou pela biblioteca, com o lema *EX NIHILO NIHIL FIT*[5] entalhado na pedra branca que encimava a gigantesca porta dupla. A Sra. Tripley provavelmente estava ali dentro, dormindo. Uma imagem dela vestida como Mary Shelley – basicamente a própria bibliotecária trajando um longo vestido preto de baile – encolhida entre as prateleiras pipocou na cabeça de Miles. E o fez sorrir.

Ele continuou a andar e chegou ao pátio, onde os pingos de chuva chapiscavam e encrespavam a água do chafariz. Miles lembrou-se do evento do clube de poesia. Sentiu a garoa instantaneamente ficar mais fria; seu blusão, que ia lentamente ficando molhado, agora estava mais pesado do que alguns passos antes. E assim ele prosseguiu. E logo além do pátio estava a capela.

Era uma edificação branca e pequena, com apenas dois degraus, e nada de elegante ou ornamentada. Nem se aproximava da imponência régia do restante do campus. As portas estavam fechadas, mas Miles imaginou que a igreja estaria sempre aberta. Talvez pudesse se confessar, tirar algumas coisas que lhe pesavam no peito, pedir perdão pelo que queria fazer com o Dirigente – pelo que estava planejando fazer. Sua mãe ficaria orgulhosa dele se soubesse que havia ido à capela. No entanto, quando subiu os degraus e tentou mover o puxador de latão oxidado, a porta não se abriu. Miles puxou outra vez. Estava trancada. Assim, sentou-se nos degraus e esperou.

Não demorou muito até que as pessoas começassem a aparecer. Mas não eram outros alunos procurando por um lugar tranquilo onde pudessem orar. Em vez disso, eram homens vestidos com macacões verdes e botas sujas, carregando sacos de lixo e bastões com um agulhão na ponta. Os responsáveis pela manutenção estavam limpando a sujeira da noite anterior – as embalagens de doce, as latas de refrigerante, as embalagens de doce e mais embalagens de doce.

Miles observou enquanto eles enfiavam o agulhão pelos pedaços de papel e os traziam para dentro dos sacos. Isso o fez lembrar daquilo que seu pai lhe mandou fazer uma semana antes, limpar o lixo em seu quarteirão. A única diferença era que os homens estavam sendo pagos para isso. Ainda assim, Miles não conseguiu evitar pensar em seu pai lhe dizendo que ele era responsável por aquele quarteirão, e que ser um herói não era algo que se

resumia sempre às coisas grandes, mas também às pequenas, como recolher o lixo. Miles se levantou e foi até um dos homens.

– Bom dia – disse o garoto a um rapaz que estava com a cabeça encoberta pelo capuz e com fones de ouvido enfiados na orelha.

O rapaz tirou um dos fones e perguntou:

– O que você disse?

– Eu disse “bom dia” – repetiu Miles.

O rapaz fez que sim com a cabeça.

– Dia.

Já ia colocar os fones de volta na orelha quando Miles o deteve.

– Desculpe, mas será que eu posso pedir uma coisa? – começou Miles.

O rapaz assentiu outra vez.

– Você acha que eu poderia ajudar vocês, talvez?

– Ajudar? – O rapaz bufou pelo nariz. – Ei, o rapazinho quer ajudar – disse ele, virando-se para onde estavam os outros funcionários à sua volta.

– Ajudar? – indagou um homem diferente, que estava usando um boné laranja. Tinha um palito de dentes no canto da boca. – Olhe… você sabe que estamos limpando toda essa sujeira, certo?

– Sim, eu sei.

Todos os funcionários se entreolharam. Deram de ombros. Fones-de-Ouvido deu o bastão com o agulhão para Miles.

– Eu seguro o saco – falou ele, obviamente feliz por passar um pouco do trabalho a outra pessoa. – Já passamos por aqui uma vez e agora estamos passando pela segunda vez, voltando para os alojamentos.

– Legal.

Enquanto iam de uma parte do campus a outra, a equipe de manutenção e limpeza conversava sobre assuntos triviais com Miles, mas de maneira geral o garoto apenas escutava enquanto eles conversavam uns com os outros sobre o que haviam feito no fim de semana.

– Ei, algum de vocês já comeu o bagre do Peaches? – perguntou Boné Laranja.

– Peaches? – disse um cara com barba no rosto, a qual era curta, mas cerrada como feltro preto.

– Isso, o Peaches. Você sabe, o lugar onde Benji trabalhava como garçom. Perto da Macdonough – explicou Boné Laranja.

As orelhas de Miles se atiçaram ao ouvir aquele nome. *Benji, Benji… onde foi que eu…?* Ele enxugou a chuva que lhe encharcava a testa e trespassou o coração da embalagem de uma barra grande de Snickers com a sua estaca.

– E onde está Benji? Ele não devia estar aqui? – perguntou Palito-na-Boca, balançando a cabeça.

– Ninguém o viu desde a segunda-feira, quando veio trabalhar todo arrebentado. Depois daquilo, não ligou mais nem apareceu – disse Barba-de-Feltro.

Miles ergueu os olhos, e em seguida seus olhos correram imediatamente pelo chão em busca do próximo pedaço de papel. *Benji. Não… não pode ser o cara da quadra de basquete. Não pode ser*, pensou Miles.

– Ele provavelmente foi fazer o teste para entrar no time dos Knicks de novo – quem disse isso foi um cara chamado Ricky, um baixinho que usava calças feitas para alguém mais alto do que ele, as quais ficavam amontoadas e amarrotadas no alto dos canos das botas.

– Ele nunca fez nenhum teste para entrar para os Knicks – disse Fone-de-Ouvido.

– Ele me disse que fez.

– Ele também lhe disse que tinha o salto vertical mais alto do mundo.

Todos explodiram em risos. Todos, exceto Miles.

– Provavelmente ele só pediu demissão desse emprego sujo – concluiu Fone-de-Ouvido, abrindo o saco de lixo para que Miles pudesse jogar as

embalagens presas no agulhão. A garoa finalmente começou a dar uma trégua.

– Sem falar com a gente? – perguntou Palito-de-Dente. – Eu liguei para ele e tudo mais. Duas vezes.

– E ele não ligou de volta? – quis saber Barba-de-Feltro.

– Não. E já faz alguns dias. É como se o cara tivesse simplesmente sumido.

– Como assim, *simplesmente sumido*? – Agora era Miles que entrava na conversa. Não era o que queria fazer, mas simplesmente não conseguiu evitar.

Os quatro homens vestidos de verde olharam para ele.

– Você conhece Benji? – perguntou Ricky, com o tom de voz ligeiramente mais forte do que estava alguns segundos antes. Sua voz deixava claro que metade daquela pergunta era sincera, e a outra metade indicava a Miles que era melhor ele cuidar da própria vida.

– Ah… não. Eu só…

E, antes que Miles conseguisse botar para fora o resto das palavras que estavam presas em sua garganta, Boné Laranja falou outra vez:

– Ah, tanto faz. O negócio é o seguinte: se vocês nunca comeram o bagre que servem naquele lugar, façam esse favor a si mesmos. Eles empanam o peixe com creme de milho e todo o resto. Uma delícia.

Ele estendeu a mão e pegou o bastão de espetar lixo da mão de Miles, indicando que o trabalho havia terminado. Estavam novamente diante da porta do alojamento.

– Você também, baixinho – disse Boné Laranja a Miles. – Tenho certeza de que provavelmente é melhor do que o que vocês comem nessa escola sem graça.

---

5 Em latim, “nada surge do nada”. (N.E.)

MILES
MORALES
HOMEM-ARANHA

13

– Bom dia, ah… eu ia dizer *luz do sol*, mas você está todo encharcado… então, bom dia, água da chuva! – disse Ganke quando Miles voltou ao quarto. Ganke estava sentado em sua cadeira, comendo cereal em uma tigela e assistindo à TV.

Miles não respondeu. Simplesmente sentou-se na cama e apoiou o rosto com as mãos. Benji não merecia ter sido apanhado pela polícia. E, embora Miles não tivesse certeza de que aquilo fosse o que realmente havia acontecido com Benji, tinha a sensação, bem no fundo do estômago, que esse era o caso.

– Tudo bem com você? – perguntou Ganke, girando a cadeira para ficar de frente para Miles. O amigo continuava escondendo o rosto.

– Está, sim – disse ele, com a voz abafada pelas mãos. – Fui até a capela. – Miles ergueu o rosto.

– A capela do campus? – Ganke estava surpreso. – O que houve? Sua mãe apareceu nos seus sonhos e lhe disse para levar esse traseiro para a igreja?

Miles não riu.

– Não estava aberta. Ainda é cedo demais, eu acho. Mas ainda assim eu recebi uma mensagem.

Subitamente, Miles se levantou da cama, agachou-se e enfiou a mão por baixo do estrado. Passou a mão algumas vezes, até finalmente encontrar seus lançadores de teia. Colocou-os sobre a cama e em seguida voltou a revirar o armário, pegando o uniforme outra vez.

– E agora eu tenho que mandar uma mensagem.

– Miles, o que você está fazendo? – indagou Ganke.

Miles continuava a se vestir. Ganke colocou a tigela em cima da escrivaninha.

– Miles… ainda não são nem oito da manhã.

– Olhe, eu dormi e deixei para pensar naquela questão depois. Como você me disse para fazer. – Miles tirou as roupas molhadas, secou-se com a toalha e depois estendeu o uniforme sobre o corpo como uma segunda pele. – E agora eu preciso ir. – Ele pegou a máscara e foi até o espelho.

Ganke se levantou.

Miles lentamente desenrolou a máscara por cima da testa, e depois por sobre os olhos. Como sempre, fechou-os por uma fração de segundo, só até os orifícios se alinharem. Em seguida, abriu-os novamente, e continuou puxando a máscara por sobre o nariz, boca e queixo. Olhou-se no espelho mais uma vez. Homem-Aranha.

– E eu acho que o que você disse ontem estava certo. Se matar a cabeça, os pés também morrem. Aquele velho é a cabeça. E eu tenho que detê-lo. Ele está afetando pessoas demais. Pessoas que conhecemos. Pessoas que não conhecemos. Pessoas que ainda nem estão vivas, cara. Ele está machucando a minha família, gente no meu bairro, e até a mim. Eu só… eu não vou conseguir fazer nada até fazer isso. Qual é a vantagem de ser herói se eu não consigo nem salvar a mim mesmo?

– Tem certeza mesmo de que isso é a coisa certa a fazer? – perguntou Ganke. Ele olhou Miles sem qualquer indício em sua expressão de que estava fazendo uma piada. Somente Ganke, a pessoa mais próxima de um irmão que Miles tinha. Alguém que o amava.

– Tenho certeza – confirmou Miles. – Não estou achando. Eu sei que essas coisas estão acontecendo. E conhecimento é poder.

– E com grandes poderes…

– … vêm grandes responsabilidades – concluiu Miles, erguendo a mão para Ganke.

O amigo bateu com a mão espalmada na palma de Miles e segurou-a com força – olhando-o nos olhos –, antes que este se virasse para a janela para

abri-la com um movimento brusco, ativasse o modo de camuflagem para se mesclar com o vermelho dos tijolos e o azul do céu e saísse do quarto.

Miles rastejou pela parede do prédio antes de pular até o chão e correr pelo campus até chegar ao auditório. Ao voltar para a mesma porta por onde havia seguido o Sr. Chamberlain na noite anterior, ele curvou o aço apenas o bastante para deslizar para dentro. Miles saiu do modo de camuflagem e saltou dos degraus para o túnel, onde a luz era engolida pela escuridão da câmara e a água respingava nele. Disparou pelo túnel como um trem expresso. Seu cérebro trabalhava a toda velocidade, sem arrefecer – o sobrenome da família, a suspensão, seu tio, seu pai, seu bairro, Austin, todos que vieram antes dele, todos que viriam depois dele.

Todos que viriam depois dele.

Após alguns minutos correndo pelo túnel, Miles chegou ao alçapão no teto com a porta dupla. Aguçou os ouvidos. Conseguiu ouvir os grilos pulando pelo campo, um avião no céu que ainda estava a alguns quilômetros de passar por aquele ponto, mas não ouviu o som da grama se curvando, o que indicava que não havia pés por perto. Ele abriu o portão, saiu e olhou para trás. A cerca, mais alta do que a maioria dos prédios, bloqueava o acesso ao muro de pedra dos fundos da prisão.

Partiu em direção à casa e passou novamente pela janela por onde havia espiado na noite anterior. Agachou-se como um soldado esperando a ordem para atacar. O Dirigente estava ali, vestindo calças e uma camisa social branca, sentado em uma poltrona gigantesca, bebendo algo em uma caneca. O sol brilhava pela janela, filtrado pelos enfeites de cristal no armário encostado na parede, criando um caleidoscópio de arco-íris, o que seria uma imagem muito bonita sob outras circunstâncias. Uma imagem que deveria estar em uma galeria de arte ou um museu.

Um gato branco saiu de trás de um sofá, da cor da neve recém-caída. Saltou sobre o sofá e se aconchegou sobre a perna do velho, que acariciou o

seu pelo gentilmente. Miles ouviu o ronronar, um ruído sutil e satisfeito, conforme o gato lambia ao redor da própria boca, abrindo-a em um bocejo emoldurado por presas. Novamente, Miles olhou para a cena, hipnotizado pela doçura que aparentava. Um homem rico aproveitando a manhã de domingo com seu gato de estimação. Miles sempre quis ter um bicho de estimação, mas não um gato. Preferia cachorros, porém seu pai sempre dizia que ter um cachorro era como ter outro filho, outra boca para alimentar. “E quem vai levá-lo para passear? E se ele morder você, Miles?”, dizia o seu pai. E sempre que Miles tentava argumentar e dizer que ele não morderia, seu pai rebatia: “Se tiver dentes, ele vai morder”.

E aquele gato de aparência dócil tinha dentes. Assim como aquele homem aparentemente inofensivo, cujo corpo encarquilhado parecia feito de papel machê. Ele tinha dentes, também, os quais, aparentemente, haviam caído na caneca da qual ele bebia, porque enfiou o dedo no recipiente e puxou um dos dentes como se fosse uma lasca de gelo. Miles observou enquanto o Dirigente o posicionava de volta na cavidade de onde ele havia se soltado e o pressionava com o polegar no maxilar superior, aparentemente forçando aquele incisivo asqueroso de volta na gengiva.

Que nojo. Miles estremeceu. E, bem naquele momento, o Dirigente olhou para a janela. Miles ainda estava camuflado, mas sentiu a necessidade de se abaixar por trás do beiral da janela mesmo assim. Sentiu-se tolo imediatamente e se levantou, sabendo que sua aparência era grama, céu, pedra e portão. O Dirigente colocou a caneca em uma mesinha lateral, levantou-se, e o gato saltou do seu colo para o chão. Foi até a janela, ficou de frente para ela, observando o campo, encarando a prisão, o enorme bloco de cimento, o canteiro de obras da expansão ao lado. Olhou como se a prisão fosse um carro reluzente, uma criança da qual ele sentia orgulho; seu bebê. Miles estava bem diante dele, inalando a idade da pele do Dirigente pelo vidro. Cheirava a suor e solo. No entanto, Miles não estava preocupado; em

vez disso, concentrou sua atenção no gato; sabia que o animal era capaz de vê-lo. *Calma, gatinho. Calma*. O gato olhava para Miles, com a cauda se agitando de um lado para outro da mesma maneira que Miles vira alguns dias antes quando um gato similar, se não o mesmo gato, estava na escadaria da casa de Neek. De repente, o gato, que estava encarando Miles com um olhar agressivo, colocou-se numa posição de ataque – o dorso arqueado, pelos eriçados, sibilando. *Calma, gatinho*, disse Miles para si mesmo, colocando um dedo diante da boca, num sinal que pedia silêncio. O Dirigente deu um passo para trás, atraindo os olhos de Miles para ele. Seu rosto se endureceu numa expressão mortífera.

Espere aí. É impossível… ele não pode…

Mas ele podia. De alguma maneira, ele também conseguia enxergar Miles.

O Dirigente saiu correndo e o gato saltou novamente para trás do sofá. Miles deu alguns passos para trás e, como um míssil humano, mergulhou pela janela. O vidro explodiu na sala, estilhaços pontiagudos por toda parte, conforme Miles deixava de ser um míssil humano e rolava para a frente, ficando de pé e assumindo uma postura de ataque. Ele alcançou o Dirigente antes que o homem alcançasse a chibata, o gato-de-nove-caudas pendurado na parede. Miles o agarrou pelo ombro – um ombro que parecia ser uma maçaneta de porta por baixo do tecido –, girando o homem para ficar de frente para ele.

O Dirigente, em um acesso de pânico, desferiu um golpe desesperado, tentando acertar o rosto de Miles. O garoto se esquivou para trás, evitando o soco, mas o movimento ainda criou algum espaço entre eles. Em seguida, o Dirigente se equilibrou outra vez e ergueu as mãos, como um boxeador, girando os punhos de um lado para outro, quase como se estivesse tentando dançar uma salsa.

– Seu tolo. Achou que eu não podia ver você, não é? – disse ele, ainda com os punhos erguidos. – Mas, depois de viver por séculos, você adquire

uma forma diferente de visão. Consegue ver todas as coisas que não parecem estar realmente diante dos seus olhos.

Os lábios do Dirigente se recurvaram em um rosnado, os dentes quebrados como lascas de madeira.

– Como a *oportunidade* – finalizou e partiu para cima de Miles, com os punhos voando muito mais rápido e com muito mais força do que o garoto esperava.

Esquerda, esquerda, agache-se. Na sequência, o Dirigente surpreendeu Miles, acertando um gancho de direita em seu queixo. Ele mordeu a língua com força. Ouviu os dentes perfurando a carne. Sentiu a boca se encher de sangue, junto com uma dor lancinante. Antes que Miles pudesse se recuperar, o Dirigente desferiu outros dois socos, *jabs* firmes que acertaram seu nariz. As orelhas de Miles começaram a retinir e seus olhos lacrimejaram quando foi pego totalmente desprevenido pela velocidade e pela força do Dirigente. *Esse cara não tinha centenas de anos de idade? Por que ele não está se despedaçando?* No entanto, não havia tempo para pensar em nenhuma dessas coisas, porque o Dirigente ergueu a perna e plantou o pé no peito de Miles, projetando-o contra a enorme porta de madeira. E o velho chegou a toda velocidade. Disparou uma saraivada de socos, combinações que a maioria dos boxeadores não seria capaz de usar. Miles se esforçou ao máximo para bloquear todos os que conseguia antes de finalmente, num estado de desespero, pegar um abajur na mesa lateral ao seu lado – a cúpula, feita com vidro colorido vermelho, verde e roxo – e a arrebentar na cabeça do Dirigente. O vidro se estilhaçou, e os cacos caíram como granulados coloridos em um sundae. Exatamente como no pesadelo de Miles.

Quase exatamente.

O Dirigente caiu no chão e Miles disparou alguns jatos de teia para prendê-lo ali, mas seus lançadores cuspiram apenas alguns respingos do fluido. *Oh, não. Não me diga que n…* O Dirigente, novamente com um

sorriso maldoso, rolou para trás e logo estava em pé novamente. O sangue lhe escorria pelo rosto envelhecido, mas não era vermelho. Era azul. E grosso. Escorria por sua camisa branca e pelo mosaico de azulejos do piso.

Miles tentou disparar sua teia novamente, mas… nada.

– Oh, que visão esplêndida – provocou o Dirigente, limpando o sangue do canto da boca com um dedo. – O que acontece com a aranha que perdeu sua teia? Ela ainda tem o direito de se chamar aranha?

Logo depois, antes que Miles pudesse atacar, o Dirigente estendeu os braços como se fossem asas e agarrou as extremidades da sala. Era como se tudo – a sala, o piso, os sofás, os quadros na parede, o sangue e o vidro, e até mesmo o próprio Miles – fosse somente uma espécie de projeção estranha sendo exibida em um gigantesco pedaço de tecido. Como se não fosse real. Como se pudesse ser agarrada, dobrada. E foi exatamente isso que o Dirigente fez. Agarrou as extremidades da sala, as costuras de todas as coisas que Miles conseguia ver, e as fechou, como se estivesse fechando cortinas, dobrando – e redobrando – a realidade. Ele fechou o mundo ao redor, cada vez mais, com uma força cada vez maior, até finalmente atingir Miles com a sala inteira. Tudo escureceu por uma fração de segundo; quando conseguiu voltar a enxergar, Miles não fazia a menor ideia de onde estava. Ou de quem era. Ele tateou o peito; as teias em seu uniforme não eram familiares. Miles não conseguia lembrar seu nome. Ou de onde era. Ou o que estava fazendo, vestindo um uniforme colante no meio de lugar nenhum. Era como se ele houvesse sido apagado. Como se não existissem Rio e Jefferson, Aaron e Ganke. Como se não existisse o Homem-Aranha. *Tabula rasa*.

Enquanto Miles cambaleava pela sala, desorientado, o Dirigente aproveitou o momento e o atacou com tudo que tinha. Miles não conseguia vê-lo, mas sentiu cada pancada. Nos rins e nas costelas, no esterno e no queixo. Miles estava sendo esmurrado, e agitava seus braços contra o nada,

esforçando-se ao máximo para tentar acertar seus punhos em algo que não estava fisicamente ali.

Felizmente o transe durou somente uns quinze segundos antes que Miles conseguisse voltar a si. Antes que o espaço branco que havia se tornado a sua realidade se desdobrasse, como um leque que exibe uma imagem bonita ao ser aberto, rico com cores e vida. Essa imagem, porém, não era tão bonita para Miles. Ele estava de volta ao lugar de onde nunca saíra – a casa do Dirigente, com a memória completa de quem era e o que estava fazendo ali. Foi como ele imaginou que houvesse acontecido com a câmera de segurança. Que haveria um salto no tempo, mas que ninguém perceberia. Exceto pelo fato de que, neste caso, foi ele que ficou preso no espaço vazio, e ele era o ninguém que perceberia.

O que ele percebeu foi o Dirigente, que havia acabado de pegar o gato-de-nove-caudas da parede.

– A sua vida é um pesadelo! – gritou o Dirigente, empunhando o chicote com as tiras. – E não há nada que você possa fazer a respeito.

Em vez de tentar acertar Miles com uma chibatada, o Dirigente fez pontaria e atirou todo o aparato contra Miles. A coisa mais simples e mais óbvia que o garoto tinha a fazer era sair da frente. Uma esquiva simples. Antes que pudesse fazer isso, contudo, a empunhadura do gato-de-nove-caudas se transformou no corpo de um gato de verdade, com nove caudas, em pleno ar. Não era como os gatos pequenos que Miles via por onde passava, ou como aquele que estava escondido em algum lugar atrás do sofá do Dirigente, mas um monstro enorme, com o dobro do tamanho de um urso, rangendo furiosamente os dentes para ele. A criatura arqueou as costas e seu pelo se eriçou em agulhões pontiagudos, tão longos que, se o teto não fosse tão alto na mansão do Dirigente, os pelos do gato o deixariam esburacado. Miles preparou-se para combater o animal, movendo-se lentamente enquanto o gato observava, esperando o momento de saltar e rasgá-lo em frangalhos.

Suas nove caudas serpenteavam pela sala; os pelos que as recobriam eram como navalhas, com as extremidades endurecidas e afiladas, pontiagudas. As caudas se erguiam por trás do dragão em forma de gato e se projetavam violentamente para a frente a cada poucos segundos.

– Aqui, gatinho – provocou Miles, esticando o pescoço para se certificar de que ainda conseguia enxergar o Dirigente.

Os olhos do garoto estavam no gato, naqueles dentes, naquelas caudas. Em seguida, estavam no Dirigente, que agora havia corrido até o outro lado da sala, indo até o retrato de Jefferson Davis. O gato sibilou, golpeou com uma pata, mas não foi um golpe forte. Em vez disso, foi algo mais parecido com um teste para sentir a presa. Miles reflexivamente transformou o corpo em borracha, curvando-se para trás como se não tivesse ossos, e a garra apenas raspou em seu tronco, arrancando alguns pedaços do uniforme. *Cuidado com o Dirigente*, disse ele para si mesmo, andando de lado até o canto da sala. Tocou o local onde o traje havia sido rasgado. Sentiu sua carne, verificou se havia sangue. Somente um pouco. As garras mal chegaram a lhe romper a pele. *Cuidado com o Dirigente*. Miles, com um olho ainda no gato gigante, observou enquanto o Dirigente empurrava a enorme pintura para o lado, revelando uma alavanca escondida na parede. Ele a puxou para baixo com força, ativando um alarme sonoro. O alarme era o mesmo da prisão. Aquele com o som de alguém sendo eletrocutado. O alarme usado quando era preciso chamar os guardas. Miles engoliu em seco, sabendo que aquilo não podia ser um bom som ou um bom sinal, mas sabia também que, fosse qual fosse o propósito do alarme, isso não iria acabar com o problema que estava bem na sua frente.

– Aqui, gatinho, gatinho, aqui – Miles chamou o gato novamente.

O primeiro instinto de Miles foi ativar novamente a camuflagem, mas lembrou-se de que aquilo não ia adiantar. O gato ainda seria capaz de vê-lo.

E, além disso, o Dirigente também seria. Miles percebeu que sua única esperança seria aproveitar as caudas.

Assim, Miles saltou sobre o gato, movendo-se para fazer o animal o atacar. E assim aconteceu. O bicho deu uma patada forte, e Miles rapidamente se jogou contra a parede, evitando a investida do gato, que deixou rasgos enormes na cerâmica. Miles circulou cuidadosamente, saltando de um canto para outro, enquanto o gato golpeava o garoto como se ele fosse um brinquedo preso na ponta de um cordão, deixando marcas destruidoras nas paredes após cada ataque. Finalmente, já frustrado, o gato usou uma das caudas para golpear, mas Miles se esquivou dela também, e a cauda abriu um buraco na parede. As navalhas se prenderam na rocha e na cerâmica. O gato golpeou com outra cauda, errando mais uma vez. Outra cauda presa. E assim por diante. Miles disparava pela sala, chamando o gato, cujas caudas afiadas dançavam aqui e ali, enfiando-se nas paredes e até mesmo no teto, prendendo-se à argamassa. Momentos depois, o gato estava preso, com todas as nove caudas espalhadas pela sala, imobilizando o corpo do felino gigante no lugar onde estava. E exatamente daquela maneira. O animal monstruoso soltou um urro ensurdecedor e se transformou num simples chicote outra vez.

– Você não pode me derrotar! – anunciou Miles ao Dirigente, que corria para pegar o chicote.

Miles saltou contra a parede e tomou impulso, acertando os dois pés no peito do Dirigente – retribuindo o favor de antes – e fazendo-o se estatelar contra o retrato de Davis, que se soltou da parede e despencou sobre seu oponente. A moldura lhe caiu sobre o pescoço e a pintura sobre o resto do corpo, a tela se estendendo e se encurvando sobre a cabeça do velho. Quando o Dirigente conseguiu se livrar do quadro, Miles já havia apanhado o chicote com as nove caudas.

– Você nem sabe o que fazer com isso. Não é algo que você conhece – rosnou o Dirigente, exibindo uma fresta entre os dentes. Ele colocou a língua

pela fresta e cuspiu uma gosma azulada no chão. – Você não sabe nem mesmo quem é.

Miles começou a girar o chicote lentamente, tomando cuidado para não acertar a si mesmo por acidente. Ele se concentrou no Dirigente.

– Você não sabe nem mesmo quem eu sou!

E, como se fosse uma televisão na qual os canais iam sendo mudados, o rosto do Dirigente se transformou. Primeiro, o rosto do pai de Miles. *Zap.* O de Austin. *Zap*. O de Jefferson Davis. *Zap*. O do tio Aaron.

– Você é exatamente igual a mim!

Zap. Novamente o Dirigente.

– Um inseto! Para ser esmagado sob um polegar.

O Dirigente soltou uma gargalhada insana, e novamente estendeu os braços, agarrando a sala, arrancando-a do mundo como se fosse um adesivo. Dessa vez, Miles se virou para uma das enormes janelas. Seu coração estava aos saltos, sua mente atabalhoada, tentando se convencer de que tudo isso era real. De que não era um sonho, um pesadelo em que você acorda e percebe que ainda está num pesadelo. *Acorde. Não, você está acordado. Você está acordado.* No campo, do lado de fora da casa, ele podia ver Chamberlains que chegavam correndo. Um exército, pronto para atacar. Miles ajustou os olhos, afastando a sua atenção da horda que vinha em sua direção, e concentrou-se no próprio reflexo. Sabia que o Dirigente estava dobrando o mundo outra vez, e que o melhor a fazer, dessa vez, era se preparar para o golpe. Assim, ele olhou para a imagem desbotada de si mesmo no vidro, os raios do sol cortando a parte superior do reflexo da máscara preta e vermelha.

E então… *PLAFT!*

Escuridão. E, em seguida, brancura. Vazia. Era como se Miles houvesse sido sugado para um vácuo. Uma câmara de eco. Um zumbido na orelha do garoto, um som estrepitoso que ia ficando cada vez mais intenso, até que parou abruptamente.

Silêncio.

Consegue me ouvir? Olá? Você consegue me ouvir? Você consegue nos ouvir? Escute-nos. Escute com atenção. Nossos nomes são Aaron, Austin, Benny, Neek, Cyrus, John, Carlo, Sherman. Benji. Nossos nomes são Rio, Frenchie, Winnie, Alicia. Nosso nome é Miles Morales. Temos dezesseis anos. Moramos no Brooklyn. Nós somos o Homem-Aranha.

Escuridão.

Tudo isso está em nossas mentes.

Escuridão.

Tudo isso está na sua mente.

Tudo isso está na sua mente…

E, em seguida, luz. Durou apenas uma fração de segundo. Um piscar de olhos. E Miles ainda estava na casa. Continuava empunhando o gato-de-nove-caudas. Ainda olhando para a janela, seu reflexo no vidro. Nada mudou.

– O quê? – O Dirigente cambaleou para trás, balançando a cabeça pela tentativa fracassada de fazer outra distorção mental.

Miles sorriu, mas seu sorriso se desfez ao ver os Chamberlains que cercavam a casa tentando entrar pela janela quebrada, subindo no alpendre, jogando-se contra a porta como se fossem mortos-vivos.

O garoto sabia que não seria capaz de vencer a todos; assim, virou-se para o Dirigente e começou a avançar, segurando o gato-de-nove-caudas firmemente ao lado do corpo, as tiras balançando frouxamente, farpadas.

– Não faça isso – disse o Guardião, com a mão erguida.

Miles continuou avançando, ainda balançando a arma.

– Você não sabe o que está fazendo, garoto. Você não sabe como controlar esse tipo de poder! – gritou o Dirigente enquanto Miles fazia o chicote circular, as caudas girando, girando como as pás de uma hélice.

Conforme cortavam o ar, o som foi ficando cada vez mais alto. Sem avançar mais, Miles simplesmente o largou. O movimento das tiras projetou

o chicote através da sala, e, da mesma forma que ocorreu quando o Guardião o arremessou, em pleno ar, o chicote se transformou em um gato.

Bem naquele momento, a porta se abriu com um movimento brusco e os Chamberlains invadiram a casa como soldados que se infiltravam em uma base. Alguns até mesmo entraram pela janela estraçalhada. Miles se colocou numa postura de luta, pronto para atacar qualquer Chamberlain que viesse sobre ele.

– Ajudem-me! – gritou o Dirigente para eles.

Antes que pudessem fazer qualquer movimento, o gato gigantesco perfurou o velho com uma das caudas.

Todos os Chamberlains ficaram paralisados. O gato atacou o Dirigente com outra cauda. E mais outra. Cauda após cauda se lançando contra o velho, perfurando seu corpo, pregando-o contra a parede no mesmo lugar em que o seu amigo Jefferson Davis estava pendurado havia anos.

Não havia mais nenhum som. Nem do gato, nem dos Chamberlains, nem de Miles. Nem do velho carrilhão. Era como se o mundo houvesse emudecido. E então, ruidoso como uma lufada de vento, o Dirigente soltou seu último suspiro.

Os pelos do monstro de nove caudas varreram a sala como uma nevasca, não deixando nada além de um gato caseiro em seu lugar. Não havia mais nenhum chicote. Os Chamberlains acordaram do seu estupor e, num rápido momento de reflexos, Miles voltou a se camuflar. Todos se entreolharam, confusos, mas não disseram palavra alguma. Simplesmente saíram da casa e caminharam pelo campo, deixando Miles em pé sob o vão da porta acompanhando-o com os olhos, a prisão ao longe e um gato branco – dois gatos brancos – esfregando-se afetuosamente contra a sua perna.

MILES
MORALES
HOMEM-ARANHA

14

Miles subiu pela parede do alojamento, entrou pela janela e caiu no interior do quarto. Ganke gritou, acionou a pausa no jogo de Nintendo que estava jogando e correu até onde Miles estava para ajudá-lo a se levantar.

– Por Deus, cara. Parece que você levou uma surra – disse Ganke, erguendo-o.

– É, acho que sim. Mas não foi tão ruim quanto a que eu dei – Miles empurrou as palavras por entre os gemidos e arrancou a máscara que lhe cobria o rosto. – Foi estranho. Ele conseguia me ver, cara. Mesmo quando eu estava camuflado. Ele olhou direto para mim. Disse que, quando alguém é tão velho quanto ele, é capaz de ver coisas que as pessoas não acham que estão ali.

– Cara, ele realmente é o chefe do Sr. Chamberlain. O nosso Sr. Chamberlain. Falando dessas coisas malucas. Afinal, o que exatamente isso quer dizer?

– Ele me olhou nos olhos e disse: “oportunidade”. – Miles fez um gesto negativo com a cabeça. – Como se *eu* fosse a oportunidade.

– Bem, eu aposto que ele não esperava que “a oportunidade” arrebentasse aquela fuça. – Ganke fechou o punho para cumprimentar Miles, mas o amigo não bateu com o próprio punho fechado no do amigo, receoso de que o antebraço inteiro ainda estivesse dolorido demais. – Mas você bateu nele, não foi?

Miles confirmou com um aceno de cabeça. Ganke voltou a sentar em sua cadeira, aliviado. E sentindo-se também um pouco orgulhoso.

Miles contou o resto da história a Ganke, o que o Dirigente disse, a distorção mental, o gigantesco gato-monstro com nove caudas, a maneira pela qual o Dirigente tentou jogar os Chamberlains sobre ele como se fossem cães de guarda zumbis.

– Mas, quando tudo terminou, eles simplesmente foram embora. Foi como se todos tivessem acordado de um sonho. Como se estivessem agindo como sonâmbulos, e, de repente, decidissem voltar para casa. Foi uma doideira.

Miles balançou a cabeça levemente.

– Mas o que realmente mexeu comigo, e ainda está mexendo comigo, foi o fato de que eles não disseram nada. Não se perguntaram por que ou como foram parar naquela casa atrás da prisão. Simplesmente acordaram do transe que o Dirigente havia criado sobre eles e foram embora. Por isso… e se o transe não fosse um transe *total*? Digo, se eles soubessem onde estavam, e não pareceram surpresos, talvez não fosse um controle mental completo, não acha? Talvez fosse um pouco de controle mental e um pouco de… não sei, predisposição.

– Ou talvez o feitiço não esteja completamente quebrado ainda. Pode levar algum tempo até que ele se dissipe, e amanhã todos vão acordar sentindo que são pessoas normais, sem lembranças de tudo que aconteceu – sugeriu Ganke.

– Hmmm, talvez. – Miles ponderou por um momento antes de acrescentar: – Tudo isso é uma doideira, cara.

– Com certeza – concordou Ganke, fazendo uma careta quando avistava os ferimentos de Miles. – Ah, tem outra coisa – continuou ele, agora tirando a cadeira do caminho, com o controle do videogame dependurado, para poder chegar até a sua mesa.

– Enquanto você estava fora, fazendo… tudo isso aí – disse Ganke, apontando para os machucados –, eu estava aqui jogando videogame para distrair a minha mente do fato de que você poderia ser morto. E estava me divertindo, quebrando tijolos e descendo por canos de esgoto… cara! É como se estivéssemos sincronizados, mano! Bom, como eu dizia, estava cuidando da minha vida quando ouvi uma pancada na porta. Quase morri de susto,

cara. Eu literalmente quase pulei pela janela, que, na verdade, *você* deixou aberta.

– E quem era? – Miles pressionava os dedos levemente contra a cara, procurando os lugares doloridos.

– Alicia.

Sua mão caiu. Miles olhou para Ganke, com os olhos subitamente revigorados.

– Ela me disse para entregar isso para você – falou Ganke, com uma folha de papel dobrado na mão.

Miles quase se matou tentando atravessar o quarto, tropeçando no cabo do controle. Tudo doía, nada importava. Ele pegou o papel e o desdobrou, e o aroma de sândalo se ergueu, invadindo seu nariz.

SIM, É SÂNDALO. E…

Acredita que eu não o enxergo me olhando
pela janela, buscando sentido na poesia
Sem saber que ela não é prêmio, mas prelúdio.

Miles jogou videogames com Ganke pelo resto do dia, algo que não havia feito a semana inteira. E, durante a overdose de jogos eletrônicos, Miles releu o poema, cheirou o papel como se fosse um daqueles caras esquisitos. E, quando se deitou na cama naquela noite e adormeceu, ele permaneceu ali, e acordou no dia seguinte sentindo-se descansado. Nada de sonhos ruins. Nada de acordar encharcado de suor. Nada de rastejar pelas paredes. Nada de parentes que surgem para assombrar. Apenas o sono.

Ganke já estava acordado. Olhava para o teto, com o telefone sobre o peito, quando Miles rolou na cama.

– Ei – chamou Miles. – Está tudo bem com você?

Ganke girou lentamente a cabeça para o lado e fez um ligeiro aceno afirmativo com ela.

– Acabei de mandar uma mensagem de texto para os meus pais.

– É mesmo? – Miles esfregou o canto da boca. Baba ressecada era sempre um ótimo sinal que indicava uma noite bem dormida.

– Sim. Ao mesmo tempo. Num grupo de mensagens.

Oh-oh, pensou Miles. Conhecendo Ganke como ele conhecia, aquilo podia ser alguma pegadinha ou piada maluca, ou uma explosão em forma de texto das emoções que Miles percebia que o amigo vinha reprimindo nos últimos tempos.

– Oh-oh – Miles decidiu dizer em voz alta. – E o que você escreveu?

Ganke abriu um sorriso malandro, virou a cabeça de volta e olhou para o teto outra vez.

– Que os amava.

– E isso foi tudo?

– Sim – disse Ganke, confirmando com um aceno de cabeça. – E os dois responderam *amo você, também*. – Os olhos de Ganke brilhavam. Ele piscou e enxugou as lágrimas antes que elas caíssem.

Miles sentou-se na cama, sentindo o corpo ainda enrijecido. Sentiu uma coceira na perna, levou a mão para coçar e percebeu que era a carta de Alicia, grudada nele. O garoto a desdobrou pelo que parecia ser a vigésima vez e a trouxe para diante do rosto. Sabia que Ganke precisava rir. O amigo sempre sabia como suavizar qualquer situação difícil. E agora Miles ia tentar retribuir o favor.

– E *eu* amo *você*, Alicia – disse Miles, com a voz esganiçada. – Muito, muito mesmo…

Ele começou a beijar o papel, *smack, smack, smack*, antes de gritar:

– Eu derrubei o molho! Eu derrubei, Ganke! Eu derrubei o molho! Uêpa!

Ganke abriu um sorriso, e, para Miles, aquilo foi o bastante.

⁝

Quando Miles se dirigia para a aula de Blaufuss, ele viu Alicia em um grupo do lado de fora da sala com Winnie, Dawn e… Ganke. Ganke olhou para o lado e o viu chegando, com aquele sorriso característico estampado no rosto, como de costume. Ganke, com uma expressão marota no rosto, acenou para que ele se aproximasse, e Miles se esforçou para mandar uma imagem telepática do seu dedo médio para o seu melhor amigo. Conforme foi chegando perto do grupo, tentou respirar fundo para se acalmar.

E aí?, disse ele para si mesmo.

Não. Oi. Olá, tentou ele, mas não gostou. Estava se aproximando rapidamente.

Qual é a boa? Não. Isso é demais. Mas ela veio do Harlem. Então… talvez.

E então ele percebeu que estava bem diante deles. Diante dela.

– Oi – murmurou Miles.

– E aí, Miles? – Winnie foi a primeira a falar. Em seguida, ela entrou na sala de aula, junto com Dawn.

– *Olá*, Miles – disse Ganke. Com as sobrancelhas subindo e descendo na testa. Risos contidos. Percebendo a expressão no rosto de Miles, Ganke ergueu o polegar e afastou-se imitando o passo *moonwalk* de Michael Jackson.

– Qual é a boa? – perguntou Alicia, com os lábios retorcidos.

– Eu… ah… eu recebi a sua carta. O seu poema. – Seu estômago ribombava como se ele houvesse engolido um motor de carro.

– E eu recebi a sua – respondeu ela. Sua voz era afável, confiante, embora Miles tivesse a impressão de que conseguia ouvir um leve tremor nela. – Achei muito fofa.

– A sua também. Digo, foi…

– Como você sabia que era sândalo? – disse ela, indo direto ao assunto e sorrindo.

Antes que Miles pudesse responder, a Sra. Blaufuss colocou a cabeça pela porta da sala de aula.

– O sinal já vai tocar. Vocês vão entrar ou não?

Depois da aula da Sra. Blaufuss, quando Miles estava descendo para almoçar na cantina, ele viu o Sr. Chamberlain no corredor. Miles sabia que havia uma boa chance de que o professor estivesse na escola. E por que não estaria? No entanto, o que Miles não sabia era se Chamberlain agiria de maneira diferente, agora que o Dirigente estava morto. Se iria parar de tratá-lo daquela maneira injusta. *Você corta a cabeça para deter os pés.* Aquilo fazia sentido para Miles, especialmente por haver experimentado em primeira mão as manipulações mentais do Dirigente. Miles calculou que a melhor maneira de verificar aquilo seria, primeiro, ver se a presença de Chamberlain ativaria o seu sentido aranha. Ele se aproximou do Sr. Chamberlain, por trás. Não sentiu nada. Nenhum zunido. Assim, decidiu testá-lo de uma maneira diferente: falando.

– Hum, com licença. Sr. Chamberlain? – disse Miles. Juntou coragem suficiente até mesmo para tocar o ombro do professor.

Sr. Chamberlain se virou. Seu rosto não estava com uma expressão diferente da habitual. Fechada, esquisita, e não era o rosto mais agradável que Miles já havia visto, com toda certeza. Miles recuou um passo e se preparou.

– Sim, Miles?

Miles? O Sr. Chamberlain nunca o chamou por qualquer outro nome além de Morales durante o ano inteiro. Miles prestou atenção nos olhos de Chamberlain, procurando pelo desconforto que sempre sentia, mas não estava

ali. Apenas um homem estranho de aparência carrancuda esperando que ele dissesse alguma coisa.

– Posso ajudá-lo?

– Oh… eu… sabe o que é? Deixe para lá. Eu pergunto quando estivermos na aula.

– Tem certeza?

– Sim. Tenho sim, senhor – disse Miles, dando meia-volta e continuando rumo à cantina, sentindo-se tomado por uma onda de satisfação.

Durante o almoço, ele contou a Ganke o que havia acontecido.

– Não aconteceu nada?

– Nada. Até mesmo o tom de voz dele estava diferente – explicou Miles.

– Bem, isso até faz sentido, porque eu acabei de sair da aula dele e Chamberlain parecia… sei lá, menos esquisito. – Ganke mergulhou uma batata frita no ketchup. – Graças a Deus por termos o Homem-Aranha, não é? – disse ele, e enfiou a batata na boca. – Por falar nisso, deixe-me perguntar uma coisa. Ah… o Homem-Aranha fica com a garota no fim?

– Pare de falar como se estivéssemos num filme, Ganke. *A garota* tem nome. – Miles deixou-se sorrir, mas virou o rosto na direção da comida para que não fosse tão ofuscante. – E… eu acho que sim.

– Você *acha* que sim? Você está agindo desse jeito esquisito há quase um ano! E depois de todo aquele trabalho de preparação que eu fiz esta manhã. Contei para ela sobre como você estava beijando o papel e todo o resto!

– O quê? Ganke!

– Estou brincando, cara. Relaxe. – Ganke pegou outra batata frita e a arrastou pelo ketchup. – O que realmente aconteceu ali foi que ela veio falar comigo, dizendo que não conseguia aguentar o jeito que Chamberlain havia tratado você e que decidiu organizar uma espécie de protesto com algumas pessoas. Mas ela sabia que você não iria querer participar. Por isso, para fazê-

lo se sentir melhor, ela também ligou para a sua avó para ver se ela podia causar algum rebuliço no… na associação da qual ela faz parte, blá-blá-blá.

– Espere, o que foi? Ela lhe contou tudo isso? – perguntou Miles, roubando uma das batatas de Ganke. – Bem, não é preciso fazer mais nada disso – disse ele, com a batata na boca.

– Certo. Mas me deixe terminar. *Logo depois*, ela me perguntou se você havia recebido a carta. Ela chegou e disse: “Ganke, eu sei como você é. Você se lembrou de dar a carta pra Miles?”. Estava louca por você, garoto.

– E você disse o quê? – perguntou Miles, observando enquanto Ganke comia outra batata frita, mordiscando-a pedaço por pedaço até que ela havia desaparecido.

Ganke olhou para Miles.

– Isso importa?

E não importou. Não importou quando o sinal tocou e Miles e Ganke saíram do refeitório. Não importou quando Miles encontrou Alicia no corredor, esperando por ele para irem juntos à aula do Sr. Chamberlain. Não importou quando ela lhe contou o plano, a mesma coisa que havia dito a Ganke, sobre o protesto – “Era a segunda coisa que eu tinha que lhe falar na festa” –, sobre como iria fazer com que todos os alunos virassem suas carteiras para a parede, forçar Chamberlain a se sentir ignorado. Como ia contar à sua avó para tentar fazer com que o Sr. Chamberlain fosse demitido, ou quando Miles lhe disse para não fazer nada daquilo, que tudo já estava preparado. Nada daquilo importava, porque era segunda-feira, um novo dia, uma nova semana na Brooklyn Visions Academy. Miles Morales sentia-se cheio de propósito e esperança. Esperança por sua mãe e seu pai, por sua comunidade. Esperança por seu primo Austin, que ele imaginava que talvez pudesse ser tratado de maneira um pouco melhor na cadeia. Esperança de que ele, algum dia, pudesse viver com o que havia acontecido com o tio Aaron. E

até que isso acontecesse, que ele conseguisse pensar nele da mesma forma que pensava sobre si mesmo: uma pessoa complicada. Um ser humano.

Esperança. A aranha havia feito aquilo. Assim como a Sra. Tripley disse: ligando o passado e o futuro; de um lado, criando uma teia nova e forte; e, de outro, rasgando e desmantelando a teia velha.

No entanto, quando Miles e Alicia chegaram à sala do Sr. Chamberlain, todos os alunos estavam desviando o olhar, da mesma forma que haviam feito na sexta-feira anterior. Não por causa de Alicia, mas por causa de Miles. Porque sua carteira ainda estava no chão.

– Miles. – O Sr. Chamberlain deu as costas para a lousa, onde anotava sua citação diária. – O que você queria me perguntar?

Miles não respondeu. Não conseguiu. A magia daquela nova segunda-feira pareceu desaparecer imediatamente.

– Bem, se você não vai responder, pelo menos sente-se em seu lugar. – Ele apontou para a cadeira vazia ao lado da carteira quebrada.

Miles soltou a respiração. Pelo menos Chamberlain não apontou para o chão. O garoto sentou-se em sua cadeira, e a carteira estava no chão à sua frente, como um pequeno pedestal. Alicia, ainda com uma expressão cética no rosto, sentou-se em sua cadeira à frente de Miles. Ele olhou para a lousa. Em vez de alguma citação estranha proferida por alguma figura histórica, havia simplesmente o aviso PROVA BIMESTRAL NESTA SEXTA-FEIRA. Ele começou a fazer anotações.

– Miles.

Miles ergueu os olhos.

– O que você está fazendo? – perguntou Chamberlain.

– Como assim? – perguntou, confuso.

E foi então que aconteceu.

Chamberlain apontou para o chão.

– Já discutimos isso. É uma nova semana, mas as regras são as mesmas, filho – explicou o Sr. Chamberlain. E, embora sua voz não fosse tão fria quanto pareceu na semana anterior, ele ainda estava dizendo a mesma coisa: que Miles devia fazer seu trabalho no chão. – Nós não quebramos coisas e agimos como se isso não houvesse acontecido. Temos que conviver com isso. *Você* tem que conviver com isso.

Alicia girou para trás em sua carteira conforme o rosto de Miles ficou torpe. Ele entendia o que o Sr. Chamberlain estava dizendo – o que estava acontecendo. Que, apesar de o controle mental do Dirigente ter sido eliminado, Miles ainda era Miles Morales, negro e porto-riquenho, um garoto que veio do "outro" lado do Brooklyn. A parte do Brooklyn para a qual a Brooklyn Visions Academy não tinha muita visão. Miles Morales, o rapaz que vinha de uma família de criminosos. Um bairro de zés-ninguém, pelo menos para os Srs. Chamberlains do mundo.

Miles afastou a cadeira onde estava sentado e apoiou um dos joelhos no chão. Alicia estendeu o braço para pegar na mão dele.

– Miles – disse ela, fazendo um gesto negativo com a cabeça. – Não faça isso.

Ele ergueu o rosto para olhar para ela, inteiramente olhos, inteiramente coração.

– Não vou fazer. – Recolheu a mochila, o caderno e foi para a frente da sala de aula.

– O que você vai fazer? Ir embora? – perguntou o Sr. Chamberlain, com um toque de ironia na voz.

Miles ficou de frente com o professor. Um leve sorriso matreiro se formou em seu rosto.

– Não.

E, naquele momento, Miles foi até a mesa do Sr. Chamberlain, enorme, feita de madeira, no canto da sala, na parte da frente, coberta com papéis e

livros. Canetas, de ponta porosa e esferográficas. Lápis número 2 e lapiseiras. E, é claro, uma lata de salsichas. Miles foi até a mesa, puxou a cadeira que estava embaixo dela e sentou-se.

Um estrondo de risos e descrença agitou a sala de aula. Alicia sorriu amplamente.

– Miles. Levante-se daí – disse o Sr. Chamberlain, tentando manter a calma.

– Sr. Chamberlain, por que eu me sentaria no chão, ou ficaria de joelhos, na sua aula, uma matéria na qual eu preciso ir bem, uma aula na qual eu preciso manter o foco, quando esta mesa totalmente desocupada está simplesmente ocupando este espaço? – indagou o garoto, com irreverência. Pensou imediatamente no quanto Ganke adoraria essa cena.

– Você acha que isso é engraçado, Miles? Acha que isso é uma brincadeira?

– Não, senhor. Não acho. Eu realmente, realmente não acho que seja. – Miles juntou as mãos sobre o tampo da mesa. – Agora eu tenho uma pergunta para você.

Miles olhou nos olhos do Sr. Chamberlain. O professor estava em pé, com os braços cruzados e cara de poucos amigos.

– Você acha que eu sou um animal?

– O quê? Do que você está falando? Levante-se já daí, ou vou mandar suspendê-lo!

– Ou talvez um inseto? Uma aranha que você acha que merece ser esmagada embaixo do seu polegar?

Quando ouviu isso, o Sr. Chamberlain fez uma pausa; uma ligeira hesitação, um resquício de algo que ele sabia, mas não sabia. Algo que sentia, mas não conseguia saber ao certo o que era. Miles fez um gesto afirmativo com a cabeça, e, antes que Chamberlain pudesse dizer qualquer coisa, antes

que pudesse usar o sistema de interfones para chamar a polícia do campus, Miles proclamou:

– Eu sou uma pessoa. – Ele olhou para Alicia, sentindo-se agora um pouco constrangido porque o seu grande final havia sido arruinado por sua incapacidade de se lembrar do restante das coisas que ela havia dito na aula, naquele dia.

Alicia o olhou de lado; e então, percebendo o que ele estava tentando dizer, uniu-se a ele:

– Nós somos pessoas – disse ela.

– Nós somos pessoas – repetiu Miles, com a memória renovada. – Todos vocês, repitam o que Alicia disser. – Ele agitou os braços como se estivesse convidando a classe a fazer alguma coisa. A participar dos seus problemas.

E a turma, ainda pronta para o protesto que Alicia havia planejado, a acompanhou.

– Nós não somos objetos.

– NÓS NÃO SOMOS OBJETOS!

– Nós não somos sacos de pancadas.

– Classe, façam silêncio.

– NÓS NÃO SOMOS SACOS DE PANCADAS!

Brad Canby socava a sua carteira.

– Nós não somos fantoches.

– NÓS NÃO SOMOS FANTOCHES!

– Classe!

– Nós não somos animais de estimação.

– NÓS NÃO SOMOS ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO!

– Nós não somos peões em um jogo de tabuleiro.

– NÓS NÃO SOMOS PEÕES EM UM JOGO DE TABULEIRO!

– Nós somos pessoas.

– NÓS SOMOS PESSOAS!

– *Mais alto!* Nós somos pessoas.

– NÓS SOMOS PESSOAS!

– *Mais alto!* Nós somos pessoas!

– NÓS SOMOS PESSOAS! – gritou a turma.

– Nós somos pessoas – disse Miles, pegando a mochila e saindo da sala de aula, deixando a porta escancarada atrás de si.

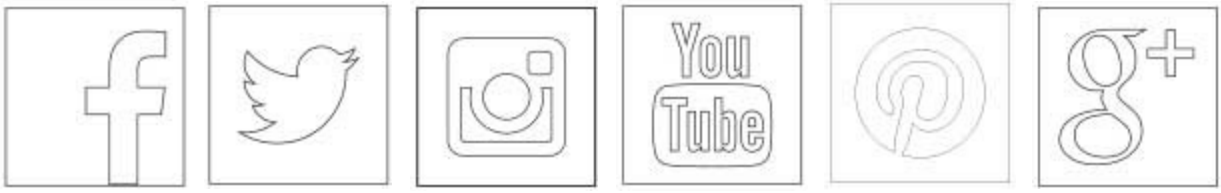
MILES
MORALES
HOMEM-ARANHA

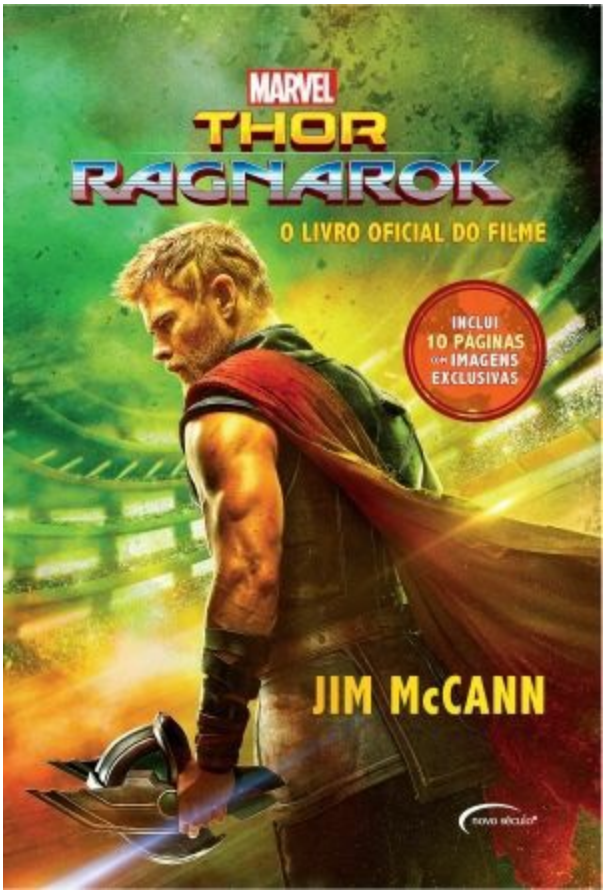
AGRADECIMENTOS

Houve muitas pessoas que me ajudaram e estimularam no processo de criação deste livro. Desde a minha agente, Elena Giovinazzo, até toda a equipe da Disney Hyperion, incluindo Emily Meehan, Hannah Allaman e Tomas Palacios. A equipe da Marvel. É claro, o criador de Miles, Brian Michael Bendis. Meus camaradas Adrian Matejka, Bonafide Rojas, Melissa Burgos, Jenny Han, Amy Cheney e Lamar Giles. Brian Jacob, do *The Ultimate Spin*. Minha professora de inglês do Ensino Médio, Sra. Blaufuss. Minha família. O Brooklyn. Washington, DC. E todos os fãs de Miles Morales que torceram por mim nesse processo. Obrigado por serem a energia vital de uma parte tão incrível da minha jornada.

www.gruponovoseculo.com.br

#Novo Século nas redes sociais




MARVEL
THOR
RAGNAROK
O LIVRO OFICIAL DO FILME
INCLUI
10 PÁGINAS
DE IMAGENS
EXCLUSIVAS
JIM McCANN
novo século

Thor Ragnarok - o livro oficial do filme

Jim, McCann,

9788542806731

208 páginas

Compre agora e leia

Inclui Thor: Ragnarok A história da ponte, escrita por Steve Behling. O mundo de Thor está prestes a explodir. Seu irmão, o trapaceiro Loki, tomou Asgard; a poderosa Hela dá as caras com a intenção de tomar o trono para si. Thor, por sua vez, está aprisionado no outro lado do universo. Para escapar do cativeiro e salvar seu mundo de uma destruição iminente, Thor primeiro precisará envolver -se numa disputa alienígena mortal e unir -se ao ex-aliado e companheiro Vingador... o Incrível Hulk! Una -se ao poderoso Thor nesta fantástica adaptação do filme Thor: Ragnarok, trazida a você com exclusividade pela Novo Século. Inclui 8 páginas com imagens exclusivas.

Compre agora e leia